John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

VOZ

SAGRADA, POLITICA, RHETORICA, E METRICA
OU SUPPLEMENTO
A'S

VOZES SAUDOSAS

Da eloquencia, do eſpirito, do zelo, e eminente ſabedoria
DO PADRE

ANTONIO VIEIRA

Da Companhia de Jeſus, Prégador de S. Mageſtade, e Principe dos Oradores Evangelicos.

OFFERECIDA
AO SENHOR DOUTOR

JOSEPH DE LIMA PINHEIRO E ARAGAM

Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, do Dezembargo de S. Mageſtade, Juiz de India e Mina, Provedor das Liſirias, e Executor da Fazenda da S. Igreja Patriarcal, &c.

LISBOA:

(14) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impreſſor da Congregaçaõ Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. XLVIII.
Com as licenças neceſſarias.

Rio de Janeiro

AO SENHOR DOUTOR

JOSEPH DE LIMA PINHEIRO E ARAGAM

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, do Dezembargo de S. Magestade, Juiz de India e Mina, Provedor das Lisirias, e Executor da Fazenda da S. Igreja Patriarcal, &c.

A Natural urbanidade, com que V. m. se sabe distinguir entre todos os que praticaõ esta virtude, e o ser commua para todos, me anima a chegar sem receyo aos pés de V. m. offerecerlhe este livro, que contem alguma parte das obras daquelle raro Portuguez, de quem ainda o proprio nome naõ explica bem a sua grandeza. Já V. m. sabe que fallo do nosso P. Antonio Vieira, aquelle vivo Oraculo do Pulpito, e da Politica, que soube com os seus escritos fazerse grande entre

tre os mayores. Naõ me levou muito tempo a eſcolha de Mecenas, que amparaſſe eſte livro (como he coſtume nas Dedicatorias) porque logo me lembrou o patrocinio de V.m. naſcendo eſte penſamento mais do tributo, que do obſequio. Se naõ tivera por infallivel a bondade do ſeu animo, pudera ir receoſo de que V.m. o naõ receberia, como merece a minha ſinceridade; mas para apagar eſte receyo, me devo lembrar, que V.m. ainda eſtima mais ſer modeſto, que benigno. O mayor empenho dos que publicaõ obras, he dedicallas a peſſoas, que as authorizem; e como eu na de V.m. naõ errey a eleiçaõ, deve a ſua modeſtia approvar a minha eſcolha. A nobreza de V.m. herdada pelo ſangue, e adquirida pelas letras claramente eſtaõ dando huma ſincera prova do meu acerto. Boa occaſiaõ ſe me offerecia para fazer patentes as raras qualidades, que ornaõ a V.m.; as virtudes que pratica, a recta juſtiça que adminiſtra, e o acerto com que diſcorre nos negocios, que lhe ſaõ cometidos por inſinuaçaõ da mayor grandeza; porém fallando niſto com o ſilencio, ſey que faço a V.m. mayor obſequio. Eſte, e naõ outro fim me leva à preſença de V.m. e deſejara ter expreſſoens com que o podeſſe perſuadir deſta verdade, mas ſe os deſejos podem ſubſtituir eſta falta, aſſás me chego a explicar, porque offereço a V.m. o que poſſo, e naõ o que devo, e em lugar das palavras recebe V.m. os dezejos. Fico taõ certo, de que a bondade de V.m. ha de receber eſta offerta, que já a minha gratidaõ rende a V.m. anticipadamente os agradecimentos, naõ correſpondentes ao beneficio, mas iguaes ao meu diſcurſo. Deos guarde a V.m. por muitos annos, &c.

Criado de V.m.

Franciſco Luiz Ameno.

Ao

AO LEITOR

Naõ he meu intento encarecerte as obras do P. Antonio Vieira, porque dizendote que saõ suas, naõ necessitaõ de outra recõmendaçaõ, nem podem adquirir mayor louvor. Estas que agora sahem a publico, estou certo que os Estudiosos amantes dos escritos deste grande Author as applaudiráõ da mesma sorte, que o tem feito a todas, que se tem publicado, por serem frutos da mesma arvore. Naõ posso persuadirte a que naõ digas, que entre ellas deixe de haver alguma, que naõ seja do P. Vieira; mas deves advertir, que as que agora te offereço em seu nome saõ conhecidas por partos da sua penna, sem que até o presente se disputasse o contrario.

Principiey esta Collecçaõ com o projecto de te dar a lêr huma boa porçaõ de Cartas, que nos seus originaes se conservaõ em huma Caza das mais illustres desta Corte; e quando imaginava darte este gosto, se frustrou o meu intento, prohibindome o publicallas as politicas, que ellas contém. Pelo que na falta destas tomey a resoluçaõ de ajuntar os papeis, que aqui te offereço, e entre elles fazer imprimir os dous discursos do celebre Problema, que se disputou na presença da Sereniſſi-

reniſſima Chriſtina Rainha de Suecia, no proprio idioma em que foraõ recitados, e traduzidos na Portugueza; o que até agora ſe naõ tinha viſto. Tambem me pareceo cõveniente imprimir neſte volume a Relaçaõ, e Oraçaõ das Exequias, que á morte do P. Vieira fez celebrar o Conde da Ericeira na Caſa profeſſa de S. Roque deſta Cidade, e juntamente a Criſe, que a hum Sermaõ do Mandato do noſſo Vieira, ſe publicou entre as Obras da M. Soror Joanna da Cruz. Em tudo me parece te faço ſerviço por te dar juntas eſtas obras, que por andarem diſperſas te naõ poderias utilizar dellas, ſem que para te chegarem á maõ te cuſtaſſe algum trabalho.

INDEX

INDEX

Do que contém eſte livro.

PRatica na feſtividade da Conceiçaõ de N.S. no tempo em que o P. Antonio Vieira era Noviço. pag. 1.

Parecer, que o P. Antonio Vieira mandou ao muito alto, e poderoſo Rey o Senhor D. Affonſo VI. no tempo em que eſtava em França. p. 6.

Carta I. ao Marquez de Niza. p. 15.

Carta II. ao Marquez de Niza, p. 16.

Carta III. ao Marquez de Niza, p. 17.

Carta IV. para o Conde da Caſtanheira, p. 18.

Carta V. para o meſmo Conde, p. 20.

Carta VI. para o Marquez das Minas, p. 21.

Memorial, que deu o P. Antonio Vieira a ElRey D. Pedro II. em o qual lhe pede licença para renunciar em ſeu ſobrinho os ſeus ſervicos, p. 24.

Dialogus de octo Orationis partibus a P. Antonio Vieira Rhetorices Magiſtri in Collegio Paranambucenſi, p. 33.

Quarimonia pro diſceſſu a Scholis Paranambucenſis Licæi ad primarios Rhethoricæ Candidatos, p. 51.

Sonetos do P. Antonio Vieira em reposta de outro de ſeu Irmaõ Bernardo Vieira Ravaſco, p. 59.

Soneto à deſpedida dos Indios, p. 61.

Soneto ao Retrato de ElRey D. Sebaſtiaõ, p. 62.

Quatro Decimas ao javali, que a Senhora Princeza D. Iſabel matou de hum tiro em Salvaterra, p. 62.

Tres Sonetos ao meſmo Aſſumpto, p. 64.

Epithalamium Catharinæ Luſitanæ Magnæ Britaniæ Reginæ, p. 66.

Deſcriptio menſis Martii a P. Vieira S. J. p. 69.

In Martii menſem, Idillion, p. 71.

Cùm pronunciaret N..... verbum Euphrates, & ignoraret ſi illud eſſet correptum, an productum; illud corripuit, Epigramma, p. 72.

Ad Leonardum adhuc puerum, Epigramma, ibid.

In obitu D. Mariæ de Ataide, Epigramma, ibid.

In multorum Epitaphia, Epigramma, ibid.

Problema, que ſe moveo em Roma na Real Academia da Sereniſſima Chriſtina Rainha de Suecia: Qual foy mais racional ſe o Riſo de Demo-

Democrito, que de tudo escarnecia, ou o Pranto de Heraclito, que de tudo chorava.

Discurso primeiro a favor de Democrito recitado pelo P. Jeronymo Cataneo da Companhia de Jesus, p. 75.

Discurso segundo a favor de Heraclito recitado pelo P. Antonio Vieira, p. 105.

Oraçaõ recitada na Academia dos Anonymos de Lisboa em 6 de Fevereiro de 1718, applaudindo a memoria do dia 6 de Fevereiro de 1608, em que nasceo o P. Antonio Vieira, recitada por Joseph do Couto Pestana, p. 134.

Relacaõ das Exequias do P. Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira fez celebrar na Igreja de S. Roque em 17 de Dezembro de 1697 p. 140.

Oracaõ Funebre nas Exequias do P. Antonio Vieira pelo P. D. Manoel Caetano de Sousa Clerigo Regular, p. 149.

Crisis sobre un Sermon de un Orador grande entre los mayores, que la M. Soror Juana Ines de la Cruz llamò Respuesta por las gallardas soluciones con que responde a la facundia de sus discursos, p. 211.

ACA-

ACADEMIA ANONYMA

Em applauſo do naſcimento

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

Na Academia dos Anonymos de Lisboa, que por muitos annos ſe continuou, com univerſal applauſo dos Eruditos, em caſa de Ignacio de Carvalho e Souſa, o mayor interprete dos Oraculos do Parnaſo, ſe celebrou a memoria do dia do naſcimento do P. Antonio Vieira, ſendo Preſidente Joſeph do Couto Peſtana, que recitou a Oraçaõ Academica, que vay a pag. 134, a que ſe ſeguiraõ as Muſas daquelle douto Congreſſo, que applaudiraõ o naſcimento do P. Vieira com as obras ſeguintes.

SONETO I.

DEſſe illuſtre Varaõ, que hoje ao mundo
A fama nos publica o naſcimento,
Pois na Prédica foy raro portento
Quanto foy no ſaber o mais fecundo;
Taõ claro no dizer, quanto profundo
Foy taõ raro ſeu grande entendimento,
Que eterno da cenſura vive iſento
Quam morto alcança o nome ſem ſegundo.
Pois taõ ſabio naſceſte, eternamente
De ti meſmo ſerás a fama eterna,
Sendo famoſo aſſumpto aos Oradores.
Vive pois neſſa vida ſó contente,
Pois alcançaſte a fama ſempiterna
Acclamandote Sol dos Prégadores.

II.

ESſas Cidades ſete celebradas
Em contenda puzeraõ bem renhida,
Sobre qual Patria foſſe eſclarecida,
Deſſas de Homero glorias decantadas.
Mas as tuas, ó Lyſia, veneradas
A mayor cume ſóbem, pois luzida
Em Vieira nos déſte a melhor vida,
Que viraõ as idades já paſſadas.
De tudo o que florece a bella Aurora,
Com inveja do lauro ſem ſegundo,
Hoje o mundo te admira vencedora,
E de tudo o que o Sol doura fecundo;
E ainda mais venceras, ſe naõ fora
Para taõ grande Heroe pequeno o mundo.

De S. de J. e S.

III.

NAſceo o Luſo Sol, Aſtro vivente,
Gloria de Portugal, paſmo do mundo,
Credito a Europa foy, ſem ter ſegundo,
Glorioſa inveja deu a toda a gente.
Foy Heroe, a quem Roma reverente
Venerou por Oraculo profundo,
Troféos logrando de Orador facundo,
Applauſos adquirindo de eminente.
Vieira a Patria honrou por modo raro,
Porém ſendolhe curto hum hemiſferio
Quiz dividir o em que naſceo preclaro:
Por iſſo em fim naſceo (naõ ſem myſterio)
Na Lyſia Oriental, onde Sol claro,
Lhe quiz dar vaticinios para imperio.

S. J. S.

No

IV.

NO dia ſexto com ſaber profundo
Das mãos do immenſo Author da Natureza
Em Sciencias flammante, e gentileza
Naſceo Adam, primeiro Pay do mundo.
No ſexto dia (com myſterio fundo)
Deſſe mez, em que o fim do anno ſe peza,
Naſceo eſſe portento, eſſa belleza
De Sciencia, Vieira Adaõ ſegundo.
Dos brutos, que o terreno pavimento
Habitavaõ entaõ, ſó reſpeitado
No mundo foy de Adaõ o naſcimento;
Mas no mundo já de homens povoado
Naſceo Vieira, com mayor portento
Para ſer ſó dos homens admirado.

M. de C. L.

V.

ESſe inſigne Plataõ, Sol portentoſo,
Gloria de Portugal, luſtre do mundo,
Das eſtranhas Naçoens paſmo jucundo,
Da gente nacional perenne gozo.
Eſſe da Erudiçaõ rayo famoſo,
Que á Eſcritura penetra o mais profundo:
Eſſe douto Orador, taõ ſem ſegundo
Nos conceitos, que expende myſterioſo.
Hoje veyo alcançar ſeu naſcimento,
Para ter Portugal excelſa gloria,
Para eſte dia ter mayor augmento.
Pois ſe Oroſcopo ſeu decanta a hiſtoria,
Colloca a Portugal no firmamento,
Eterniza eſte dia na memoria.

Do Doutor A. da C. B.

VI.

NOva Eſtrella ſe vê neſte hemisferio
Com teu natal, Varaõ eſclarecido,
E hoje fazes ao Luſo mais luzido,
Pois teu Oriente he o Luſo Imperio.
Naõ com menos razaõ do que myſterio
Huma eſtrella retrata hum entendido,
Pois como luz, que as trevas tem vencido,
A terra a onde eſta faz outro eterio.
Hoje a noſſa lembrança te conſerva
Neſſa fama, que de hum a outro Polo
Do meſmo eſquecimento te preſerva,
Vendo o mundo do Tejo até o Pactolo,
Que por ſer já gloria de Minerva
Revives immortal no Ceo de Apollo.

De M. A. e V.

VII.

PAra ſeres no mundo venerado
Foſte, ó douto Vieira, hoje naſcido,
Donde ſempre fará, que aſſombre, ouvido
Teu grande nome, de tua fama o brado:
Fizeſte a Portugal, que o ſer te ha dado,
Com tua erudiçaõ mais conhecido,
Tendo tantos negocios concluido
Nos Reinos a que tu foſte mandado:
Gloria foy para o noſſo o teu talento,
Eſte ſendo tambem para ti gloria,
Que a Sciencia reparte, e naſcimento;
Portento o Reino faz tua memoria,
Quando a Portugal tu fazes portento,
Mas com gloria feliz, e ſem vangloria.

De M. R. da C.

Das

VIII.

DAs pedras de David o fundamento
Lavraſtes, ó Vieira, ao edificio,
Que erigio teu continuo exercicio
Para gloria immortal do teu talento:
Nelle exiſtes, naõ ſó do fado izento,
Mas tambem de milagre dando indicio,
Pois naſceſte com taõ ditoſo auſpicio,
Que occupas todo o mundo por portento:
Humanado edificio foy na guerra
A prócera grandeza do Gigante,
Mas a pedra he que hoje a gloria encerra;
A qual te conſidero ſemelhante,
Pois tambem hoje occupas toda a terra,
Naſcendo nella taõ pequeno infante.

M. R. da C.

IX.

NAſceres novo Sol lá neſſe Oriente,
Que da antiga Lisboa hoje he metade,
Naõ pequeno myſterio me perſuade,
Se agora obſervo teu talento ingente:
Que em ſua Cathedral te ſacramente
O ſagrado Bautiſmo, novidade
Se naõ deve admirar, mas propriedade
Que diſpoz o Monarca Omnipotente:
Que ſe naſcias para ſer eterno,
Naõ foy por certo o tal deſtricto acaſo,
Mas providencia do poder ſuperno;
Porque immortalizandote em tal cazo,
Te fez ſacramentar no foro interno,
Em Metropoli oppoſta ao meſmo occaſo.

M. R. da C.

Hoje

X.

HOje, ó grande Vieira, vens naſcendo
Para o maximo ſer dos Prégadores,
Qual Aſtro, que diffunde os reſplandores
Por quantos nas eſféras ſe eſtaõ vendo:
Das regras, que lhes dás, quando eſcrevendo,
Procuraõ todos ſer imitadores;
Porém como do Sol aos ſeus fulgores,
Imitarte nenhum, bem ſe eſtá vendo:
Proſiga, pois, o teu applauſo a fama,
E qual Sol, te publique em todo o mundo,
Se por unico o ſeu clarim o acclama;
Pois pelo teu talento o mais profundo,
De todo o mundo, ha muito, a voz te chama
Prégador ſingular, e ſem ſegundo.

M. R. da C.

XI.

ORaculo dos pulpitos naſcido
Felizmente no ſeculo paſſado,
Para ſer nos vindouros reſpeitado,
Hoje o teu naſcimento he repetido.
Sempre à vida has de ſer reſtituido,
A pezar deſſe horror de ſepultado;
Pois ſoubeſte fazerte eternizado,
Nos eccos de teus livros ſendo ouvido.
Perduravel ſerá teu monumento,
Em contrapoſiçaõ da cruel ſorte,
Por credito mayor do teu talento;
Sem que para o contrario nada importe;
Teres, como os mortaes, teu naſcimento,
Pois ſempre has de vencer por fama a morte.

M. R. da C.

Na

XII.

NA cabeça do mundo reſpeitado
Te fez, prégares nella em lingua eſtranha,
Onde chegando de paſſage a Heſpanha,
Por na ſua te ouvir, foſte admirado:
Nas conquiſtas a Fé tens propagado,
De humanas féras ſendo atroz campanha,
E quando as almas o teu zelo ganha,
Linguas lhe fallas, que naõ tens fallado.
Eu naõ ſey, que conceito na verdade,
Pelo dom deſtas linguas, de ti faça,
Fallando inda as de mais difficuldade;
Mas cuido, que nenhuma te embaraça
Em prégares a ley da Chriſtandade
Por te aſſiſtir do Eſpirito Santo a graça.

M. R. da C.

XIII.

CAntem as Ulyſſeas celebradas
Do Vieira ſeu claro naſcimento,
Celebrem eſte aſſombro, eſte portento,
Ambas por elle ſejaõ veneradas:
As Cidades illuſtres, e afamadas,
Inveja tem a ſeu merecimento,
E por emprego do mayor talento
Bem do mundo ſeraõ ſempre adoradas.
Da primeira Ulyſſea he bem notoria
A fortuna, que logra peregrina,
Pois a luz do Vieira nella naſce.
Eſta porém ſegunda mayor gloria
Conſegue, pois Vieira luz divina
Hoje neſte Muſeo Fenix renaſce.

Fr. T. de S.

Em

XIV.

EM berço de cryſtal Phebo luzido,
Foy no templo da Fama collocado,
Para ſer dos Planetas venerado,
Neſſe ponto que foy recem naſcido.
Vieira digo, Sol eſclarecido,
Vieira, deſſes Orbes deſejado,
E no templo do Sol ſempre adorado,
Pois mais que o Sol da luz enriquecido.
Se eſta no berço, luz, he taõ brilhante;
Que luzes naõ terá no ſeu augmento,
Pois mais que o Sol, he ſó ſem ſemelhante?
Famoſo luminar! Raro portento!
Preclaro reſplandor, rayo flamante,
Radiante luz, illuſtre naſcimento!

Fr. T. de S.

XV.

ESſe, que he digno emprego á larga hiſtoria,
E de toda a Europa ſacro brádo,
Naſce para viver eternizado
Timbre de Portugal, do mundo gloria.
Qual Luſitano Tullio na Oratoria,
Deſde o berço em que naſce, he declamado;
Qual gigante de luzes eſmaltado,
Que a penas naſce, já he luz notoria.
Em credito da Patria reverente
Naſce eſta voz, da Lyſia authoridade,
Das outras vozes muito differente.
Qualquer no pranto traz mortalidade,
A de Vieira naõ; porque do Oriente
Naſce clamando logo a eternidade.

De J. de S. C.

RO-

ROMANCE HENDECASYLLABO.

NAſce ao mundo Agoſtinho Luſitano
Na de Lyſia feliz glorioſa cuna,
Que como Aguia melhor remonte os voos,
Aos reconditos rayos da Eſcritura.
Na Princeza das Cortes teve o berço,
Porque depois Gigante ás Curias ſuba;
Que quem começa grande das mantilhas
Nas Purpuras depois famoſo avulta.
Naſce na Corte (a quem o Tejo banha)
Hum Rio, que ſcientifico redunda,
Ou nas arêas de ouro ſe pratica,
Ou na emplumada prata ſe eſpecula.
Sahe o ſagrado rio diſcurſivo,
Da Sciencia eſprayando a prata ſua,
E logo promontorio da eloquencia,
Lá da America vaſta o campo inunda.
Litigaraõ de Europa as Cortes todas
Sobre ter de hum tal filho a gloria ſumma,
E decidio a cauſa a Trina Eſſencia
Em glorioſo favor da Corte Luſa.
Trina Eſſencia, bem diſſe; que hum Heroe,
Que foy ſegundo Adaõ da ſciencia infuſa,
Parece que ſe empenha a Eſſencia Trina
A formar ſua maxima eſtructura.
Fábrica foy da ſacra Omnipotencia
Eſta voz, que a de Deos clamou profunda;
E ſendo Deos verdade immenſa ſempre,
Foy da meſma verdade voz commua.
Animado trovaõ da divindade
Da eſféra Lyſia ſahe; e quem naõ julga,

***

Que

Que naõ foy como os mais, donde a memoria
Acaba do trovaõ, se o soim caduca?
Pois de Vieira o trovaõ, quando nascido
Da Lusitana esféra sempre augusta,
Naõ caduca a memoria; porque ainda
O estrondo nos papeis doutos se escuta.
Nasce rayo, e trovaõ ao mesmo tempo,
Torres de Europa os Pulpitos circunda,
Em huns como trovaõ se escuta o brado,
Noutros qual rayo naõ abraza, illustra
Nasce voz, naõ de lagrimas formada,
Como nascem no mundo as creaturas;
Que quando em sabia voz se canoniza,
De excepçaõ do mortal já se gradua.
Nasce para brilhar no mundo todo,
Sendo da sacra Pagina luz pura;
Nos Palacios dos Reys verdade achada,
Aceito desengano até na Curia.
Nasce em fim; mas suspendase o discurso,
E o seu louvor só narre a sua pluma;
Que illustrar pluma alheya hum tal portento
De ignorancia será patente summa.

J. de S. C.

OITAVA.

NAsceo Vieira Prégador famoso
No ponto que nasceo mais que estupendo,
Foy nos conceitos alto, e portentoso
O dom de Prégador teve em nascendo:
Parecevos dictame fabuloso
Este discurso meu? Pois eu entendo,
Que digo bem; e porque naõ errace
O Prégador, diz o proloquio, nasce.

Fr. T. de S.

EPI-

EPIGRAMMA I.

DAnt ſibi vita manus, ſimul & mors undique cur-
(runt,
Nam vitæ eſt thalamus, qui necis eſt tumulus.
Naſceris ut ſapiens, mortique, Vieira, tributum
Solvis, ut aſtra regens, Sol dominare Polo.

O Doutor M. de C. L.

EPIGRAMMA II.

HÆc eſt illa dies toto ſpectabilis orbe,
Quâ gemino Cœlum ſydere ſplenduerat.
Hæc te vitales genitum produxit in auras,
Quà ſacra portavit mira trophæa fides.
Lyſia læta ſuo tanto ſe jactat Alumno,
Qui patrium toto ſparſit in orbe decus.
Invidere diem ſæcla omnia, & omnia ſæcla
Lumina ritè colent officioſa ſua.
Gratatur tellus Cœlum, quòd ditet honore,
Et quòd felicem proflet ab ore diem.
Hæc rediviva dies, toto numerabilis ævo
Nuncia natalis, neſcia finis erit.

De G. D. do R.

EPIGRAMMA III.

SOl quia ſolus eras, Antonius, undique jactas
Lumina; ſed Phœbus, luce tremente, ſilet.

J. de G. C.

A' fama poſthuma do P. Antonio Vieira.

SONETO.

CEſſem do Orador Grego, e do Romano
As glorias immortaes, que a Fama canta,
Que outro Orador mais alto ſe levanta
Noutro Sol da eloquencia ſoberano.
Demoſthenes, e Tullio Luſitano
Antonio foy, mas com ventagem tanta,
Quanta leva a doutrina illuſtre, e ſanta
Aos aſſumptos politicò, e profano.
Sol da eloquencia foy no movimento
Com que girou, qual Sol, a terra eſcura,
A todo o mundo encheo de luzimento;
E teve, como Sol, eſta luz pura
Numa parte do mundo o naſcimento,
Noutra parte do mundo a ſepultura.

De Antonio Telles da Silva.

Eſte Soneto foy applaudido com o que ſe ſegue.

DE Vieira eterniza la memoria,
Teles, vueſtra dulciſſima harmonia,
Porque le haze vivir vueſtra Poezia
Mas que pudo vivir por ſu Oratoria.
Si interpretando la ſagrada Hiſtoria
Por oraculo el orbe le tenia,
La deidad, que en ſu eſpirito vivia,
Augmenta en vueſtros numeros ſu gloria.
Llorais Antonio a Antonio, y el peregrino
Dulce lamento vueſtro puede tanto,
Que revocò la ley de ſu deſtino.

Mu-

Muerto le ſiente el orbe en commun llanto,
Vòs no ſolo immortal, pero divino
Le dexais en virtud de vueſtro canto.

Ao P. Antonio Vieira, que claramente ſe vio huma eſtrella naſcer, quando começou a eſpirar.

SONETO.

EM tronos de zafir luzes reſpira,
(Quando ſe poem teu Sol) a eſtrella clara,
Mas ſe foy para ſabios luz preclara
Que muito ſe de hum ſabio ſer aſpira?
Se epitafio do Sol a eſtrella eſpira,
Que aonde hum ſabio jaz, luz ſó o declara,
Eſſa eſtrella, que naſce, ſer prepara
Index de tua peſſoa em azul pira.
Lingua vibra nas luzes, pois ſò cura
Tua ſciencia applaudir, que he proprio nella
Sabios buſcar a influxos da ventura:
Tua em fim gira a eſtrella ardente, e bella,
Pois ſempre ao ſabio que a Deos ver procura,
Lhe naſce para guia nova eſtrella.

Al ſapientiſſimo P. Antonio Vieira quando muriò,

SOl que al Luſo de gloria has iluſtrado,
Que aſſombros en lo claro has repartido,
Si eres luz en lo claro, que has vivido,
No ſombra ſufriràs eternizado:
Si flores mil del ſeſo has animado,
Y en fragantes conceptos prepolido,
Que en las flores nò agrada lo florido,
Si del Sol nò las pule lo aliñado.

Nò

Nò del hado en la Parca las ſoçobras,
Sol te eclipſan, pues luzen las influencias
De tu ſeſo, en que el ſer de vivo cobras.
Nò pues del hado temas contingencias,
Que viviendo las flores de tus obras,
Es que no ha muerto el Sol de tus ſciencias.

Qua nocte obiit P. Antonius Vieira ſtellam (non vulgaris magnitudinis) Bahienſi Collegio affixam, & affulgentem Cives aliqui mirati ſunt.

EPIGRAMMA.

LUmina dum fato clauſit Vieira ſupremo
Inſolitum viſa eſt fundere ſtella jubar.
Dum luget tellus, ridet Polus, hoſpite tanto
Hic gaudet, tanto aſt illa flet orba viro.
Vir ſapiens tantum potuit ſuperaddere Cœlo,
Quantum fata jubar furripuere ſolo.
Qui prior inſueto vidit ſplendeſcere ſydus
Lumine, prodigium credit eſſe novum.
Deſine mirari; rerum ſibi congruit ordo,
Num ſtellas naſci, Sole cadente, novum eſt.

ELO-

ELOGIO
DO PADRE
ANTONIO VIEIRA,
ESCRITO
Por DIOGO BARBOSA MACHADO,

Abbade Reſervatario da Paroquial Igreja de S. Adriaõ de Sever, e Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

O Padre Antonio Vieira, hum dos mais famoſos Varoens, que produzio Portugal, naſceo na Cidade de Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, e em 15 foy bautizado na Igreja Cathedral, em cuja Pia recebera a primeira graça o inſigne Thaumaturgo Santo Antonio. Logo na puericia ſe admirou a perſpicacia do juizo, e ſublimidade do talento com que a natureza prodigamente o dotára, reſpondendo com taõ diſcreta promptidaõ ao que ſe lhe perguntava, que eraõ veneradas as ſuas repoſtas, como ſentencioſos apophtegmas. Na tenra idade de ſete annos partio com ſeus Pays Chriſtovaõ Vieira Ravaſco, e D. Maria de Azevedo para a Bahia, Capital da America Portugueza, onde obedecendo á divina vocaçaõ, deſprezou heroicamente o amor, e caſa paterna, auſentandoſe furtivamente della para a Companhia de Jeſus, em cuja ſagrada Milicia depois de repetidas inſtancias foy aliſtado em 5 de Mayo de 1623, quando contava 15 annos, fazendo a Profiſſaõ ſolemne a 26 de Mayo de 1644.

Deſe-

Dezejoſo de illuſtrar com o ſeu talento a Religiaõ, de que era filho, ſe proſtrou devotamente na preſença de huma Imagem da Virgem Santiſſima, ſupplicandolhe com fervoroſas inſtancias o fizeſſe digno de exercitar o miniſterio de Orador Evangelico; e para manifeſto argumento do deſpacho deſta ſupplica ſentio, que ſe lhe diſſipava repentinamente do entendimento huma ſombra, experimentando daquelle diá por diante penetrar ſem difficuldade os myſterios das Sciencias mais profundas, que fielmẽte depoſitou no precioſo theſouro da ſua memoria. Como o ſeu engenho era agigantado, logo começou a frutificar ao tempo de florecer, eſcrevendo de 17 annos as Cartas annuaes do Braſil em a lingua Latina com elegante eſtylo, dictando no ſeguinte como Meſtre da Primeira aos ſeus domeſticos as Tragedias de Seneca eruditamente illuſtradas, e compondo de vinte, hum Commentario Literal, e Moral ſobre Joſué, e outro ſobre os Cantares de Salamaõ em cinco ſentidos. Para ſe inſtruir nas Sciencias eſcolaſticas naõ teve outro Meſtre mais que a ſi meſmo, compondo o Curſo da Filoſofia, e Theologia, pelo qual aprendeo eſtas faculdades, cauſando ao meſmo tempo inveja, e admiraçaõ aos mayores profeſſores dellas, que diſputaſſe, defendeſſe, e arguiſſe com profunda ſubtileza nas queſtões mais difficeis ſem o ſoccorro de inſtrucçaõ alheya, mas unicamente pela laborioſa applicaçaõ do ſeu eſtudo.

Admirados os Superiores de que nunca ſendo diſcipulo foſſe já Meſtre conſumado, o elegeraõ com maduro conſelho Lente, eſperando que da ſua eſcola ſahiſſem Meſtres todos os ſeus diſcipulos; porém naõ teve effeito eſta eleiçaõ por ſer obrigado a acom-

panhar

panhar a D. Fernando Maſcarenhas filho do Marquez de Montalvaõ Governador do Braſil, quando em nome daquelle Eſtado veyo dar obediencia ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao Throno de Portugal.

Tanto que chegou à Corte no anno de 1641, foy recebido por eſte Monarca com ſingulares demonſtraçoens de affecto, e certificado occultamente da ſua profunda capacidade, naõ ſómente o elegeo ſeu Prégador, mas lhe cometeo negocios de graviſſimas conſequencias, que adminiſtrou com igual prudencia, que fidelidade, aſſim nas Cortes de Pariz, e Hollanda no anno de 1646, e 1647, como em Roma no anno de 1650, eſcrevendo em todas as negociaçoens doutiſſimos Tratados em obſequio do ſeu Principe, e zelando como verdadeiro Portuguez os politicos intereſſes deſta Monarquia contra as caviloſas maximas das outras Coroas.

Entre taõ diverſas naçoens, por onde diſcorreo, deu claros teſtemunhos da penetraçaõ do ſeu juizo adquirido com a liçaõ dos livros mais raros, que revolveo nas melhores Bibliothecas, e com o comercio familiar dos profeſſores de todo o genero de ſciencias tanta copia de noticias, que era reſpeitado como Oraculo da ſabedoria Chriſtã, e Politica. Com igual gloria dá Religiaõ Catholica, que credito da ſua profunda ſciencia, convenceo em Amſterdaõ a Manaſſes Ben Iſrael, o mais inſigne Rabino da Synagoga, e em Roma triunfou da impiedade de hum Atheiſta. Naõ alcançou menor gloria nas continuas diſputas, em que por varias vezes altercou com os mais doutos Hereges, que com apparentes ſofiſmas queriaõ rebater a ſolida efficacia dos ſeus argu-

 mentos,

mentos, contando nesta literaria campanha as vitorias pelas disputas, e os triunfos pelos combates.

Soube perfeitamente as linguas mais polidas da Europa, fallando a Italiana, Franceza, e Hespanhola com propriedade, e elegancia; principalmente foy insigne na materna, explicando a sublimidade dos seus conceitos, e a fineza dos seus discursos com frazes puras, e termos proprios sem mendigar vocabulos de idiomas estranhos. Foy o mayor Prégador do seu tempo, e o será com inveja das outras naçoens em toda a posteridade, verificando em si a fabula de Hercules Gallico, pois com a torrente da sua aurea eloquencia atrahia suavemente suspensa a attençaõ dos seus ouvintes.

Em Roma, Patria dos Oradores mais famosos, se venerou com profundo respeito a sublime facundia da sua lingua, e ao mesmo tempo que renovou a memoria de Tullio, lhe diminuio a gloria, e sepultou o nome. Nesta grande Corte, aonde chegou segunda vez por ordem de ElRey D. Pedro II. a 16 de Novembro de 1669, prégou os cinco Discursos das Pedras de David na presença da celebre Heroina a Sereniſſima Rainha de Suecia Christina Alexandra, que como outra Sabá veyo admirar de longe a discreta elegancia deste Evangelico Salamaõ, sendo as acclamaçoens, e applausos, que mereceo desta Princeza, como de todos os Principes Ecclesiasticos, e Seculares da Cabeça do mundo pequeno brádo á sua fama, limitado premio ao seu talento. Da Oratoria Ecclesiastica teve o principado, fallando o commum com singularidade, o semelhante sem repetiçaõ, o vulgar com novidade, o sublime com clareza, e o humilde com decóro; sendo discreto sem affectaçaõ, copioso

ſo ſem redundancia, e taõ corrente o eſtylo, como naſcido menos da arte, que da natureza. Repreſentou com taõ viva energia, que eraõ eſcuſadas palavras, por ſerem eloquentes as acçoens. Penetrou com profunda ſubtileza os myſterios mais occultos da ſagrada Eſcritura, que toda leo por diverſas vezes, examinando as ſuas mayores difficuldades com as luzes dos Santos Padres, e ſagrados Interpretes, em que foy muito verſado, particularmente correndo a cortina aos Oraculos dos Profetas para ſerem intelligiveis os ſeus vaticinos.

Em todas as Sciencias foy eminente, ſendo inſigne Humaniſta, conſumado Rhetorico, e elegante Poeta vulgar, e Latino, ſubtil Filoſofo, profundo Theologo, ſublime Eſcriturario, grande Chronologo, e completamente douto na Hiſtoria ſagrada, e profana.

Ornado de tantos dotes, com que copioſamente o enriquecera a divina liberalidade, nunca ſe deſcubrio no ſeu animo o mais leve ſinal de jactancia, antes recebendo notaveis honras, e eſtimaçoens de muitos Principes aſſim naturaes como eſtranhos, naõ foraõ poderoſas para lhe alterarem a humilde condiçaõ do ſeu genio, de tal ſorte que eſcrevendolhe em 12 de Setembro de 1680 o ſeu Geral Joaõ Paulo de Oliva de eſtar eleito Confeſſor da Rainha de Suecia, querendo eſta Heroína, que foſſe o ſeu director para alcançar huma Coroa, pela qual tinha deixado heroicamente tantas, ſe eſcuſou com ſumma modeſtia de miniſterio taõ honorifico. Toda a ſua ambiçaõ era da gloria divina, e naõ da humana, deixando por ella a Patria, e o declarado affecto da Mageſtade de El-Rey D. Joaõ o IV. partio para o Maranhaõ a procu-

rar com indefeſſo trabalho a converſaõ daquella Gentilidade, para cuja ſagrada empreza ſe obrigara com voto deſde a idade de vinte e ſete annos. Acompanhado de alguns Varoens Apoſtolicos promovidos do ſeu exemplo, chegou ao Maranhaõ a 22 de Novembro de 1652, onde lançando os primeiros fundamentos áquella nova Miſſaõ de que era o Fundador, foy obrigado a voltar a Portugal a 16 de Julho de 1653, a ſolicitar da Mageſtade de ElRey D. Joaõ o IV. a liberdade dos Indios como totalmente neceſſaria, e conducente para a ſua converſaõ.

Vencidos os obſtaculos, que contra taõ juſtificada repreſentaçaõ, ſe oppuzeraõ, ſegunda vez partio para o Maranhaõ em companhia do ſeu novo Governador André Vidal de Negreiros, ſendo impoſſivel de relatar o ardente zelo com que pelo eſpaço de nove annos cultivou aquella agreſte vinha.

Para converter Gentios, doutrinar Cathecumenos, e conſervar Neofitos, viſitou onze vezes as Reſidencias da Miſſaõ, navegou vinte e duas vezes rios mais extenſos que o mar Mediterraneo, diſcorreo a pé quatorze mil leguas por lugares incultos, fragozos, e ſolitarios, tolerando exceſſivos calores, rigoroſos frios, horroroſas tempeſtades, em que muitas vezes ſe vio quaſi engolido das ondas, e por ſuperior auxilio livre, e ſalvo. Em beneficio dos novos convertidos, compoz ſeis Catheciſmos em diverſas linguas. Levantou dezaſeis Igrejas, para cujo ornato diſpendeo mais de cincoenta mil cruzados, ſendo tal o fervor Apoſtolico, com que enſinava áquelles barbaros o caminho da vida eterna, que parecia ſe animavaõ as ſuas palavras do eſpirito de Paulo, e do zelo de Xavier.

A taõ

A taõ laborioſa cultura correſpondeo abundantemente o fruto, pois á efficacia das ſuas vozes ſe converteo infinita multidaõ de Gentios Inheigarás, Tupinambas, e Poquigarás habitadores do Seará, Maranhaõ, Pará, e o grande rio das Amazonas, naõ ſendo menos glorioſo o triunfo, com que a 16 de Agoſto de 1659 foy recebido pelos Nheengaybas em agradecimento de os ter reduzido á Fé catholica, e á obediencia de ElRey de Portugal. Attendendo o Reverendiſſimo Geral da Companhia Thyrſo Gonçalves ao incançavel deſvelo, com que tinha aggregado tantos filhos ao gremio da Igreja, o nomeou a 17 de Janeiro de 1688 Viſitador da Provincia do Braſil, e Superior abſoluto de todas as Miſſoens, lugares que aceitou conſtrangido, como quem ſempre eſtudara mais obedecer, que mandar.

Os ultimos annos da ſua vida aſſiſtio na Bahia, para onde partira no anno de 1681, elegendo com madura reſoluçaõ eſta Cidade para ſepultura, jà que fora o ſeu berço para a Religiaõ. Retirado em huma quinta do arrabalde da meſma Cidade ſe occupou, como outro Cicero no ſeu Tuſculano, preparando as ſuas obras para a impreſſaõ, o que executou por expreſſa ordem do ſeu Geral, ordenandolhe que tambem acabaſſe o livro intitulado *Clavis Prophetarum* poſto que eſtiveſſe quaſi cego: para fazer mais meritoria a ſua obediencia ſe valia dos olhos alheyos para lhe lerem os livros, cujas paginas apontava de memoria, achandoſe fielmente o que nellas procurava, ſendo eſte trabalho muito ſuperior ás ſuas forças.

Praticou, como Religioſo obſervante, todas as virtudes proprias daquelle eſtado. Levantavaſe muito cedo para a oraçaõ, cortando pelo deſcanço ne-

necessario á sua idade para ficar expedito para o estudo. O livro espiritual de que mais frequentemente usava, era o de *Imitatione Christi*, escutando como vozes divinas as sentenças, que nelle lia. Teve hum animo imperturbavel soffrendo com heroica constancia o odio dissimulado em zelo de muitos emulos, que armados contra a sua pessoa lhe deraõ grave materia para exame da sua paciencia, naõ tendo outro motivo para esta injustiça, do que nascer mais singular que todos em santos dotes, de que abundantemente o ornou a graça, e a natureza. Restituio sempre beneficios por aggravos satisfazendose com taõ nobre vingança dos seus offensores. Nunca no seu semblante se descobrio o menor final de alteraçaõ, ainda quando se sentio infamado com satyras, accuzado em diversos Tribunaes, e perseguido daquelles, que lhe eraõ mais obrigados; antes como se fora o Olympo, que goza de huma inalteravel tranquilidade, dissimulava com prudencia, e soffria com resignaçaõ toda esta furiosa tormenta.

Entre tantas Cortes, e Paizes, por onde discorreo, nas quaes costuma reinar licenciosamente a incontinencia, conservou, como se fosse Anjo, illeza a pureza, com tal privilegio, que nunca teve contra esta angelica virtude materia para a confissaõ. Foy exactissimo observador da pobreza religiosa, usando sempre dos vestidos mais remendados, conservando huma capa pelo largo espaço de quatorze annos, que largou violentado. Igual era ao amor á pobreza o odio das riquezas regeitando heroicamente vinte e cinco mil cruzados, que lhe mandou a Pariz ElRey D. Joaõ o IV. para comprar livros para o seu uso, e quarenta mil cruzados, que a Ilha Terceira lhe offereceo

fereceo em premio depatrocinar com a ſua authoridade hum grave negocio.

Como ſempre foy ſuperior á mais alta fortuna, fugio das mayores eſtimaçoens, que do ſeu talento fizeraõ os Summos Pontifices Innocencio X., e Clemente X. as Mageſtades auguſtas de Luiz XIV. de França, D. Joaõ o IV., e D. Pedro II. de Portugal, e o Duque de Florença, como das dignidades a que o deſtinavaõ eſtes Soberanos Principes, aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares.

Venerou com taõ exceſſivo affecto a Chriſto ſacramentado, que parece em premio da ſua Fé ſe fazia viſivel aos ſeus olhos a divina Mageſtade occulta debaixo dos accidentes Euchariſticos. Naõ houve genero algum de culto, que a ſua fervoroſa devoçaõ naõ dedicaſſe em obſequio de Maria Santiſſima, tributandolhe agradecido de lhe ſalvar a vida de hum horrendo naufragio trinta Panegyricos ao ſeu ſacratiſſimo Roſario, que todos os dias recitava meditado pelo eſpaço de duas horas, ornando com eſtas myſticas roſas o auguſto throno de taõ auguſta Princeza.

Na ultima enfermidade padeceo taõ acerbas dores, que o privavaõ do deſcanço, e taõ reſignado eſtava na vontade divina, que quando eraõ mais rigoroſas, rompia a ſua afflicçaõ neſtas palavras: *Dominus eſt: quod bonum eſt in oculis ſuis faciat.* Recebeo com terniſſima piedade os Sacramentos, e eſpirou entre a meya noite, e huma hora para o dia de 18 de Julho de 1697, em idade de 89 annos, cinco mezes e 12 dias, e de Religiaõ 74, 2 mezes, e 13 dias. Teve a eſtatura mais que mediana, o roſto grave, a teſta dilatada, o nariz aquilino, os olhos vivos, a cor algum tanto morena, o cabello negro, e a barba poyoada.

Foy

Foy nas acçoens circunſpecto, no trato affavel, na converſaçaõ erudíto, no diſcurſo ſubtil, ſolido, e prompto, por cujos dotes conciliou o univerſal affecto de naturaes, e eſtranhos.

Extraordinario ſentimento cauſou em todos os animos a ſua morte, naõ havendo peſſoa de qualquer qualidade, que deixaſſe de teſtemunhar com lagrimas copioſas taõ deploravel perda. O Cabido da Cathedral da Bahia lhe officiou o funeral no Collegio da Companhia aſſiſtido de toda a Nobreza Eccleſiaſtica, e Secular, no fim do qual foy levado o cadaver á ſepultura aos hombros de D. Joaõ de Alencaſtro, o Biſpo eleito de S. Thomé, ſeu irmaõ o Vigario Geral Joaõ Calmon, o Provincial da Religiaõ de S. Bento, e o Reitor do Collegio dos Jeſuitas.

Naõ ſómente o mundo concorreo para as ultimas honras deſte grande Varaõ, mas até o Ceo ſe empenhou em canonizar a ſua memoria apparecendolhe tres noites antes da ſua morte; e tres depois, huma brilhante eſtrella de extraordinaria grandeza, a qual perpendicular ſobre o ſeu Cubiculo foy viſta, e admirada do mar, e terra, affirmando as peſſoas mais judicioſas, que aquelle meteóro era huma luminoſa teſtemunha com que o Ceo declarava as virtudes do P. Vieira.

Tanto que neſta Corte ſe recebeo a lamentavel noticia da morte de hum ſeu taõ illuſtre filho, ſe reſolveo o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, inſigne Mecenas dos eſtudioſos, dedicar humas ſumptuoſas Exequias á memoria do Principe dos Oradores Evangelicos, e elegendo para theatro a Caſa Profeſſa de S. Roque, naõ perdoando a genero algum de diſpendio a ſua profuſa liberali-

beralidade mandou levantar huma ſoberba maquina, que occupava grande parte do Templo, animada de muitos emblemas, e poezias de diverſos metros, e linguas, e illuminada com grande copia de luzes. Cantou o Officio a Muſica da Capella Real, a que fez o compaſſo o ſeu grande Meſtre Antonio Marques Lesbio. Naõ houve peſſoa grave de huma, e outra jerarquia, que naõ aſſiſtiſſe a eſte funebre obſequio, o qual coroou o P.D.Manoel Caetano de Souſa, taõ illuſtre pelo ſangue, como pela erudiçaõ, com huma Oraçaõ taõ elegante, que renaſceo nelle a eloquencia, que lamentava defunta.

Seria impoſſivel repetir os elogios com que celebres Eſcritores exaltaraõ o nome deſte grande Varaõ, e ſómente tranſcreverey alguns, para que claramente ſe conheça a ſua grandeza. Seja o primeiro aquelle que o foy na dignidade, o Summo Pontifice Clemente X. no Breve que lhe expedio, para que pudeſſe publicar as ſuas obras, ſem que foſſem examinadas por algum Cenſor. Começa: *Dilecte Fili, ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Religionis zelus, ſacrarum literarum ſcientia, vitæ, ac morum honeſtas, aliaque laudabilia probitatis, ac virtutum merita ſuper quæ apud nos fide digno commendaris teſtimonio.*

Pelo diſcurſo deſte Breve ſe vê concederlhe a clemencia de Sua Santidade quatro eſpeciaes graças, pelas palavras que ſe ſeguem.

I.

Hinc eſt, quòd Nos juſtis de cauſis animum noſtrum moventibus, religioſæ tranquillitati, atque ſecuritati tuæ, quantum nobis ex alto conceditur,

providere cupientes . . . . . Motu proprio , ac ex certa ſcientia , & matura deliberatione noſtris , deque Apoſtolicæ poteſtatis plenitudine, Te à quacumque juriſdictione , poteſtate , & authoritate venerabilis fratris Petri Archiepiſcopi Sedenſis Generalis , ac dilectorum filiorum reliquorum Inquiſitorum adverſus hæreticam , & apoſtaticam à Chriſtiana Religione, fideque Catholica pravitatem in Portugalliæ, & Algarbiorum Regnis authoritate Apoſtolica deputatorum , &c. ita ut illi nullam in te juriſdictionem , poteſtatem , & authoritatem exercere . . . aut aliàs quomodolibet moleſtare , pertùrbare , vel inquietare poſſint tenore præſentium ad tui vitam plenariè eximimus , & totaliter liberamus , ac exemptum , & liberatum eſſe , & fore decernimus , & declaramus.

II.

Teque in omnibus , & quibuſcumque cauſis ad Tribunal Sancti Officii . . . . quomodolibet ſpectantibus . . . . immediatæ juriſdictioni , poteſtati , & authoritati Congregationis venerabilium fratrum Noſtrorum S R E. Cardinalium in tota Republica Chriſtiana Generalium Inquiſitorum . . . coram qua dumtaxat in omnibus , & ſingulis cauſis prædictis tenearis de juſtitia reſpondere , Motu proprio , ſcientia , deliberatione , &c. ad tui vitam harum ſerie ſubjicimus , & ſupponimus , ac ſubjectum , & ſuppoſitum eſſe , & fore decernimus , ſimiliter & declaramus.

III.

Decernentes pariter eaſdem præſentes literas, &

& in eis contenta quæcumque etiam ex eo, quod Generalis, & alii Inquisitores, cæterique præfati, & alii quicumque, etiam specifica, & individua mentione digni ... illis non consenserint, nec ad ea vocati, citati, vel auditi, neque causæ, propter quàs præsentes emanarunt adductæ, specificatæ, & justificatæ fuerint, aut ex alia etiam quantumvis legitima, juridica, pia, & privilegiata causa, &c. firmas, validas, & efficaces existire, & fore, suosque plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, ac tibi in omnibus, & per omnia plenissimè suffragari.

IV.

Sicque, & non aliter in præmissis per quoscumque Judices Ordinarios, & Delegatos, etiam causarum Palatii Apostolici Auditores, ac S. R. E. Cardinales, etiam de latere Legatos, & Apostolicæ Sedis Nuncios, necnon Generalem, cæterosque Inquisitores præfatos, & alios quoslibet, quacumque præeminentia, & potestate fungentes, & functuros, sublata eis, & eorum cuilibet, quavis aliter judicandi, & interpretandi facultate, & authoritate judicari, & diffiniri debere, ac irritum, & inane, si secus super his à quoquam quavis authoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari, &c.

Joaõ Paulo Oliva, Geral da Companhia, congratulando-o do Sermaõ de S. Estanislao, em huma Carta escrita a 13 de Março de 1675. *Dou graças a Deos por ter dado à Companhia hum homem que póde fallar taõ divinamente, e que sabe proferir o seu conceito, e que todos confessaõ, que he igualmente maravilhoso assim*

no que entendemos, como no que naõ penetramos, mas igualmente veneramos nas ſuas intelligencias.

Jorge Cardoſo no Agiologio Luſitano tom.3.pag. 238. no Cõmentario de 13. de Mayo letr. I. o intitula *Oraculo dos Prégadores deſta idade.*

Ulhoa nas Diſſertaçoens de legat. & fidei com. na Dedicatoria ao Graõ Duque de Toſcana: *Venerabili Viro, & Portugalliæ Principis Concionatore diſcretiſſimo, facilique omnium Concionatorum anteſignano, ſive verius dixerim Principe.*

O Illuſtriſſimo Barzia no Deſpertador Chriſtiano, t. 1. Introd. Exhortat. col. 3. n. 30. lhe chama *agudiſſimo.*

Fr. Joaõ Joſeph de S. Tereſa na Hiſtor. da guerra do Braſil, part. 2. liv. 5. pag. 189. *Huomo che ne i pergami porto il vanto nel noſtro ſeculo.*

O P. Manoel Luiz na vida do Principe D. Theodoſio liv. 1. cap. 19. n. 238. *Inſignem Virum.*

Miguel de Barros no Prologo do Coro das Muſas: *El pico de oro Portuguez.*

Feijò no Theatro Critico, tom. 1. diſcurſ. 16. n. 115. *Aquel hombre, aquien en penſar con elevacion, diſcurrir con agudeza, y explicarſe con claridad nò igualò haſta aora Predicador alguno.* E no tom. 4. diſcurſ. 14. n 37. *Que Sermon del P. Vieira no es un aſombro? Hombre verdaderamente ſin ſemejante, de quien me atreviera dezir lo que Veleyo Paterculo de Homero: Neque ante illum quem imitaretur, neque poſt illum, qui eum imitari poſſet, inventus eſt.*

O P. Bonucci na Hiſtoria del Rey D. Affonſo Henriques liv. 3. cap. 10. *Ben noto al mondo per il ſuo ſingolare ingegno, profundita di ſapere, e deſtreza ammirable in maneggiare le divine Scripture.*

Soror Joanna Inez da Cruz na Cenſura, que fez ao Ser-

Sermaõ do Mandato impreſſa no 2.tom. das ſuas obras diz: *Siempre admirandome de ſu ſin igual ingenio..... las propoſiciones deſte ſubtiliſſimo talento, que es tal ſu ſuavidad, ſu viveza, ſu energia, que al miſmo que diſſiente, enamora con la belleza de la Oracion, ſuſpende con la dulçura, hechiza con la gracia, eleva, admira, y encanta con el todo.....admirable paſmo de los ingenios.*

Joaõ Soares de Brito no Theatro Luſit. Literat. letr. A. n.129. *Vir magno ingenio, feliciſſimoque judicio celeberrimus omnium Concionator.*

Sebaſtiaõ da Rocha Pita na Hiſtoria da America Portugueza liv.8.n. 54. *O ſeu talento foy ainda mayor que o ſeu nome, com o qual voou por todos os hemiſferios a fama elevada pela ſua penna. Foy em Portugal Prégador dos ſeus Auguſtiſſimos Monarcas, e da Sereniſſima Rainha de Suecia em Roma, cuja ſagrada Curia o ouvio com admiraçaõ, e lhe reſpondera com o premio de altas dignidades, ſe a ſua religioſa modeſtia o naõ obrigara a fugir entre os Eſtrangeiros das honras, e lugares, de que já ſe livrara entre os naturaes, onde achando na vida, e na poſteridade as mayores eſtimaçoens, ſaõ ainda inferiores as que tem entre as outras naçoens, andando os ſeus eſcritos traduzidos, e venerados por todo o mundo catholico com grande gloria do nome Portuguez.*

D. Manoel Caetano de Souſa Expedit. Hiſpan. t. 2.pag.1306. *Oratorum Princeps.*

Franco Synopſ. Annal. S.J. in Luſitan. pag.401. *Concionator Principum, & Princeps ſuo tempore Concionatorum vir nulla commendatione æquandus.*

D Ignacio Paravizino na Dedicatoria da traduçaõ das lagrimas de Heraclito a D. Gaſpar Mercader, y Cerbellon, Conde de Cerbellon, y Bunhol, no fim do livro inti-

intitulado Varios eloquentes libros: *El tan celebrado eruditiſſimo Padre Antonio Vieira, que juſtamente veneran los Pulpitos, y que haſta aora hizo bien conocido eſte empleo, pudo manifeſtarſe glorioſamente competidor de ſi miſmo en el de letras humanas por la obſequioſa obediencia de aquella Mageſtad, que quiſo mas tener ſu cabeça baxo el Pie de S. Pedro, que coronada en Suecia: en cuya Real preſencia, e con aſſiſtencia de las mas eminentes Romanas Purpuras no ſin grande applauſo dixo lo que con ſubtileza ſumma, y erudicion admirable manifieſta eſte preſente Problema.*

Soror Violante do Ceo, Religioſa Dominica no Convento da Roſa de Lisboa, e celebre Poetiza lhe fez em ſeu applauſo a Sylva ſeguinte, que eſtá nas ſuas Rimas pag. 74.

HE voſſo entendimento
Felice ſuſpenſaõ do penſamento;
Voſſa doce elegancia
Cifra da mais perfeita conſonancia;
Voſſa graça exceſſiva
A pedra de Cevar mais attractiva;
Voſſo ſaber profundo
Portentoſo exemplar de todo o mundo;
Voſſa agudeza rara
Delicia do diſcurſo altiva, e clara;
Voſſo eſtylo famoſo
Agradavel motivo do invejoſo:
Em fim voſſo juizo ſoberano
Credito do divino, honra do humano.
Oh vivey para aſſombro das idades,
Goſto das Mageſtades,
Extaſis des ſentidos,

Pro-

Prodigio dos naſcidos,
Exceſſo dos paſſados:
Vivey para motivo dos agrados,
Objecto dos louvores,
Archivo de favores,
Compendio de excellencias:
Vivey para modello de eloquencias,
Theſouro de elegancias:
E ſe minhas groſſeiras ignorancias
Tem ſido dilatadas
Deixay-as caſtigadas;
Mas confeſſay, doutiſſimo Vieira,
Que ſe ignorante ſou, ſou verdadeira.

O ſeu retrato ſahio aberto primoroſamente em huma lamina na Cidade de Bruxellas com eſte Epigraphe na parte inferior: *Vera effigies celeberrimi P. Antonii Vieira è Societate Jeſu, Luſitanorum Regum Cõcionatoris, & Concionatorum Principis, quem dedit Luſitania mundo, Ulyſſipo Luſitaniæ, Societati Braſilia. Obiit Bahiæ prope nonagenarius die Julii 18 annì 1697. Quieſcit in Regio Collegii Bahienſis templo, ubi ſepultus frequentiſſimo Urbis concurſu æterno orbis deſiderio.* Deſte retrato ſe tiraraõ varias copias, que ſahiraõ abertas em Roma, Veneza, e Barcelona, e ultimamente em Lisboa com o meſmo Epigraphe.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

VIsta a informaçaõ, póde imprimirse o papel de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 21 de Abril de 1747.

Fr. R. Alancastro. Silva. Abreu. Almeida.

DO ORDINARIO.

PO'dese imprimir o papel de que se faz mençaõ, e depois de impresso torne conferido, para se dar licença para correr. Lisboa 8 de Mayo de 1747.

Mello.

DO PAÇO.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa 29 de Mayo de 1748.

Vaz de Carvalho. Almeida. Castro. Mouraõ.

PRA-

PRATICA
NA FESTIVIDADE DA CONCEIÇAÕ DE NOSSA SENHORA,
PELO PADRE
ANTONIO VIEIRA
Da Companhia de JESUS, no tempo em que era Noviço.

De qua natus eſt Jeſus. Matth. 1.

HUma Virgem concebida, e huma Virgem na Conceiçaõ já Mãy, he o empenho deſte alegre dia. Huma Virgem concebida, porque tal he o divino objecto de toda a noſſa alegria, o exemplar da pureza mais que angelica do Ceo, reduzido a hum breve mappa; toda a graça compendiada em huma pequena cifra, e o Throno da Santiſſima Trindade ideado, concebido, e encerrado, como em Cuſtodia, no ventre de Anna ſantiſſimo. Huma Virgem na Conceiçaõ já Mãy; porque eſta peregrina

grina flor, mais mimoſa, que as do prado de Parthenia, porque tranſplantada hoje do jardim da Gloria ao Paraiſo da terra, ainda entre os epithetos de botaõ, já he flor florîda; ainda no ventre materno encerrada, já Primavera riſonha, odorificando concebida os lyrios immarceſſiveis da pureza, com os creditos de Mãy de Chriſto: *De qua natus eſt Jeſus.* E ſe a valentia da obra afiança a eſtimaçaõ na deſtreza, e no primor do Artifice, ſuſpenda o diſcurſo os voos, páre em admiraçaõ o juizo, quando encontrà hum Sol naſcido entre os braços de huma Aurora concebida; que como neſta eſtaõ divinamente empenhados os timbres da divina Omnipotencia, quem duvîda que o deſempenho ha de ſer maravilhoſo, e maravilhoſamente unitivo dos extremos mais repugnantes.

Ao Sacramento de Euchariſtia chamou por antonomaſia Santo Thomaz a mayor, e mais excellente maravilha das maravilhas de Chriſto: *Miraculorum ab ipſo factorum maximum.* E a razaõ deſta ſoberana prerogativa he, porque neſte myſterioſo parto do amor divino unio a divina Omnipotencia os impoſſiveis mayores.

De nós eſtá Chriſto na realidade auſente: *Ego vado*: e neſte Sacramento em noſſa companhia ſe ficou: *Vobiſcum ſum.* Na Euchariſtia eſtá Chriſto realmente vivo: *Ego ſum panis vivus*: e na repreſentaçaõ eſtá morto: *Mortem Domini amunciabitis.* E unir em hum ſó myſterio as luzes da vida, com as ſombras da morte; o gozo da preſença, com a ſaudade da auſencia; Chriſto morto, e auſente, com Chriſto vivo, e preſente, he obra taõ relevante, que ſó póde cabalmente authoriſar os deſempenhos da

divina

divina Omnipotencia : *Miraculorum ab ipso factorum maximum* E naõ ſendo menos incompativeis o ſer Virgem concebida, e já concebida ſer Mãy, com razaõ conhecemos por maravilha da divina Omnipotencia na Conceiçaõ de Maria Santiſſima os creditos de Virgem unidos ás realidades de Mãy : *De qua natus eſt Jeſus.*

Mas porque havia o Eſpirito Santo de mover, e guiar a penna do ſagrado Chroniſta, para que no meſmo inſtante, em que deſcreve a Maria Santiſſima concebida, juntamente a qualifique por Mãy do Verbo Eterno nos jardins, anticipando a ordem da natureza! A hum Outono defunto provê de huma Primavera de flores? Na concha primeiro ſe recebe o rocio da Aurora, do que ſe congelle a perola. No ar primeiro ſobe a exhalaçaõ, do que ſe condenſe a nuvem. Nos horizontes primeiro raya a Aurora, do que eſpalhe o Sol ſeus rayos. Pois ſe iſto aſſim he, como anticipando a ordem da natureza, no meſmo inſtante, em que celebramos a eſta grande Princeza concebida, a veneramos Mãy do Verbo Eterno? Os porquês de Deos ſó Deos os ſabe, e comprehende; mas ſe alguma humana razaõ póde de algum modo raſtejar o profundo de ſeus ſegredos, duas apontarey em materia, que excede a toda a razaõ.

A primeira vem a ſer; porque quiz Deos exemplificar cá na Mãy, o que lá paſſou no Pay do meſmo Verbo. O primeiro predicado natural, que em Deos ſe conhece, e reconhecemos, he a paternidade, ou o ſer Pay; porque communicarſe Deos por geraçaõ he prerogativa taõ ſingular, que deſſa eternidade *in principio* foy Deos juntamente

te Deos, e juntamente Pay: *Ante luciferum genui te*, e com esta bem notavel circunstancia, que pela soberanîa, e grandeza ineſtimavel da paternidade, ou de ſer Pay, naõ ſe deu inſtante algum, em que foſſe Deos ſem relaçaõ ao Filho, nem já mais deixará o predicado de Pay; porque já mais deixará de gerar ao Eterno Verbo, que aſſim entendemos os Theologos aquellas palavras: *Unigenitus qui eſt in ſinu Patris*: E iſto meſmo que na eternidade acontece, vemos hoje retratado em Maria Santiſſima.

Predeſtinada, e determinada eſta belliſſima Menina para Mãy do Verbo Divino, e achada por Deos nos theſouros de ſua ſabedoria, e omnipotencia; traça com que perſiſtindo illeſo, e intacto todo o objecto de ſeus agrados, a pureza immaculada de Maria: *Virginitate placuit*: decretou a Conceiçaõ deſta precioſiſſima Senhora; mas de tal ſorte, que a prerogativa de Mãy acompanhaſſe o primeiro inſtante de concebida; porque ſó aſſim ficaria o retrato conforme ao original, e ajuſtando as medidas do agrado do Divino Verbo eternamente procedendo de hum Deos ſempre Pay: *Ante luciferum genui te*: temporalmente naſcendo de huma Virgem ſempre Mãy regulando as primeiras prerogativas de Mãy, pela excellencia ſingular do Pay; e para que o Evangeliſta explicaſſe eſta inexplicavel grandeza, e eſta uniforme correſpondencia entre hum Deos eternamente Pay, e huma Virgem já na Conceiçaõ Mãy, foy neceſſario que com os meſmos raſgos, com que nos annunciou a eſta Virgem concebida, a encareça juntamente Mãy: *De qua natus eſt Jeſus.*

A ſe-

A ſegunda razaõ he, para que dos primeiros inſtantes de ſua Conceiçaõ tambem nós veneremos a eſta nobiliſſima Menina por noſſa Mãy; porque nella, e por ella renaſceremos do nada da culpa ao novo ſer da graça. E ſe a Eva reconheceo por Mãy hum mundo todo perdido, porque naõ tributará a Maria Santiſſima affectos de filho hum mundo, que já hoje ſe começa a reſtaurar? E ſe Anna em hum ſô Samuel foy mãy de muitos filhos: *Sterilis peperit plurimos*, com quanta mais razaõ ſe verifica eſta verdade de Maria Santiſſima, parindo antes a hum ſó Chriſto? Nem nos acovarde eſtarmos cá mais longe dos que ſe prezaõ de filhos; porque tambem nos longes tem a Senhora ſeus filhos: *Filii tui de longe venient*: e tambem de junto aos Altares ſahe hum Farizeo reprovado, e juſtificado hum Publicano lá de bem longe do Altar: *Deſcendit hic juſtificatus ab illo*; porque a verdadeira filiaçaõ conſiſte na pureza dos affectos; e como eſta naõ eſteja vinculada aos eſpiritos dos Altares, cá de longe nos podemos gloriar por filhos deſta Senhora, hoje concebida para povoado de novos habitadores. Por ella gemerá humilhada a ſoberba de todo o Inferno, e por ella reſpirará a terra os ares da redempçaõ, e liberdade. Por ella alcançaremos todas as riquezas da graça, para poſſuirmos no Ceo os theſouros da Gloria: *Quam mihi & vobis, &c.*

Pare-

PARECER,

Que o Padre Antonio Vieira mandou ao muito alto, e poderoso Rey, o Senhor D. Affonso VI. no tempo que estava em França.

SENHOR.

A Estas partes de França, onde assisto ha muitos annos, com a nova do sitio de Badajós me chegou hum papel, em que o Conde do Sabugal dissuadia a V. Magestade do empenho daquella facçaõ: bem mostrou a fortuna com taõ infeliz successo quanto entaõ o Conde advertio com atinado conselho. Tambem agora me chega outro papel, em que o proprio Conde adverte a V. Magestade o que se ha de obrar; para que havendo melhor direcçaõ nas armas, se possaõ esperar na guerra melhores successos. Communicado por mim este papel, occasionou discursos; que por serem de sujeitos grandes, assim por acçoens militares, como por maneyos politicos, me pareceo observallos; e pondo algumas razoens de minha parte, escrevo este, que offereço aos pés de V. Magestade com aquelle zelo, e com aquella fé, que todo o leal vassallo deve procurar ao serviço do seu Rey, e augmento de sua patria.

A dous pontos, Senhor, se reduz este papel do Conde: hum, que inculca, que deve V. Magestade fazer Generalissimo das Armas ao Senhor Infante D. Pedro, acompanhando-se dos Condes de Castello-

tello-Melhor, Soure, Sabugal, e S. Lourenço: reprova que ſejaõ neceſſarios Cabos eſtrangeiros. A eſtes dous pontos, como digo, ſe reduz eſte papel do Conde; a eſtes dous pontos, por deſcender toda a cauſa do remedio, que ſe procura, ſe reduzirá eſte Parecer.

Naõ ha duvida, que he neceſſario, que ſe empenhe a authoridade Real para remedio da conſervaçaõ do Reino; porém naõ ha de ſer em parte, ſe naõ em todo: naõ he neceſſario, que ſe empenhe em parte na peſſoa de S.A. ſenaõ em todo na peſſoa de V. Mageſtade.

Se o Senhor Infante he remedio para ſe obrar muito, claro eſtá, que V. Mageſtade ſerá remedio para ſe obrar muito mais; e hoje deve-ſe obrar com mayor remedio, pois naõ tem duvida, que ſe padece o mayor achaque.

Sendo o Senhor Infante ſoldado, muitos homens o ſeguiráõ na guerra; mas naõ ſendo V. Mageſtade ſoldado, muito mais homens ſeguiráõ a V. Mageſtade na paz: e naõ he bem, que quando o Reino tem o mayor aperto, a menor parte ſe occupe na Campanha, ſeguindo a S. A. e a mayor parte ſe divirta na Corte, ſeguindo a V. Mageſtade.

ElRey de França, que hoje reina, primeiro que o Duque de Anjû ſeu irmaõ, ſe moſtrou armado na Campanha: de mais que para a guerra, que V. Mageſtade tem, naõ baſta, que ſe faça ſó hum Principe ſoldado; para tamanha guerra era neceſſario (ſe os houvera) que muitos Principes ſe fizeſſem ſoldados; ſenaõ veja-ſe o exemplo de Carlos, eſſe infeliz Rey de Inglaterra, que tanto que tomou armas contra o Parlamento, naõ ſó empregou nellas o Prin-

o Principe de Galles ſeu filho, ſendo de bem pouca idade, mas tambem a ſeus ſobrinhos os Principes Palatinos; e naõ tem duvida, que ſe os mais filhos, que tinha, tiveraõ entaõ ja idade para o exercicio das armas, que tambem os haviá de empregar nellas; porque bem ſabia, que a todos havia miſter ſoldados para a guerra, que tinha.

Os glorioſos Anteceſſores de V. Mageſtade lhe ſeraõ o melhor exemplo; pois nenhum teve guerras, que naõ trouxeſſe nellas ſeus filhos, irmãos, e parentes. Senhor, neceſſita o Reino de remedio? Pois porque mais ha de acodir a darlho S. A. que V. Mageſtade? Acuda V. Mageſtade, e acuda S. A. naõ ſe divîda a Corte em duas partes; haja huma ſó Corte na guerra: naõ ſejaõ huns ſoldados, outros Cortezãos: tratem todos das armas, pois ſó com ellas ſe haõ de defender todos. Diraõ que empenhar tudo he arriſcar muito; já hoje ſem arriſcar muito naõ ſe póde ſegurar nada. O riſco naõ ſe faz mayor aſſiſtindo V. Mageſtade nos Exercitos; antes aſſiſtindo V. Mageſtade nos Exercitos ſe fará a guerra com mais attençaõ. De mais que tanto ſe ha de V. Mageſtade perder tendo huma rota (que Deos tal naõ permitta) eſtando em Lisboa, como eſtando na Campanha; e melhor ſe ſaberá refazer della, andando na Campanha, que eſtando em Lisboa.

Tambem naõ ſeja razaõ, que o poder naõ he ſufficiente para o Real empenho; porque ſe V. Mageſtade naõ tiver poder para ſuſtentar o Reino, o Reino naõ ha de ter poder para ſuſtentar a V. Mageſtade. Todos os Senhores Reys de Portugal, que tiveraõ guerras, peſſoalmente aſſiſtiraõ a ellas, e nunca tiveraõ mayor poder, que V. Mageſtade

tem

tem. Os Portuguezes (Senhor) naõ ſe contaõ pelo numero, contaõ-ſe pelo valor: com Exercito de doze mil homens ſahio o Vandoma a fazerſe Rey de França; pelo menos naõ teve mais na batalha de Juri, a qual victoria lhe ſegurou a Coroa. Pois porque naõ ha de ſahir V. Mageſtade a ſuſtentarſe Rey de Portugal com tamanhos, ou mayores Exercitos? Saya pois V. Mageſtade; porque o Principe que peleija pelo direito de huma parte da Coroa, póde fazer a guerra por ſeus Capitaens; mas o Principe, que peleja pelo direito de toda a Coroa, ha de fazer a guerra per ſi proprio: naõ ha contrario exemplo. Veja agora V. Mageſtade ſe peleija pelo direito de huma parte, ou ſe peleija pelo direito de toda a Coroa.

Portugal ha de eſtabelecerſe pelo meyo das armas; razaõ ſerá logo, que pois V. Mageſtade o ha de governar, exercite os meyos por donde o ha de eſtabelecer. Empenhe-ſe pois toda a authoridade Real na Peſſoa de V. Mageſtade; mas naõ como fez o Principe, que Deos tem, que ſahio, e voltou logo. Eu naõ aconſelho a V. Mageſtade huma ſahida, ſenaõ huma aſſiſtencia; naõ de longe dando calor aos Exercitos, ſenaõ de perto dando exemplo aos Soldados. Eſſas ſoberanias deixe V. Mageſtade a Caſtella, que com ſer Monarquia taõ grande, bem tem ſentido ſeus ruins effeitos. Conheça V. Mageſtade ſeus Vaſſallos na Campanha como Guſtavo Adolfo; naõ os conheça na ſó Corte como Filippe IV. e logo ſe verá nelles a differença que julgou incontraſtavel (cuido que a Excellente Senhora) dizendo que os Caſtelhanos eraõ Vaſſallos, e os Portuguezes filhos. Porém vamos ao ſegundo ponto.

Diz o Conde, que naõ convem Cabos Eſtrangeiros, e naõ dá para iſſo mais que huma razaõ, ſendo que podera dar mais: tal vez he maxima de juizos grandes naõ dizerem tudo; mas eu como naõ poſſo ter taes privilegios, naõ hey de callar nada. He a razaõ do Conde, que naõ he credito de V. Mageſtade moſtrar, que naõ tem Vaſſallos, com que ſe aſſegure, quando tem muitos, com que ſe perpetue.

Que tenha V. Mageſtade Vaſſallos para o governo das armas, os ſucceſſos deſtas Campanhas o contradizem, que foraõ os que ſe ſabem, pela má diſpoſiçaõ de quem governa, ſendo que todos concorreraõ neſtas occaſioens. Dirá o Conde, que o anno paſſado, quando elle chegou, e mais o de Caſtello-Melhor, já Olivença eſtava entregue: aſſim foy, mas ſe chegaraõ tarde para o remedio de Olivença, haviaõ chegado cedo para o remedio de Mouraõ. Mas já que diz o Conde, que tem V. Mageſtade Vaſſallos, a cuja experiencia militar póde fiar a ſua perpetuidade; moſtre hum que tenha governado Exercitos, dado batalhas, expugnado, e defendido Praças, e em fim, que haja adquirido nome com facçoens militares. Nenhum moſtrará o Conde; porque o mais que póde moſtrar, ſaõ alguns homens, que ouviraõ como ſoldados, mas nenhum que obraſſe com o General, e ha grande differença de huma couſa a outra.

Senhor, a hi naõ houve mais que hum Salamaõ com ſciencia infuſa; com ella ſoube tudo ſem experiencias; os mais homens ſem experiencias nunca ſouberaõ nada. A guerra atégora naõ ſe illuſtrou de grandes acontecimentos; em pilhagens conſiſtiraõ

ſiſtiraõ quaſi todas as facçoens. Com que os Portuguezes faltos de experiencias militares achaõ-ſe hoje mayores pilhantes, que grandes Soldados, logrando-ſe a ſeus inimigos a politica de os ter bizonhos com os ter ocioſos; politica ainda hoje mais advertida, pois naõ faltaõ homens que ſuſpirem por aquella paz, de que ſe originou eſta ruina. O contrario póde ſer daqui em diante, pois reſolvendo-ſe V. Mageſtade a capitanear ſeus Exercitos, com a differença de guerra ſe fará Portugal eſcola militar taõ famoſa, que em poucos annos poderá dar aos Eſtrangeiros os Cabos, que elles lhes pódem dar agora. Que naõ ſeja crédito moſtrar V. Mageſtade que tem falta delles, naõ ſey como diz tal o Conde, quando naõ póde ignorar os muitos exemplos que ha de Principes, que confeſſaraõ falta, ſervindo-ſe delles.

Apontemos os mais ajuſtados: Filippe II. pedio com encarecimentos ao Duque de Florença Chapin Vitelli para Meſtre de Campo General em Flandres, donde o foy em tempo do Duque de Alva, e do Commendador Mór

Luiz XIII. ſe valeo de Cabos Eſtrangeiros, e foy ſeu Tenente General em Alemanha Guilhelmo, Lanſdgrave de Haſſia, com ſoldo de doze mil eſcudos; tambem Bernardo de Waimar foy ſeu General em Alſacia, e na Borgonha. Urbano VIII. contra os Principes colligados chamou a Monſieur de la Valency, e D. Vicencio de Alemanha; aquelle Francez, e eſte Napolitano. Mas para que ſaõ tantos exemplos, ſe ha tantos que allegar? Só os que me occorrem ſerá proceſſo infinito. E que mayor credito de V. Mageſtade, que trazer hum Prin-

cipe á ſeu ſoldo? Os Cabos famoſos de outras Naçoẽs, naõ ſó entendo que ſerá grande credito a V.Mag. ſe naõ meyo de ſoldar a quebra da reputaçaõ perdida; porque ſe moſtra ao mundo, que naõ por falta de valor, ſenaõ de Cabos, ſe malogrou o intento de levar Badajoz, e de ſoccorrer Olivença; e vendo as Naçoens, que V. Mageſtade intenta remediar eſta falta, entenderáõ, que ſe aparelha para grandes facçoens, couſa que já muito duvidaõ, e que tem Exercitos, pois buſca Generaes: Mas reſpondermehaõ, que em elles eſtando em Portugal, logo ſe deſenganaráõ deſta preſumpçaõ, vendo o limitado poder de V. Mageſtade.

Senhor, he preciſo que para a offenſiva, ou defenſiva guerra faça V. Mag. Exercitos; e fazendo-os naõ ſaõ elles taõ deſpreziveis, naõ diſſeſſe Monſieur de la Lande do que foy a Badajós: Que nunca vira de huma Naçaõ taõ poderoſo Exercito. O valor, e o numero, lhe concedeo admirado, ſó as experiencias dos Cabos accuſou ſempre. O meſmo podéra dizer pelo que foy ao ſoccorro de Olivença; e quaſi tambem o meſmo pelo que recuperou Mouraõ.

Tambem ſe difficultará, que os Portuguezes mal obedientes a ſeus naturaes, naõ obedeceráõ aos Eſtrangeiros; aſſiſtindo V.Mageſtade nos Exercitos, que ſó entaõ ſou deſſe votto, ſeraõ as diſpoſiçoens ſuas obedecidas como ordens de V. Mageſtade. De mais que naõ he razaõ, que os Portuguezes ſe aſſombrem de ver, que dous Eſtrangeiros lhes occupaõ nas ſuas terras dous poſtos, quando elles nas outras terras ſempre occuparaõ tantos: dous homẽs naõ haõ de occupar mais que dous lugares,

res, e isso naõ ha de ser sempre; os soldos, que haõ de tirar, tambem lhe fará difficuldade; nunca póde ser despeza exorbitante o gasto do soldo de hum, ou dous sujeitos, por avantajados que sejaõ; e o Reyno naõ se casa com elles: se os achar uteis, o mayor gosto será o mayor proveito; e se os naõ achar uteis, com a facilidade com que os chamou, com a mesma os póde despedir. Fiar tudo de Estrangeiros, tambem parecerá muito. Naõ seraõ elles taõ arbitros, que obrem sem dar razaõ; nem os Portuguezes taõ cegos, que naõ vejaõ o que elles obraõ: e se saõ taõ cegos, como querem logo governar? Mas se damos que sejaõ os Cabos necessarios, naõ ha de poder mais hum temor imaginado, que huma necessidade evidente; mas se V. Magestade se resolver chamallos, advirta primeiro em o natural de cada hum, que ElRey de Hespanha, chamando de Flandres Piccolomini (que tambem era Estrangeiro, e natural de Sena) para a guerra da Catalunha, achou que era muito arrojado, e tornou-o a mandar para Flandres; porque aguerra de Hespanha quer Capitaõ mais fleugmatico, que arrojado; e a de Flandres mais arrojado, que fleugmatico.

Porém, Senhor, tome primeiro V. Magestade outro conselho, e logo verá se lhe convem tomar este; mostre-se armado na Campanha a seus Vassallos, e a seus inimigos: Veja V. Magestade, que quanto se mostrar disposto a resistir ás armas Castelhanas, tanto ha de assegurar a fé dos Portuguezes; porque se esta vacilla em alguns animos (cousa que muito duvido) naõ he amor que se tenha ao Dominio de Castella, he meyo que se tem á defensa de Portugal: assegure-se V. Magestade com a espada na

maõ;

maõ; olhe para ElRey de França, que veſtindo as armas de poucos annos, he hoje hum dos grandes ſoldados, que tem Europa. *La preſencia del Turco aprieta mucho*, dizem os Caſtelhanos: bem o experimentaraõ com ſeu applauſo, e bem o deixaõ experimentar com ſua ignomia. Em quanto os Reys de Heſpanha andaraõ nas guerras, foy formidavel aquella Naçaõ; tanto que deixaraõ de andar nellas, naõ houve Naçaõ que ſe lhe naõ atreveſſe.

Waimar fez obrar prodigios aos Suecos ſó com lhes lembrar o ſeu Rey; porque dizendo-lhes na batalha de Luzent, que quem amava as memorias de ElRey, o ſeguiſſe; os inflãmou de ſorte, e de tal maneira, que atacaraõ com tanto ardor aos Imperiaes, que os romperaõ por aquella parte. Pois ſe os Suecos obraraõ tanto ſó com a memoria do ſeu Rey, que obraráõ os Portuguezes com a preſença de V.Mageſtade? E V.Mageſtade, que fará vendo-os obrar a elles? Encenderſe-ha em dilatados deſejos de premiar ſeus merecimentos, de que reſultará darſe o premio ao valor, e naõ á valia; com o que os Soldados peleijaráõ ſatisfeitos, e os Povos naõ contribuiráõ queixoſos, conſequencias que ſempre importaraõ Reinos. Seguem-ſe tantas de que V. Mageſtade ſeja ſoldado, que até ſe póde dizer que os Conſelheiros de Guerra, ſeguindo entaõ a V.Mageſtade, ſeraõ tambem grandes Soldados, que de naõ o ſerem, ſe tem occaſionado grandes damnos; ſe he que as queixas que ſe ouvem, tem fundamento.

Naõ cuidem os grandes, que por V.Mageſtade ſer Soldado deixaráõ elles de ſer poderoſos; que antes o poderáõ ſer mais; pois pelo caminho das armas poderáõ chegar a mayores grandezas. Quem ſe ſabe

ſa-

fazer lugar com o juizo, saiba fazerse lugar com o valor. Assim o creyo que o saberáõ fazer todos; mas naõ creyo que todos queiraõ approvar este conselho. Deos permitta que seja sempre o mais acertado o que elles derem a V. Magestade que Deos guarde, com os mayores triunfos na guerra, e com as mayores felicidades na paz, que todo o leal Vassallo sabe dezejar.

CARTA I.

Ao Marquez de Niza, copiada do original, que conserva o Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Unhaõ.

EXcellentissimo Senhor. Como a vida do Noviciado he taõ conforme ao meu humor, ainda que me falte a virtude, naturalmente me hey de achar bem com ella, e ainda melhor depois que se acabar a pensaõ destas primeiras correspondencias, que he o mesmo que depois que for mais noviço, e mais meu.

Quanto ao negocio de Monsr. Briana, basta que seja parecer de V. Excellencia para que o tenha eu por muy acertado; e se em outro tempo o foy, quanto mais na occasiaõ presente, que he a ultima, e a mayor que havemos de ter, e em que se naõ deve escusar nenhuma das diligencias, e negociaçoens possiveis; pois no bom succesſo dellas nos vay tanto por naõ dizer tudo. A tarde de a manhã he occupada com o correyo, sirva-se V. Excellencia que seja eu o que vá, e outro dia haverá em que esta

Casa

Caſa receba a honra, que V. Excellencia lhe quer fazer. Guarde Deos a V. Excellencia como deſejo. Noviciado, ſegunda feira.

Antonio Vieira.

CARTA II.

Ao Marquez de Niza, copiada do original, que conſerva o meſmo Excellentiſſimo Conde.

Pax Chriſti.

EXcellentiſſimo Senhor. De Londres eſcrevi a V. Excellencia com os deſpachos de S. Mageſtade, que vaõ neſte correyo debaixo dos maços do Embaixador de França. E poſto que o meu intento era paſſar a Bolonha, ſoube depois que aquelle porto anda continuamente infeſtado de fragatas de Oſtende: pelo que me reſolvi a vir no Paquebote de Calez, trazendo paſſaporte, e recõmendaçaõ do Embaixador, para nem aqui, nem nas outras Cidades nos impedirem; o que aviſo a V. Excellencia, porque hum Portuguez vindo de Ruaõ, que achey em Doures, me diſſe o cuidado com que V. Excellencia eſtá da minha chegada, que verdadeiramente foy arriſcadiſſima, mas já a Deos graças eſtamos livres de perigos do mar; que até neſta ultima paſſagem naõ faltou enfadamento. De todos os meus trabalhos eſpero achar o alivio na preſença de V. Excellencia, em que me verey quarta, ou quinta feira, que pelas muitas chuvas, e minha pouca ſaude naõ he poſſi-

possivel tomar a posta como desejara, e o pede a importancia dos negocios. Ao Senhor Residente, e ao R.P.Fr.Francisco me recommendo. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos como desejo. Calez em 3 de Setembro de 1647.

Antonio Vieira.

CARTA III.

Ao Marquez de Niza, copiada do original, que conserva o mesmo Excellentissimo Conde de Unhaõ.

EXcellentissimo Senhor. Pelas cartas, que em outros navios haveraõ chegado, terá V. Excellencia entendido como Sua Magestade, que Deos guarde, me manda a essa Corte a servir nella alguns dias a V. Excellencia; circunstancia, que só me poderá facilitar a obediencia de taõ trabalhosas jornadas, como eu tenho experimentado estas.

A presente foy a mais cheya de perigos, e infortunios, que já mais se padeceo nesta carreira, faltandonos só a morte, mas naõ os riscos della, que quasi naõ houve dia sem susto; cuja relaçaõ reservo para a presença: alfim a cabo de 39 dias de viagem, havendonos tomado os Dunquerquezes hum pataxo Francez, que me havia de lançar no Aura da Graça, cheguey em huma náo Ingleza ao Porto de Doures, donde logo tratey de atravessar a Calez, mas achey estar a Cidade impedida de peste, com que foy necessario dilatar, e mudar o caminho. E porque o dinheiro, que trouxe comigo, era pouco,

e aqui tem grandiſſimas quebras, nem achar mercador, que mo deſſe, foy força ir negociallo a Londres, onde vim pela poſta, trazendo comigo as cartas de todas as embaixadas para daqui as encaminhar, como faço, por maõ do Senhor Embaixador de França, debaixo de cujos maços iraõ ſeguras, reſervando ſómente aquellas, que naõ poſſo apartar de mim. A' manhã parto outra vez a Doures a embarcarme, e procurarey com toda a brevidade acharme aos pés de V. Excellencia. Guarde Deos a V. Excellencia muitos annos como deſejo. Londres 26 de Setembro de 1647. *Antonio Vieira.*

Poſtdata.

Vaõ tambem os maços das Senhoras Marqueza, e Condeſſa, e outro para o Senhor Reſidente, a quem beijo a mão.

CARTA IV.

Para o Conde da Caſtanheira.

NAõ ſey quando ha de chegar huma frota, que nos diga, quando acabaraõ de ter fim as eſperanças, com que tantos annos ha nos tem alvoroçado, e ſuſpenſos. As do caſamento de Alemanha naõ falta quem cuide, que depois de eſtar effeituado nos naõ livre de novos empenhos, que ſe já occaſionaraõ receyos ás Coſtas do Algarve, a eſtas que ſaõ tanto mais dilatadas, e tanto mais remotas, os cauſe mayores. E quanto V. Senhoria mais celebra os ſoberanos merecimentos da Princeza, que Deos guarde, taõ conhecidos em todo o mundo, tanto mais

mais me admiro, que o meſmo mundo ſe naõ arme contra eſte deſcuido, e nos obrigue por força a dar cumprimento aos vaticinios, que préguey em ſeu Real naſcimento: mas Deos, que governa de mais alto, e vê o que nós naõ podemos alcançar, por ventura ſe eſtá rindo do que nós nos laſtimamos.

A que V.Senhoria chama tempeſtade da moeda, ſempre a cauſou muito grande todas as vezes que nella houve mudança: em quanto nos naõ reſolvemos, em que o pezo, como ſe uſa em toda a Europa, faça juizes aos meſmos, que compraõ, e vendem, do que haõ de receber, ou rejeitar de qualquer parte que venha o que ſe peza, todas as outras leys, e penas ſeraõ de pouco effeito. Cá ſe trata de outra introducçaõ, que muitos querem ſeja de moeda provincial differente da do Reino, como na India; mas em quanto ſe naõ tomar o meyo, que ſigo, ſem gaſtos de caſa da moeda, nem mais que as balanças dos vendedores, naõ ſerviráõ eſtas novidades mais que de embaraçar o comercio, e dar novas occaſioens de roubos aos Eſtrangeiros. Tudo iſto ſe entende dando á prata, e ouro o valor extrinſeco reſpectivamente a Caſtella, e aos mais Reinos da Europa, que antes os convide a meter o dinheiro no noſſo, que ao vedar. O Senhor Marquez das Minas leva as propoſtas, com cujas informações como de taõ diligente, e zelozo Miniſtro poderá S.Mag. reſolver o que mais convenha a hum Eſtado taõ opprimido como eſte, ſe naõ he que temos outros mais proveitoſos, pelos quaes os deſprezemos. Deos guarde a V.Senhoria muitos annos. Bahia 10 de Julho de 1689.

Criado de V. Senhoria.

Antonio Vieira.

CARTA V.

Para o Conde da Caſtanheira.

SEnhor. V. Senhoria me dá os pezames dos achaques, com que vivo, e juntamente o parabem da enfermidade, com que hey de morrer: iſto he, por outras palavras, da minha pouca ſaude, e do meu muito amor, que ſe elle naõ fora muito, e mais que muito, naõ me obrigara a eſcrever tanto, como naquella occaſiaõ eſcrevi; e naõ ha pouco que agradecer tanto a V. Senhoria, quanto V. Senhoria me ſignifica, ſendo V. Senhoria hum membro taõ principal daquella Caſa, onde a meſma eſcritura, tocando-lhe taõ de perto, agradou taõ pouco, que naõ mereceo a aceitaçaõ de providencia, para o credito do que naõ eſtá na noſſa maõ; pois os que diſſerem que erro, naõ diraõ que adulo. Servir aos futuros, pagar aos paſſados, e naõ dever nada aos preſentes, he a mayor felicidade de quem fugio dos homens para ſó procurar a Deos, o que elles lhes naõ pódem dar, nem tirar: a eſte meſmo amor pertencem as ancias, com que ſempre eſpero as boas novas da Senhora Infanta, e ſinto, e me alegro com as que V. Senhoria me dá, ſegundo ellas ſaõ. Depois de ficar vivo o primogenito da Caſa da Rainha noſſa Senhora, me eſcreveraõ de Roma ſe combinava lá hum caſamento, de que tambem ſe falla em Portugal. Deos eſcolha a S. A. o que for de mayor goſto ſeu, e bem noſſo, e a V. Senhoria, meu Senhor, guarde com os annos

de

de vida, e felicidade, que com todo o coraçaõ a V. Senhoria deſejo. Bahia 14 de Julho de 1690.

Criado de V. Senhoria.

Antonio Vieira.

CARTA VI.

Ao Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Souſa, copiada do original, que me communicou o R. P. D. Antonio Caetano de Souſa, C. R.

SENHOR.

QUando acabey de lêr a Carta, que recebi de V. Excellencia neſta frota, acabey tambem de conhecer quanto merece o meu coraçaõ a V. Excellencia a ſingular mercê, que V. Excellencia, em todas me faz. Pague Noſſo Senhor a V. Excellencia eſtes affectos taõ proprios de benignidade, e grandeza, a que eu ſó poſſo correſponder com a perpetua acçaõ de graças na quotidiana memoria de meus ſacrificios.

Pelas noticias, que V. Excellencia me dá da noſſa, e alheya Europa, darey a V. Excellencia as da Africa, Aſia, e America. Da Africa chegou aqui, e ſe deteve alguns mezes hoſpede do Senhor Governador o Senhor D. Joaõ de Lancaſtre, recebido de toda a Bahia com tantos applauſos, como partira della com iguaes ſaudades ás que deixou em Angola.

Da

Da Aſia tivemos da India náo, que naõ quiz eſperar a companhia da Frota, e nella o P. Carolla, que lá ſervio de Secretario de Eſtado, e com fé de Miniſtro diſſe, que ficava em paz, com que ſe ſocegaraõ os receyos dos que lhe deſejavaõ mayores ſoccorros, que os de huma náo, e ametade de outra.

Na America devemos á miſericordia divina dous particulares favores neſte anno. O primeiro he, que nem aos hoſpedes, nem aos naturaes mordeo a bicha. Contra ella eſcreveo hum douto tratado o noſſo Boticario Francez André da Coſta, e ſeria dobrada deſgraça, ſe continuaſſe a nos morder o ſeu veneno; porque de todos os navios da Frota ſó faltou huma charrua, em que vinhaõ as boticas, e ſe ſuppoem tomada pelos Mouros. Dos outros Piratas que coſtumavaõ infeſtar eſta Coſta, tambem eſteve totalmente livre, o que ſe attribue a ſaberem elles, melhor que nós, que naõ podiaõ ter as prezas do Rio da Prata, onde naõ ſó por ordem delRey de Caſtella, ſenaõ tambem de S. Mageſtade, que Deos guarde, eſtá prohibido o comercio reciproco de huma, e outra parte; e por carta do Governador do Rio de Janeiro conſta eſtarem na Terra nova trezentos mil cruzados, e no meſmo Rio ſeiſcentos totalmente ſuſpenſos, e ſem ſahida. Muito ſentiraõ eſta perda os mercadores de Portugal, mas por cauſa delles a padece mayor o Braſil.

Eſtes navios, de que hoje temos no porto da Bahia trinta e hum, antigamente eraõ frotas de mercadores, que vinhaõ comerciar, hoje ſaõ armadas de inimigos, e Piratas, que vem ſaquear o Braſil; porque antigamente traziaõ dinheiro, e levavaõ drogas,

gas, e de muitos annos a eſta parte levaõ as drogas, e mais o dinheiro, achando mais conta a levar dous cruzados em prata, que naõ pagaõ fretes, nem direitos, e logo ſe pódem empregar, que mil reis em aſſucar, ou tabaco, que ſobre tantos tributos haõ de eſperar as dilaçoens das deſcargas, vendas, arrecadaçoens, &c. e por eſta cauſa, como todos os prudentes ſempre temeraõ, ſe tem acabado, e extincto totalmente a moeda, reſtando ſómente alguns poucos toſtoens duas, e tres vezes marcados, que valem doze vinteis, os quaes forçoſamente ha de deixar ao hortelaõ quem vay comprar hnma couve, por falta de todo o genero de trocos, o que naõ ſe achará em Republica alguma da Cafraria.

Por cauſa deſta miſeria, em que os pobres ſaõ os mais damnificados, ſe propoem a S. Mageſtade o unico remedio da moeda Provincial, em que V. Excellencia fará hum grande ſerviço a Deos, ſe favorecer eſte meyo com o ſeu voto, como taõ experimentado, ſobpena de pararem os engenhos por falta de fornecimentos a ſuas taõ cuſtoſas fabricas, pois ſem dinheiro naõ ha quem compre, nem venda.

Pela muita mercê, que V. Excellencia faz a meu Irmaõ, dou a V. Excellencia as graças, pedindo conſerve V. Excellencia na ſua aquella caſa; pois he de taõ fieis criados de V. Excellencia, que Noſſo Senhor guarde muitos annos como deſejo, e Portugal ha miſter. Bahia 5 de Julho de 1692.

Criado de V. Excellencia.

Antonio Vieira.

M E-

MEMORIAL,

Que deu o Padre Antonio Vieira a ElRey D. Pedro II. em o qual lhe pede licença para renunciar em seu sobrinho os seus serviços, de que faz huma succinta relaçaõ.

SENHOR.

FOy V. Alteza servido mandar, que Gonçalo Ravasco acostasse ao seu requerimento Certidaõ das mercês, que se fizeraõ a seu pay Bernardo Vieira Ravasco; e porque esta interlocutoria he muy propria da razaõ, e justiça de V. Alteza, apresenta Antonio Vieira por parte do dito Bernardo Vieira outras duas Certidoens, huma das mercês, que se lhe naõ fizeraõ, e outra das que se lhes desfizeraõ.

Certidaõ das mercês, que se naõ fizeraõ a Bernardo Vieira.

NO assento da mercê, que se fez ao dito Bernardo Vieira de lhe succeder seu filho por sua morte no Officio de Secretario de Estado do Brasil, se diz, que além dos seus serviços militares, e politicos lhe faz V. Alteza a dita mercê, em consideraçaõ dos serviços de seu irmaõ o P. Antonio Vieira, que por varias vezes foy a França, Hollanda, e Roma a negocios de muita importancia; e porque a justiça pede sejaõ presentes a V. Alteza os ditos servi-

ſerviços de Antonio Vieira, ſe apontaõ aqui ſummariamente, para que ſe veja a proporçaõ, que tem com elles a dita mercê; e ſaõ por mayor os ſeguintes.

Deſde o anno de 41, ſervio Antonio Vieira de Prégador de S. Mageſtade, e eſte officio (ſe elle o naõ exercitara com taõ pouca ſufficiencia) coſtumaõ premiar os Reys com os accreſcentamentos, que moſtraõ os exemplos ordinarios de Caſtella, e muitos de Portugal.

No anno de 41 pelos apertos, em que ſe achava o Reino com as guerras de Caſtella, e Hollanda, elle foy o primeiro, que ſuggerio a S. Mageſtade, e deu por eſcrito o meyo de ſe fazer huma Companhia oriental, e outra occidental; feita eſta ſegunda, com que ſe reſtaurou Parnambuco, e Angola, e teve com que ſe ſuſtentar o Reino; e ſe ſe fizera a primeira, tambem ſe reſtauraria a India, ou quando menos ſe naõ perdera o què nella tinhamos.

No anno de 45 foy mandado por Sua Mag.ª a França, e Hollanda, para aſſiſtir á compoſiçaõ da paz, e principalmente para informar a S. Mageſtade dos negocios de todas as Embaixadas, como fazia, e devia ſer com algum acerto, porque ordinariamente ſe conformava Sua Mageſtade com o ſeu parecer.

No meſmo anno com hum papel, que mandou a Portugal, impedio que ſe naõ deſſe aos Francezes huma das noſſas Fortalezas de Africa.

No anno de 47 eſteve nomeado para companheiro de D. Luiz de Portugal na Embaixada de Munſter, que naõ teve effeito.

No meſmo anno tornou a França, onde impedio a vinda do Principe de Condè a Portugal, como

queria o Cardeal Mazarino em lugar do Duque de Orleaens, que de cá se pedia; sendo este negocio de tanta consequencia, que no tal caso se perdia a soberania da Coroa, a qual soberania sacrificavaõ á necessidade os votos dos ausentes.

E passando a Hollanda, obrou com tanta satisfaçaõ, que Sua Magestade lhe mandou Patente, e Carta de crença, para ficar em lugar de Francisco de Sousa Coutinho, de que se excusou, por ser exercicio publico taõ alheyo do seu habito.

No anno de 49, tornando a Lisboa, avisou a S. Magestade pelas conjecturas do que tinha visto, que Sigismundo, Governador de Hollanda em Parnambuco, havia de ir sitiar a Bahia (como com effeito foy dahi a tres mezes) e naõ tendo a Fazenda Real com que apresta a Armada, que lá foy do Conde de Villapouca, Antonio Vieira em tres horas negociou trezentos mil cruzados effectivos, com que a dita Armada se apresta, foy, e fez levantar o sitio.

No anno de 30 foy mandado por Sua Magestade a Roma a tratar o casamento do Principe D. Theodosio com a filha unica de ElRey Filippe, que hoje he Rainha de França, levando ordem para ir de Roma a Madrid.

Na mesma jornada lhe commetteo Sua Mag.ª a direcçaõ, e levantamento de Napoles, que se lhe offerecia, com poderes absolutos de resolver per si só, sem outro conselho, nem recurso o dito negocio, para o qual achou em Italia seiscentos mil cruzados com ordem ao Thesoureiro, que os despendesse á sua disposiçaõ; e que por hum simples escrito de Antonio Vieira se lhe levaria em conta; mas tudo se conservou em ser, por naõ terem so-

lido

lido fundamento as offertas dos Napolitanos, e por que no meſmo tempo veyo ſobre Portugal a Armada do Parlamento de Inglaterra, e ſe temia outra de Caſtella por via de Hamburgo, e Amſterdaõ, meteo Antonio Vieira em Portugal cincoenta mil cruzados de muniçoens, de que havia grande neceſſidade em huma de tres fragatas de guerra, que tambem ſe fabricaraõ por ſua ordem.

No meſmo anno ſahio de Roma no meyo dos Caniculares com evidente riſco da ſua vida, obrigado da grande potencia, que entaõ tinha Caſtella naquella Curia; e a occaſiaõ foy haver ſabido El-Rey de Caſtella os intentos de Napoles por revelaçaõ (como ſe crê) de N. nomeado no meſmo tempo Embaixador de França, a quem ſeraõ as inſtrucçoens de Antonio Vieira, como a Antonio Vieira as ſuas.

Foy inſtrumento deſta expulſaõ o Duque do Infantado Embaixador de Caſtella, o qual diſſe ao Geral da Companhia, que o ſeu Rey lhe ordenava em todos os eſtafetas, que naõ conſentiſſe Antonio Vieira em Roma, e que ſe elle Geral o naõ fazia ſahir, elle Embaixador o havia de mandar matar.

No anno de 51 foy eleito para ir a Saboya tratar o caſamento do Principe com huma filha daquella Caſa, o que elle diſſuadio, por naõ ſer conveniente, eſtando preſente á conferencia o meſmo Principe.

Em todas eſtas jornadas, em que Antonio Vieira paſſou ſete vezes o Canal de Inglaterra, e duas o Golfo de Leaõ, e quatro atraveſſou França, e a mayor parte de Inglaterra, e Hollanda, ſe naõ deve paſſar em ſilencio duas couſas, a primeira os

continuos riſcos de vida, em que andava metido, naõ havendo lugar para elle ſeguro, nem no mar, nem na terra, por em toda a parte termos entaõ muitos inimigos ſujeitos a Caſtella, e á Caſa de Auſtria, e principalmente os Caſtelhanos, os quaes por beneficio da paz naõ ſó tinhaõ Miniſtros em todas as Cortes, Portos, e Naçoens, ſenaõ muito ſequito nellas, aſſim de naturaes, como eſtrangeiros. A ſegunda he a pouca, e nenhuma deſpeza, que Antonio Vieira fazia neſtas jornadas, nas quaes nunca tratou de authoridade, contentando-ſe com hum mochila, que lhe tiraſſe as botas, e reſtituindo outra vez á Fazenda Real, o que lhe ſobejava das ajudas de cuſto, que elle naõ aceitava, ſenaõ muito limitadas; e baſta por prova de ſeu deſintereſſe, que mandando S. Mageſtade ao Marquez de Niza, Embaixador em Pariz, lhe deſſe para os ſeus livros até vinte mil cruzados, elle naõ aceitou dous toſtoens para comprar com elles hum diurno.

No mais tempo da vida de Sua Mageſtade, em que Antonio Vieira reſidio em Lisboa, naõ eſtava ocioſo no ſerviço Real; porque além das quotidianas conferencias com S. Mageſtade aſſiſtia em quaſi todas as juntas ſecretas dos negocios mais graves, naõ havendo nenhum, que ſe lhe naõ communicaſſe, e havendo muitos, que ſó delle ſe fiavaõ, e para iſſo tinha cifra particular fóra das Secretarias, de que ſó tinha noticia Pedro Fernandes Monteiro.

No anno de 61, governando já a Rainha, que eſtá em gloria, tambem aſſiſtio ſempre em todas as juntas de Miniſtros mais confidentes de Sua Mageſtade, e de V. Alteza, ſendo elle o inſtrumento mais immediato, que por ordem dos mais propunha, e ſolicitava as ultimas reſoluçoens. No

No meſmo anno trabalhou quanto he notorio, para que ſe effeituaſſe a ſeparaçaõ de V. Alteza taõ neceſſaria á conſervaçaõ do Reino; e poſto que Antonio Vieira foy hum dos criados nomeados, para o ſerviço de V. Alteza, e dos mais proximos á peſſoa, ſó eſte lugar naõ teve entaõ effeito, nem depois memoria.

Por eſta cauſa entrando a governar o Senhor ReyD. Affonſo, o deſterrou logo, ſendo elle o primeiro de todos os deſterrados, e no meſmo deſterro houve de padecer mayores trabalhos, ſe delles o naõ aviſaſſe Joaõ Nunes da Cunha para que ſe retiraſſe; e ainda que eſcapou deſtes, naõ ſe livrou de outros mais ſenſiveis, procurados pelo meſmo governo, cuidando todos, que no ſeguinte ſe reſtauraſſem, pois eraõ padecidos por huma taõ honrada cauſa.

No anno de 69 foy Antonio Vieira buſcar o remedio a Roma, naõ podendo alcançar huma carta de favor de V. Alteza para o Embaixador de Portugal; mas neſte meſmo deſamparo achou naquella Curia, e ſeus Principes tanta aceitaçaõ, que nenhum Portuguez a teve mayor; e quando ſe podera dar por ſatisfeito com eſta, que outros reputavaõ grande felicidade, por ter aviſo, que V. Alteza naõ ouvira com muito agrado havello feito a Rainha de Suecia ſeu Prégador, no meſmo ponto tratou de deixar Roma, ſendolhe neceſſario para o deixarem vir fingir huma enfermidade, que ſó ſe podia curar com os ares patrios, e com effeito ſe paſſou logo a Portugal, onde poſto que naõ foſſe taõ bem agazalhado, nem por iſſo eſtá arrependido, tendo pela mayor fortuna de todas o eſtar perto dos Reaes pés de V. Alteza.

Em

Em cinco annos, e meyo, que eſteve em Roma, ſempre ſervio a Portugal nas batalhas das linguas do Mundo, que naõ ſaõ as que fazem menos guerra. Das Cartas eſcritas a D. Rodrigo, e Pedro Zuzarte, para ſe lerem a V. Alteza, haverá baſtantemente conſtado qual era o ſeu zelo; e do que no meſmo tempo meditava, e tratava, tambem conſtou a V. Alteza depois, ſendo ſó o ſeu intento, que nas que ſe repreſentaõ conveniencias da Caſa Real, podeſſe V. Alteza eſcolher ſempre o que foſſe melhor.

Finalmente na continuaçaõ de hum dos negocios, que aqui ſe inſinuaõ de dous annos a eſta parte, ſervio Antonio Vieira a V. Alteza de Official da Secretaria de Franciſco Correa, que poderá dar naõ pequeno ſacrificio, para quem ſe lembraſſe da differente confiança, que delle faziaõ os Senhores Reys Pays de V. Alteza.

Eſtes ſaõ, Senhor, por mayor os ſerviços de Antonio Vieira em trinta e oito annos, taõ baixamente avaliados nos regiſtos das mercês de V. Alteza, que ſó ſe allegaõ por parte do merecimento, para ſe dar a hum filho de proprietario o Officio de ſeu pay, que nenhum Rey de Portugal negou; e porque Antonio Vieira ſó conhece o ſeu zelo, e ſabe o que obrou, e padeceo em ſerviço de ſeu Rey, aſſim como naõ pede mercês por ſeus ſerviços, aſſim ſente muito, que haja Certidoens, em que ſe diga que eſtaõ premiados em ſeu Irmaõ, e com tal premio. Por eſta cauſa fez eſte breve reſumo dos ditos ſerviços, e lhe chama Certidaõ das mercês, que ſe lhe naõ fizeraõ.

Certi-

Certidaõ das mercés, que ſe desfizeraõ ao dito Bernardo Vieira.

A Primeira foy a do meſmo Officio de Secretario do Braſil, por quanto ſe lhe dividio a mayor parte dos proes, e precalços, e iſto por tres principios. Primeiro, a Relaçaõ que ſe inſtituîo de novo no dito Eſtado, pela qual ſe paſſaõ agora grande parte das proviſoens, que de antes pertenciaõ ao Governo. Segundo, os dous Governos de Parnambuco, e Rio de Janeiro, os quaes ſe levantaraõ com os Vice-Reys, e Governadores geraes, levando comſigo Parnambuco todas as Capitanîas do Norte, e o Rio de Janeiro as do Sul; com que o Secretario, que ſe chama do Eſtado, quaſi o vem a ſer ſó da Bahia. Terceiro, ter avocado aſi o Conſelho Ultramarino todas as patentes dos Officiaes de guerra de Capitaõ para cima, que dantes pertenciaõ áquella Secretaria, e ainda ficará mais defraudado o dito Officio, ſe os dizimos de todo o Eſtado ſe rematarem em Portugal, como he fama ſe pertende introduzir.

Da meſma maneira pertencia ao dito Bernardo Vieira a propriedade do Officio de Eſcrivaõ da Camara da Bahia, de que era proprietaria D. Catharina Ravaſco ſua irmã, por lhe ſer dado para dote, em ſatisfaçaõ de hum Alvará de ſeu pay, o qual Officio, ſendo delle, ſe deu aos parentes de ſeu marido, cujo naõ era.

Aſſim mais lhe pertencia, como herdeiro do Deſembargador Simaõ Alvares de la Penha, por ſua irmã D. Leonarda de Azevedo, o Officio de Procu

rador-

rador da Fazenda de Parnambuco, de que era proprietario, e ſem embargo deſte direito, foy já vendido duas vezes, huma por dezoito mil cruzados, e outra por quatorze.

Sobre tudo ſe tomaraõ ao dito Bernardo Vieira vinte mil cruzados em dinheiro de contado, que tinha neſta Cidade, a titulo de empreſtimo, para apreſto das náos da India, e naõ ſó pelo dito empreſtimo ſe lhe naõ fez mercê alguma, como he coſtume, mas ha quatorze annos, que ſe lhe eſtá devendo totalmente a dita quantia, de que tem recebido muito mayores perdas, do que ella vale, por haver comprado os fornecimentos do ſeu engenho no Braſil por ſubidiſſimos preços, e tomar dinheiro a juro, e cambio, para pagar a ſeus acredores, com que a ſua fazenda ſe tem deſtruido.

Eſtas ſaõ, Senhor, as duas Certidoens, que Antonio Vieira offerece por parte de ſeu Irmaõ, para que mandando-as V. Alteza pôr na balança de ſua juſtiça, ſe vejaõ com attençaõ.

Antonio Vieira.

DIA-

DIALOGUS
DE OCTO ORATIONIS Partibus
Á P. ANTONIO VIEIRA,

Societatis Jesu, olim Rhetorices Magistri in Collegio Parnambucensi.

ACTUS PRIMUS.

Magister, Tyro.

M. DIfficilis sanè Provincia, & aliàs temeritatis plena, non clam, sed in publico lucis theatro, alienas ab ætate, à studio, ab exercitatione commissas mihi hodie partes agere. Enim verò si ex Tyronibus miles exercitum ducere, aut qui remum vix attrectaverit clavum moderari auderet, non insignis tantùm audaciæ, sed periculi certissimi, suique exitii retis esset; quid de me ego censendum putem, cùm omnium scientiarum primam, hoc est Grammaticam, vix à limine salutaverim; si locum hunc conscendere non prætimuisse videar, sed nomen, officiumque Magistri confidenter assumere, personamque sustinere? Quod si totius eloquentiæ parens, ac decus Cicero ait: *Tota mente, ac omnibus artubus contremisco*; qua mente, quo consilio, seu potius qua dementia, atque furore arreptum, vel me expectatis dicturum, vel dicentem judicabitis? Faterer

quidem meam viri ornatiſſimi pluſquam Phaetonteam andaciam, ſi injuſſus, ac volens tanto me diſcrimini obtuliſſem. Sit tamen vobis is qui juſſit eo nomine excuſabilis, quod meæ ipſæ inopiæ, atque ignorantiæ conſcium primum hoc fortunæ tentamentum voluerit in capite nihil amiſſum experiri. Si enim aliquid laudis ex benignitate veſtra conſequar, glorioſum illa hodie me efficiet: ſin minus, qui nihil habuerim, nihil perdam.

Age igitur, ò Tyro animoſe, ac fortiter ſuppleat animus ætatem, ſuppleat ſapientiam.

T. Ecce ego ex puero vir, ex diſcipulo factus Magiſter: jam me ad Præceptoris non modo magiſterium, ſed magiſtratum componam. Jeſuiticam gravitatem, ac modeſtiam cum ea ſeveritate attemperabo, ut cecidiſſe de Cœlo repentè videatur (uti eſt in proverbio) tertius Cato. Nemo adoleſcentiam meam deſpiciat, nemo non vereatur. Maieſtatis larvam (ſi fas eſt dicere) ita perſonatus explebo, ut vultum in me videant omnes explicatum, faciem nullus. Nunquam exporrecta fronte, ſed contractis ſemper ſuperciliis per palpebras magis intuitus, quàm per apertos oculos, eos ſic in partes omnes è ſuggeſto ejaculabo, ut diſtractos, ac colludentes pueros viſu ipſo tremefaciam, imò feriam, ut ille alius dixit: *Valuit pro vulnere viſus.* O' ſi ſpeculum nunc haberem, in quo viderem me ipſum indignans, ſi non etiam exhorrerem, habitum quoque libenter mutaſſem! Sed quia totum non poſſum, abeat galerus, veniat pileus. O' quam ægrè ſe accommodat capiti noſtro, ut plane manifeſtum fuit, rotundum hoc, & venerabile verticis operimentum, uti ſacras infulas,

las, ad maiora capita nimium inſtitutum eſſe!

Armato me demum hac galea, Alumnos meos ad certamen litterarium vocatos audituri eſtis, viri humaniſſimi. Sed quid dignum auribus veſtris, ex grammaticis rudimentis eruere ipſi poſſunt, niſi rude admodum, atque informe! Amæniores eloquentiæ flores ex duplici alio viridario, nempe ex prima, & ſecunda Aula colligere vobis licebit, iiſque frui uſque ad delicias; in hac verò infima, & ultima, nihil expolitum, nihil excultum, ſed rudia omnia, & horrida, atque occultanda magis, quam videnda, ut fit in ædificiorum cimentis. Neque aliter de Grammaticæ artis principiis dici meritò, aut ſentiri poteſt, quam de ipſo mundi naſcentis exordio verè pronuntiatum eſt: *Rudis indigeſtaque moles. Nec bene junctarum, diſcordia ſemina rerum.* Sed quemadmodum gratiſſimum eſt parentibus imperfectos illos vocis conatus, infantium ſuorum volentium jam, ſed non valentium loqui divinare potius, quam audire; ita vobis non ingratum, ſed jucundiſſimum fore exiſtimamus, eoſdem jam provectioris ætatis Latinæ linguæ primordia balbucienter proprius, quam loquentes auſcultari. Et quia Claſſis hæc noſtra in ingreſſu Luſitani idiomatis ad Latinum, & in confinio utriuſque ſita eſt; talem eſſe vobis ſcenam hodie aperiemus, non Latinam quidem, neque Luſitanam, ſed Luſitanico-Latinam, ut gnaris utriuſque, vel unius tantùm, eo quo licet modo, ſatiſfiat. Habetis intentum: favete auribus, favete linguis.

ACTUS SECUNDUS.

De definitione Nominis.

Magiſter, Petrus, Franciſcus.

M. EN Belli ſignum Pallas dedit, & vos tuba ad arma vocat. Tu, Franciſce, eſto primipilaris. Primi prælii auſpicium tuis viribus committo. Tibi copiam facio eligendi quem velis cumque competitorem.

F. Heus, Petre, Magiſtro morem gerere fas eſt. Tecum mihi lubet in arenam deſcendere. Agedum. Linque moras. Si verò tibi mecum congrediendi inceſſit metus, detrectandi certáminis cauſas Magiſtro redde.

P. Ut ſibi irrumpit arrogans? Quis mihi metus futurus eſt! Certamen non recuſo, etſi quintuplex efficieris. Elige ex Orationis partibus, quam volueris: impugna, argue, propugnabo, & coarguam te falſitatis crimine.

F. Bene habet: De prima, nempe Nomine, diſceptabo. In primis quæro, & manus jam confero. Quid eſt Nomen?

P. Nomen eſt pars Orationis, quæ caſus habet, neque tempora adſignificat.

F. Euge, Euge. Si tam perniciter ſatis argumento facias, Philida ſemper habebis.

P. Numen mihi dextrum aderit.

F. Contra definitionem Nominis ſic paucis conficio. Datur Nomen, quod caſibus caret. Quid ad hæc? Perperam igitur aſſeris, Nomen eſſe illud, quod caſus habet. Li-

P. Liberè dictum: si probes, cedo, victoriamque canes.

F. Si probem? Anne dubitas? Gelu nomen est, non tamen casus habet.

P. Integra stat adhuc Nominis definitio. Gelu nomen est, inficias non eo; carere casibus, in hoc cardo rei vertitur. Probato ut vir est.

F. Attentas præbe aures.

P. Præbeo.

F. Casus, alii sunt obliqui, recti alii: sed sic est, *que o nome* Gelu neque obliquos, neque rectum habet: *Logo segue-se, que naõ tem casos.*

P. Apagesis cum tali assumpto! Si Gelu nominativum habet, genitivum, dativum, accusativum, vocativum, ablativum, quomodo obliquis privatur, & recto?

F. Audi, & responde. Casus obliqui semper secus desinunt, ac nominativus, adeoque obliqui nominantur: Gelu eodem modo usque desinit; vide *amabo* si obliquos habeat, atque rectum. Digito compesce labellum: præstat silere, quàm stulte loqui.

P. Parcius ista viris tamen objicienda memento. Nec tibi palmam feras, non victo hoste: si oppositam non acceperis responsionem, tunc me Harpocratem reddito.

F. Eia age: morulas ne intexito. Responde, responde.

P. Respondeo: Nomina alia sunt declinabilia, indeclinabilia sunt alia. Declinabilibus verum est quod asserebas nimirum à nominativo, diversas habere positiones, in obliquis, exempli gratia, sermo in genitivo habet sermonis, in dativo sermoni,

in

in accusativo sermonem, & sic de reliquis nominibus de declinatione simili, aut absimili gaudentibus. At vero in nominibus hujusmodi declinationem respuentibus nulla obliquitas apparet; imo perpetua rectitudine fruentes casus habent suos omnino similes, ut videre est in istiusmodi oratiunculis: adest gelu, en nominativus; terra plena gelu, en genitivus; simul est ablativus; fluvius gelu habet, en accusativus. Quæ de responsione tua fere sententiæ!

F. Optime, eleganter, appositè respondisti: cedo tibi dextram in amoris pignus.

ACTUS TERTIUS.

De octo Orationis partibus.

Magister, Chrysostomus, Gaudentius.

M. NUllus vestrum dubitat, an partes Orationis tamtummodo octo numerentur; ut apud me statuo, neque omnes primoribus labris hoc dubium degustarunt; eorum sapientiæ periculum faciamus. Quæro quot sunt Orationis partes?

Conticuere omnes, gelidusque per ima cucurrit
Ossa tremor.

Quid obmutescitis? Dicite audacter, errate confidenter: *Errando discimus omnes.*

C. Audentior ibo.

G. Ego plane satisfaciam, & adhuc arguendo veritatem indagare non recuso.

M. Macte Puer, dic amabo. Secundùm Archimagistrum

ſtrum noſtrum Patrem Emmanuelem Alvares, octo numerantur, ſed implicatus teneor; quæ dubitationis cujuſdam enodatio eſſe poterit? Quamobrem quemcumque qui pro communi ſententia ſteterit, nempe, quod octo ſint Orationis partes, ad litterarium certamen provoco.

G. Magiſter: Ecce ego Gaudentius æquo animo certamen accipio, & jam jam in theatrum prodeo.

M. O' dimicatorem egregium! Gaudenti audaciam laudo. Dubitationem bibulis auribus auſcultato.

C. Ego igitur quamvis imberbis, ſicut enim barba non facit Philoſophum, multo minus Grammaticum. Ego inquam, habita venia, aut facultate, dicam prius, quis ſim, & quibus ſtudiis aſſuetus. Mihi nomen Chryſoſtomus Dies, vel Diebus in ablativo abſoluto pro maiori elegantia. Studia mea non recentium, & juniorum libros evolvere, ſed ad primos fontes recurrere, & ibi me totum ingurgitare, & ardentem, atque inſatiabilem ſitim quoquo modo reſtinguere.

M. Attica prorſus eloquentia, Chryſoſtome, quam quæſo vertas in patrium idioma, ut ea fruantur omnes, atque delectentur.

C. Faciam. Quero dizer, que eſtudo pelas fontes, que ſaõ os Authores antigos, donde a doutrina ſe bebe pura, como cryſtaes, e naõ pelos regatos, ou torrentes, que ſaõ os Authores modernos.

Entre os antigos, pois, Marco Varro affirma, que as partes da Oraçaõ ſaõ quatro; mas pelo que tenho de moderno, digo, que ſaõ ſómente ſete. *Auditore ergo attente, ut vincendi, & convincendi artem, à me uno edoceamini.*

G. Deus bone, quam tumore montes parturiunt!

To-

Tomara que eſtiveſſe aqui o meu gato, *ut in murem naſciturum ſtatim inſiliret. Expectate Grammatici partum, & excipite cum riſu.*

C. Defende, que as partes da Oraçaõ ſaõ oito? Ora veja como provo, que naõ ſaõ mais do que ſete.

G. Naõ me mete medo o ſetenno; porque a febre naõ póde ſer mais aguda, que quem a ameaça.

C. Agora o ſentirá, quem ſe gaba de taõ valente. *Sic argumentor. Participium, prout caſus habet, idem valet ac Nomen, & cum tempora adſignificat, idem ac Verbum: ergo non conſtituit alteram Orationis partem; ac per conſequens*, morrem, e acabaõ no ſetenno. Moſtre cá o pulſo, que já lho vejo nas cores intercadente. Diga, diga o que quizer, que naõ pódem ſer ſenaõ treſvaríos.

G. Deixe-me repetir o argumento, e logo verá, que voſsê he o fraco, e naõ intercadente, ſenaõ cahido.

C. Repetir? Naõ conſinto tal. Iſſo he lá para os que eſtendem os argumentos ao martello, para gaſtar tempo. Aqui havemos reſponder com huma ſó palavra, nego, ou concedo. As armas de fogo, que tambem reſpondem, e a balla naõ aguarda talho, nem revés.

G. Sou contente. Participium idem valet ac Nomen, prout caſus habet, idemque ac Verbum cum tempora adſignificat, tranſeat antecedens: ergo non conſtituit diverſam Orationis partem: nego conſequentiam.

C. Provo evidentemente: Is, ea, id, non conſtituit diverſam Orationis partem à Nomine, & Prænomine; imo prout caſus habet, reducitur ad Nomen, ut pro loco Nominis ponitur, reducitur ad Prænomen: ergo etiam Participium, v. g. Amans, prout tempo-

tempora adſignificat, ad Verbum. *Bem ſey, que naõ tem que dizer: por naõ ficar callado, diga comigo, ſó triunfe, e toquem lá.*

G. Eſperem, e ſaibaõ primeiro, o que haõ de tocar. Veja como ſe lhe trocaõ os ſeus repiques em ſinaes de defuntos: conſole-ſe, que morre como tyſico, por lhe faltar o calor, e forças às ſuas razões. Concedo o antecedente, e nego a conſequencia, dando-lhe a mayor razaõ: o Pronome *Is, ea, id, cum habeat adæquatam Nominis rationem, recte reducitur ad Prænomen, ideoque non conſtituit diverſam Orationis partem à Nomine, & Prænomine.* Mas o Participio, em quanto tem caſos, naõ he *adæquate* Verbo; porque a definiçaõ do Verbo diz: *Neque in caſus declinatur*: o meſmo Participio, em quanto ſignifica tempos, naõ he *adæquate* Nome; porque a definiçaõ do nome diz: *Neque tempora adſignificat*: logo ſe o Participio naõ he *adæquate* Nome, nem *adæquate* Verbo; porque *numquam amplectitur adæquatam Nominis definitionem, nec Verbi*: ſegue-ſe, que faz, e conſtitue nova parte da Oraçaõ diſtincta, e diverſa das outras ſete, qual he a oitava: *Et quia participat eo Verbo, & Nomine, inde dicitur Participium, hoc eſt à parte capiendo.*

M. Optime, docte, & conſpicue.

G. Confirmo a minha repoſta com outra razaõ ſobre coherente, Grammatical, e para todos. Affirmar, que o Participio humas vezes hé Nome, e outras vezes he Verbo, com os Verbos naõ ſe póde dizer em conſciencia; porque he calumnia defamatoria, e infamar os Participios de traidores.

C. Póde haver mayor atrevimento, que querer Gaudencio

dencio paſſar dos bancos da terceira Claſſe, à Cadeira dos caſos?

G. Veja ſe provo, que he infamar os Participios de traidores. O Advogado, que na meſma cauſa advoga pelo Author, e pelo Reo, he traidor à Juſtiça. O Politico, que com os Chriſtãos diz, que crê em Chriſto; e com os Mouros diz, que crê em Maſoma, he traidor à Fé: logo ſe os Participios, quando ſe achaõ com os Nomes, ſe fazem Nomes; e quando ſe achaõ com os Verbos, ſe fazem Verbos, manifeſtamente ſe convencem de traidores; porque coſem a dous cabos. *Sed hoc nefas eſt dicere, minimeque tolerandum*: ſegue-ſe logo, que ainda que tenhaõ os Participios caſos, e participem dos Nomes; e ainda que os Participios tenhaõ tempos, e participem dos Verbos, nem ſaõ Verbos, nem ſaõ Nomes; mas conſervando em ſi meſmos huma generoſa neutralidade, formaõ nova, e diverſa parte da Oraçaõ, a qual naõ ſó enche, mas coroa o numero de oito.

M. Religiosè, & ſcrupulosè dixiſti, & nobilem hanc Orationis partem à calumnia, & infamia vendicaſti.

C. Eſtimara, que me declaraſſe mais iſto meſmo com algum exemplo.

G. Sou contente; e naõ ſó confirmarey o que diſſe com hum exemplo, ſenaõ com dous: o primeiro he do Creſpuſculo.

C. Do que?

G. Baſta que naõ ſabe o Senhor Chryſoſtomo Dias, que couſa ſeja Creſpuſculo? Creſpuſculo he aquella luz duvidoſa entre a noite, e o dia. Pois aſſim como o Creſpuſculo participa do dia, e da noite, e naõ he noite, nem dia, mas hum eſpaço differente,

te, ou meyo termo de ambos; assim o Participio, ainda que participe do Verbo, e do Nome, nem he Nome, nem he Verbo; mas outra parte da Oraçaõ diversa.

O segundo exemplo temo-lo na Sé, e naõ me acolho à Igreja. A Confraria de Nossa Senhora de Guadalupe he de gente parda. E naõ he certo, que os pardos participaõ dos pretos, e mais dos brancos? Nem elles o pódem negar. Pois assim como os pardos participaõ dos brancos, e naõ saõ da Confraria dos brancos, e participaõ dos pretos, e naõ saõ da Confraria dos pretos, mas fazem Confraria à parte; assim tambem os Participios, posto que participem dos Nomes, e mais dos Verbos, fazem, e constituem outra parte da Oraçaõ.

M. Appositè, & eleganter.

C. Eu me dou por convencido na questaõ.

G. Celebre-se, pois, o triunfo.

ACTUS QUARTUS.

De Prænominis definitione.

Magister, Narcisus, Hyacinthus.

N. MAgister? Antitypi cura de quadam Orationis distrahor, in votisque habeo Hyacintho hujuscemodi dubium dissolvendi.

M. Tuæ voluntati assentior. Hyacinthe, tecum res est. Dubitationem ut tollas, auribus attente hauri.

H. Mandata exequor.

N. Quid despicis? Jam non tollis cornua, & cristas

erigis? Servas ne in pectore aliquid metùs molestum, & grave? Ex vultu enim animum timore correptum nosco. Ne exalbiscas, atolle caput.

H. Perdere verba leve est. Cui satis est linguæ, frigida dextra jacet. Tuam dubitationem subtilitatis plenam expone, & quam in promptu responsionem habeam, facile cernes.

N. Sic quæro, ut quam falsa sit Prænominis definitio ad oculum probem. Quid est Prænomen?

H. Quid sibi vult apud te hoc Verbum probare? Putas ne probare idem esse, atque gustare ex farina, sacharoque condîta, seu (ut vulgo aiunt) Alcomenias?

N. Ne interrogationem fugias; responde ad rem, & postea experimentum facies, non esse ex sacharo, farinaque frusta condita, imo potius fellea argutiçnem, quam de Prænominis definitione proponam. Si forte quid sit Prænomen nondum ad tuas pervenit aures, in te descende. Quid ad hæc?

H. Inscitia confidentiam parit. Quod quæris, Narcise, Lippis, & Tonsoribus notum est. Prænomen est quod loco Nominis positum, certam, finitamque personam adsignificat.

N. Respondisti sub manus. Sic argumentor, doctè, egregiè. Datur Pronomen quod finitam personam non significat: ergo non bene definitur illud, quod finitam personam adsignificat.

H. Dari Prænomen quis dubitet? Quod finitam personam non significat, hoc opus hic labor est. Si probes, nulla unquam ætas de tuæ sapientiæ laudibus conticescet; sed curæ, quæ tuæ sunt, ne sutor ultra crepidam: disputa de iis, quæ te adhuc primordia Grammaticæ artis nondum collentem decent, puta

puta Musa, Dominus, &c. Linque Theologis, quid sit persona finita, aut infinita; aliter, quod paras, ipse subibis exitium.

N. Novi semper plura jactantem, attollentem vocem inaniter, & tandem indecore, è castris ad latibula raptantem: negatum probo: percepturus mentem excita.

H. Libet.

N. Probo in hac oratiuncula. Deus produxit Angelos, idemque produxit homines; sed sic est, *que o Pronome* Idem *nesta oraçaõ*, significat personam infinitam; *segue-se*, *que o Pronome* Idem etiam significat non solum personam finitam, sed infinitam.

H. Quis neget hanc veritatem; quamvis insectator sit Orthodoxæ fidei, qualis fuit Lutherus? Concedo iterum, atque iterum Deum esse infinitum. Necesse autem est animadvertere, ut hanc Prænominis definitionem radicitus intelligas; cum dicitur Prænomen esse illud, quod personam adsignificat, sic esse intelligendum, personam finitam hic esse determinatam, aliter nego: Hoc etiam colligitur ab ipsamet vi hujus verbi Prænomen: Quia Prænomen idem est, ac illud quod ponitur loco Nominis. Quapropter idem valet in hac oratiuncula: Deus produxit homines. Prænomen Idem, ac si nomen Deus. Quod ad memoriam reduxit iterum repeteret. Intelligis necne? Adhuc hæres in dubio?

N. Nequaquam. Pulchre, eleganter, venuste.

M. Magistraliter supra discipulum. Ludite Fistulis, tuba Canite.

ACTUS

ACTUS QUINTUS.

De octo Orationis partibus.

Magiſter, Chriſtophorus, Antonius.

M. Ela Antonine diſceptator accede. Exeat à fronte, ſeu aſſurgat ex adverſo Antegoniſtes tuus Chriſtophorus. Mars bone! Quam diſpar congreſſus! Videre mihi videor alterum duellum Davidicum. Puſillus cum magno, inermis cum armato, & humilis fortaſsè cum arrogante.

C. Diga Senhor Pigmeo, naõ deſmaye.

A. Reporte Senhor Gigante ſuas palavras, ſe naõ quer ouvir; que os pequenos temos o coraçaõ muito perto da boca.

C. Nem boca, nem coraçaõ cabe neſſe corpinho, e neſſe ſayo. Baſta que deſconfia de lhe chamar Pigmeo? Que cuida, que he diante de mim ſenaõ hum i junto a hum l?

A. Mas eſſe i traz hum pontinho, que lhe ha de dar hoje muito trabalho; e já que me quer afrontar em comparaçaõ de letras, ſaiba que nenhum Doutor do Mundo argumentou nunca com tantas, como eu agora. *Sic argumentor.* As letras do Abecedario ſaõ vinte e duas: as letras ſaõ parte da Oraçaõ: logo as partes da Oraçaõ ſaõ vinte e duas, e naõ ſó oito. Que diz agora o l a eſte pontinho do i?

C. Bem parece, que ha pouco que ſahio da eſcola, pois argumenta com o A, B, C. As letras do Abecedario ſaõ vinte e duas, *tranſeat maior.*

Que

A. Que quer dizer *tranſeat*? As minhas propoſições paſſaõ por merce, ou por miſericordia? Se naõ as deixarem paſſar, ellas abriráõ o caminho à viva força.

C. Ora já que hé ingrato no favor, que lhe fazem. *Nego maiorem.*

A. Nega, que as letras ſaõ vinte e duas? Ora veja como na eſcola tambem aprendi a contar. A, B, C, D, E, cinco; F, G, H, I, K, dez; L, M, N, O, P, quinze; Q, R, S, T, U, vinte; X, Z, duas; e ſaõ vinte e duas. Eiſaqui o como eſtá apanhado, naõ ſó às mãos, ſenaõ aos dedos.

C. Coitadinho, que pouco ſabe! E onde lhe ficou o gorgotil? Cuida que he o *& cætera* do A, B, C? Ora apanhe de codilho eſte quináo. O que os meninos chamaõ gorgotil, he i gorgotil, e ſaõ duas letras; o Y Grego, que elles chamaõ Ypſilon, e o til, de que nós principalmente uſamos naquelle aõ, que naõ cabe na boca das outras Nações: logo as letras do A, B, C, naõ ſaõ vinte e duas, ſenaõ vinte e quatro.

M. Fortiter arguis, ò Chriſtophore, & ſubtiliter! Si ab hoc modo te expedieris, ò Antonine, eris mihi magnus Apollo.

C. Para Magnus he muito pequeno, e para Apollo traz muy mal encordoada a cythara.

A. Ora veja como com eſſas cordas ato eu o ſeu argumento, e lhe amarro as mãos. Torno a dizer, que as letras naõ ſaõ mais que vinte e duas, e provo. O Ypſilon pertence ao I, o til ao M: logo naõ accreſcentaõ duas letras: logo naõ ſaõ mais que vinte e duas.

M. Optime; nec minus acutiſſimè.

Se

A. Se elle fora o L, como dizia, ſoubera que antes de ſi tinha huma deſtas letras, e a outra depois de de ſi, I, K, L, M.

C. Seja embora; mas para ſer aſſim, he neceſſario accreſcentar ao I huma raſgadura, e ao M hum penacho. O penacho ſerá para mim como vencedor; e a raſgadura para elle como roto, e vencido.

M. Nequaquam aſſentior. Nullus victus; ſed uterque victor. Congredientur iterum coronati ambo, & procedat argumentum.

A. Placet. As letras *per me*, ſaõ vinte e duas; *per te*, ſaõ vinte e quatro: *ſed ſic eſt*, que as letras ſaõ as partes da Oraçaõ: logo naõ ſó *per me*, mas muito mais *per te*, he falſo, e falſiſſimo ſerem as partes da Oraçaõ ſómente oito.

C. Aſſim como neguey a primeira vez a mayor, aſſim nego agora a menor. As letras ſaõ partes da Oraçaõ, nego.

A. Provo. O Nome, e o Verbo, e as demais ſaõ partes da Oraçaõ: o Nome, e o Verbo, e as demais compoem-ſe de ſyllabas, as ſyllabas compoem-ſe de letras: logo as letras ſaõ parte da Oraçaõ. E ſe naõ diga, que o todo naõ ſe compoem das ſuas partes, e dê a ſoluçaõ outra vez ao pontinho.

C. Darlhehey hum poço de ſoluções.

A. E como ſeraõ frias! E quantos alcatruzes lhe ſeraõ neceſſarios; e quantas voltas dará o jumento, para as tirar acima! Venha eſſe poço de ſoluções.

C. As letras ſaõ partes da Oraçaõ, diſtinguo: partes integrantes, concedo: partes proximas, nego: partes minimas, concedo: partes principaes, nego: parte das partes, concedo: partes da Oraçaõ, nego: em fim particulas, concedo: partes, nego.

Oh

A. Oh como me cheira a heresia isso das particulas!

C. Tape a boca; e para que lha tape com hum exemplo, ouça. O Mundo divide-se em quatro partes, cada parte em muitos Reinos, cada Reino em muitas Cidades, cada Cidade em muitas casas: logo porque as casas saõ parte das Cidades, as Cidades dos Reinos, e os Reinos da Europa, ou da Africa, seria bem que o Mundo se dividisse em casas? Pois assim como seria cousa ridicula dividir o Mundo em casas, assim he argumento digno de rizo, instar que a Oraçaõ se deve dividir em letras. Naõ tenho razaõ, Senhores? Todo o Mundo diz que tenho razaõ. Toquem lá.

A. Naõ toquem. *Contra sic urgeo, sic premo, sic convinco.* A Grammatica deriva-se de *gramma*, que quer dizer letra: as partes da Oraçaõ saõ as mesmas partes, de que se compoem toda a Grammatica: logo estas devem ser as letras.

C. Tudo palhada; porque se *gramma* quer dizer letra, tambem quer dizer herva.

A. Assim he. Por isso ha Grammaticos, e grammadeiros: *Et Deus, qui implet omne animal benedictione*, assim como para os corpos mais pequenos fez as letras, assim para os grandes creou a herva.

M. Diserte, Antonine, sed mordaciter. Parco quia jocose. Christophore, respondistis egregie: Et ratio est, quia partitio, si est moderata, parit distinctionem, si nimia, & minutissima, confusionem.

EPILOGUS.

SUpererat de reliquis Orationis partibus quæstiones excitare, sed enim ne puerorum ingenia rerum multitudine obruantur, opere pretium duximus eas, ad opportunum tempus provectioribus constitutum destinare, adeoque cogimur hodiernæ scenæ finem imponere: ac præterea constituto tempori inservire mos jubet. Omnes litterarii disceptatores grammaticali laureâ coronentur. Ego potestate qua in terris fungor, sic statuo, ac jubeo. Vosque, Auditores exornatissimi, in Thritonia sæcula felices vivite, & valetote.

Disse o Padre Antonio Vieira.

QUÆRIMONIÆ

Pro Discessu à Scholis Paranambucensis Licæi ad primarios Rhetoricæ Candidatos.

TAcendum potius mihi erat, ne vobis, qui adestis, Rhetorices Candidati, lacrymas elicerem discessurus, an moriturus: verum cum interrupta ægri animi suspiria lenta quasi sit exulceratio vulneris remedia, pro re pauca loquar, Alumni mei; ne longo verborum ambitu, vobis non tam fastidium ingeram, quam dolorem cogar (ut verum fatear) urbe, vel invitus excedere; dulce quippe amanti esset diutius immorari, nisi fortiora obstarent promulgatæ legis imperia. Discedendum igitur, aut moriendum mihi est, Adolescentes optimi.

Ipsa negent quamquam misero mihi facta recursum.

Manet enim vero, æternumque manebit nostra sub mente, repertum vestrum, ò Paranambucenses, obsequium, quo me per quinquenium præceptorem, an discipulum agentem obstrinxistis peramanter. Unum supereſt, quod scilicet vobis gratias haberem immortales: quas & cumulatas reddo, & cumulatissimas persolvo: venit igitur, & tandem aliquando

Venit summa dies, & ineluctabile tempus.

Quo Musis extremum valedicere necesse est, sed anxio amoris desiderio, & vario fluctuantis animi affectu.

Distrahor in partes, nec mens sibi pendula constat.

Discedendi itaque certus, cum develli nequaquam nat amore conjunctus animus.

Quando manere nequit corpore, mente manet. Ire simul, & immorari, si possem, meditabar; quod cum animo cogitabundus pensitarem, tragicum illud, ac vulgare carmen menti incidit.

Quem saberá discernir,
Antes que a vida se aparte,
Como se parte quem fica,
Como fica quem se parte!

GLOSA.

Ficar, e partir num dia
Manda Amor quando me ausento,
Partir he caso violento,
Naõ partir he covardia:
Nesta difficil porfia
Naõ sabe Amor discernir,
Se hey de ficar, ou partir,
Posto que a vida se acabe,
Se Amor discernir naõ sabe,
Quem saberá discernir.

Vacilando desta sorte,
A dous riscos vivo exposto,
Em ficar arrisco hum gosto,
Em partir persinto a morte:
Mas ainda que a vida importe,
Esta ausencia com tal arte,
O coraçaõ se reparte,
Que chegando a despedida,
Parece que perde a vida,
Antes que a vida se aparte.

Deste

Deſte affecto ſingular
Pódem todos colligir,
Que ſe he fineza o partir,
He mór fineza o ficar:
O partir he tributar
Obſequios, que ſacrifica
O coraçaõ, que ſe explica
Nas lagrimas, que derrama,
Porque entende quem bem ama,
Como ſe parte quem fica.

Mas já que neſta occaſiaõ
He força que chore auſente,
Soltay olhos a corrente,
Deſafogue o coraçaõ;
Rompey queixas a prizaõ,
E dizey da minha parte,
(Oh pena para explicarte)
Que neſta auſencia ſentida,
Fica a alma taõ partida,
Como fica quem ſe parte.

Aſſim diſcorre, quem reſoluto faz o diſcurſo interprete do ſeu penar: ſente a todo o exceſſo a alma na partida, o que amava a todo extremo na preſença. Divulgar a pena que ſente, parecerá deſdouro da fineza, mas he encarecimento do affecto; o communicar a dor, he buſcar alivio à magoa; diſſimular o incendio, he dar alimento à chamma: mais faz logo quem occulta a laſtima que ſente, que quem manifeſta a dor que o laſtíma. Mas oh que errado vay o diſcurſo, ſe fundado nos dictames da razaõ, ignora a ſemrazaõ do affecto! Tentear muitas vezes a feri-

ferida, hé renovar o ſentimento à chaga. A dor, que pelos meſmos olhos ſe explica, tem nos meſmos olhos a ſemelhança. Buſca acaſo nos olhos domicilio hum leve argueiro, e ſe a maõ por compaſſiva o quer tirar, tantas vezes dobra os remedios, quantas multiplica os aggravos. Aggravaõ-ſe os olhos, como potencia nobre, de que lhe queiraõ tirar o motivo da ſua pena, quem ſó lhe duplica a occaſiaõ da magoa; que quando a cauſa da dor he por grande intenſaõ, o ſolicitarlhe remedios, he inventarlhe martyrios. He logo martyrio do coraçaõ, que a dor laſtíma, buſcar remedios à chaga, que naõ tem cura. O que ſuppoſto, naõ procuro neſta partida em me ſentir, mais que accreſcentar razões ao padecer, e de articular queixumes, ſó lucro amontoar pezares, e hé a queixa, que a lingua explica, verdugo do alivio, que ao parecer lucrava. Defunto, pois, a todo o alivio, da ſepultura do goſto reſoluto em cinzas, renaſço Fenix para a dor ardendo em chammas. E ainda que o eſpaço de cinco annos, que neſte pateo vivi, o affecto dos ſogeitos que converſey, e o amor dos diſcipulos, que inſtrui, me dava ampla materia para exaggerar o ſentimento, ſómente da ſaudade me determino queixar. E poſto que tem deſculpa em ſer extenſo quem, como eu, ſe deſpede, talvez para nunca mais; por naõ exulcerar a paciencia dos que me eſcutaõ, reſumirey minhas queixas à breve clauſula de hum ay.

Ay tragica memoria, ay ſorte eſquiva,
Forte dor, cruel ancia, amarga auſencia,
Pois tendo as qualidades de exceſſiva,
Para matar tem menos de violencia!

Se

Se es nas dores, que cauſas, intenſiva,
Porque moſtras ſer outra na apparencia?
Mata pois em matarme a fogo lento,
Dure o mal, creſça a dor, viva o tormento.
Qual o cruel algoz, fero homicida,
Que lançando ao peſcoço o laço forte,
Porque o reo muitas vezes perca a vida,
Vay apertando o laço de tal ſorte,
Que eſtando já na extrema deſpedida,
Torna a afrouxar a corda; porque a morte
Sendo mais dilatada, e deshumana,
Ao paſſo que he mais lenta, he mais tyranna.
Que morra deſta ſorte às mãos da pena,
O meu penoſo fado o determina,
Na partida huma morte ſe me ordena,
A ſaudade outra morte me deſtina:
A lembrança a huma morte me condena,
O affecto mil mortes vaticina,
A huma alma digo? Mal diſcorro!
Mil almas tenho, pois mil vezes morro.
Morto me auſento, he falſo, porque fico;
Fico, mas he mentira, pois me auſento,
Em ficar meu affecto ſignifico,
Com partir minha auſencia repreſento:
Se parto, a vida à morte ſacrifico,
Se fico, inda da morte naõ me iſento.
Quem vio taõ cumuladas as deſgraças,
Pois a morte me eſpera por mil traças!
Qual a ſimple aveſinha no loureiro,
Columna de eſmeralda verde ſente,
A quem obſerva o caçador do oiteiro,
A quem demanda a garça impaciente,

A quem

A quem eſpera o laço liſongeiro,
(Que o menino armou junto à corrente)
Até que de huma vez encontra o fado,
A que foy voz da Aurora, Orfeo do prado.
Tal eu, que como o cyſne em outra hora
Nas ribeiras do Tejo alegre canto
Entoey pela praya em voz ſonora;
Tornada a melodîa vejo em pranto:
A pezar de meus olhos, com que agora
Os preludios do fado choro, em quanto
O rigor animado da violencia
Naõ executa o golpe deſta auſencia.
Mas fique o coraçaõ, como he poſſivel;
Parta o corpo, que he força o rendimento,
Partindo fica a pena mais ſenſivel,
Ficando he mais ſuave o ſentimento:
No partir creſce a dor, mais que inſoffrivel,
No ficar faz-ſe o mal menos violento,
Aſſim tempéro os males de tal ſorte,
Que ſe hũa maõ dá vida, outra dá morte.
De partir, e ficar neſſe momento,
Anda o affecto d'alma num conflicto,
Em partir acredito o rendimento,
Em ficar as finezas acredito:
O partir he obſequio, mas tormento,
O ficar he fineza, mas delicto;
Julgue agora quem ſabe de amor firme,
Se he mais juſto o ficarme, ſe o partirme?
Porém fique a queſtaõ naõ decidida,
Em quanto a morte os laços naõ deſata,
He força que deſtile a alma ſentida
Lagrimas, que inquietaõ liquida prata:

Se

Se entre lagrimas perco a doce vida,
Vem-me a ſahir a morte mais barata,
Mas callem os olhos; porque Apollo ordena,
Que ſeja a lingua interprete da pena.

ELEGIA.

SI quandò ad lacrymas, & flebile carmen Apollo
Auriferam viſus ſuppeditare chelim.
Nunc etiam ad ſimiles cytharam mihi commodat uſus,
Suppremumque jubet dicere, Muſa, vale.
Muſa vale, longumque vale: ſat prata biberunt;
Sat tibi, Caliope, ſat tibi, Phœbe, datum.
Linquere Parnaſſi cogor juga ſacra Camænis,
Et dare difficilem, quo vocat aura, ratem.
Ire repugnat amor, pudor eſt dare lintea retrò,
Jam me ſolicitant nunc amor, inde pudor.
Attamen imperio teneor graviore: procellæ
Navis ad arbitrium credula fertur aquis.
Ibo igitur, lacrymas vox hæc dira illicit illa
Fit mihi cauſa necis, quæ mihi cauſa viæ eſt.
Ibimus heu! quamquam ſerò redeamus, eamus
Echo iterat, noſtris nunc quoque dura malis.
Hùc tu, Muſa, meo nimis officioſa dolori,
Fer lacrymas, lacrymis tu quoque flenda meis.
Delicium fueras, fueras mihi dulce levamen,
Tu mihi luce comes, tu mihi nocte quies,
Obſequio, aſſiduè colui tua numina, ſole,
Seu rapiente diem, ſeu referante Polum.
Nunc & amara dies, & noctis amarior umbra eſt,
Sive dies umbram, ſeu ferat umbra diem.
Te comitem intrarem Lybicas peregrinus arenas
Hoſpes, & Hyrcanis antra habitata feris.

Sed me fata jubent discedere longius! Ite,
Ite oculi, in lacrymas nostri alimenta rogi,
Edit amor flammas, lacrymasque resolvit in ignes,
Nec premit unda ignes, nec timet ignis aquas.
Has ego compatiar tacito sub pectore flammas,
Sentio læthalem cuncta per ossa febrim.
Falimur? An lento mihi febris inæstuat igne,
Ignis alit flammam; lentaque flamma febrim!
Heu moriar! tanto impar est mea vita dolori.
Nec finit absentem tædia ferre viæ.
Ite procul nostri medicamina vulneris ite;
Vulnere si moriar, mors mihi munus erit.
Quæ mihi dices cum lex imperat, ille supremum
Heu crudele nefas! cogit obire diem.
Vestro ego, Discipuli, Musis gens dedita, amore,
Uror, & in toto pectore regnat amor.
Jamque dies aderit: vos pignora chara valete,
Maxima pars animæ, dimidiumque mei.
Chara palestra vale, decus immortale Minervæ,
Rhetoricæ sedes, Pieridumque domus.
Jamque vale cultæ numerosa Academia gentis,
Quam lustro edocui, nec docuisse pudet.
Hîc ego florueram, sed flos fuit ille caducus,
Tam brevis una dies, quam brevis illa fuit.
Quàm subitò tenues flos evanescit in auras
Ejus, & in cineres forma soluta perit?
Sic periisse putem; sic sic juvat ire sub umbras,
Quando inimica mihi parcere Parca neget.
Sic morior: tumulo vos qui mea fletis, alumni,
Fata, & inexhausto fonte doletis adhuc:
Vos tumulo lugubre, precor superadite carmen,
Scripta ubi sint cordis verba suprema mei.

Escre-

Eſcreveo Bernardo Vieira Ravaſco a ſeu irmaõ o Padre Antonio Vieira o ſeguinte

SONETO.

SE queres ver do Mundo o novo mappa,
Oitenta annos attenta deſta ſepa,
Por onde em ramos a cobiça trepa,
E em maranha faz do tronco lapa:
Morde com dentes, que naõ tem mais papa,
Com a lingua fere, com as mãos deſepa,
Soldado, e povo livra da carepa,
Que na tarde, e manhã raivoſo rapa.
Os olhos de agua, as faces de tulipa,
Cada pé de joanete huma garlopa,
Com hum ſó remo corpo de chalupa;
O bofe muito, e muy pouca tripa,
E a minha Muſa, porque nella topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

Repoſta do Padre Vieira pelos meſmos conſoantes.

SONETO.

SObe Bernardo da eternidade ao mappa,
Deixa do velho Adaõ a fatal ſepa,
Pelo Lenho da Cruz ao Empyreo trepa,
Começando em Belem da pobre lapa.
Mais que Rey póde ſer, e mais que Papa,
Quem do ſeu coraçaõ vicios deſepa,
Que a grenha de Sanſaõ tudo he carepa,
E a gadanha da morte tudo rapa.

A flor da vida ſe he na cor tulipa,
Tambem dos ſecos annos he garlopa,
Que os corta como o mar corta a chalupa;
Naõ ha miſter que o ferro corte a tripa,
Se na parte vital o fado topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

NEſte Mundo fatal, ou neſte mappa,
Em que cada mortal he huma ſepa,
Serve a vida de eſcada com que trepa,
E em que ſe eſconde o tumulo da lapa:
Corta a fouce da morte ao Rey, ao Papa,
Deſtroe o ſoberano, o vil deſepa,
E tudo em fim reduz a vil carepa,
De hum guſano mortal, que a tudo rapa.
Naõ eſcapa em murchar a flor tulipa,
Nem de embotarſe o ferro da garlopa,
Pois tendo o tempo vezes de chalupa;
Até do meſmo ferro corta a tripa,
Quando no mar da vida a morte topa,
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

NAſce galhardo o Sol à luz do mappa,
Communica-ſe à rama, ao tronco, à ſepa,
E apenas o ſoberano ao Zenith trepa,
Quando jaz ſepultado em huma lapa:

Brilha

Brilha em ſeu auge o Rey, o vil, e o Papa,
Sem advertir na barca, que a deſepa,
Porque em fim toda a pompa he carepa,
Se os gadanhos da morte tudo rapa.
Campea da manhã a flor tulipa,
Mas já de tarde o ferro da garlopa,
Qual guſano deſtroe huma chalupa;
Aſſim lhe murcha a gala, e corta a tripa,
Que tudo neſta vida niſto topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

A' deſpedida dos Indios.

SONETO.

HUmildes valles, levantados montes,
Incultos boſques, verdes arvoredos,
Talhadas ſerras, aſperos rochedos,
Eſcuros lagos, cryſtallinas fontes:
Arrebatados rios, firmes pontes,
Viçoſos prados, eſcalvados médos,
Sonoras prayas, concavos penedos,
Turvados mares, pardos Oriſontes:
Vou-me, ficay-vos; naõ vos digo mais,
Que eſta he a cortezia deſta terra,
Barbara deſpedida, ingrata gente.
Mas ay, que já meus olhos daõ ſinaes,
Que outro primor o ſeu coſtume encerra,
Que ſempre pouco diz, quem muito ſente.

Ao Retrato delRey D. Sebaſtiaõ.

SONETO.

ENigma de los hombres coronado,
Que a la eſperança vives eſcondido,
Eres aquel, que ſe dudò perdido,
Eres aquel, que vives ignorado.
De que ſirve el amor darte pintado,
Si vives en las almas eſculpido?
Y ſi ya para muchos has venido,
Como de tantos eres eſperado?
Con affecto amoroſo en tu venida
Eſperan unos mejorar ſu ſuerte,
Y otros fundan ſu fin en ſu partida.
Di la verdad en confuſion tan fuerte,
O' deſengaña aquellos con la vida,
O' deſmiente a los otros con tu muerte.

A' Sereniſſima Senhora Princeza D. Iſabel, matando de hum tiro a hum javalí em Salvaterra.

YO' que en la ſelva naſci
Por ſangre, y por padre bruto,
Pagando el mortal tributo,
El ſer de bruto perdi:
Si en la vida javalí,
Al morir fui racional,
Pues muriendo a mano tal
Fuè con tan diſcreta ſuerte,
Que ſupe eſcoger la muerte,
Para quedar immortal.

De

De tal mano amenazado,
Nò quiſe intentar la huyda,
Por morir de Real herida,
Que es revivir coronado:
Y ſi bruto me hizo el hado,
Nò fuè bruto mi ſentir,
Hombres, que amais el vivir,
Aprended de mi cordura,
Que nò ay vida mas ſegura,
Como un honrado morir.

Tanta es de Dios la piedad,
Mayor de ſus atributos,
Que a los hombres, y a los brutos,
Ha de ſalvar ſu bondad:
Oy confirma eſta verdad
De Salvatierra la hiſtoria,
Pues com immortal memoria,
Rendiendo un bruto la vida,
Por la gracia de la herida,
Ha alcançado eterna gloria.

Todo Poeta ſe engaña,
Y me perdone Su Alteza,
Mejor ſaliò de eſta empreza
El bruto, que el ſangre baña:
Que ſi es la mayor hazaña
Saber del mundo ſalir,
Entre el herido, y el herir,
Fuè la hazaña ſingular,
Nò de quien pudo matar,
Mas del que ſupo morir.

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

NAſceſte, ò bruto, para eterna gloria,
De quem ta deu mayor em darte a morte,
De tua vida foy felice a ſorte,
De ſeu raro valor breve a vitoria.
Morreſte para aſſumpto de alta hiſtoria,
Mas que engenho naõ perde nelle o norte,
Pois da mayor belleza a maõ naõ forte,
Do Erimantho fatal riſca a memoria?
Para ſer immortal em fim naſceſte,
Que a vida, que a Iſabel ſacrificaſte,
Foy Fenix, que viveo quando morreſte.
Em ſer feroz teus fados fabricaſte,
E quanto horror na vida mereceſte,
Tanta gloria na morte eternizaſte.

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

SI te viò caçadora tal belleza,
Como fiera a ſus ojos nò rendida
Eſperas deſcortez ſegunda herida,
Esfuerço vil de tu brutal fiereza.
A las plantas reales de Su Alteza,
Cayendo nò deſdenes la cahida,
Que eſtà la Corte al boſque transferida,
Y caer de mirado nò es flaqueza.

En

En pena pues de vista nò rendirle,
La vida, y piel dexaste por despojos,
Y oiga esta ley todo el salvaje ufano:
Que el, como tu, que osaste a resistirle,
Resistiere a los rayos de sus ojos,
Ha de morir a golpes de su mano.

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

BRuto, que ignoras ser astro en el Cielo,
Suspende el curso a tu felice estrella,
Pues ya que te veo transformado en ella
La cerda en rayos, y en esfera el suelo.
Espumoso coral te prestò el buelo
A breve estrago de vital centella,
Y el impulso le diò mano tan bella,
Que humo tu muerte a tu vivir rezelo.
Castigo fuè su gloria, y fuè porque era
El que com rayo te parò ligero,
Mejor Sol, que el que haze azul carrera.
Buelve cerdoso a tu terror primero,
Que es mas glòria bolver a morir fiera
A manos de Isabel, que ser luzero.

CATHARINÆ
LUSITANÆ
MAGNÆ BRITANIÆ REGINÆ
EPITHALAMIUM

Canit

Promiſcuum, amatorium, ſuſpirans, lætum, nauticum, fatidicum,

PATER VIEIRA
Societatis JESUS.

ERgò dies properans aderat, quâ tuta per undas
Vela dare, & Lyſiæ procul ire à finibus, inter
Tot deſideria, & nunquam intermiſſa ſuorum,
Vota parat; patrios linquens Catharina penates,
Et nimium heu longè poſitos viſura Britannos?
Scilicet hoc tandem, nobis Hymenæe dediſti,
Ut Catharina procul noſtris diſcederet oris,
Abſentemque abſens ut Lyſia chara videret,
Et deſideriis concuſſa fidelibus iret,
In quæſtu Thalamos propè damnatura beatos?
Eripit heu nobis prædatis Anglia quidquid
Dulce animis, charumque facit, nam pignora in uno
Gaudia, delitiæ que abſunt, & tota voluptas
Exulat, imò animam quiſquis ſibi credit abeſſe,
Deteriore ſui nec vivere parte laborat.
Connubiale decus tibi fauſta Britania tollis,
Dum tibi nupta ingens, tædaſque, igneſque jugales

Aſſo-

Aſſociat, Regiſque thoros beat una potentis,
Ut veniat Regum ſat utroque à ſanguine, totum
Progenies auctura orbem, dominareque gentes.
Qualis honor? quotque oſtentat pulcherrima dotes?
Hac nempe augetur numerus, maiorque Dearum
Conſpicitur cœtus, quartam radiare ſororem
Optarent Charites, decimamque accedere velent
Pierides, Pallaſque ſibi annumerare ſecundam.
Verùm omnes inter felicibus addita fatis
Prima venit, primumque jubar, primumque profeſſa
Numen adeſt, parteſque tenet Catharina priores;
Nec reliquas hæc vera Deas victoria fallit,
Quo tamen à ſuperis plus accipit illa decoris,
Cunctorum quo plus animos, & pectora raptat;
Hoc magis hic retinenda fuit: dare vincula amoris,
Debueratque fugæ ſua Lyſia: litore claſſis
Solvere ne poſſet, retinacula corda dediſſent.
Sed quid ſolicitis juvat indulgere querellis?
Si dum tot curas alimus, jam claſſis eundi
Certa ſuis properat, committere carbaſſa ventis
Egregiam vectura nurum? Vada cærula Ponti
Exultant, ſtagna alta roris, & flore comanti
Certatim vernaſſe putes, verſoque tenore
Jam ver purpureum ſalſas regnare per undas,
Vos mihi cœrulei, precor, ò vos plaudite fluctus,
Dum claſſem læto potius ſequor omine, dumque
Jam converſa hilari ſaliunt præcordia motu.
Ite, fretum quâ pandit iter, quâ numina curſum
Indulgent, quâ ſe veſtris maria alta carinis
Submittunt, quâ nectareos vada ſalſa liquores
Puppibus inſpergunt, & mille per oſcula fluctus
Aſſiliunt, proraſque avidè contingere gaudent.
Sic te diva Parens Cypri, ſic lucida fratres

Sidera Lidæi, ſic te regat ipſe frementûm
Ventorum Pater, & placidas tibi præbeat auras,
Claſſis amica, tibi nam credita numina, debes
Reginam incolumen hanc reddere finibus Anglis,
Atque animæ votum noſtræ ſervare memento.
Ipſe faces præeans, felicia fœdera junxit
Qui thalami, cæleſtis Amor, Zephyriſque per undas
Monſtret iter, ſed clara dies, ubi fulcerit, idem
Ventilet & clarum motu prægnantia vela
Moleat ut ventos, & blandæ ſibilus auræ,
Pacatum ducat vada per Neptunia claſſem.
At vos, Nereides, qua ſe prætoria puppis,
Solverit, ite alacres, & circum hinc inde natantes,
Sternite mole fretum, lætæque ad gaudia tanti
Conubii miſcete hilares per ſtagna chorêas,
Graſſantes pariter Nuptæque, Angloque Marito.
Mox fidium ad ſonitum, pulſata ad pectina cantu
Condite dulce melos, magnorum ad ſidera Regum
Ferte thoros, reſonet placidis Hymenæus in undis,
Dum Zephiri adſpirant, ſedataque marmora Ponti,
Otia Sedatis peragunt ſecura procellis.
Dicite nunc, felix Catharina accedere tædas,
Auguſtas, cui diva parat Concordia, cuique
In ſacras pax alma faces inſpirat amoris
Sidereos ignes, ſanctos firmare Hymenæos
Qui valeant, teneantque æterno in fœdere dextras.
Tolle corona tuum Cœlo caput accipe ab alto
Scæptra manu ſtellata polo; conſpirat Olympus
In thalamos, Regina, tuos; dant ſigna favoris
Numina, ut inceptis adſint, & vota ſecundent,
Lyſia ut ingenti lætetur, & Anglia ſorte,
Iliaque invidiæ ſtimulis rumpantur Iberi.

Deſcri-

Descriptio mensis Martii à Patre Vieira Societatis JESUS.

MArtius egreditur patrio de nomine Martem
Sæpe tonans, bellum que ferens nascentibus arvis.
At nunc pacis amans, ostendunt nubila Cœlum,
Sol aperit vultus, depulsæque agmine toto,
Armatæ fugiunt hyemes, quas caucasus horrens
Excipit imbelles, tenebrosoque occulit antro.
Stat pontus, fluctusque silent, nec littora circum,
Pauca sonant: placidi terram amplectuntur amicam,
Dispumant oras, atque oscula mollia figunt:
Ludunt Nereides, ludit Delphinus, & omnes,
Insultant, timidumque pecus consistere Protheus
Jussit oves: quas ipse jacens sub rupe sonorâ,
Continet immotas, & tardâ mulcet avenâ.
Flat Zephirus blandè, & tepidam dum sibilat auram;
Terra calet, panditque sinus, fontes que liquati,
Quos pigræ tenuère rigentia vincula brumæ,
Sponte fluunt; pretiosi olim sitientibus agris,
Nunc saturis viles. Dulcem Philomela dolorem,
Alternans sudæ breviora silentia noctis,
Pervigil in questus, fallit que augetque canendo:
Auditur; somnoque fovet, quos excitat ipsa.
Ipsa chorum ducit, post cætera turba sororum
Quæque suos modulata sonos (sunt organa rivi)
Accentu plaudunt vario, properamque salutant
Cantibus Auroram: tum fulsæ ardore magistro
Insistunt operi, & nidos ad pignora condunt,
Turgentes inter, sed adhuc sine tegmine, ramos.
Prata virent, gravidoque ortum de caule fatigat

Flori-

Florida progenies, ſcindenſque tumentia claruſtra,
Nuda oritur, ſed nuda omnes induta colores.
Nigreſcunt violæ; diſtendit lilia candor;
Purpura Narciſſum veſtit, ſcribitque Hyacinthus
Cæruleos gemitus; pallant, ſolemque ſequuntur,
Maiori partu quos edidit herba gigantes:
Implet gramineum pompâ ambitioſa theatrum,
Et caput attollens roſa ſupra excelſior omnes,
Ceu viridi Regina thróno pudibunda ſuperbit:
Quam ſpinoſa acies defendit plurima circum,
Audaceſque manus ſtrictis mucronibus arcet.
Vivit Ager totus, nec toto ſpiritus unus,
Aut ſimilis facies; nam verſo copia cornu,
(Quod largâ dat Flora manu) latè omnia pingit
Culta, inculta ſimul. Spernit, calcatque viator
Plebeios mille, & certo ſine nomine flores.
Numina quid memorem ſudatæ provida vitæ,
Queis hominum labor, & ruralia munera creſcunt?
Non dum flava Ceres viridi redimita coronâ,
Spem ſegetis magnam agriculæ promittit avaro,
Qui præmaturis jam compleat horrea votis.
Bachus ovat, ſectæ vites lachrymantia ſiccant
Vulnera, pro ferro pulchras in palmite gemmas,
Fænore multiplici plenoſque datura recemos.
Pinguia Pan lætis aperit paſtoribus arva,
Invitatque pecus: diſtendunt ubera matres,
Quæ pulſata premunt labris properantibus agni.
Sed vos, ò durum genus, atque à ventre petullum,
Præcipites hædi, quid ſpernitis ubera plena?
Proſiliunt alacres, & feſtis ſaltibus alta,
Exerſant capita ad pugnam, pro cornibus ardor
Sufficit, attractis retrò vix unguibus imis.
Pendent, & toto connixi corpore certant:

Frons, frontem quatit adverſam, non totus inermis:
Circunſtant, adduntque intentes viſibus iras
Barbati Patres; ſed jam diſcedere campo
Paſtor agit feſſos, baculoque, ac voce ſequeſtra
Fit pax, & grato ſolvuntur prælia ludo.
Martius hæc; nec plura canam. Sic menſis amicus
Incipit, & totus felix præluditur annus.

In Martii menſem

IDILLION.

DUm ſic nativos per amenæ frontis honores
Martius ingenio fertque, refertque tuo.
Dum videt expreſſos cognatâ in imagine flores,
Gramineoſque ſinus, arboreaſque comas.
Dum Soles melius ſplendeſcere, mitius Euros
Spirare, & fluvios lenius ire, notat.
Dum capit argutos vocalia murmura cantus,
Dum ſtupet in picto ludere rure pecus.
Dum Cererem capiti virides aptare coronas,
Et vitem ex ſecto palmite Flora videt.
Dum veris proprios animato emblemate vultus,
Et faciem in ſpeculo deperit ipſe ſuam.
Gaudet in archetypos ſe prorupiſſe figuras;
Naturæ artifices dum putat eſſe manus.
Martius hic idem eſt, votis meta unica quamquam,
Sit datus ille mihi, redditus ipſe ſibi eſt.

Cùm

Cùm pronuntiaret N... verbum Euphrates, *& ignoraret ſi illud eſſet correptum, an productum, illud corripuit.*

VEnit ad Euphratem, ſubitòque exterritus hæſit;
Ut citò tranſiret, corripuit fluvium.

Ad Leonardum adhuc puerum.

SI fueris virtute leo, ſi nardus odore,
Tu leo, tu Nardus, tu Leonardus eris.

In obitu D. Mariæ de Ataide.

PRo tumulo incomptos mirari deſine verſus,
Sub tumulo totum conditur ingenium.
Vive iterum, ut ſcribas, ne muto in marmore dormi
Sola poteſt tumulo ſcribere digna tuo.

In multorum Epitaphia.

QUod Thaidæ laudes tenuere ignoſce Poetis,
Quid poterant magnum dicere, ſi ipſa tacet?

PRO-

PROBLEMA.

NA Academia, que havia em Roma, e no Palacio da Sereniſſima Rainha de Suecia Chriſtina Alexandra com aſſiſtencia de muitos Cardeaes, Monſenhores, e mais Nobreza, ſe propoz hum Problema no anno de 1674, *cujo argumento foy eſte*: Qual foy mais racional, ſe o Riſo de Democrito, que de tudo eſcarnecia, ou o Pranto de Heraclito, que de tudo chorava? *Encarregaraõſe eſtes dous pontos aos Padres Antonio Vieira, e Jeronymo Cataneo, ambos da Companhia de Jeſus, para cada hum defender a parte, que eſcolheſſe. Deu o Padre Antonio Vieira a eleiçaõ ao Padre Cataneo, o qual tomou para ſi o Riſo de Democrito, ficando ao Padre Vieira a cauſa das lagrimas de Heraclito, que defendeo engenhoſa, e elegantemente na lingua Italiana, que depois ſe traduzio na Caſtelhana, e ultimamente na Portugueza pelo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier Joſeph de Menezes: e agora ſe daõ aqui a ler hum, e outro na lingua Italiana, em que foraõ recitados, e traduzidos na Portugueza, para que ſe vejaõ as razoens de huma, e outra parte, e julgue o leitor a favor de qual delles ſe deve dar a ſentença.*

PROBLEMA

Agitato nella Real Accademia della Sereniſſima Chriſtina Regina di Suezia in Roma:

Qual fuſſe più Ragionevole, ſe il Riſo di Democrito, che tutto Scherniva: O'l Pianto di Eraclito, che di tutto Plangeva.

DISCORSO PRIMO

A favore di Democrito

DEL PADRE

GIROLAMO CATANEO

Della Compagnia de GIESU'.

TUtto l' Artificio adorato, che il Maeſtro eterno impiegò nella Fabrica maravigliosa del Mondo, ò ſia il naturale, o'l morale; il ritraſſe, ò dalla pertinace zuffa degli elementi, ò dall'immortale contraſto de' Beni co' mali. Quindi è, che la Pittura, la Muſica, l' Eloquenza, la Poeſia, e tutte le Arti migliori, a queſta Idea, ſù la diſperata conteſa de' contrarii formarono i più leggiadri ſtupori delle lor opere. Poiche la Pittura ſi valſe della conteſa della luce con le ombre, la Muſica della oppoſizione de' Tuoni ſublimi co' baſſi, l' Eloquenza del duello de' contrapoſti, e la Poeſia della ſproporzione trà le Sillabe lunghe, e Brevi, come di Guerra trà Nani, e Giganti. Ora avendo giudicato la mente ſuprema d'una altiſſima Maeſtà, tutta però inchinata al

PROBLEMA;

Que se moveo em Roma na Real Academia da Sereníssima Christina Rainha de Suecia:

Qual foy mais racional, se o Riso de Democrito, que de tudo escarnecia, ou o Pranto de Heraclito, que de tudo chorava.

DISCURSO PRIMEIRO

A favor de Democrito

RECITADO PELO PADRE

JERONYMO CATANEO

Da Companhia de JESUS.

TOdo o soberano, e veneravel artificio, que Deos eterno Mestre empregou na maravilhosa fabrica do mundo naõ menos natural, que moral, tirou-o, ou da pertinaz oppoſiçaõ dos elementos, ou da immortal contrariedade dos bens com os males. Daqui vem que a Pintura, a Musica, a Eloquencia, a Poesia, e todas as melhores Artes formaraõ as suas mais admiraveis operaçoens sobre esta idéa; porque a Pintura vale-se da oppoſiçaõ da luz com as sombras, a Musica da contrariedade dos tons sublimes com os baixos, a Eloquencia funda-se nos contrapostos, e a Poesia na desproporçaõ das syllabas longas, e breves, como se fosse huma guerra entre os pigmeos, e os gigantes. Ora tendo considerado o suprémo entendimento de huma augusta Ma-

ta al publico beneficio, aprire à queſt' auguſta Udienza pe'l ſecondo conſel o dell' Accademia reale, non un riſtretto Teatro, mà un ampiſſimo Anfiteatro; vi ſi appendono oggi capriccioſiſſimi Quadri, vi riſuonano bizzarre armonie, vi ſi ammirano Dicerie moſtruoſe, e vi fà pompa una ſtraniſſima Poeſia. Mà come ciò? come tanto? Dirollo in una parola. Compariſcono ad empire la Scena, quindi Democrito tutto Riſo, quindi tutto Pianto Eraclito. Non baſta? E ſon altro queſti, che un contraſto di lume, e tenebre non mai veduto, un contrapunto di gemiti, e di cachinni non mai udito, due Antiteſi vivi, e due Sillabe animate, l'una però eſauſta, e rannicchiata dal dolore del continuo ſuo piangere; l'altra tutta eretta, e ſublime pe'l brio del perpetuo ſuo ridere? Mà perche quà nulla ſi ammette ſenz' alto conſiglio d'univerſal documento; ſi concede à due Filoſofi l'adito, à fine ſolo di eſaminare: Qual fù più ragionevole, o'l Riſo di Democrito, che tutto ſcherniva, o'l Pianto d'Eraclito, che ſopra tutti, e di tutto piangeva. Per regio comando è à mè toccata la difeſa del Riſo, & anche queſto con gran ragione, poiche ſe non ſaprò conſervargli la maggioranza, e, quaſi diſſi, il ſuo Trono, gli dilaterò almeno l' Imperio, mentre ſe riuſcirò inetto à magnificare il Riſo, amplificherò il Ridiculo, laſciando per appendice del ſuo Reame anche mè ſteſſo.

E per prima il Riſo di Democrito fù un diſtillato di quei ſali faccenti, co'quali egli inteſe, ò di preſervare, ò di guarire dal corrompimento de' cuſtumi il Genere Umano; ed all' incontro il Pianto d'Eraclito fù, come un'umor troppo molle, e peccante, con cui, ò induſſe, ò accrebbe le corruzzioni della Re-

publica.

geſtade, mas toda inclinada ao publico beneficio, abrir ſegunda vez para eſte ſublime auditorio naõ hum apertado theatro, mas hum ampliſſimo anfiteatro; nelle vemos hoje pendentes extravagantes quadros, nelle ſoaõ admiraveis harmonias, nelle ſe admiraõ monſtruoſos diſcurſos, e nelle apparece pompoſa huma poeſia bem eſtranha. Mas como ſe póde verificar iſto? Como ſe póde dar tanta couſa? Em huma palavra o direy. Apparecem a encher a ſcena de huma parte Democrito todo Riſo, e de outra Heraclito todo Pranto. Naõ baſta? Pois por ventura ſaõ eſtes outra couſa, mais que huma nunca viſta oppoſiçaõ da luz, e ſombras? Hum nunca ouvido contraponto de gemidos, e de riſadas? Duas vivas anthiteſis, e duas ſyllabas animadas, huma toda languida, e attenuada pela dor do ſeu continuo pranto, outra toda elevada, e ſublime pelo brio do ſeu perpetuo riſo? Mas porque neſte lugar naõ ſe admitte couſa alguma ſem alto conſelho de univerſal documento; permitte-ſe que eſtes dous Filoſofos ſubaõ a eſte theatro ſó para o fim de examinar qual foy mais racional, ou o Riſo de Democrito, que de tudo eſcarnecia, ou o Pranto de Heraclito, que de todos, e de tudo chorava. Por preceito Real tocou-me a mim defender ao riſo, e com grande razaõ; porque ſe naõ ſaberey conſervarlhe a primazia, e (quaſi que dizia o ſeu trono) ao menos dilatarlhe-hey o imperio; porque ſe ſahir inhabil para engrandecer, e defender ao Riſo, augmentarey o ridiculo, deixandome a mim meſmo por hum appendice do ſeu meſmo dominio.

Em primeiro lugar, o Riſo de Democrito foy huma deſtilaçaõ de todos aquelles picantes ſaes, com

que

publica. Sembra ciò un gran Paradoſſo; mà non ſarà, ſe vorremo ſpremere il vero dalla bocca d'amendue i rivali Filoſofi. Vien quà Democrito, & odi. Se foſti ſtolto, quando ſeriamente filoſofando ſognaſti infiniti Mondi, ſei già ſavio, quando giulivo impari à deriderne uno. Quella tua ſpecolazione corruppe molti, queſto tuo ſorriſo riſana tutti. Allora corrompeſti d'Ambizione quanti viveano, che conoſcendoſi di numero finiti, parve facile, che tocaſſe loro la ſorte di dominar uno de'tuoi Mondi infiniti. V'è di peggio; Avviliſti fin il gran Cuore di un' Aleſſandro, che con l'incanto di tal dottrina il rendeſti non tuo Settario, mà tuo Nimico; poiche ſforzandolo à piangere, il trasformaſte in un'altro Eraclito. Se l' aveſte addottrinato nella ſcienza di queſto diſpreggiatore tuo Riſo, egli averebbe riverito più Tè, che Diogene. Poiche quegli non gl' inſegnò l' Arte, nè del ridere con generoſità, nè del deridere ſenza faſto, mà più toſto, come Cinico l' inſegnò à mordere uomini, e Dei con un riſo in cagneſco. E pure à quel gran Rè parve Diogene un Nume, che il coſtrinſe à confeſſare, che ſ'egli non era Aleſſandro, altro non averebbe voluto divenir, che Diogene. Or ſe tant'alto concetto formò d'un riſo mordace, perche diſprezzante, che averebbe fatto d'un Riſo più, che da Rè, più che da Eroe, mentre che diſpreggiando tutto, fà l'uomo ſuperiore di tutto? E' dunque da venerare con culto di ſerietà un tanto Riſo, e non pur come Figliuolo della Ragione, mà come Genitore della virtù, e Triunfatore del vizio, cioè di quell' adorata Trionfatrice fin de' Monarchi, l' Ambizione.

Fatti ora immanzi, ò Eraclito. E quantunque non vi ſia Oratore, il quale più efficacemente perori della

que elle pretendeo, ou preſervar, ou ſarar da corrupçaõ dos coſtumes ao genero humano; e pelo contrario o Pranto de Heraclito, foy como hum humor muito craſſo, e enfermo, com que, ou induzio, ou accreſcentou as corrupçoens da Republica. Parecerá iſto hum grande paradoxo, mas naõ o ficará ſendo, ſe quizermos ouvir a verdade da boca de ambos eſtes Filoſofos taõ contrarios. Vem cá, Democrito, e ouve: ſe foſte louco, quando ſeriamente filoſofando ſonhaſte infinitos mundos, agora já es ſabio, quando alegre aprendes a zombar de hum. Aquella tua eſpeculaçaõ ſim corrompeo a muitos, mas eſte teu Riſo a todos ſara. Antes ſim fazias corromper de ambiçaõ a quantos viviaõ, os quaes conhecendo em ſi, que naõ eraõ infinitos em numero, pareceolhes facil, que lhes pudeſſe tocar a ſorte de dominar hum dos teus mundos infinitos. Ainda fizeſte peyor; porque fizeſte vil o grande coraçaõ de hum Alexandre, encantando-o de tal modo com a tua doutrina, que o fizeſte naõ ſó teu ſectario, mas teu inimigo; porque violentando-o a chorar, o transformaſte em outro Heraclito. Se o tiveſſes enſinado, doutrinando-o na ſciencia deſte teu Riſo deſprezador, elle te venera-ra mais do que a Diogenes; porque eſte Filoſofo naõ lhe enſinou a arte do rir com generoſidade, nem do eſcarnecer com arrogancia; mas doutrinou-o como Cynico a picar, ou a morder homens, e deoſes com hum Riſo canino. E com tudo tanto pareceo a eſte grande Rey ſer Diogenes huma divindade, que o obrigou a confeſſar, que ſe elle naõ foſſe Alexandre, ſó quizera ſer Diogenes. Ora ſe taõ alto conceito formou elle de hum Riſo mordaz, e deſprezador, que fizera de hum Riſo mais digno do que ſe foſſe

na

della lagrima la sua Causa, difenditi con tante, che ne diffondi, dall' accusa data, che il tuo Pianto è, ò fomento, ò irritamento d' Ambizione. Dimmi dunque, che piangi? Resonderai le miserie degli uomini, che, ò non possono, ò non sanno valersi de' Beni dati loro dalla Natura. Ora io ti hò per convinto. E che? la perdita di questi Beni frali, e caduchi vale una lagrima? Gli fai pur troppo preziosi, se l'uso non acconcio di essi ci deve costare si caro, che convenga, e consumare la più cara cosa, che abbiamo, cioè gli occhi, e logorarvi non una, ne mille lagrime, mà un continuo diluvio di quel tesoro, che non è oro, ne argento, mà lambicato sangue dell' Animo? E non mi apposi ben da principio, quando dissi, che le lagrime d'Eraclito, eran fomenti d'Ambizione, ed or' aggiungo di Cupidigia? Poiche niuno compera mai à prezzo si caro, se non ciò che, ò molto pregia, ò troppo brama. Ne mi si dica: Democrito piange miserie, e non felicità, onde compatisce quelle doglioso, e non ama già queste cupido. Adagio, che questo sarebbe gettare sugli occhi doppo il Pianto la polvere. Svegliamo la verità. Piange Eraclito le miserie? mà in tanto le piange, in quanto sono Privazioni, che o citolgono in tutto, ò ci tagliano in parte il godimento de' Beni: onde in realtà questi si piangono, e quelle si detestano; e perche quegli sono, e gli stimati, e gli Amati: Quod desles, illud amasti. *E di vero, niuno mai pianse, cioche nè stimò, nè amò altamente. Or applauda chi può à Filosofia si funestamente scandalosa, che con lo stento di si affannata dottrina non per altro si sbraccia, e si liquefà, che per mettere presso gli uomini in Amore, e stima i Beni di questo Mondo, rendendoci di quegli Innamorati spasmanti.*

na boca de hum Rey, ou de hum Heroe; porque deſprezando tudo faz o homem ſuperior a tudo? He pois para venerar com hum ſerio culto hum taõ grande Riſo, naõ ſó como filho da razaõ, mas como pay da virtude, e triunfador do vicio; iſto he, a ambiçaõ venerado fim, que triunfa nos Monarcas.

Agora vem tu cá Heraclito, e ainda que naõ haja Orador mais efficaz do que ſaõ as lagrimas, defende-te com eſſas, que derramas da accuſaçaõ, que te fazem, de ſer o teu Pranto, ou fomento, ou irritaçaõ de eſpirito ambicioſo. Dizeme, que choras? Reſponderás; as miſerias dos homens, que ou naõ pódem, ou naõ ſe ſabem valer dos bens, que a natureza lhes deu. Pois eu te convenço. Por ventura a perda deſtes bens caducos val huma lagrima? Muy precioſos os fazes tu: ſe o uſo delles ha de cuſtar taõ caro, que ſeja preciſo maltratar taõ gravemente a couſa mais amavel, que temos, como ſaõ os olhos, e perder naõ huma, nem mil lagrimas, mas hum continuado diluvio daquelle theſouro, que ſe naõ he ouro, nem prata, he o ſangue mais precioſo do animo. E naõ me fundey eu bem no principio, quando diſſe, que as lagrimas de Heraclito fomentavaõ ambiçaõ? Pois agora tambem accreſcento, que naſcem de cubiça; porque ninguem compra por preço taõ caro ſenaõ aquillo, que ou eſtima muito, ou muito deſeja. Nem ſe me diga: Democrito chora miſerias, e naõ felicidades, naõ ama eſtas cubiçoſo, mas compadece-ſe daquellas com hum Pranto continuo. Devagar, que iſto ſeria lançar nos olhos pó depois de chorar. Deſcubramos a verdade: Heraclito chora as miſerias, mas em tanto as chora, em quanto ſaõ privaçoens, que ou de todo tiraõ, ou cortaõ em parte

ti. Onde temo assai, che questo Pianto sia, & una scaturigine inesausta di viziosi, ed un Fonte perenne di Atei.

Non è però solo questo il pregiudizio, che la Republica dal Pianto d' Eraclito riceve, come non è sola l' utilità, che dal Riso di Democrito ella ritrae. E che ciò sia vero. Non è, N.N., la Fievolezza Umana pur troppo inchinata à non ribattere con animo generoso gl' insulti della Fortuna, ed à con incontrare con ciglio magnanimo le calamità della vita? A che dunque maggiormente infiaccarla, divenendo ingegnosi in aggiungere debolezze à debollezze? Non essendo già l' Acque del Pianto, l' Acque di Stige, perche queste rendono impenetrabili ad ogni furor di ferro gli Achilli, queste renderebbono gli Achilli svenati da ogni scotimento di canna. Mà facciamo, che quest' arte vile di lagrimar abbia il suo spaccio, dove troveremo il Savio, ò tutta traquillità nell' animo, à fronte d' ogni infortunio, come il richiede la commune Filosofia: ò tutto giubilo anche nel volto à vista del Toro di Falaride, come l' obbligava la Stoa; ò almeno, come i Poeti il fingevano, trà gli eccidii della stirpe, con le lagrime sù le gote ò apparenti, ò dipinte, ò nulla significanti, per conforto solamente del volgo? Mens immota manet, lacrymæ volvuntur inanes. *Nè questa si mirabile invenzione appunto del moto perpetuo d' un Pianto sempre perenne, sempre grondante tirò à pervertire solamente la Filosofia, ò comune, ò stoica, ma la Republica tutta. Imperoche, se questa prevaleva, và cerca Giudici d' incorrotta Giustizia! una lagrimetta tosto corromperallo. Và cerca Campioni d' invitta Fortezza! Ogni urlo di Nemico il caccierà pri-*

ma

o gozo dos bens, motivo porque realmente eſtes ſe choraõ, e aquellas ſe deteſtaõ. E porque eſtes ſaõ os eſtimados, e amados: *Quod defles, illud amaſti*; na verdade nunca ninguem chorou o que nem eſtimou nem altamente amou. Ora applauda quem quizer huma filoſofia taõ funeſtamente eſcandaloſa que com a ſua cançada doutrina ſó ſe esforça em que os homẽs amem, e eſtimem os bens deſte mundo, como huns cegos amantes: e por eſta razaõ temo muito, que eſte Pranto ſeja huma fonte perenne de vicios Atheiſtas.

Porém naõ he eſte ſó o prejuizo, que a Republica do Pranto recebe de Heraclito, aſſim como naõ he ſó huma a utilidade de que ella participa com o Riſo de Democrito. E ſe naõ digaõme: naõ he a fraqueza humana demaſiadamente inclinada a naõ ſaber rebater com animo generoſo os inſultos da fortuna, e a naõ ſe oppor com valor magnanimo ás calamidades da vida? Pois para que he enfraquecella mais, empenhando-ſe Heraclito em fazer mais fraca a meſma fraqueza? E muito mais naõ ſendo as aguas do Pranto as aguas da lagoa Stygia; porque eſtas faz com que ſejaõ impenetraveis os Achilles, e aquellas os fariaõ naõ ſó ſujeitos a qualquer furor do ferro, mas ainda a qualquer acometimento de huma debil cana. Porém façamos com que eſta arte vil de chorar tenha o ſeu exercicio, donde acharemos o Sabio, ou todo tranquilidade no animo na occaſiaõ de qualquer infortunio, como quer a Filoſofia commua; ou todo alegre ainda no ſemblante à viſta do Touro de Falaris, como o obrigava a Eſtoica, ou aó menos como fingiaõ os Poetas entre as ultimas afflicçoens com as lagrimas ou apparentes, ou pintadas no roſto, ou que nada ſignificavaõ, e ſómente para confortaçaõ do povo: *Mens immota manet, lacrymæ volvuntur inanes.*

ma à piangere, e poscia à fuggire. Povera Acaja; se corrotti i suoi Popoli da si effeminati dettami, un escrito Barbaro avesse inondate le tue Campagne! Era del certo spedita la libertà della Provincia Maestra del Mondo, che di repente t'avresti vedute sorgere le catene sùl collo. E sò, ch'avereste ritrovati i Leonidi, ò i Temistocli à tua difesa, se tutta la Grecia si era pe'l suo Eraclito trasformata in una Troja di gente, che piangeva ad occhi caldi, prima di vedere sulle mura il ferro, ò la fiamma. Di tutto il contrario è benemerito operatore il Riso di Democrito. Questo fà gli Uomini non gementi sotto la sferza, ò d'un incontro del caso, ò d'un'insulto della Potenza, come Putti; mà calpestatori d'ogni tormento, d'ogni piacere. Poiche nulla teme, chi nulla pregia; ed è superiore à tutti, chi si ride di tutto. Onde giudicate voi, se al Pianto di Eraclito, che tanto nuoce, ù il Riso di Democrito, che tanto giova, convenga più l'esser Figliuolo della Ragione.

Nè solamente intese Eraclito à corrompere il Genere Umano, mà insieme ad infamarlo, la dove col suo Riso Democrito sempre in riputazione il sostenne. Poiche quegli con pianto si dirotto il dichiarò disperato dell'emmenda de'vizi; questi con Riso gioviale lasciò sempre esperanza, che ne potesse risorgere. Quegli il deplorò (lasciatemi usare per una sol volta una voce latina) come affatto morto; questi sperò, che i suoi Cachinni fossero trombe atte a risvegliarlo dal suo letargo. Credei mio questo pensiere; quando il viddi cadere dalla penna sùl foglio. Mà trovatolo poi ne'Volumi di Seneca, hò temuto, che sia deposito di memoria quel che credei contante d'ingegno. Onde per non farmi bello dell'altrui luce,

il

nes. Nem esta taõ admiravel invençaõ de hum moto continuo de perennemente chorar se encaminhou sómente a perverter a Filosofia, ou commua, ou Estoica, mas tambem a toda a Republica. Por quanto se esta prevalece, huma só lagrima corromperá a hum Juiz de incorrupta justiça, e naõ menos a hum Capitaõ de invencivel fortuna; porque primeiro chorando, e depois fugindo, será derrotado de seus inimigos. Miseravel Achaya, se corruptos os teus póvos com taõ affeminados dictames inundasse os teus campos hum barbaro Exercito! Certamente entaõ se acabaria a liberdade da Provincia mestra do mundo; porque de repente te veria com cadeyas ao pescoço. E sey que terias achado hum Leon, ou hum Themistocles para a tua esféra, se toda a Grecia se tinha transformado pelo seu Heraclito em huma Troya de gente, que chorava com vivas lagrimas antes de verem sobre os muros as lanças, ou as chammas. Pelo contrario nenhuma destas consequencias se pódem temer do Riso de Democrito. Este faz com que os homens como meninos naõ gemaõ, oupor hum encontro do acazo, ou por hum insulto do poder, antes desprezem qualquer tormento, e qualquer gosto. Nada teme quem nada estima, e he superior a todos quem de todos se ri. Por isso julgay vós se o Pranto de Heraclito, que tanto prejudica ao Riso de Democrito, que tanto aproveita, he que deve ser chamado filho da razaõ.

Naõ sómente cuidou Heraclito em corromper ao genero humano, mas igualmente pretendeo infamallo, quando Democrito, com o seu Riso o sustentou sempre em reputaçaõ. Hum com Pranto taõ desfeito o declarou incapaz de emenda a respeito dos seus vicios, outro com Riso jovial deixou sempre lugar para a esperança.

il depongo nella bocca di ſi Grande Autore: Adjice, *dice egli*, quod de Humano genere meliùs meretur; quid ridet illud, quam qui luget. Ille ſpei bonæ aliquid relinquit: Hic, *udite, che inſieme il Gran Filoſofo, e l'accuſa in ciò, e'l condanna nella principal controverſia con definitiva ſentenza*: Hic ſtulte deflet, quæ corrigi poſſe deſperat. *A quale ſtato peggiore poteva condurre il Mondo, che à farlo una caſa di deſperati, e col Pianto eterno ſù gli occhi? Se altro è l'Inferno, voi ditelo. Ma voi vedete, che il contraſto è finito, perche ſe Eraclito* ſtulte deflet, *chi averà più ardimento di contendere, che un Pianto ſi pazzo foſſe più ragionevole d'un Riſo ſi ſavio?*

Taluno però, che trionfa nelle Sagre Scritture, e che (laſciatemello pur dire) con le devine carte in mano fà ſempre giuochi maravigliosi d'ingegno, mi dirà: Come avere voi ardimento di canonizare il Riſo per Savio' ſe lo Spirito Santo non pur'il condanna di errante, mà'l dichiarò l'Errore iſteſſo in aſtrato? Riſum reputavi errorem. *Ora due Generi di Riſo io ritrovo: Uno ch'è Figliuolo del Giubilo, l'altro ch'è del diſpreggio. Quegli ſi genera trà le cune d'un cuor rilaſſato, e ſpeſſo hà per Raccoglitrice, ò l'Ubbriachezza, ò la laſcivia, che ſu le labbra il dipongono; queſto ſi concepiſce nella Fucina d'un intendimento ſevero, come una Pallade, e trà lampi d'un magnanimo ſdegno ſù la bocca sfavilla. Il primo è ben tutto errore, mà il ſecondo è tutta ragione. Onde opportunamente lo ſteſſo Spirito Santo il primo ſuo detto con un'altro ſecondo ſuo detto immantinenti interpretò, ſoggiungendo*: Et gaudio dixi: Quid fruſtrà deciperis? *Errore ſtimai il Riſo, mà non altro Riſo, ſe non quello, di cui il Giubilo è Ge-*

perança. Hum (deixaime por esta vez só usar de huma voz latina) deplorou-o como totalmente morto; outro esperou que as suas risadas fossem humas trombetas capazes de o acordar do seu letargo. Entendi ser meu este pensamento, quando o escrevi, mas achando-o depois nas obras de Seneca, vi que foy memoria o que reputey engenho; e por isso para naõ luzir com luz alheya o ponho na boca de taõ grande Author: *Adjice* (diz elle) *quod de humano genere melius meretur, qui ridet illud, quàm qui luget. Ille spei bonæ aliquid relinquit*: *Hic* (ouvi que tambem o grande Filosofo accusa, e condena Heraclito sobre esta mesma controversia com sentença definitiva) *Hic stultè deflet, quæ corrigi posse desperat.* A que estado peyor podia reduzir o mundo, que a fazello huma casa de desesperados, e com lagrimas perpetuas nos olhos? Se outra cousa he o inferno, dizey-o vós. Mas se já vedes, que a controversia está acabada, porque se Heraclito *stulte deflet*, quem haverá que se atreva a continuar em contender sobre hum Pranto taõ louco ser mais racional, que hum Riso taõ sabio?

Com tudo alguem que triunfa nas letras sagradas, e que (deixaimo dizer) com ellas na maõ faz sempre humas maravilhosas galantarias de engenho, tal vez me dirá: Como te atreves a canonizar o Riso por sabio, se o Espirito Santo o declarou como erro? *Risum reputavi errorem.* Ora eu descubro dous generos de Riso, hum que he filho do jubilo, outro do desprezo; aquelle gera-se em hum coraçaõ relaxado, e muitas vezes tem sua origem, ou na embriaguez, ou na lascivia; este procede de hum entendimento severo como a Pallas, e entre relampagos de huma magnanima ira fuzilla pela boca. O primeiro he todo erro, mas o segundo

è Genitore: Et gaudio dixi, quid fruſtrà deciperis? *E qual maraviglia, che da Padre falſario naſca un figliuolo Fallace? Mai non parlò coſì del Riſo di Democrito, del Riſo, ch'è diſpreggio del Riſo, ch'è deriſo; del Riſo, ch' è tutto intendimento, e tutto ragione. La profuſione di quello abbandonò ben lo Spirito Santo alle bocche de' Pazzi*: Riſus in ore ſtultorum, *mà non già queſto, che il ſerbò alle ſue labra Iddio ſteſſo per la morte dell'Empio*: Et in interitu veſtro ridebo. *O Riſo dunque di ſoli Eroi, con cui mentre ridono tutto, ſi rendono aſſoluti Signori di tutto; à ſegno che per giungere à quella grande ſaviezza di*

Aude Hoſpes contemnere opes, & te quoque dignum
Finge Deo;

non furono del certo nella Gentilità neceſſari, nè gl' illuſtri ſogni di Scipione, nè l' eſtaſi ingegnoſe di Seneca. Qual neceſſità di cavalcare le nuvole, di ſcalare le ſfere, e di aſſiderſi ſopra le ſtelle, per imparare à diſpreggiar la Terra rannicchiata in un punto? A che imprendere un ſi gran volo, ſe meditazione ſi ſalutare un ſolo riſo di Democrito racchiudeva?

Or fin' à qui gli effetti ſoli, ò buoni, ò rei hanno, ò commendato, ò condannato il Riſo, e 'l Pianto de' due Filoſofi: E tempo è già di paragonarne il merito in ordine alle loro cagioni, cioe à loro Padri, ò Autori, non potendo da mala Pianta frutto buono, ne da buona frutto malo produrſi Ed in vero Eraclito fù d' ingegno mezzano, e languente, come il ſuo Pianto, onde nulla, ò di nuovo, ò di grande ne traſſero, nè i Coetanei, nè i Poſteri: Superbo nondimeno vantoſſi,

che

do he todo razaõ, e porisso opportunamente o mesmo Espirito Santo interpretou o seu primeiro dito, accrescentando outro: *Et gaudio dici: Quid frustrà deciperis*; como se dissesse: Eu reputei o Riso por erro, mas naõ outro Riso senaõ aquelle, que procede do jubilo: *Et gaudio dici: Quid frustrà deciperis.* E que maravilha he que de hum pay falsario nasça hum filho enganador? Mas naõ fallou assim do Riso de Democrito, do Riso que he desprezo do Riso de que se escarnece, do Riso que he todo entendimento, e todo razaõ: A profuzaõ daquelle Riso poz o Espirito Santo na boca dos loucos: *Risus in ore stultorum*; porém naõ já este, que pela morte dos impios reservou o mesmo Christo para si: *Et in interitu vestro ridebo.* O' Riso, pois, só digno dos heroes, com o qual em quanto rindo tudo se fazem absolutos senhores de tudo; de tal modo, que para chegar áquella grande sabedoria de

Aude hospes contemnere opes, & te quoque dignum
Finge Deo,

naõ foraõ necessarios na antiguidade, nem os illustres sonhos de Scipiaõ, nem os extasis engenhosos de Seneca. Que necessidade ha de montar sobre as nuvens, de escalar as esferas, e de fazer assento nas estrellas, para aprender a desprezar a terra, que he hum ponto? Para que he emprender hum taõ grande voo, se hum só Riso de Democrito incluhia huma taõ saudavel meditaçaõ?

Ora atéaqui tem os bons, ou maos effeitos recomendado, ou condemnado o Riso, e Pranto destes dous Filosofos: he tempo já de comparar o merecimento

che non mai ebbe Maestri, ò se pur n'ebbe, disse: Furono solamente gli Dei. Si pose il Furbo in sagro, per non esser punito degli scandalosi suoi dogmi. L'insegnar poi à piangere le miserie umane fù dottrina pur troppo facile, benche troppo ferale, benche di troppo stento. E ben poteva risparmiar la fatiga di aprire una scuola, che fin dal primo punto del nostro nascimento la Natura à tutti spalanca, e che senz'arte c' insegna una sapienza così funesta. Et te in oltre come dottrina ricevuta dagli Dei quella, che stuzzica di continuo gli Uomini à querelarsi, ò della Natura, come Madrigna, ò della Providenza, come parziale, cioè à bestemiar sempre Dio sotto diversi nomi di Dio? Per lo contrario l'ingegno di Democrito fù de' più perspicaci, che produsse la Grecia, e perciò acclamato fin da Latini Subtilissimus Antiquorum; *Ingegno, che fù di ammirazione ad Ippocrate, d'invidia à Platone, il quale doppo d'aver molto rapito da' suoi volumi, tentò di bruciarli tutti, ingegnandosi di distrugger la miniera, perche la Posterità non vi riconoscesse i suoi furti: Uomo, che non pure aggiunse la dote di nuove, & altissime specolazioni alla Sapienza, mà parimenti arricchì l'Arte cò ritrovati di fabricare le Curvature delle Volte, e de' Ponti, di polir l'Ebano, e di transformare la fragilità del vetro nella sodezza di veri smeraldi; ed in fine sempre intento à dare ò gioje, ò materia di gioje: Benemerito non pur degli Uomini, mà dirollo anche di Dio, insegnando à conoscere i Beni della Terra, per Beni sù, mà dispreggievoli, cioè per meri mezzi, per mere vie, per iscale al Fattore, e non già ò per fini, ò per mete; onde giustamente gli dispreggiò, e piamente ne rise.*

E questo

delles pelo que reſpeita ás ſuas cauſas; iſto he á ſua origem, naõ podendo de huma má planta naſcer bom fruto, nem o que he máo proceder de boa. Verdadeiramente Heraclito foy de engenho mediano, e taõ languido como o ſeu Pranto, motivo porque nem os ſeus coetaneos, nem á poſteridade nos deixaraõ delle algumas recomendaveis memorias: com tudo ſoberbamente ſe deſvaneceo de que nunca tivera meſtres, e ſe os tivera, diſſe que foraõ ſómente os deoſes. Recolheo-ſe com aſtucia a ſagrado, para que o naõ caſtigaſſem pelos ſeus eſcandaloſos dogmas. Em quanto ao enſinar a chorar as miſerias humanas foy huma doutrina muy facil, ainda que muy cuſtoſa; e bem podia pouparſe do trabalho de abrir huma eſcola, que deſde o primeiro ponto do noſſo naſcimento abrio para todos a natureza, a qual ſem arte enſina huma taõ funeſta ſciencia. E como podia ſer eſta inſpirada pelos deoſes, ſe continuamente ſe empenhava a fazer queixar os homens, ou da natureza como madraſta, ou da Providencia como parcial? iſto he, a blasfemar ſempre de Deos de baixo de diverſos nomes de Deos. Pelo contrario o engenho de Democrito foy hum dos mais perſpicazes, que produzio a Grecia, chamandolhe até os Latinos *Subtiliſſimus antiquorum*, engenho que ſervio de amiraçaõ a Hypocrates, e de inveja a Plataõ, o qual depois de lhe haver roubado muito dos ſeus volumes, intentou queimallos todos, fazendo muito por deſtruir a mina, para que a poſteridade naõ conheceſſe os ſeus furtos: homem, que naõ ſó augmentou a ſua ſabedoria com raras, e altiſſimas eſpeculaçoens, mas igualmente enriqueceo a arte com os deſcobrimentos de fabricar as abobedas concavas, e os arcos das pontes, de pulir o marfim, de transfor-

E queſto ſuo Riſo diſpreggiatore non potè provenire, ò da Finzione, ò da Crudeltà, come ſoſpettonne taluno, dicendo. Alienis malis queri, æterna miſeria eſt, alienis delectari malis inhumana voluptas, *dimenticato di ciò, che più ſaggiamente aveva prima pronunciato*: Humanius eſt deridere vitam, quàm deplorare. *Poiche quanto al fingere il dipreggio; Egli l'aveva prima moſtrato con la mano, che in ſù le labbra. Egli fece de' beni temporali sì aſpro governo, che le ſue immenſe ricchezze eredità d'un Padre; che potè non breve ſtagione alimentare del ſuo l'eſercito di Xerſe, che con un pranſo diſertava Campagne, ed aſciugava Fiumi, legittò, via* Tamquam, *e ſono ſue parole*, tamquam onera bonæ mentis. *Coſi prima eſperimentò in ſe Serio quel, che inſegnò ad altri ridente, ingegnandoſi di condir col riſo una dottrina, che all'umano palato era sì amara. Eraclito poi non potè dar fede co' fatti al ſuo Pianto: Poiche di tutto poveriſſimo, fuorche di lagrime, porſe materia di ſoſpettare, che queſte furono ò finte, ò intereſſate, ò anche crudelli. Imperoche quanto alla finzioni, non laſciava egli affaciare ſugli occhi ſuoi le lagrime, ſe non uſciva nella ſcena, e vi videva ſpettatori*: Heraclitus quotiès prodierat, ſtabat; *e pure* Ille dolet verè, qui ſine teſte dolet. *In oltre anch' egli ſofferiva le umane miſerie*, & ipſe, *come notò Seneca*, inter deplorandos erat. *Mà perche in ſegreto portava negli occhi il Sollione della Libia, e nel Foro le cataratte del Nilo? Perche furono lagrime finte, e dà Teatro, ò per procacciare con quel viſo da mendico ſoccorſi alla ſua Povertà, ò applauſi alla ſua virtù, ed in conſequenza, ò per la Gloria ſempre fù intereſſato. Mà che? V'ebbe però un'altro intereſſe*

mar a fragilidade do vidro na solidez de pedras preciosas: homem benemerito, naõ sómente dos homens mas igualmente direy que de Deos; porque ensinou a conhecer os bens da terra, sim por bens, mas que se deviaõ desprezar; isto he, por huns meros meyos, e caminhos, por escada ao Creador, e naõ já por fins, ou por termos; motivo porque justamente os desprezou, e piamente zombou delles Este seu Riso desprezador naõ podia proceder, ou de ficçaõ, ou de crueldade como suspeitou alguem, dizendo: *Alienis malis queri, æterna miseria est: alienis delectari malis inhumana voluptas.* Quem assim fallou, esqueceo-se do que antes mais sabiamente tinha dito: *Humanius est deridere vitam, quàm deplorare.* Em quanto a fingir o desprezo, primeiro que o recomendasse com as palavras, o mostrou com as obras; porque fez dos bens temporaes hum taõ aspero governo, que lançou de si *tamquam* (saõ palavras suas) *tamquam onera bonæ mentis* ás suas immensas riquezas, herança de hum pay, que pode por largo tempo alimentar com ellas o Exercito de Xerxes, e que em hum jantar enxugava rios, e despovoava campos. Deste modo experimentou em si primeiro com seriedade o que depois ensinou aos outros com Riso, pretendendo temperar com huma doutrina, que era taõ amargosa ao paladar humano. Com estas obras naõ pode Heraclito justificar o seu Pranto; porque sempre pobrissimo (excepto de lagrimas) deu materia para se suspeitar, que estas foraõ, ou fingidas, ou interesseiras, ou tambem crueis. Em quanto ao fingimento nunca este Filosofo chorava sem ser em publico, buscando expectadores, que o vissem: *Heraclitus quoties prodierat, stabat*, quando *ille dolet verè, qui sine teste dolet.* Além disto elle soffria

as

tereſſe oltremodo ſottile. Il meſchino Eraclito era Idropico, e forſe tentò di ſcaricare per li canali degli occhi quell' Umore maligno, e pertinace. Onde Quel Pianto, ch'egli oſtentò, come rimedio degli Uomini, fù ſolamente inventato per ſua medicina. E vi ſarà, chi dica, che ſe fù d'animo debole, almeno fù di cuore manſueto? Animi imbecillis, ſed mitis. *Manſueto, chi valendo ritrarre per ſè ſolo la ſalubrità, diſtribuiva con buona derrata ad ogni Uomo l'amarezza del ſuo medicamento? Manſueto, chi tutto intento à sfogare gl'impeti del Morbo ſuo Ippocondriaco, non già come l'Italiano Poeta con le lagrime del ſuo Amore inquietava proſſimi, e lontani, mà diſturbava la Pace, ed amareggiava i Godimenti d'un Mondo? Fù per l'oppoſta parte Democrito sì ſoſpettoſo al Ripoſo del publico, è sì alieno dal turbare l'altrui quiete, ò anche Piacere; che proſſimo à morte, ed ammonito dalla ſorella, che ſe in quel tempo ſpirava averebono i ſuoi funerali turbate le feſte della Dea Cerere: Non vi ſgomentate, ſoggiunſe, che con facile opera farò il voſtro contentamento: Portatemi di continuo Pane dianzi ſottratto da Forni; il che fatto; avvicinandolo egli di continuo alli nari, con gli ſpiriti di quel vaporoſo calore ſi ſoſtenne in vita fin tanto, che le Publiche contentezze traſcorſero. Queſta è vera manſuetudine, e non* inhumana voluptas, *prolungare à ſè moribondo le Agonie per non accorciare à viventi le gioje. Voler per ſe una lunga morte per non contendere agli altri una lunga Allegrezza. Non voler, che per lui ſi avveri eſſer non altro, che uno ſoſpir breve la morte, perche il guſtoſo rèſpiro del Popolo breve non foſſe. Infine volle in ſè patire la Maſſima delle Tiranni-*

as miserias humanas: *Et ipse*, (como notou Seneca) *inter deplorandos erat*. Logo para que occultamente trazia nos olhos o Solion da Libia, e no publico as cataratas do Nilo? Porque foraõ fingidas as suas lagrimas, ou para soccorrer a sua pobreza com semblante de mendigo, ou para fazer applaudir a sua virtude, e em consequencia sempre mostrou interesse, ou do ouro, ou da gloria. Mas que muito se ainda mostrou ser interesseiro por hum modo extraordinariamente subtil? O miseravel Heraclito era hydropico, e tal vez procurou descarregar pelos olhos aquelle maligno, e pertinaz humor, e por este motivo o Pranto, que ostentava como remedio dos homens, foy sómente inventado para medicina delle. E haverá quem diga que se foy de animo debil, ao menos teve tambem coraçaõ manso? *Animi imbecillis, sed mitis*. Manso quem procurando para si só a saude, distribuhia largamente com todos a amargura do seu medicamẽto? Manso quem todo applicado a desafogar os impetos do seu achaque hypocondriaco, inquietava os proximos, e os distantes, naõ já como fazia o Poeta Italiano com as lagrimas do seu amor, mas disturbava a paz, e fazia amargosos os gostos de hum mundo? Ora pelo contrario foy Democrito, taõ amante do repouso do publico, e taõ alheyo de perturbar a quietaçaõ, e ainda gosto alheyo, que estando proximo á morte, e dizendolhe sua irmã, que se espirasse naquelle tempo, perturbaria o seu funeral as festas da deosa Ceres; naõ vos afflijais, respondeo, que facilmente remediarey o vosso receyo, e vos naõ negarey essa consolaçaõ. Trazeime continuamente paõ tirado do forno, o que feito, chegando-o de continuo ao nariz, sustentou a vida com os espiritos daquelle vaporoso calor até que deraõ fim as publi-

rannidi, cioè una morte lenta, per non rapire à ſuoi Cittadini il minimo de' contenti. E ſarà credibile, che nel cuor di coſtui ſia mai caduta quell' inhumana voluptas? Aggiungo, che ſe Domocrito ſi accecò, come tutti già diſſero, per amor della verità; io fondatamente ſoſpetto, ch'egli il faceſſe per amore degli Uomini. Vedendo, che quel ſuo continuo Riſo, e quella ſua perpetua Comedia cominciava forſe a recare lor tedio, per ſottrargliene, calò ſopra i ſuoi occhi la tenda, e licenziò il Teatro. Ed in tal guiſa l' Uomo di animo moderatiſſimo tolſe a ſe prima la materia, e poi agli altri la noja del ridere. In tanto ſi vide, che i Fati maggior applauſo fecero all' Autore del Riſo, riputandolo, ò più innocente, ò più ragionevole, che à quella del Pianto. Poiche Democrito traſſe una tranquiliſſima vita fin all' invidiata decrepitezza di 110. *anni; ed Eraclito mentre curava al Sole, ed ungeva col graſcio la ſua Cute in rimedio della ſua Idropiſia, che l'affogava, ſopragiunſero due Maſtini, che gli ſtrapparono, e divorarono inſieme le viſcere. Onde già un Poeta coſì gli favellò, e 'l confortò in quel punto.*

Dùm tu Sole cutem, nitidoque abdomine curas,
Dicuntur rabidi te laniaſſe Canes.
Quàm benè lugubres aſſuetum fingere vultus,
Deprenſum in luctu Dii volueri mori.
Sic qui dùm vixiſti, quod fleres ſemper habebas;
Dùm moreris, quod te rideat Orbis, habes.

Mà che mi vado aggirando con eſtrinſechi argomenti, quaſi che tema di cimentare à fronte à fronte il Riſo col Pianto? Mà non mi ſi parli già di quel

Pianto

as publicas alegrias. Esta fim, que he verdadeira mansidaõ, e naõ *inhumana voluptas*, dilatar a si moribundo as agonias, para naõ perturbar o gosto aos viventes; querer para si huma dilatada morte, para naõ impedir aos outros huma larga alegria; naõ querer que nelle se verificasse ser a morte hum breve suspiro, para que a gostosa respiraçaõ do povo naõ fosse breve: em fim quiz em si padecer a maxima da tyrannia; isto he, huma morte lenta, para naõ privar aos seus Cidadãos de hum minimo contentamento. E será crivel, que no coraçaõ deste Filosofo houvesse em algum tempo aquella *inhumana voluptas*? Accrescento mais, que se Democrito tirou a si mesmo os olhos, como todos disseraõ, por amor da verdade, eu suspeito com fundamento, que o fez por amor dos homens. Vendo que aquelle seu continuo Riso, e aquella sua perpetua Comedia começava talvez a causar tédio, para o evitar, desceo sobre os olhos o pano, e despedio-se do theatro. Deste modo he que obra hum homem do animo mais moderado; primeiro tira a si a materia, e depois aos outros o tédio de tanto rir. Com effeito os Fados mayor applauso fizeraõ ao author do Riso, reputando-o ou mais innocente, ou mais racional, que ao do Pranto. Democrito passou huma suavissima vida até a invejada idade de cento e dez annos, e Heraclito estando posto ao Sol, e untando a pelle para remedio da sua hydropezia, que o afogava; chegaraõ dous cães que o mataraõ, e lhe devoraraõ ao mesmo tempo as entranhas; motivo porque já hum Poeta, fallando com elle, o confortou deste modo naquella afflicçaõ:

Dum tu Sole cutem, nitidoque abdomine curas,
Dicuntur rabidi te laniasse canes.

Pianto, che doppo tanti ſecoli un Dio conſagrò; nè di quelle lagrime, che ſtempera la mano d' un sì gran Sagramento, qual' è la Penitenza. Poiche ben ſappiamo, ch'una nuvoletta di quelle val più, che tutto il ſereno del Sole; venero quelle Omnipotenti Acque, di cui ſi diſſe, che una ſola ſtilla, aut facit, au invenit Paradiſum. *In fine io m'inchino à quell' uſo ſolo di Pianto, ch' è rivolto à radere le macchie de' peccati commeſſi, e per lavar le immondezze delle colpe paſſate; à quel Fiume, che ſe corre all' indietro, & all' insù, come già fece il Giordano, non và à ſtagnare in un Mar morto, mà ſi porta nelle riviere del Cielo. Or non eſſendoſi il Pianto d' Eraclito à ciò ſteſo; ponderiamo il Pianto, e 'l Riſo ſecondo le proprie lor forze, e ci accorgeremo qual de' due più à peſo di ragione preponderi? Il Piano è commune a' Bruti, il Riſo è unica dote dell' Uomo, e non ſolamente è dote, mà è una manifeſta, e ſicura luce, che dice: Soggiorna quì la Ragione. Piangono all' incontro le beſtie, ed à quel gran Cavallo attribuì Virgilio non piccole, mà ben rotonde lagrimone; additando, che dove l' Irraggionevolezza è maggiore, quivi il Pianto è più largo. Niuno però degli Animali mai riſe, ed allora ſolamente ſi attribuiſce loro, ed all'altre ſoſtanze inſenſate per metafora il Riſo, quando ſi vuol donar loro, ò Anima, ò Mente. E l' Uomo iſteſo allora più s' immerge nel Pianto, quando più è immerſo nella materia, e lontano dalla Ragione, cioè quando è più Putto. Quindi è che quando la Gentilità invidioſa di alcun de' Profeti prevenuti dal ſenno nell' utero delle Madri; finſe prevenuto d' intendimento il ſuo Zoroaſtro vaticinante; Che fece nel comparire sù le cune, ed à viſta del Mondo quel Saggio putto? Perche*

gli

Qàm benè lugubres assuetum fingere vultus,
Deprensum in luctu Dii voluere mori.
Sic dùm vixisti, quod fleres semper habebas;
Dùm moreris, quod te rideat Orbis, habes.

Mas para que me canço com argumentos extrinsecos, pretendendo de oppor frente a frente o Riso com o Pranto? Nem se me falle já daquelle Pranto, que depois de tantos seculos consagrou hum Deos, nem daquellas lagrimas, que se originaõ de hum taõ grande sacramento, qual he a Penitencia; porque bem sabemos, que a minima nuvem destas val mais que toda a serenidade do Sol. Venero igualmente aquellas omnipotentes aguas, das quaes se disse, que huma só gota *aut facit, aut invenit Paradisum.* Finalmente approvo com reverencia só aquelle uso de lagrimas, que se encaminhaõ a lavar as manchas dos peccados commettidos; aquelle rio, que se corre, como já fez o Jordaõ, naõ vay a parar em hum mar morto, mas sim nas prayas de hum celestial porto. Ora tendo esta origem o Pranto de Heraclito, pezemos as lagrimas, e o Riso, segundo as suas proprias forças, e veremos qual dos dous contrapeza mais com o pezo da razaõ. O Pranto he commum aos brutos, o Riso he dote unico do homem, e naõ só he dote, mas huma manifesta, e certa luz, que diz: Aqui ha razaõ. Pelo contrario choraõ os animaes, e naõ poucas lagrimas attribuhio Virgilio a hum cavallo, como dando a entender, que se dá mais largo Pranto donde a irracionalidade he mayor: porém em nenhum dos animaes se tem visto o Riso, e só por metafora he que se attribue a elles, e a outras substancias insensatas esta propriedade, quando se lhes quer dar alma, ou entendimento:

gli assisteva in capo la Ragione, non potè piangere, mà dovè ridere, onde fù egli il Foriero, per non essermi lecito dire, il Precursore dell'assennato Democrito. Che più? Non sia stato mai, nè disprezzante, nè eroico il Riso di Democrito, sia stato naturale, ò sol derisivo dell' Inezzie degli Uomini: anche così fù del Pianto più ragionevole. Abbia egli derise le deformità scompagnate dal dolore: non fù più di ragione deridere le Inezzie, le quali sono sì numerose, che le miserie, le quali à paragone di quelle sono sì poche? Onde quando si voglia richiedere per oggetto del Riso, ò la Maraviglia, ò la Novità, il che non deve verificarsi, che d'un Genere solo di Riso; qual è quel punto, in cui la Terra non è per sè feconda d' Inezzie? mercè che in ogni luogo, in ogni istante con capricciosa novità si genera. E quando manchi ogni altro argomento certa cosa è, che il Pianto da' Poeti fù posto sù l'uscio, Luctus, & ultrices posuere cubilia curæ, *e da Christo nel centro dell' Inferno*, ibi erit fletus; *là dove il riso entrerà nel Cielo, e quivi eterno eternalmente viverà co' Beati. Finalmente dandando e'l Pianto e'l Riso per vani, ed inutili; certamente maggior senno fè Democrito, che almeno se non ne ritraesse profitto, ne conseguì gusto, e se non rendè li suoi seguaci buoni, gli mantenne giocondi; ch'all'incontro Eraclito, e nulla ottenne di bene, e molto conseguì di male, cioè doppo tante pioggie di lagrime non mietè il Balordo, che l'affanno suo, e del Publico.*

Hò finito. Mà in questo punto stò per ribellarmi da Democrito, e rendermi Uom ligio d' Eraclito. Poiche avvedendomi di aver male scritto, e peggio declamato à favor del Riso, vorrei e col Pianto scancellar

dimento. O meſmo homem, quando eſtá mais diſtante da razaõ, iſto he na ſua infancia, e mais engolfado na materia, entaõ he que o vemos mais ſubmergido no Pranto. Daqui vem, que quando a gentilidade invejoſa de algum dos Profetas, que logo deſde o utero materno vinhaõ com o uſo da razaõ, fingiaõ tambem que ao ſeu Zoroaſtre ſe lhe anticipara o entendimento naſcendo com eſpirito profetico. E que fez ao naſcer eſte ſabio menino? Porque já o dominava o uſo da razaõ, naõ pode chorar, mas ſómente rio: motivo porque foy o nuncio (por naõ me ſer licito dizer o precurſor) do judicioſo Democrito. Que mais temos? Quero que o Riſo de Democrito naõ foſſe nem deſprezador, nem heroico, mas ſómente natural, e que naſcia das loucuras dos homens; ainda aſſim foy muito mais racional, que o Pranto de Heraclito. Zombaſſe elle muito embora das desformidades acompanhadas da dor; naõ foy mais racional eſcarnecer deſtas loucuras, que ſaõ taõ numeroſas, que chorar as miſerias, as quaes em comparaçaõ daquellas ſaõ taõ poucas? E quando ſe queira procurar por objecto do Riſo, ou a maravilha, ou a novidade, o que naõ deve verificarſe mais que de hum ſó genero de Riſo, qual he aquelle ponto da terra em que ella per ſi naõ ſeja fecunda de loucuras? E quando falte outro algum argumento, he couſa certa que os Poetas pozeraõ o Pranto na entrada: *Luctus, & ultrices poſuere cubilia curæ*, e Chriſto no centro do Inferno: *Ibi erit flectus*, quando o Riſo ſó terá lugar no Ceo, e nelle como eterno vivera eternamente com os Bemaventurados. Finalmente, concedendo que aſſim o Pranto, como o Riſo foſſem vãos, e innuteis, certamente mayor juizo moſtrou Democrito; porque

ao

cellar quanto ſcriſſi, e col pentimento ritrattar quanto hò detto. Mà ſto fermo. Poiche chi mi ſegue, farà, che'l faccia con mio commune dilletto: perche come un'altro Orfeo farà, che dolcemente piangano, non pur gli Amici, e gl' Inimici del Pianto, mà le Furie medeſime; onde oggi ſi dica per verità, non per favola:

Tunc primùm lacrymis victarum carmine fama eſt,
Eumenidum maduiſſe genas.

DIS-

ao menos se delle naõ tirou proveito, conseguio gosto; e se naõ fez bons aos seus sequazes, ao menos conservou-os alegres; e pelo contrario Heraclito naõ adquirio nenhum bem, antes conseguio grande mal; porque depois de tantas chuvas de lagrimas só recolheo a sua afflicçaõ, e a do publico.

Tenho acabado; mas neste ponto estou para me rebelar contra Democrito, e fazerme parcial de Heraclito; porque reparando em que escrevi mal, e declamey peyor a favor do Riso, quizera com o Pranto riscar quanto escrevi, e com o arrependimento retratarme de quanto disse: porém naõ quero; porque o Orador, que se segue, fará com que eu o faça com meu commum deleite; pois como outro Orfeo fará que docemente chorem naõ só os amigos, e inimigos do Pranto, mas as mesmas Furias; motivo porque hoje se dirà verdadeira, e naõ fabulosamente;

Tunc primum lacrymis victarum carmine fama est,
Eumenidum maduisse genas.

DIS-

DISCORSO SECONDO

A favore de Eraclito

DEL PADRE

ANTONIO VIEIRA

Della Compagnia di GIESU.

Viene il Pianto nel ſuo prorio luogo, perche viene dopò il Riſo: extrema gaudii luctus occupat. *Se foſſe il Riſo, come Giano*, qui ſua terga videt, *lo ſteſſo Riſo piagnerebbe. Non diffida già il Pianto della vittoria della ſua Cauſa, nò; ſolo invidia al Riſo la ſua fortuna. Se il Pianto, e'l Riſo compariſſero in queſto gran Teatro del Mondo veſtiti colla diviſa della verità, cioè a dire ignudi entrambi; non ci ha dubbio, che la vittoria ſarebbo del Pianto: per tanto; che il Riſo veſtito, adorno, e armato da sì ſublime eloquenza ſi rida del Pianto, non è merito, fu fortuna. Di tutto ciò, che nel Mondo brilla, e ride comparve jeri veſtito, adorno, ed armato il Riſo: ridono i Prati, egli comparve veſtito di fiori; ride l'Aurora, egli coparve adorno di lumi; che ſe i lampi, ed i fulmini ſono chiamati dall'antichità*, Riſus Veſtæ, & Vulcani, *fra tanti lampi, tuoni, e fulmini d'Eloquenza, chi non iſtimerà il povero Pianto abbarbagliatto da lampi, aſſordato da tuoni, e ferito a morte du fulmini? Quindi è, che il Riſo naſce ſù le labbra, come eloquente; il Pianto all'incontro negli occhi, come mutolo. Or s'egli è vero, che* interdùm lachrymæ pondera vocis habent, *quantun-*

DISCURSO SEGUNDO

A favor de Heraclito

PELO PADRE

ANTONIO VIEIRA

Da Companhia de JESUS.

EM seu lugar apparece o Pranto, porque segue, e vem depois do Riso. Se fosse o Riso como Jano, *Qui sua terga videt*; choraria o mesmo Riso. Naõ desconfia o Pranto, naõ, da sua causa, inveja só ao Riso a sua fortuna.

Se o Pranto, e o Riso appareceſſem neste grande theatro no traje da verdade, (sempre nua) sem duvida seria a victoria do Pranto. Mas vestido, ornado, e armado de huma taõ superior eloquencia, que o Riso se ria do Pranto, naõ he merecimento, foy sorte. De tudo quanto ri sahio vestido, ornado, e armado o Riso: rimse os prados, e sahio vestido de flores: ri-se a Aurora, e sahio ornado de luzes; e se aos relampagos, e rayos chamou a antiguidade *Risus Veſtæ, & Vulcani*, entre tantos relampagos, trovoens, e rayos de eloquencia, quem naõ julgará ao miseravel Pranto cego, attonito, e fulminado?

Tal he a fortuna, ou a natureza destes dous contrarios. Porisso nasce o Riso na bocca, como eloquente; e o Pranto nos olhos, como mudo. Mas se *Interdum lacrymæ pondera vocis habent*; assim mu-

que piagnente, quantunque meſto, e veſtito à bruno come già coſtumavano i Rei nel Foro, ò nel Senato dell' antica Roma, compariſce oggi il Pianto alla preſenza maeſtoſa del real Soglio, ed altri tribunale rettiſſimo de' ſuoi eminentiſſimi Giudici; non preſumendo di conſeguir vittoria, ò cattar plauſo, mà ſolo ſperando pietà, e compaſſione, che non ſeppero mai negare gli ſpiriti magnanimi, e generoſi a miſerabili, e piagnenti.

Entrando dunque nella queſtione, ſe il Mondo ſia più degno di riſo, ò pur di Pianto, ò vero, ſe chi lo mira hà più ragion di ridere, come ridea Democrito, ò pur di piagnere, come piangea Eraclito; per difendere, poiche gia ſono in queſt' obligo, le parti del Pianto, confeſſerò una coſa, e dirò inſieme un'altra. Confeſſo la prima proprietà del Ragionevole eſſere il Riſibile, e dico la maggiore improprietà della ragione eſſere il Riſo. Il Riſo è il diſtintivo del ragionevole, il Pianto è l' uſo della ragione. In difeſa di queſto detto, che hò per evidente, non cerco altra pruova, che il Mondo medeſimo, ne minor pruova, che tutto, quanto egli è grande, il Mondo. Chi veramente lo conoſce, neceſſariamente hà de piangere; e chi ride, e non piange, non lo conoſce. Che altro è queſto Mondo, che una Mappa univerſale di miſerie, di travagli, di pericoli, di diſgrazie, di dolori, e di mortalità? E' à viſta d'un teatro immenſo, così tragico, così funeſto, ove ogni Regno, ogni Città, ed ogni coſa muta continuamente la ſcena, ove ogni Sole, che naſce, è una funeſta Cometa, ogni giorno, che paſſa, una fatalità, ogni ora, ogni momento ſi trae dietro à migliaja le diſgrazie, qual Uomo ci avrà mai, ſe veramente egli è Uomo, che

non

do, e com lagrimas, assim triste, e vestido de luto (como costumavaõ os reos no Senado da antiga Roma) se apresenta hoje o Pranto diante da magestade do Solio Real, e Tribunal rectissimo dos seus Eminentissimos Juizes; naõ presumindo, que ha de alcançar a victoria, ou applauso, mas esperando a piedade, e commiseraçaõ, que nunca negáraõ aos miseraveis, e afflictos, os espiritos generosos, e magnanimos.

Entrando pois na questaõ, se o mundo he mais digno de Riso, ou de Pranto; e se à vista do mesmo mundo tem mais razaõ quem ri, como ria Democrito, ou quem chora, como chorava Heraclito: eu para defender, como sou obrigado, a parte do Pranto, confessarey huma cousa, e direy outra. Confesso, que a primeira propriedade do racional he o risivel: e digo que a mayor impropriedade da razaõ he o Riso. O Riso he o final do racional, o Pranto he o uso da razaõ.

Para confirmaçaõ desta, que julgo evidencia, naõ quero mais prova, que o mesmo mundo, nem menor prova, que o mundo todo. Quem conhece verdadeiramente o mundo, precisamente ha de chorar; e quem ri, ou naõ chora, naõ o conhece. Que he este mundo, senaõ hum mappa universal de miserias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, e de mortes? E á vista de hum theatro immenso, taõ tragico, taõ funesto, taõ lamentavel, aonde cada Reino, cada Cidade, e cada casa continuamente mudaõ a scena, aonde cada Sol que nasce he hum Cometa, cada dia que passa hum estrago, cada hora, e cada instante mil infortunios: que homem haverá (se acaso he homem) que naõ chore? Se naõ chora, mostra que naõ he ra-

non pianga? Che se ei non piange, fà mostra di non esser ragionevole: se ride, farà creder risibili ancor le Fiere. Or dunque, se Democrito era Uomini Uomo sì grande, e Filosofo così Savio, come poi vedendo non solo questo Mondo, mà altri molti da sè inventati, come poi dico, ridea? Direte per avventura, che non ridea egli alla vista di questo nostro, mà di quegli altri suoi Mondi, e che à gran ragione ei ridea: posciache quegli altri sui Mondi non eran composti d' altra materia, che di Riso. Nulla però di manco egli è certo, che in questo Mondo, e di questo appunto Democrito si ridea. Mà come mai si ridea Democrito, ò potea ridersi del Mondo medesimo, ò delle medesime cose, di cui piangea Eraclito? Or io penso, ò N. N. che Democrito non ridesse, anzi ch'egli, ed Eraclito unitamente piangessero, benche in differente maniera. Che non ridesse Democrito, lo pruovo: Egli ridea sempre; dunque mai non rideva. Una tal consequenza sembra difficile, ed è evidente. Il Riso, come insegnano tutti i Filosofi, è parto della novità, e della maraviglia; perciò quando miriamo una figura ridiculosa, ò pure udiamo alcun detto grazioso, e faceto, ridiamo sul principio; mà dato luogo à quella prima maraviglia, perche cessa la novità, cessa al medesimo tempo il Riso. Quindi; se Democrito ridea delle communi, ed ordinarie sciocchezze del Mondo, e perciò uscendo di casa, uscia ridendo; essendo cosa fuori d'ogni controversia, che le communi, ed ordinarie sciocchezze non potevano cagionargli, nè maraviglia, nè novità, ne siegue in consequenza, che se rideva sempre, mai non rideva, e che quel che sembrava Riso, in fatti non era Riso. Una tal verità

vie

cional; e ſe ri, moſtra que tambem ſaõ riſiveis as feras.

Mas ſe Democrito era hum homem taõ grande entre os homens, e hum Filoſofo taõ ſabio, e ſe naõ ſó via eſte mundo, mas tantos mundos, como ria? Poderá dizerſe que elle ria, naõ deſte noſſo mundo, mas daquelles ſeus mundos. E com razaõ; porque a materia de que eraõ compoſtos os ſeus mundos imaginados, toda era de riſo. He certo porém, que elle ria neſte mundo, e que ſe ria deſte mundo. Como pois ſe ria, ou podia rirſe Democrito do meſmo mundo, e das meſmas couſas, que via, e chorava Heraclito? A mim, Senhores, me parece, que Democrito naõ ria, mas que Democrito, e Heraclito ambos choravaõ, cada hum ao ſeu modo. Que Democrito naõ riſſe, eu o provo.

Democrito ria ſempre: logo nunca ria. A conſequencia parece difficil, e he evidente. O Riſo, como dizem todos os Filoſofos, naſce da novidade, e da admiraçaõ, e ceſſando a novidade, ou a admiraçaõ, ceſſa tambem o Riſo; e como Democrito ſe ria dos ordinarios deſconcertos do mundo, e o que he ordinario, e ſe vè ſempre, naõ póde cauſar admiraçaõ, nem novidade; ſegue-ſe que nunca ria, rindo ſempre, pois naõ havia materia que lhe motivaſſe o Riſo.

Nem ſe póde dizer que Democrito ſe incitava a rir de alguma couſa, que viſſe, ou encontraſſe de novo; porque ſempre, e em todo o lugar ria; e quando ſahia de caſa, já ſahia rindo; logo ria do que já ſabia; logo ria ſem novidade, nem admiraçaõ; logo o que nelle parecia Riſo, naõ era Riſo.

Confirma-ſe mais eſta verdade com o motivo, e in-

vie più si conferma dalla medesima disposizione, ed intenzione di Democrito: poichè nè si muove, nè può muoversi il Riso in colui, che ride, se la cosa non sia piacevole, ed in fatti piaccia, à chi ride. Or di tutto quel, di cui Democrito si ridea, non solo nulla à lui piaceva, mà più tosto gli dispiaceva ogni cosa: dunque egli non rideva. Mà se egli non rideva, che cosa era mai quel che faceva, che da tutti era chiamato Riso? già lo dissi, ch'era Pianto, e che piangeva Democrito, benche in altra maniera di quella, in cui piangeva Eraclito. Varie sono le maniere di piangere: si piange con lagrime, si piange senza lagrime, e si piange con Riso ancora. Il piangere con lagrime è segno d'un dolore moderato; il piangere senza lagrime, di dolore più intenso; il piangere con Riso, d'un sommo dolore, ed eccessivo. Delle due prime maniere di piangere con lagrime, e senza lagrime, gran pruova me ne porge quel notabile avvenimento, che conta Erodoto di Psammenito Rè dell' Egitto; (lib.3.) *Aveva egli perduto il suo Regno, el primo oggetto degno di Pianto, che si presentasse alle sue Pupille furono le Figliole proprie in abito di Schiave. Le vidde, mà non lagrimò. Se gli offerse poi avanti agli occhi il Prencipe suo primogenito scalzo, e carico da capo à piè di catene: nè tampoco sparse una lagrima: finalmente vide un giorno andar mendico limosinando un antico Servidore della sua Corte, lo vide appena, che à fiumi sgorgarono le lagrime dagli occhi suoi. Oh gran Re, e grande interprete della Natura! le miserie del Servo le pianse con lagrime, senza lagrime quelle de' propri Figlioli, perchè più sensibili di gran lunga. Egli medesimo, il disgraziato Psammenito à Cambise, che di ciò si fa-*

e intençaõ de Democrito; porque naõ póde haver Riſo, que ſe naõ origine de cauſa, que agrade: tudo o de que Democrito ſe ria, naõ ſó lhe deſagradava muito, mas queria moſtrar, que lhe deſagradava; logo naõ ſe ria; e ſe naõ ria, que era o que fazia, a que todos chamavaõ Riſo? Já diſſe que era Pranto, e que Democrito chorava, mas por outro modo. Ora vede.

Ha chorar com lagrimas, chorar ſem lagrimas, e chorar com Riſo: chorar com lagrimas he ſinal de dor moderada; chorar ſem lagrimas he ſinal de mayor dor; e chorar com riſo he ſinal de dor ſumma, e exceſſiva.

Para prova da primeira, e ſegunda differença de chorar com lagrimas, ou ſem ellas, he notavel o exemplo, que refere Herodoto de Pſamnito Rey do Egypto. Perdendo Pſamnito o Reino, vio em primeiro lugar ſuas filhas veſtidas como eſcravas, e naõ chorou; vio depois ſeu filho primogenito deſcalço, e carregado de ferros com as mãos atadas, e hum freyo na boca, e naõ chorou; e vendo eſte meſmo Pſamnito, e com o meſmo coraçaõ, que hum ſeu antigo criado pedia eſmola, derramou infinitas lagrimas. Oh gande Rey, e grande interprete da natureza! Chora com lagrimas a miſeria do criado, e ſem lagrimas a deſgraça dos filhos; aſſim reſpondeo elle á pergunta de Cambiſes: *Domeſtica mala graviora ſunt, quàm ut lacrymas recipiant.*

Com o meſmo penſamento, naõ menos Regio, nem menos varonil, Hecuba com a Coroa perdida, e a patria abrazada, prohibio as lagrimas ás Damas de Troya, dizendolhes aſſim: *Quid effu-*

ſo

si faceva maraviglia, così rispose: Domestica mala erant majora, quàm ut possem ea deflere. *Con lo stesso sentimento non meno reale, non meno virile interdisse Andromaca alle sue Dame lo sparger lagrime sù l'incendio del suo Regno.* (in Troad.) Quid effuso genas fletu rigatis? Levia perpessæ sumus, si flenda patimur. *Il dolor moderato si scioglie in lagrime; l'eccessivo le asciuga, le congela, le inaridisce. Dolore, che può uscir fuora per gli occhi, non è mai grande; perciò Democrito non lagrimava. E perche il piangere, ò con lagrime, ò senza lagrime era piccola dimostrazione del suo dolore; rideа per meglio dichiararne la grandezza, e l'eccesso. Non dico già cosa, che sia contraria a' principii della vera Filosofia, ò all' esperienza, Chi non sà, che le cagioni moderate, e l' eccessive producono effetti contrarii? La luce moderata fà vedere, l' eccessiva accieca; il dolore che non sia grande, fà dare in grida; l' eccessivo fà ammutolire. Così la tristezza se sia moderata, fà piangere; la dove se sia eccessiva, può far ridere. L'esempio l' abbiamo manifesto nel suo contrario. L' allegrezza eccessiva fà piangere, e cava per gli occhi le lagrime non solo à chi è di cuor tenero, e molle, mà à chi hà cuor forte, e magnanimo. Quando Minuzio già libero dalla schiavitù presentossi al Romano suo esercito:* Ita lætitia castra tota effusa sunt, *dice Plutarco*, ut præ gaudio militibus lacrymæ manarent. *Or se il Pianto ci spiega talora l' eccessiva allegrezza, perche non potrà il Riso spiegarci altresì l' eccessiva tristezza? L' Ironia una cosa dice, mà significa la contraria: Il Riso di Democrito era una Ironia del Pianto: rideva mà ironicamente, perche il suo Riso nasceva dalla tristezza, e significava allegrezza; era-*

no

ſó genas fletu rigatis ? Levia perpeſſæ , ſi flenda patimur. (Senec. in Trag.)

A dor , que he moderada ſolta as lagrimas, a que he grande as enxuga , as congela , e as ſeca. Dor , que póde ſahir pelos olhos , naõ he grande dor ; por iſſo naõ chorava Democrito; e como era pequena demonſtraçaõ da ſua dor naõ ſó chorar com lagrimas , mas ainda ſem ellas , para declararſe com o ſinal mayor , ſempre ſe ria.

Nada digo , que ſeja contrario aos principios da verdadeira Filoſofia , e da experiencia. A meſma cauſa , quando he moderada , e quando he exceſſiva , produz effeitos contrarios : a luz moderada faz ver , a exceſſiva faz cegar ; a dor , que naõ he exceſſiva , rompe em vozes , a que he exceſſiva emmudece.

Deſta ſorte a triſteza , ſe he moderada , faz chorar ; ſe he exceſſiva , póde fazer rir ; no ſeu contrario temos o exemplo : a alegria exceſſiva faz chorar , e naõ ſó deſtilla as lagrimas dos coraçoens delicados , e brandos , mas ainda dos fortes , e duros.

Quando Minucio livre do cativeiro appareceo ao ſeu exercito , que era o Romano : *Ita lætitiam tota caſtra effuſa ſunt ut præ gaudio militibus omnibus lacrymæ manarent* , diz Plutarc. in Fab.

Pois ſe a exceſſiva alegria he cauſa do Pranto , a exceſſiva triſteza porque naõ ſerá cauſa do Riſo ? A ironía tem contraria ſignificaçaõ do que ſoa : o Riſo de Democrito era ironía do Pranto ; ria , mas ironicamente , porque o ſeu Riſo era naſcido de triſteza , e tambem ſignificava alegria ; eraõ lagrimas transformadas em Riſo por metamorphoſis da dor ; era Riſo ,

no alcune lagrime transformate in Riso per metamorfosi di dolore; era un Riso piangente, come quello di cui parlò Statio, (Stat.) Lacrymosos impia risus audisti. *Molti Soldati muojono in Guerra ridendo; la ragione la dà il Filosofo, perche ricevono le ferite nel diaframma, muscolo trà il cuore, e'l pulmone. Non rideva Democrito, come contento, e pago, ridea ben come ferito; riteneva nel petto tutte le piaghe del Mondo, onde ferito tanto sul vivo rideva. Solo pare, che di una tal Filosofia possono querelarsene gli occhi mà per mio aviso senza ragione. Imperciocche il Pianto vien così detto dal battimento, che fanno per cagion di dolore le mani, sicche gli occhi non sono poi necessarii, se si rifletta alla proprietà del parlare. Non sarebbe stata provida la natura, se avendo formate tante pàrti per lo dolore, una poi ne avesse lasciata allo sfogo; mà se il piangere si dava alle mani, perche non ancora alle labbra? Eraclito piangeva cogli occhi: colle labbra Democrito: il Pianto degli occhi è più tenero, quel delle labbra più mordace. Di maniera, che non solo Eraclito, mà Democrito ancor piangeva, benche il Pianto del primo era più naturale, il Pianto del secondo più esquisito, e maraviglioso. Tanto merita per esser degnamente Pianto il Mondo: non basta il Pianto degli occhi, è necessario, che le labbra ancora si struggano in un nuovo Pianto.*

Mà via, poiche un tal discorso par che gitti à terra il proposto Problema, per non allontanarmi dalla commune opinione, per fuggire, come spesso accada, la difficultà; sia pur il Riso di Democrito vero, e proprio Riso. Comparisca l'uno, e l'altro in giudizio, perche dall' opposto d'entrambi meglio si vegga la ragione di ciascuno: E ben'io mi confido nel merito della

cau-

mas com lagrimas, como aquelle de quem diſſe Eſtacio:

Lacrymoſos impia riſus audiſti.

Na guerra morrem muitos ſoldados rindo, e a razaõ he, diz Ariſtoteles, porque ſaõ feridos no diafragma: naõ ria Democrito, como contente, ria como ferido; recebia dentro do peito todos os golpes do mundo, e taõ mal ferido ria.

Os olhos com injuſtiça ſe poderáõ queixar deſta minha filoſofia: o Pranto chamava-ſe aſſim, porque ſe batiaõ as mãos huma com a outra, quando ſe chorava; porque para chorar naõ ſaõ preciſos os olhos, e naõ ſeria próvida a natureza, ſe havendo ſido a origem de tantos pezares, lhes déſſe hum ſó deſafogo; e ſe choraõ as mãos, a boca porque naõ ha de chorar? Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a boca; o Pranto dos olhos he mais fino, o da boca he mais mordaz; e eſte era o Pranto de Democrito. De ſorte, que na minha conſideraçaõ, naõ ſó Heraclito, mas Democrito chorava, ſó com a differença, de que o Pranto de Heraclito era mais natural, o Pranto de Democrito mais exquiſito: e tudo merece eſte mundo, digno de novos, e exquiſitos prantos, para ſer baſtantemente chorado.

Mas porque eſta minha ſuppoſiçaõ me ſepara do Problema, e póde parecer, como muitas vezes ſuccede, me aparte da opiniaõ commua para fugir da difficuldade: ſeja embora o Riſo de Democrito verdadeiro, e proprio Riſo, appareçaõ em juizo hum, e outro Filoſofo, para que ouvidos ambos, ſe veja claramente a razaõ de cada hum, e confiado mere-

causa, che la giusta sentenza sarà tale, che debbano da questo Tribunale partirsi Democrito piangendo; e ridendo Eraclito. Seneca nel suo libro de Tranquilitate, *parlando di questi due Filosofi, assegna la ragione del Riso dell'uno, e del Pianto dell'altro.* Hic quoties, *dice Eraclito*, in publicum processerat, flebat; ille *dice di Democrito*, ridebat: Huic omnia, quæ agimus, miseriæ; ille ineptiæ videbantur. *Si che il perche ridesse Democrito, era il sembrargli tutte le cose umane innezzie, e sciocchezze: al contrario; il perche Eraclito piangesse, era il giudicar, che faceva, che tutte le umane cose fossero miserie. Ciò supposto; più ragione aveva di piangere Eraclito, che non di ridere Democrito; conciosiache trovansi in questo Mondo delle molte miserie, che non sono sciocchezze; però non troverassi sciocchezza alcuna, che non sia miseria. Le miserie, ed i travagli, che tollerano gli Uomini, ò per necessità della natura, ò per rimedio della Fortuna, ò per sostentamento della vita, ò per conservazione dello stato publico, ò privato che sia, non sono già inezzie, e sciocchezze, sono ben miserie, perche il più delle volte vengono dalla Providenza per necessità, per convenienza, e per decoro; al contrario però le inezzie, e le sciocchezze, che nel Mondo succedono, ò che si facciano, ò che si dicano, ò che si pensino, non tutte miserie; perche succedono, ò per abbaglio d'intendimento, ò per disordine della volontà; e un simile abbaglio, disordine non solo sono miserie, mà le maggiori miserie dell'Uomo, perche sono direttamente contrarii alla luce, ed all'imperio della ragione, in cui unicamente consiste tutta la nobilità, e felicità dell'Uomo. Le altre miserie affliggono l'Uomo, questo lo fanno veramente*

cimento da cauſa, que ſerá taõ juſta a ſentença, que Democrito ſaya chorando, e Heraclito rindo. Seneca no livro *de Tranquilitate*, fallando deſtes dous Filoſofos, dá a razaõ, porque ſempre ria hum, e chorava outro, com eſtas judicioſas palavras: *Hic, quoties in publicum proceſſerat, flebat, ille ridebat: huic omnia, quæ agimus, miſeriæ, illi ineptiæ videbantur.*

Democrito ria, porque as couſas humanas lhe pareciaõ ignorancias; Heraclito chorava, porque todas lhe pareciaõ miſerias: logo mayor razaõ tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; porque neſte mundo ha muitas miſerias, e naõ ha ignorancia, que naõ ſeja miſeria.

As miſerias, e os trabalhos, que padecem os mortaes, ou por obrigaçaõ da natureza, ou por remedio da fortuna; ou por ſuſtento da vida, ou por conſervaçaõ do eſtado particular, e publico, ſaõ miſerias, mas naõ ſaõ ignorancias, porque as governa a prudencia, por neceſſidade, por conveniencia, por honra, e por decoro.

Pelo contrario todas as ignorancias, que ſe commettem no mundo, as que ſe fazem, as que ſe dizem, ás que ſe cuidaõ, todas ſaõ miſerias; porque ſe commettem, ou por erro do entendimento, ou por deſordem da vontade; e eſte erro, e eſta deſordem, naõ ſó he miſeria, mas a mayor miſeria; porque direitamente ſe oppoem á luz, e ao imperio da razaõ, na qual conſiſte toda a nobreza, e felicidade do homem.

Aquellas miſerias cauſaõ ao homem exceſſivas dores, e trabalhos, eſtas o fazem verdadeiramente miſeravel, e infelice; e ſuppoſto que humas, e outras:

mente misero, ed infelice. E quantumque degne siano di esser piante l'une, el' altre miserie, le lagrime però che si spargono sù le miserie, che insieme sono stoltizie, sono lagrime di condizione assai più vile, che non quelle, che si spargono sù l'altre miserie; perche quelle son vergognose, e queste nò. Una tal distinzione la specolò colla sottigliezza del suo ingegno Ovidio nel Pianto di Penteo: (Metam.3.) Effemus miseri fine crimine, forfque querenda, non celanda foret, lacrymæque pudore carerent. *Or poiche non tute le miserie sono sciocchezze, mà tutte le sciocchezze sono miserie, anzi le miserie maggiori; maggior materia assai, e maggior ragione aveva di Piangere Eraclito, che non Democrito da ridere. Hò detto male. Tutta la materia era solo del Pianto di Eraclito, e Democrito non aveva materia alcuna di Riso; perche abbondante materia di Pianto erano al primo tutte le umane miserie, là dove per lo secondo la materia di ridere era una parte sola delle miserie medesime; e poiche tutte le materie son materie di dolore, e nessun dolore può esser materia di Riso, non aveva Democrito ragione alcuna per lo suo Riso. Mi risponderà per avventura un Metafisico, che ben distinguea Democrito nelle sciocchezze quel ch'è sciocchezza da quel ch'è miseria, e che ridevasi di quelle non già come miserie, mà sol come sciocchezze. Una tal distinzione però, oltre che è indegna d'un Filosofo morale, è falsa ancora, ed impossibile, perche contraria alla natura, ed all' essenza dell'oggetto del Riso. L'oggetto del Riso giusta la definizione del Filosofo* est turpe fine dolore: *che è quanto dire, l'oggetto del Riso deve essere una tal deformità, che esclude ogni genere di motivo, e di materia di dolore. Or perche*

tras ſejaõ dignas de lagrimas, as lagrimas da ignorancia ſaõ lagrimas de peyor cor; eſtas fazem córar o roſto, aquellas naõ. Foy eſta diſtinçaõ achada com alta filoſofia pelo engenho de Ovidio nas lagrimas de Penteo. (Met. lib. 3.)

Eſſemus miſeri ſine crimine, ſorſque querenda,
Non celanda foret: lacrymæque pudore carerent.

E como nem todas as miſerias ſaõ ignorancias, e todas as ignorancias ſaõ miſerias, e as mayores miſerias, muito mayor materia, e muito mayor razaõ tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; antes digo, que ſó Heraclito tinha toda a razaõ, e Democrito nenhuma. Todas as miſetias humanas eraõ o aſſumpto de Heraclito, e o de Democrito ſó huma parte dellas; e como toda a miſeria he cauſa da dor, e nenhuma dor póde ſer cauſa do Riſo, o Riſo de Democrito naõ tinha cauſa, nem motivo algum, que o juſtificaſſe.

Pode ſer que me reſponda algum Metafyſico, que Democrito diſtinguia nas ignorancias, aquillo que he ignorancia, daquillo que he miſeria; e que ſe ria das miſerias, naõ como miſerias, mas como ignorancias. Porém eſta diſtinçaõ de mais de ſer indigna de hum Filoſofo moral, he falſa, e impoſſivel, por ſer contra a natureza, e eſſencia do Riſo. O ridiculo, ou objecto do Riſo, como define Ariſtoteles: *Eſt turpe ſine dolore*: He huma tal deformidade, que exclue todo o motivo de dor; e como a ignorancia preciſamente eſtá ſempre unida com o motivo da dor, que he a miſeria, por iſſo nem he, nem póde ſer materia do Riſo.

Eſta

che la sciocchezza stà sempre necessariamente unita al motivo del dolore, che è la miseria: per questo appunto, nè è, nè può esser materia di Riso. Questa è la vera, e soda ragione, per cui à giudizio di tutti i Filosofi fù inventata la Commedia. Conobbero i Savii delle Republiche, che per isfogo, ed allegria de' Populi era pur necessaria qualche materia di Riso, e perche questo non potea cadere sopra deformità, o vizio vero, per la connatural connessione, che tiene col dolore, che fecero perciò eglino? Inventarono saggiamente la finzione delle Commedie, perche il ridiculo, e deforme della imitazione fosse diviso, e separato dal dolore, perche diviso, e separato dal vero. Un Zoppo con un piè di legno, una Vecchia decrepita tremante, un povero Storpio, e pieno di piaghe, un Cieco, un Farnetico, un Insensato nella scena fan ridere; e perche mai? Perche tutti questi difetti sono finti; che se veri fossero, certamente sarebbono materia di compassione, anzi che di Riso. Or posciache i difetti, e i vizii, de' quali Democrito si rideva, erano veri difetti, e veri vizii, nõ aveva il di lui Riso motivo, ò materia alcuna. Adunque se il di lui Riso nõ aveva alcuna materia, come rideà? Ridea per abuso intolerabile della materia contraria fondando il Riso sopra la materia del Pianto: ridea delle vere miserie, che val quanto dire, si rideva della materia del dolore. Barbara Filosofia, contraria, ad ogni ragione, e pratticata nella Scuola dell' Invidia unicamente, della quale disse il Poeta: Risus abest, nisi quem veri movere dolores. Or se il fine d'amendue Filosofanti, era (come eralo di fatti) il manifestare agli Uomini lo sconcerto del loro stato, persuadendo loro l'errore de' lor giudizii, lo sconcerto de' lor desiderii, e la vanità delle lor fatiche; anche in ordine ad un tal fine, miglior

Esta he a verdadeira, e solida razaõ, porque no juizo de todos os Filosofos se inventou a Comedia. Viraõ os Sabios das Republicas, que para desafogo, divertimento, e alegria dos póvos, era necessaria alguma materia de Riso: e porque o Riso naõ podia nascer da deformidade, ou vicio verdadeiro, pela uniaõ natural, que tem com a dor; que fizeraõ? Inventaraõ sabiamente as ficçoens da Comedia, para que o ridiculo da imitaçaõ, como supposto, e naõ verdadeiro, ficasse separado da dor. Hum aleijado com hum pé de páo, huma velha decrepita, e tremula, hum pobre remendado, e enfermo, hum cego, e hum insensato no theatro fazem rir; e porque? Porque aquelles defeitos saõ supostos, e naõ verdadeiros; que se fossem verdadeiros, seriaõ motivo de commiseraçaõ, e naõ de Riso; e como os defeitos, e vicios de que ria Democrito, eraõ verdadeiros defeitos, e verdadeiros vicios, naõ tinha o seu Riso algum motivo; mas se naõ tinha motivo, como ria? Ria-se por abuso intoleravel do motivo opposto, collocando o Riso sobre o motivo do Pranto; ria-se das verdadeiras miserias, e do verdadeiro motivo da dor: filosofia inhumana, e contraria a toda a razaõ, praticada unicamente na escola da inveja, da qual diz o Poeta, (Metam.)

Risus abest, nisi quem visi movere dolores.

E se o fim destes dous Filosofos (como verdadeiramente era) foy manifestar ao mundo o desconcerto do seu estado, e persuadir aos homens o erro dos seus desejos, e a vaidade das suas fadigas; tambem para este fim tinha muito mayor razaõ Heraclito de chorar, que Democrito de rir.

A primeira introducçaõ, e disposiçaõ de quem

glior ragione di piangere aveva Eraclito, che Democrito di ridere. La Prima regola di chi vuol persuadere, insegnata, e pratticata di tutti gli Oratori, è il cattarsi la benivolenza degli Uditori; questa ben se la conciliava col Pianto Eraclito, e non col Riso Democrito; perche chi piange, compatisce; chi si ride burlando, muove à sdegno quei, che lo mirano. La compassione si guadagna l'amore; dallo sdegno proviene odio, e abborrimento: chi si ride burlando, esaspera; chi piange, intenerisce; chi vuole imprimere li suoi affetti, e la dottrina nè cuori, deve rendergli molli, non già indurirgli. L' Agricoltore affin di ricogliere il frutto, adacqua le Piante: lo Stampatore affin d' imprimere i suoi caratteri, bagna le carte: così deve far colle lagrime, chi vuole imprimere i suoi affetti, e raccorre il frutto delle sue persuasive. Ulisse in quella sua tanto rinomata Orazione contro di Ajace nella contesa per le armi di Achille, potendosi fidar tanto della sua eloquenza, adornò tuttavia con lagrime il suo Proemio: e perche non gli nascean vere sugli occhi, le finse: Manuque simul veluti lacrymantia tersit lumina: *non altramente far doveva Democrito, quantunque convenuto li fusse l' operare contro il suo genio burlesco; doveva valersi della bocca non per ridere, mà per bagnarsi gli occhi colla saliva. Così lo conseglia col suo naturale acume quel Gran Maestro, che professò in Roma l'arte di conciliare l'amore, e di muovere i cuori.*

Si lacrimæ (neque enim veniunt in tempore semper)
Deficiant, unctâ lumina terge manu.

Dunque per quel, che s'appartiene alla forza, ed efficacia del persuadere, meglio assai perorava Eraclito piangendo, che ridendo Democrito; posciache ci ride, dimi-

quer perſuadir, enſinada, e uſada de todos os Oradores, he conciliar a benevolencia do theatro; eſta conciliava Heraclito, e naõ Democrito; porque quem chora, laſtîma; quem ri, deſpreza; e a compaixaõ concilia amor, o deſejo odio, e aborrecimento: quem ri, exaſpera; quem chora, enternece; e quem quer imprimir os ſeus affectos, e a ſua doutrina nos coraçoens, naõ deve endurecellos, deve abrandallos, O agricultor para colher os frutos, rega as plantas: o impreſſor para imprimir as letras, molha o papel; e aſſim o deve fazer com as lagrimas, quem quer imprimir os ſeus affectos, e colher o fruto das ſuas perſuaçoens.

Ulyſſes naquella ſua famoſa Oraçaõ contra Ayace na contenda das armas de Aquilles, podendo fiarſe tanto da ſua copioſa eloquencia, adornou o ſeu exordio com lagrimas; e porque naõ as tinha verdadeiras, chorava-as fingidas. (Metam. lib. 13.)

Manuque ſimul veluti lacrymantia terſit
Lumina.

Naõ de outra ſorte devia fazer Democrito, ainda que foſſe contra o jocoſo do ſeu genio. Devia aproveitarſe da boca, naõ para rir, mas para humedecer os olhos, e fingir as lagrimas; aſſim o enſina com a ſua natural agudeza aquelle Meſtre, que profeſſou em Roma a arte de conciliar o amor, e de abrandar os coraçoens:

Si lacrymæ (*neque enim veniunt in tempore ſemper*)
Deficiant, uncta lumina tinge manu.

Quanto à força, e efficacia de perſuadir, muito mais fortemente apertava, e perſuadia Heraclito chorando, que Democrito rindo; porque quem ri, at-

diminuisce il male, e lo fà comparir più leggiero: chi piange l'incrudelisce, e l'aggrava. Chi ride, mostra, che le cose sieno da burla; Chi piange, pruova, che son degne di gemiti, e di lamenti: chi ride per esempio, ò per simpatia, muove à ridere: chi piange per esempio, ò per ragione, insegna à piangere; perche se i mali miei son tali, che muovono à continue lagrime gli altri, molto più debbo piangerli io, che li patisco. Finalmente Democrito rideva sempre, ed' Eraclito sempre piangeva; e questo sempre stesso, è à favore di Eraclito, è contro à Democrito. E' à favore di Eraclito, perche l'essere il di lui Pianto continuo, lo rende più efficace: è contro à Democrito, perche l'esser continuo il suo Riso, lo rende ridicolo. Non è mia questa censura, nè tampoco è nuova; anzi è un Apotegma antichissimo di Plutarco: il Riso, dicea questo Filosofo, se è poco, è tollerabile, se è molto recanoja. Cicerone, come si vede nelle sue Orazioni, spesso rispondeva, burlandosi col Riso agli argomenti della parte contraria; soluzione molto facile, quando l'argomento è molto difficile: mà qual' elogio guadagnossi M. Tullio con questo suo ridere? Plutarco lo riferisce. Essendo egli Console, e defendendo Murena, burlossi molto col suo solito Riso della Setta degli Stoici; mà udissi dire in publico Senato dalla bocca di Catone: Dii boni, quàm ridiculum Consulem habemus! *Della maniera medesima, anzi con molta maggior ragione, Democrito, perche sempre rideva, si facea ridicolo: e burlandosi col Riso del giudizio degli altri, veniva insieme à burlarsi del suo proprio giudizio. I Fanciulli ridono facilmente, i Pazzi ridone sempre, perche ciò? lo dice Aristotile, i Fanciulli han poco giudizio, per questo ridono facilmente; i Pazzi, perche ne son*

del

tenua; e alivia os males; quem chora, os accreſcenta, e faz mais ſenſiveis, e pezados: quem ri, moſtra que ſaõ dignos de zombaria; quem chora, prova que ſaõ dignos de laſtima: quem ri por exemplo, e por ſympathia, move a rir; quem chora por exemplo, e com razaõ, enſina a chorar; porque ſe os meus males ſaõ taes, que movem a continuas lagrimas aos outros, quanto mais os devo eu chorar, pois os padeço?

Finalmente Democrito ria ſempre, e Heraclito ſempre chorava; e eſte *ſempre* tambem era por parte de Heraclito, e contra Democrito: por parte de Heraclito; porque ſer o ſeu pranto continuo o fazia mais efficaz: contra Democrito; porque ſer o ſeu Riſo continuo o fazia ridiculo. Naõ he minha a cenſura, nem he nova, mas apotegma antiquiſſimo do Filoſofo Pliſtarco (Bruſon. lib. 5.) O Riſo, dizia elle, ſe he pouco, paſſa; ſe he muito, offende. Cicero, como ſe vè nas ſuas Oraçoens, reſpondia muitas vezes rindo aos argumentos da parte contraria; que he ſoluçaõ muito facil, quando os argumentos ſaõ difficeis; mas que louvores deraõ a Cicero deſte ſeu Riſo? Diſſe-o Plutarco. Sendo Cicero Conſul, e defendendo Murena, rio muito, como coſtumava, da doutrina dos Eſtoicos, e naõ podendo ſoffrello Cataõ, lhe diſſe publicamente: *Dii boni, quàm ridiculum habemus Conſulem!* Com muita mais cauſa Democrito, porque ria ſempre, ſe fazia ridiculo, e zombando do juizo dos outros expunha o ſeu á zombaria.

Os meninos rimſe muito facilmente, e os doudos ſempre ſe rim: e diz Ariſtoteles, que os meninos ſe rim, porque tem pouco ſizo, e os loucos, porque

del tutto privi, ridono sempre. Io per me credo, chè in questo non fò grande aggravio à Democrito, imperciochè un Uomo, che in un Mondo vedea molti Mondi, egli è certo contrasegno, che avea le specie turbate, e guasta la fantasia: ed un simil Riso à che potea muovere? All'opposto il Pianto di Eraclito con esser continuo, diveniva più forte, e per muovere, più efficace: Lacryma cito siccatur, præsertim in alienis malis, *dice M. Tullio. Essendo dunque il Pianto d' Eraclito per gl' altrui mali, ne mai seccandosi le sue lagrime, qual cuore si trovarebbe sì duro, ed ostinato, che non s'intenerisse, e desse vinto ad' un simil pianto? Erano le lagrime di Eraclito quell' acqua, che perennemente stillando à goccia, dolcemente sì, mà con efficacia ammolliva à poco à poco i marmi fino à spezzarli; mà chè dico i marmi?* Lacrymis adamanta movebis, *disse con enfasi Ovidio. Le lagrime, come chiamolle il miglior Filosofo della Grecia, sono sangue dell' Anima, e questo, e non quell' altro favoloso è quel sangue, che spezza i diamanti. Il cuore più diamantino, (come tante volte querelossene Agamennone) fù quel di Achille: Ciò nulla ostante, si fidava tanto nelle sue lagrime Brisеide, che vantandosi dicea, che senza far parola, con le sole sue lagrime (come appunto faceva Eraclito) lo frangerebbe, lo farebbe in minuzzolli, ed in polvere lo ridurebbe: così ella medesima allo stesso Achille nella lettera, che à lui scrisse*:

Sis licet immitis, marisque ferocior undis,
Ut taceam: lacrymis comminuere meis.

Tale era l' efficacia invincibile del Pianto di Eraclito, e tale la debolezza del Riso di Democrito. Con tutto il detto fin quì, non pretendo già io, che in questa cau-

sa

que de todo o naõ tem; e eu creyo verdadeiramente, que naõ faço grande offenſa a Democrito; porque hum homem, que de hum mundo via muitos mundos, era final que tinha perturbadas as eſpecies, e enferma a fantaſia; e quem ſe havia de mover a hum tal Riſo?

Naõ aſſim o pranto de Heraclito, que por ſer continuo, ſe fazia mais forte, e efficaz: *Lacryma citò ſiccatur, præſertim in alienis malis*, diz Tullio. (Partit. 31.) E ſendo o pranto de Heraclito pelos males alheyos, ſem que nunca ſe ſeccaſſem as ſuas lagrimas; que coraçaõ haveria taõ duro, e obſtinado, que ſe naõ abrandaſſe, e rendeſſe a hum tal pranto? Eraõ as lagimas de Heraclito, como a agua, que cahindo pouco a pouco, vay limando ſuavemente os marmores, e em fim os rompe. Naõ digo eu ſómente os marmores;

Lacrymis adamanta movebis,

diz atrevida, mas verdadeiramente Ovidio. As lagrimas; como lhe chamou o melhor Filoſofo de Grecia, ſaõ o ſangue da alma; e eſte (naõ o outro fabuloſo) he o que lavra os diamantes. O coraçaõ mais diamantino, como tantas vezes ſe queixava Agamenon, foy o de Aquilles; e com tudo confiava, e preſumia Briſcidi, que ſem dizer huma ſó palavra (como fazia Heraclito) com as ſuas lagrimas ſómente o deſpedaçaria, e o desfaria em pó; aſſim o diz ella na diſcreta Carta eſcrita ao meſmo Aquilles. (Ovid in Ep. Briſcil. ad Achil.)

Sis licet immitis, mariſque ferocior undis,
Ut taceam lacrymis comminuere meis.

Tal era a efficacia invencivel do pranto de Heraclito, e tal a debilidade ridicula do Riſo de Democrito,

Naõ quero com tudo, que ſeja minha a ſenten-

ça

ſa diſputata trà queſti due Filoſofi, da me ſi aſpetti il pronunciar la ſentenza: la pronunzii un altro Filoſofo nell'autorità eguale ad entrambi. Il Gran Filoſofo Dione, (come riferiſce Stobeo) parlando del Pianto, e del Riſo così conchiude: Mihi ſanè facies magis videtur ornari lacrymis, quàm riſu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur, riſui verò laſcivia: & flendo quidem nemo ſibi conciliavit Authorem contumeliæ, ridendo autem ſpem dedecori auxit. *Già vedete ſù queſta cauſa data la ſentenza; per tanto laſciando affogato il Riſo di Democrito nel Pianto di Eraclito, ripiglio, per conchiudere il diſcorſo, il mio primo argomento, ch'è la pruova univerſale, che offerſi di tutto il Mondo. Che ſperanza, ò che luogo ritrovar può in queſto Mondo il Riſo, ſe tutto il Mondo piange, ed inſegna piangere? Piangono gli Uomini, come ragionevoli, e ſenſitivi, e tutte le altre coſe, come che ſenza ragione, e ſenza ſentimento piangono ancora. Queſte ſono le lagrime, che il Prencipe de' Poeti chiamò profondamente lagrime delle coſe*: Sunt lacrymæ rerum, & mentem mortalia tangunt. *Non iſtamo le lagrime ſolamente negli occhi, che veggono le coſe, ſtanno altresì nelle coſe medeme, che ſi veggono; negli occhi vi è il Fonte, nelle coſe il Ruſcello: in quegli naſcon le lagrime, per queſte ſcorrono: e ſe le coſe medeſime, non veggono, piangono anch' eſſe, quanto maggiormente pianger deve l'Uomo, che quelle vede, e ſe ſteſſo? Non cerco io mica teſtimonii di queſta verità gl'infelici, mà i più felici del Mondo: chi vive in eſſo tanto beatificato, ò beneficato dalla Fortuna, che poſſa vantarſi di non piangere? Coloro medeſſimi, che nel di fuori più ridono, piangono più nel di dentro. Era anticamente in Roma*

un

ça entre eſtes dous Filoſofos, ſeja de outro Filoſofo, que os iguale em authoridade, e ſciencia. O grande Filoſofo Dion, como refere Eſtobeo, fallando do Pranto, e do Riſo, conclue aſſim: (Serm. 72.) *Mihi ſanè facies magis videtur ornari lacrymis, quàm riſu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur; riſui verò laſcivia, & flendo quidem nemo ſibi conciliavit authorem contumeliæ, ridendo autem ſpem decoris auxit.* Eſta he a ſentença.

Mas deixando já o Riſo de Democrito affogado no Pranto de Heraclito, para acabar o meu primeiro argumento, buſco outra vez a prova univerſal do mundo. Que eſperança, que lugar póde ter neſte mundo o Riſo, ſe todo o mundo chora, e enſina a chorar? Choraõ os homens como racionaes, e ſenſitivos, e ainda as couſas ſem razaõ, e ſem ſentido choraõ; eſtas ſaõ as lagrimas, que o Principe dos Poetas chamou profundamente lagrimas de todas as couſas. (Æneid. 1.)

Sunt lacrymæ rerum, & mentem mortalia tangunt.

Naõ reſidem as lagrimas ſó nos olhos, que vem os objectos, mas nos meſmos objectos, que ſaõ viſtos; alli eſtá a fonte, aqui eſtá o rio; alli naſcem as lagrimas, aqui correm; e ſe as meſmas couſas, que naõ vem, choraõ, quanto mais rázaõ tem o homem que vê, e ſe vê? Naõ quero o teſtimunho dos miſeraveis, naõ, ſó quero o dos mais ditoſos.

Quem ha neſte mundo taõ favorecido, ou taõ divinizado pela ſua fortuna, que poſſa preſumir de naõ ter que chorar? Aquelles meſmos, que mais ſe rim por fóra, mais choraõ por dentro. Aqui tinhamos antigamente em Roma hum Cortezaõ chama-

un Cortigiano, che continuamente piangeva non tanto per gli ſuoi mali, quanto per gli beni altrui; chiamavaſi queſto Eronte, di cui parlando Marziale, dice così:

Quàm multi faciunt, quod Eros, ſed lumine ſicco!
Pars maior lacrymas ridet, & intùs habet.

Or ſe ſi vedeſſe quell' intùs! *Sono le lagrime, come le acque del Fiume Alfeo, egli per alcune Campagne corre à viſta di ogn'uno, per altre corre occulto, e ſotterra, mà ſempre corre. Le lagrime plebee ſi veggono, le lagrime Nobili, Senatorie, e Conſolari ſono inviſibili; mà ſon lagrime delle lagrime, che ſi ſparſero in queſta. Città di Roma per la morte di Germanico, dice Tacito*, Periiſſe Germanicum, Aulici jactantiùs mærent, quàm qui maximè lætantur. *Il contrario è più commune, e più vero*, Qui lætantur, maximè mœrent. *Mà anche quando, nè al di fuori, nè al di dentro alcuno piangeſſe; quando tutto il Mondo, e tutti gli Uomini del Mondo rideſſero, allora il Mondo, e tutti gli Uomini ſarebbero più degni di lagrime, di Pianto*: Quid enim miſeriùs miſero, non miſerante ſeipſum?

E ſe tutto il detto, ò N.N. non baſta, perche la cauſa del Pianto abbia meritati à ſuo favore i ſuoi ſuffragii, in nome del medeſimo pianto appellerò io dalla voſtra ſentenza a quel giuſtiſſimo Tribunale, a cui appellò Apelle: vinto egli in un gran concorſo di Dipintori, Appello, *diſſe*, ad Tribunal Naturæ: *E perche gli Animali vivi s'ingannavano cogli Animali dipinti da Appelle, i Paſſeri colle frutta, fece la Natura ad Apelle quelle Giuſtizia, che gli Uomini negata li avevano. Ancor io, ſe in queſta cauſa non hà vinto il Pianto, dalla voſtra ſentenza appello* ad Tribunal Natu-

do Héros, o qual chorava ſempre, naõ tanto os males proprios, quanto os bens alheyos, e diz aſſim Marcial:

Quàm multi faciunt, quod Heros, ſed lumine ſicco!
Pars maior lacrymas ridet, & intus habet.

Oh ſe eſte *intus* ſe viſſe! Saõ as lagrimas como as aguas do rio Alfêo; eſte rio humas vezes caminha deſcuberto, outras ſe occulta por debaixo da terra, mas ſempre corre: as lagrimas plebeyas deixaõſe ver; as lagrimas Equeſtres, Senatorias, e Conſulares ſaõ inviſiveis, mas lagrimas. Das lagrimas, que ſe derramáraõ nas exequias de Germanico, dizia Tacito: (Annal.lib.) *Periiſſe Germanicum nulli jactantius mœrent, quàm qui maximè lætantur.* O contrario he mais commum, e mais verdadeiro: *Qui jactantius lætantur, maximè mœrent.* Mas quando ninguem choraſſe, nem por fóra, nem por dentro; quando eſte mundo, e todos os homens riſſem, entaõ todo o mundo, e todos os homens ſeriaõ mais dignos de commiſeraçaõ, e de lagrimas: *Quid enim miſerius miſero, non miſerente ſeipſum?*

E ſe tudo iſto naõ baſta, Senhores, para que a cauſa do Pranto tenha merecido a ſeu favor os voſſos votos, em nome do meſmo Pranto appellarey eu da ſentença para aquelle juſtiſſimo tribunal, para quem appellou Appelles. Vencido Apelles em hum concurſo de Pintores, *Appello* (diſſe) *ad tribunal naturæ.* E porque os animaes vivos ſe enganavaõ com os que elle havia pintado, e as aves com os frutos, a natureza fez á Apelles a juſtiça, que lhe tinhaõ negado os homens: aſſim o faço eu, ſe naõ venceo o Pranto, *Appello ad tribunal naturæ.* Seja

Naturæ. *Siami Interprete il più grande Storico della medeſima Natura Plinio*: (in Præf.1.7.) Flens Animal cæteris imperaturum à ſuppliciis vitam auſpicatur, unàm tantùm ob culpam, quia natus eſt. *Naſce l' Uomo, dice Plinio, piangendo, e ſenz'altra colpa, che l' eſſer natto, reſta condannato à perpetuo Pianto, commincia nell' Uomo nel punto ſteſſo la vita, e'l Pianto, acchioche chi entra in queſto Mondo ſappia, che viene à piangere. Il di più l' apprenderà di poi, perche è dottrina: il Pianto naſce già appreſo, perche è natura*: Non aliud eſt Naturæ ſpontè, quàm flere; *queſta è la ſentenza irrefragabile della Natura, e queſta è la natura dell' Uomo: riſibile sì, ma nato per piangere; perche ſe la prima proprietà del ragionevole è la potenza di ridere: l' eſercizio proprio del medeſimo, e l' uſo della ragione è il Piangere. Che ſe alcuno mi opponga, che ſe l' Uomo non rideſſe, rimarrebbe ozioſa la potenza di ridere contro al fine della Natura; a queſta iſtanza non poſſo riſponderli ſolamenti, come Filoſofo naturale, (come in tutto il diſcorſo fin'ora hò fatto) riſponderogli ben come Filoſofo Chriſtiano. Domando, ſe l' Uomo non aveſſe perduta per la diſobbidienza al divino precetto la felicità, in cui fù creato, piangerebbe, ò nò? E' certo, che conſervandoſi gli Uomini in quello ſtato, non avrebbono ma i Pianto, e che le lagrime, che oggi giorno ſi ſpargono, non ſi ſarebbero all' ora ſparſe; Dunque ſe nella felicità di quel Tempo ſenza mancare al fine della Natura, ſarebbe rimaſa ozioſa la potenza del piangere; nella miſerie di queſto tempo rimanga, ſenza opporſi à quèſto fine medeſimo, ozioſa la potenza del ridere. Hò detto.*

meu interprete o Hiſtoriador da meſma naturcza. *Flens animal cæteris imperaturum à ſuppliciis vitam auſpicatur, unam tantùm ob culpam, quia natus eſt.* Naſce o homem, diz Plinio (in Præf. lib. 7.) já chorando, e ſem outra culpa mais que haver naſcido, fica condenado a perpetuo Pranto; começa a vida, e o Pranto juntamente; para que ſaiba, que ſe vem a eſte mundo, vem para chorar. O mais aprenderá depois, porque he arte; para o Pranto naſce já enſinado, porque he a natureza: *Non aliud naturæ ſponte, quàm flere.* Eſta he a ſentença irrefragavel da natureza, e eſta a natureza dos mortaes: he o homem riſivel, mas naſcido para chorar; porque ſe a primeira propriedade do racional he o riſivel, o exercicio proprio do meſmo racional, e o uſo da razaõ he o Pranto.

E ſe alguem me replicar, que ſe o homem naõ riſſe, ficaria ocioſa a potencia do rir contra o fim da meſma natureza; a huma inſtancia taõ forte naõ poſſo reſponder ſó como Filoſofo natural, (como obſervey em todo eſte diſcurſo) mas reſponderey como Filoſofo chriſtaõ. Reſpondo, e pergunto: Se o homem pela tranſgreſſaõ naõ tiveſſe perdida a felicidade, em que foy creado, choraria, ou naõ? He certo, que chorariaõ os homens, ſe foſſem conſervados naquelle eſtado, e as lagrimas, que agora ha, naõ as haveria entaõ: logo ſe na felicidade daquelle tempo eſtaria ocioſa a potencia do chorar, na miſeria deſte tempo eſteja ocioſa a potencia do rir. Diſſe.

ORA-

ORAÇAÕ

Recitada na Academia dos Anonymos de Lisboa em 6 de Fevereiro de 1718, applaudindo a memoria do dia 6 de Fevereiro de 1608, em que naſceo o P. Antonio Vieira.

Por JOSEPH DO COUTO PESTANA.

HOje, ó Lisboa, hoje vês glorioſamente continuados, e excedidos aquelles dias na Antiguidade celebres pelos naſcimentos de Varoens doutos: ſim hoje, para vaidade dos ſeculos, que imita, ſe renova na Academia dos Anonymos aquelle obſequio, a que o tempo arruinou até as memorias.

Mas quem, ſenaõ ſabios, havia de applaudir o naſcimento dos ſabios? Aſſim o vio antigamente Napoles no culto, com que Silo Italico celebrava o naſcimento de Virgilio: aſſim Cordova na attençaõ com que Seneca celebrava o naſcimento dos Lelios, dos Socrates, dos Platões; e hoje o vês aſſim nos applauſos, com que eſte Licêo celebra o naſcimento do P. Antonio Vieira.

Emmudeceraõ já nas vozes da Razaõ as queixas com tanta repetiçaõ proferidas contra eſte Circulo eloquente ſempre para os Panegyricos dos Heróes Portuguezes, e mudo atégora para os elogios do mayor Heróe de Portugal? Já emmudeceraõ, reconhecendo myſterioſo o ſilencio, que lhe dilatou o obſequio para lhe tributar eſpecial applauſo; e dando

nova

nova felicidade ao dia, já escrito nos marmores da eternidade pelo nascimento do Orador Portuguez, o destinaõ ás veneraçoens dos seculos, pelo applauso, que nelle nasce, e renasce; renasce no mundo, nasce em Portugal. Sem estas circunstancias de raro fora indecencia o applauso.

Tambem com o nascimento deste Heróe nasceo, e renasceo a Eloquencia: renasceo, a glorias de Portugal, no mundo; porque já no mundo haviaõ declamado os Ciceros, e os Demosthenes: nasceo, a pasmos do mundo, em Portugal; porque ainda em Portugal, nem no mundo havia declamado quem excedesse os Demosthenes, e os Ciceros. Quem duvidará proporçoens do applauso com o Heróe?

Introduzido pelos Persas, e estabelecido pelos Romanos este applauso no mundo, era glorioso premio a merecimentos elevados, determinando a veneraçaõ daquelles seculos, que os seus Heróes, assim como a desprezo da morte viviaõ nas estatuas, nascessem a invejas da natureza neste applauso; este era o nascimento da vida, que lhes animavaõ os marmores, e os bronzes.

Mas as mesmas ruinas, em que o tempo desfez as Estatuas, cubrio, e encubrio o tempo a memoria dos applausos aos dias em que nasceraõ os Heróes; porém destes estragos livra hoje o grande Orador o dia, em que nasceo, fazendo-o triunfar do tempo, e triunfar da morte, porque depois da morte se lhe dedica applauso, que sepultara em seus estragos o tempo. O dia naõ constitue feliz ao nascimento, mas pelo contrario; e na fortuna deste nascimento naõ fora feliz, se naõ fora taõ feliz este dia.

Justo parecia aquelle obsequio em memoria de mere-

merecimentos heroicos, para que naſceſſe em repetidos applauſos, quem naſceo para renaſcer na vida da Fama. He verdade que todos naſcem, mas parece que ſó os Heróes naſceraõ, ſe com glorioſa rebeldia aos imperios da Parca formaraõ das abrazadas piras brilhantes padroens á ſua immortalidade.

Oh famoſo Heróe Portuguez! A quem ſenaõ a ti ſe deviaõ applauſos concedidos a Heróes? A quem ſenaõ a ti, que aliſtado na Companhia, cujos ſagrados eſtandartes o Sol continuamente coroa de reſplandores, illuſtraſte com as armas da Eloquencia de triunfos a Patria, e cingido de victorioſos diademas animas o mais precioſo ſimulacro, que illuſtra, e eternamente illuſtrará o templo da Memoria.

Grandes ſem duvida os triunfos da Eloquencia! Ao ſeu poder ſe rendem Imperios; naõ ha braço armado contra voz eloquente. Quem cortou o arrebatado impeto, com que o povo Romano, vibrando as armas, que forjara a ira, promettia afogar em ſangue a memoria da Republica? A Eloquencia de Valerio. Quem fez embainhar ſem ſangue as eſpadas, com que o buſca, cerca, e acommette militar tumulto? A Eloquencia de Antonio. Quem venceo os coraçoens dos Athenienſes, para lhe permittirem a ſoberania da purpura? A Eloquencia de Piſiſtrato. Quem fertilizou de triunfantes louros o exercito de Pirrho? A Eloquencia de Cineas. Grandes ſem duvida os triunfos da Eloquencia! e ſó verdadeiramente digno do eſclarecido titulo de Heróe aquelles Heróes, a quem a Eloquencia illuſtrou com triunfos. A força do braço tambem coroa de victorias as feras, ſó aos homens a força da Eloquencia.

Aſſim he, e eu reconheço ſuperfluo ponderar os

os excessos de huns aos outros troféos, quando por parte da Eloquencia os está acclamando a nobreza dos despojos; e tambem parece superfluo ponderar a soberania do nosso Orador, cujas glorioſas vozes o constituiraõ naõ só Heróe, mas Heróe dos Heróes Portuguezes.

Os homens pelas vozes se distinguem naõ só dos brutos, mas dos homens; que melhor que os metaes se conhecem pelas vozes. Para inflamar inflamava o Orador de Arpinas: os rios da Eloquencia tem as virtudes, que lhe communicaõ as fontes donde nascem. Qual seria o espirito, que na boca do grande Orador animava taõ rara Eloquencia?

Fingira-se pela Poesia de Homero, que Jupiter dera o Cetro a Mercurio; mas ao Mercurio Lusitano naõ deu Jupiter só o Cetro, deulhe tambem o rayo: rayo era a voz, com que o grande Orador, melhor que o fabuloso Numen, fulminava nos vicios Gigantes mais atrevidos, que o de Flegra.

Assim reprehendendo, mas persuadindo. Entaõ brilhavaõ na esféra da sua voz mimosos rayos de luz; e naõ despendia nas vozes as suavidades, que na boca de Plataõ vaticinou o prodigio. Com virtude magnetica attrahiaõ, e arrastavaõ as suas palavras attençoens de ferro, e acreditando as ideadas cadeyas de Hercules, prendia com a voz os animos desvanecidos no precioso das prizoens. Que elevaçaõ, que propriedade, que decoro naõ observava nas Oraçoes! Dize-o tu ò Lisboa, dize-o tu ò Roma, dize-o tu ò America, dize-o tu ò mundo, dize-o tu.

Grande gloria da Eloquencia em Grecia Demosthenes, em Roma Tullio, mas assim ao Orador Romano como ao Grego se atreveo ou com justiça, ou

com paixaõ a voz da crifi: naõ aſſim ao Orador Portuguez; ſó na voz da veneraçaõ ſe articula o ſeu nome: naõ houve paixaõ cega ás luzes de tanta Arte.

Mas que digo? A Eloquencia deſte entre todos grande Orador naõ foy deſempenho da Arte, foy milagre da Natureza. Com a natureza, com a arte, e com o exercicio ſe conſegue a gloria de Orador; e eſta ſem duvida foy a cauſa, porque á imagem de Mercurio deraõ os de Acaya triplicada fronte.

Naõ foy a Eloquencia do noſſo Orador effeito do exercicio; porque a primeira Oraçaõ podia ſer exemplar da ultima, e a ultima da primeira; huma, e outra póde competir, mas naõ ceder a todas: naõ foy effeito da arte, porque naõ alcançou a arte com os preceitos os myſterios, a que eſta Eloquencia ſe elevou com as demonſtraçoens: logo foy ſó dependencia, e milagre da Natureza.

Melhor que o valor naſce, e naõ ſe adquire a Eloquencia; a deſte Orador inſigne, naõ ſe adquirio, naſceo. Sem dependencia dos Eſteropes, e dos Brontes naſceo armada Minerva, e para triunfar ſem dependencia da arte, e do exercicio, naſceo o noſſo Heróe armado da Eloquencia.

Aſſim repete a noſſa veneraçaõ motivos para que o naſcimento do noſſo Heróe ſeja eſpecial aſſumpto aos ſeus applauſos, parecendo fatidico, que hoje contemos vinte e dous luſtros do dia do ſeu naſcimento, quando por luſtros ſe contavaõ os applauſos, que na antiguidade ſe conſagravaõ ao naſcimento de Minerva, que naſcendo no dia quinto, foy douto, e feliz preludio á felicidade deſte dia.

Parece que tem eſta douti ſſima Paleſtra juſtifi-

cado

cado as razoens do applauſo, que hoje dedica a eſte naſcimento: mas qual he o applauſo? Deſentranha-ſe por ventura o Hibla em flores? Naõ, mas o Parnaſo. Traslada-ſe por ventura a eſte Muſèo o Olympo em luzes? Naõ, mas o Parnaſo. O Parnaſo em eloquentes luzes de canoros rayos; o Parnaſo em fragrantes inundaçoens de ſonoras flores, orna com decencia, e illuſtra com exceſſo eſta Academia; e ateados ás ſuavidades os reſplandores, ardem nas poeticas aras deſte Muſèo eloquentes cultos.

Cantaõ a invejas das aves de Juno, as de Apollo, bebe-ſe pelas attençoens o nectar, e em mutua prodigalidade ſe deſpendem, mais precioſos que as arêas do Pactolo, os theſouros de Aganippe. De flores roubadas ás eſferas celeſtes tecem as Muſas coroas, e Apollo no divino impulſo do precioſo plectro grava nas vozes da lyra dignos, ſe metricos elogios ao grãde Orador, a cujo nome ſegura o tempo immortalidades, a memoria coroas, a veneraçaõ eſtatuas.

RELAÇAÕ BREVE
DAS
EXEQUIAS
DO REVERENDISSIMO PADRE
ANTONIO VIEIRA,

Que o Conde da Ericeira fez celebrar na Igreja de S. Roque da Caſa Profeſſa da Companhia de Jeſus, em 17 de Dezembro de 1697.

CHegou a Lisboa a 2 de Novembro, dia que a Igreja dedica á memoria dos Fieis, que eſtaõ ſeguros da eterna felicidade, a noticia de que piamente podiamos crer, que ſe contava já no meſmo numero o Reverendiſſimo P. Antonio Vieira da Companhia de Jeſus, Prégador de Sua Mageſtade, o qual tendo naſcido em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1608, morreo na Bahia em 18 de Julho de 1697. O Conde da Ericeira, que deſde o anno de 1696 tinha eſtabelecido em ſua caſa humas Conferencias de homens eruditos ſobre varias materias ſcientificas, ſendo o principal objecto aperfeiçoar a lingua Portugueza, lhe pareceo fazer huma demonſtraçaõ, em que acreditaſſe o muito que venerava a memoria de hum dos mais inſignes Varões em

em virtudes, e letras, naõ ſó do ſeu ſeculo, mas dos paſſados. Eſcolheo a Igreja de S. Roque da Caſa Profeſſa da Companhia de Jeſus de Lisboa, e mandando-a armar inteiramente de panos negros com guarniçoens proporcionadas, os fez adornar com diverſas pinturas, jeroglificos, emblemas, e emprezas com verſos Hebraicos, Gregos, Latinos, e nas linguas vulgares, com que os mayores engenhos de Portugal, e de outras partes de Europa cantaraõ ſonora, e triſtemente eſte Epicedio. Na porta da Igreja, da parte interior, eſtava hum retrato do P. Antonio Vieira, muy ſemelhante, e bem pintado; e eſcrito em huma tarja, que eſtava na maõ de hum eſqueleto com azas, o thema admiravel, que tinha eſcolhido o Reverendiſſimo P. D. Manoel Caetano de Souſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, para a Oraçaõ Funebre, que o Conde da Ericeira lhe pedio fizeſſe, e era de S. Paulo; e dizia: *Poſitus ſum ego Prædicator, & Apoſtolus, & Magiſter Gentium, ob quam cauſam patior, ſed non confundor.* O reſto deſte troféo eſtava ſemeado de coroas de ciprefte, relogios com azas, e outras diviſas funebres, e nos quatro cantos ſe viaõ quatro emblemas, que como as emprezas de toda a mais idéa, compoz o Conde da Ericeira, e ſe explicavaõ nas quatro linguas, em que o P. Antonio Vieira tinha eſcrito. O primeiro ſe intitulava *Theologia Perfecta.*

Magiſter Gentium.

Eſtava pintada a esfera celeſte, ſuſtentada por Atlante, que eſtava vendo toda a ſua figura em hum rio, que lhe paſſava pelos pés com eſte Epigramma:

Nunc ego perfectè cognoſco arcana Tonantis,
Vertice, dum tango, ſydera celſa meo.

Hæc

Hæc tamen in puro fugientis flumine vitæ
Virtutum cerni, numina posse dabant.

O segundo emblema tinha escrito no alto

La eloquencia muda.
Prædicator.

Pintava-se Mercurio tocando com o Caducêo os cem olhos de Argos, que adormecia, e estava a flauta quebrada aos pés do mesmo Mercurio, com estes versos:

Aun roto esse instrumento que alagueño
la mayor perspicacia suspendia,
del Caducêo el toque adormecia,
y muerte pareciò lo que fue sueño.

O terceiro tinha por titulo

La Religione Propagata.
Apostolus.

Huma barca tocando com as suas extremidades dous Mundos, e Neptuno tocando-os com o Tridente, e assegurando-a com o outro braço:

Con questo infaticabile Tridente
de la Divina barca ferma il legno,
e fece meta un Mondo, e l' altro segno
che abracia, e vince la sua fede ardente.

O quarto

Fidelidade incorrupta.
Patior, sed non confundor.

Hum Rouxinol, que vem a recolherse no niñho, perseguido de hum Esmirilhaõ, ave rapina:

Por naõ perder a fé ao patrio berço,
aos perigos se expoem, vence os furores,
e a sua voz suave entre os horrores,
as attençoens suspende do Universo.

Rematava-se este troféo, estando pintado na parte inferior

ferior hum ſepulcro, de que naſcia hum loureiro com eſte verſo:

Et tumulum facite, & tumulo ſuperaddite carmen.

No meyo da Igreja ſe levantava huma grande machina, que ſe compunha de tres degraos, ſobre os quaes ſe levantavaõ oito columnas de ordem Dorica, com todos os ornatos da architectura deſta proporçaõ, e todas de xaraõ negro, e prata, atadas com feſtões entalhados primoroſamente, as quaes ſuſtentavaõ huma grande cupula, que formava o Domo pintado na meſma fórma, e na parte ſuperior, quaſi ſuſpenſos no ar, voavaõ quatro Ciſnes, que levavaõ huma grande eſtatua da Eternidade, que tinha na maõ a Serpente, que com a cauda na boca formava hum circulo, e naõ ſó ſe fabricou com todas as regras da eſcultura, mas da perſpectiva, para que de tanta altura, que chegava ao tecto da Igreja, ſe viſſe debaixo com proporçaõ. Dentro deſte Domo ſe levantava hum tumulo, ou Cenotafio, cuberto com hum riquiſſimo pano de brocado negro, e ouro, com franjas do meſmo, e ſobre elle o Barrete da Companhia coroado, e aos pés grandes urnas de prata com agua benta, dando-a com os inſtrumentos, com que ſe lança, muitos Gentishomens do Conde, veſtidos de luto. Vinte e quatro tocheiras de prata, e outras muitas luzes collocadas nos Altares, nas veſperas, e no dia do Officio arderaõ continuamente, ſendo innumeraveis os cirios, que ſe diſtribuiraõ pelos muitos Religioſos de todas as Religioens, que o Conde convidou, e muitos Eccleſiaſticos de todas as jerarquias, que aſſiſtiraõ a eſte acto.

Nas 32 faces, que formavaõ as bazes das oito columnas, eſtavaõ pintadas outras tantas emprezas, e eraõ as ſeguintes. I.

I.

Huma concha aberta, das armas dos Vieiras, que tem o meſmo nome, e nella orvalho, que o Sol pintado no alto vay attrahindo, com a letra:

Feror unde abii.

II.

Hum bordaõ de perigrino, de que ametade eſtá nas ondas, e a outra na praya:

Per limen utrumque.

III.

Hum caſullo de ſeda, de que ſahe huma borboleta:

Pretium poſt funera.

IV.

A figura de meyo mundo, de que ſahe huma ſombra pyramidal, e mais alto o Sol:

Sublimior.

V.

Huma ara com fogo acezo, de que a lavareda chega ao Ceo:

Quo prima quies.

VI.

Huma balança, que pondolhe huma maõ, que ſahe de huma nuvem, o globo do mundo de huma parte, ſe conſerva no equilibrio:

Semper eadem.

VII.

Huma véla aceza dentro de hum globo de vidro:

Undique micat.

VIII.

Hum compaſſo deſcrevendo hum circulo:

Æternitati pingo.

IX.

IX.

Huma véla apagada com o reſto da luz, a que vay accendendo vento, que ſopra da parte do Ceo:

Ab alto.

X.

A Conſtellaçaõ da Fenix entre as Eſtrellas:

Unica ſemper.

XI.

Huma forja, que ſe accende mais, lançandolhe agua:

Malo fuit uſus in illo.

XII.

O Sol ferindo com os rayos hum globo de vidro, que fére fogo em hum loureiro:

Diverſo maximus orbe.

XIII.

Huma eſtrella mayor que as outras:

Luce renata.

XIV.

O Sol eſcondendo-ſe no Horizonte:

Ipſe dies moritur.

XV.

Huma Aguia mais alta que as ſettas, que ſe lhe atiraõ:

Extra omnia.

XVI.

Huma maõ, que ſahe de huma nuvem, movendo facilmente o mundo:

Sit tibi terra levis.

XVII.

Hum rio, que depois de entrar no mar, moſtra as aguas mais claras:

Noteſcatque magis, mortuus.

XVIII.

Hum labyrintho, de que ſahe hum fio de ouro,

ao qual quer cortar com huma tiſoura huma maõ, que ſahe de huma nuvem:

Non rumpitur.

XIX.

A Via Lactea com muitas Eſtrellas miudas, a que da terra eſtá apontando hum teleſcopio:

Nec omnibus omnia.

XX.

Hum Cypreſte com folhas, entre outras arvores ſem folhas, com chuvas, e ventos.

Nec jus habuere nocendi.

XXI.

Huma lagrima de vidro, a que eſtá batendo hum martello ſobre huma bigorna:

Accidit in punctо.

XXII.

Hum cadeado de letras, de que eſtá pendurada huma chave:

Non vi, ſed ingenio.

XXIII.

O Sol dando em hum eſpelho, que leva o ſeu reflexo a huma gruta eſcura, que eſtá diſtante:

Longè refulget.

XXIV.

Hum rio congelado:

Dum riget, perſtat.

XXV.

Hum foguete de lagrimas:

Vitam reliquit in aſtris.

XXVI.

Hum carro triunfante cheyo de palmas levado ao Ceo por quatro Ciſnes:

Ad aſtra feremur.

XXVII.

XXVII.

Hum Caducêo sobre huma sepultura:

Dulcis, & alta quies.

XXVIII.

Huma Urna com huma alampada sepulcral acceza:

Æterna latendo.

XXIX.

Hum livro aberto entre outros cerrados:

Unum pro cunctis.

XXX.

Hum Girasol mais alto que as outras flores, voltando-se para o Sol:

Sequitur altiora sublimis.

XXXI.

As abelhas trabalhando dentro de huma manga de vidro:

Nocte, dieque patet.

XXXII.

Huma abelha sobre huma rosa:

Et inventi præmia mellis habet.

AS Vesperas, que se celebraraõ com grande concurso, porque assim neste dia, como no do Officio concorreo todo o Reino, que entaõ estava junto em Cortes, para o juramento do Principe D. Joaõ, que hoje felizmente reina, e nas Tribunas estavaõ os Embaixadores, com o Nuncio de Sua Santidade, Bispos, e Ministros do Conselho Geral do S. Officio, todos convidados pelo Conde da Ericeira; officiaraõ os Religiosos da Santissima Trindade, e cantou a Musica da Capella Real a dous córos com os seus instrumentos, fazendo o compasso Antonio

Marques Lesbio, Meſtre inſigne da meſma Capella, o que nunca ſuccede, ſenaõ em funçoens Reaes. Diſſe Miſſa de Pontifical o Illuſtriſſimo Senhor D. Alvaro de Abranches e Camara, Biſpo de Leiria, de que o eſplendor do ſangue ſó he excedido pela virtude, e ſciencia, e pela particular eſtimaçaõ, que ſempre fez do grande Padre Antonio Vieira, com quem familiarmente ſe communicava. Depois do Reſponſo, e coſtumado circulo com incenſo ao tumulo, ſubio ao pulpito o Reverendiſſimo Padre D. Manoel Caetano de Souſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, e na Oraçaõ, que ſe imprime com eſta breve noticia, ſe lhe fazem os Elogios, que naõ permitte a ſua modeſtia ſe publiquem neſte lugar.

ORAÇAÕ
FUNEBRE
NAS EXEQUIAS
DO REVERENDISSIMO PADRE
ANTONIO VIEIRA,
Da Companhia de JESU, Prégador dos Reys D. Joaõ IV. D. Affonſo VI. e D. Pedro II.

Que na Igreja de S. Roque fez celebrar
O CONDE DA ERICEIRA.
D. FRANCISCO
XAVIER DE MENEZES

Em 17 de Dezembro de 1697.
DISSE-A
OP. D. MANOEL
CAETANO DE SOUSA,

Clerigo Regular, do Conſelho de Sua Mageſtade, Pro-Commiſſario Geral Apoſtolico da Bulla da Santa Cruzada, e Cenſor da Academia Real.

ORAÇÃO FUNEBRE

NAS EXEQUIAS

DO REVERENDISSIMO PADRE

ANTONIO VIEIRA,

Pregador de Jesus, Pregador dos Reyes D. Joaõ IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II.

Que na Igreja de S. Roque se celebrar

O CONDE DA PRICEIRA.

E. FRANCISCO

XAVIER DE MENEZES

Em 17 de Dezembro de 1697.

DITA

OP. D. MANOEL

CAETANO DE SOUSA,

Clerigo Regular, do Conselho de Sua Magestade, Pro-Commissario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Censura do Reverendissimo P. Fr. Antonio da Expectaçaõ da Ordem dos Menores, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Eminencia vi a Oraçaõ Funebre, que nas Exequias do R. P. Antonio Vieira disse o Reverendissimo P. D. Manoel Caetano de Sousa; e bastava o nome deste preclarissimo Author, para a deixar qualificada; porque sendo o fim porque se mandaõ rever as obras, que se haõ de dar ás estampas, ou porque em sua prava liçaõ naõ possaõ depravar os costumes, ou porque com falsos dogmas naõ possaõ corromper os preceitos da nossa Religiaõ, estaõ estes dous temores taõ justamente evitados nas regras, com que o Orador discorre nesta Oraçaõ Funebre, que qual Seneca Portuguez excedendo ao Hespanhol, pratîca em todos os seus escritos o que aquelle dictava em seus preceitos: (1) *Quidquid*, dizia Seneca, *legeris, ad mores statim referes.*

Prégador Apostolico, e Mestre das Gentes, chama este grande Orador ao R. P. Vieira; e eu dissera, que nesta accommodaçaõ, sem a transmigraçaõ, que falsamente praticou a perfidia, se podia dizer do Orador:

(1) Senec. *ad Lucil. Epist. 109.*

dor: *Nemo dat quod non habet*: porque reveſtindo-ſe dos attributos de Paulo, fez Prégador Apoſtolico, e Meſtre ao ſeu predicado com taõ juſtos fundamentos, e inalteraveis titulos, como allega a fama pelo R. P. Vieira acquirida, e agora pelo Reverendiſſimo Orador felizmente authorizada; e fica tanto mayor, quanto he mais alta a voz, que neſta Oraçaõ a ſublima, e o conhecimento que a dilata; o que bem ſe deve inferir de hum Orador, que em todas as partes a que chegou, deixou a naçaõ taõ acreditada, e taõ reſpeitado o ſeu nome, que ainda hoje em Roma, Milaõ, e outras Univerſidades a que chegou, ſe pergunta por aquelle Heroe ſcientifico, que entrando na Minerva, como diſſe o P.D. Carlos Zucchi, pelos titulos daquella Bibliotheca, com eſtudioſa anatomia deu noticia das partes de que ſe compunhaõ, das materias que tratavaõ, e das melhores ediçoens que tiveraõ todos aquelles numeroſos corpos: cauſa, porque houve quem diſſe: (2) *Caietanos ex Minerva oleum accepiſſe.*

Tres felicidades deſcubro neſte doutiſſimo Orador: a primeira para a noſſa Luſitania; porque ſe Roma teve hum Cicero, e naõ vio outro; ſe Grecia teve hum Demoſthenes, e naõ contou ſegundo; a noſſa Luſitania para invejas de Grecia, e Roma teve dous Ciceros, e dous Demoſthenes em o R. P. Vieira, e em o R. P. D. Manoel Caetano de Souſa, concorrendo ambos no ſeculo decimo ſetimo, e ſupervivendo o doutiſſimo Orador com eſtudioſos progreſſos ainda por eſte ſeculo decimo oitavo. A ſegunda felicidade foy do R. P. Vieira em ter eſte Homero Portuguez, para ponderarlhe as acçoens da vida depois

(2) Lang. *verb. Laus.*

depois da morte; e se Alexandre ouvira este doutíssimo Orador na presente Declamaçaõ, que faz das virtudes do R. P. Vieira, exclamara com mais admiraçaõ da que exclamou no Sigeo, Promontorio da Asia, junto ao sepulcro de Achilles: *O' fortunate Adolescens, quod tuæ virtutis præconem Homerum inveneris.* A terceira felicidade foy do mesmo Reverendissimo Orador em achar materia taõ vasta, e notoria, que evitou toda a critica de encarecido, e suspeita de lisongeiro: maxima, que explicou Pindaro com o amigo, que lhe vendia por fineza, que em toda a parte prégava os seus louvores; a quem respondeo, que os tinha bem satisfeitos, em fazer que fossem verdadeiros: *Cuidam commemoranti, quod ipsius laudes ubique prædicasset, respondit: ego pro isto officio bonam repono gratiam, efficiens ut verè prædices:* Sendo a razaõ desta maxima, porque mais deve o que louva ao louvado, do que o louvado, ao que louva: (3) *Plus debent iis quos laudant, quàm ipsi debent, qui laudantur.*

O que supposto, tenho dito o meu sentimento, e me parece dignissima a Oraçaõ mencionada de se dar á Imprensa, para que os que a lerem, aprendaõ a merecer outra, como mereceo o R. P. Vieira, se tiverem outro Reverendissimo D. Manoel Caetano de Sousa para pregoeiro da sua fama posthuma. S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental em 7 de Janeiro de 1730. *Fr. Antonio da Expectaçaõ.*

QUanto aos additamentos de Epigrammas, Emblemas, e Disthicos, com que o Excellentissimo Conde da Ericeira decorou o funesto Busto do R.

V P.

(3) Erasm. *lib. 6. in Apoth.*

P. Vieira, ſendo partos daquelle heroico talento, e catholico zelo, naõ podiaõ contrahir algum impedimento, para naõ entrarem no numero das qualificadas memorias, que em eſtampas, e eſcritos deixa para a poſteridade; e ſe os Gregos ſe jactavaõ, que o ſeu Paiz era o mais favorecido dos influentes Aſtros para a fertilidade dos engenhos, como obſervou Plataõ entre os ſeus Placitos, e obſervaçoens: (4) *Quo argumento in Græciæ tractu in adipiſcendis diſciplinis videri aptiores multo, quam alicubi homines*; converta já a famoſa Grecia em luto a ſua cithara, e a ſua vaidade em inveja da noſſa Luſitania, que ſó neſta funebre conjunctura ſe acha com tres Heroes; hum que lamenta defunto, tendo ſido do pulpito a todo o mundo Oraculo, e os dous, a quem a fama guarda nos ſeus volumes, para os proclamar pelo diſcurſo dos ſeculos ſem exceiçaõ mayores. *Ubi ſupra* 8 de Janeiro de 1730.

Fr. Antonio da Expectaçaõ.

Cenſura do Reverendiſſimo P. M. Fr. Henrique de S. Antonio, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

COm ſummo goſto, e igual veneraçaõ li por ordem de V. Eminencia eſta Oraçaõ Funebre, que diſſe o doutiſſimo, e Reverendiſſimo P. D. Manoel Caetano de Souſa, ſingular eſplendor da ſagrada Reli-

(4) Lang. *verb. Mores, fol.* 842.

Religiaõ da Divina Providencia, do Conſelho de S. Mageſtade, Pro-Commiſſario Geral Apoſtolico da Bulla da Santa Cruzada, e Cenſor da Academia Real, nas ſolemniſſimas, e memoraveis Exequias do muitas vezes grande Padre Vieira, nome ſempre ſaudoſo para o noſſo Portugal, ſempre illuſtre para a eſclarecida Companhia de Jeſus, e ſempre admirado, e admiravel para o mundo todo. Taõ eſtrondoſo, e univerſal foy o brado, que nelle deu eſte prodigioſo Varaõ, que ſobrando o ſeu ecco para o encher de ſuſpenſoens, me parecia, que baſtava a falta deſte para lhe cauſar a mais ſenſivel dor; porque os Heroes aſſim como naõ tem mais eloquentes Panegyriſtas, do que as meſmas acçoens, que obraõ na vida; tambem nõ podem ter mais primoroſos Oradores, do que as lagrimas, que cauſaõ depois da morte: na deſte memoravel Padre experimentou Portugal, a Cabeça do mundo, e as mayores partes delle a irreparavel perda daquelle precioſo, e copioſiſſimo theſouro de todas as virtudes, ſciencias, noticias, e rariſſimas agudezas, que podendo divididas engrandecer a muitos homens, ſó ellas eraõ louvor cabal de ſi meſmas; e por iſſo nas ſuas ultimas honras parece naõ podia ſer digno Orador mais, que ou a ſua ſaudoſa memoria, ou o noſſo eterno ſentimento.

Porém eſte grande impoſſivel ſoube felizmente vencer o digniſſimo Author da preſente Oraçaõ; porque nella admiro, que ao ſeu inacceſſivel objecto he igual a ſua elevadiſſima comprehenſaõ, moſtrando na maravilhoſa eſcolha do ſeu thema, que parece lho dictou ſegunda vez o Eſpirito Santo, para perſuadir o Mundo, que ſe o grande Doutor das Gentes, dando ao eximio Vieira a ſemelhança, lhe tirou a primazia,

que tambem este lhe roubou a singularidade; porque foy hum inimitavel exemplar de Prégadores, hum emulo prodigioso de Apostolos, hum espelho purissimo de Missionarios, e hum universal Mestre naõ só das Gentes, mas dos mayores Mestres do mundo: tudo isto nos persuadio este profundissimo Orador com tanta, e tal eloquencia, efficacia, energia, e affluencia de escrituras, taõ genuinamente entendidas, como applicadas, e explicadas, que ao mesmo tempo que nos excitou as lagrimas para chorarmos ao insigne P. Vieira desfeito nas suas cinzas, nolas enxuga para o vermos renascido na sua Oraçaõ, a qual com grande propriedade mostra, que he resurreiçaõ; porque naõ sem mysterio sahe a luz, depois de estar sepultada no silencio das nossas admiraçoens o largo espaço de trinta e tres annos, para que nella resuscite o esclarecido Padre Vieira com todas as qualidades de Varaõ perfeito, (1) semelhante á idade completa de Christo; podendo o Author ter a gloria, que a hum Varaõ em tudo taõ consummado, como o grande Vieira, lhe accrescenta esta ao cumulo de todas as suas perfeiçoens: e como esta elegantissima Oraçaõ naõ contém apice, que desdiga da pureza da nossa Santa Fé, e bons costumes, a julgo dignissima da estampa. Lisboa Occidental no Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita 8 de Fevereiro de 1730.

Fr. Henrique de S. Antonio.

DO

(1) D. Paul. *ad Ephes. cap. 4. vers. 13.*

DO ORDINARIO.

Censura do Reverendissimo Padre M. Antonio dos Reys, da Congregaçaõ do Oratorio, Lente da Sagrada Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.

VI a Oraçaõ Funebre, que nas Exequias do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesu disse o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, do Conselho de Sua Magestade, Pro-Commissario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real, e me pareceo quando a lia, que estava vendo prégar de si ao mesmo Padre Vieira. E nisto tenho dito a V. S. o juizo, que faço desta obra, assim pelo que toca á pureza da doutrina, como pelo que respeita á elegancia, eruditaõ, suavidade, e acerto, com que está escrita. Lisboa, e Congregaçaõ do Oratorio 25 de Fevereiro de 1730. *Antonio dos Reys.*

DO PAÇO.

Censura do Senhor Joseph da Cunha Brochado do Conselho de S. Magestade, &c.

SENHOR.

ESte Sermaõ, que pretende imprimir Joseph Antonio da Sylva, he taõ elevado pelo estylo, quanto he douto, e merecido pela materia: repete com a lem-

a lembrança a ſaudade, e torna a expor a noſſos olhos aquelle funebre apparato, aquella religioſa acçaõ, em que a eloquencia viva rendeo as ultimas honras á eloquencia morta: grandes dous objectos em a mais lamentavel recordaçaõ, a mortalha, e a ſobrepeliz; huma emmudecida, outra animada; em huma cuberto o Prégador cedeo o pulpito á eloquencia do Orador manifeſto, em outra reveſtioſe o Prégador eloquente do eſpirito do Orador emmudecido. Se o Reverendiſſimo Padre Antonio Vieira fora taõ ambicioſo, como era modeſto, e penitente, e previra, que em ſuas Exequias ſe ouviria huma Oraçaõ taõ cheya delle meſmo, poderia ter tédio á vida, para reviver com ſegura immortalidade pela voz do Panegyriſta; porém aquelle Portento de Varoens Apoſtolicos, como eſte naõ menos Apoſtolico Exemplar da Providencia, de quem he filho, naõ cultivou, nem cultiva a virtude pelo louvor, e pela eſtimaçaõ, mas pelo preceito, e pelo objecto.

De tudo ſe ſegue, que neſte admiravel Sermaõ naõ ha, nem póde haver penſamento, em que o ſerviço, e as leys de V. Mag. ſe offendeſſem, porque ſeu Author, grande Miniſtro da Miſſaõ Apoſtolica, e depoſitario da palavra do Senhor, ſabe pela meſma palavra o que ſe deve a Ceſar, e o que ſe deve a Deos, por quem V. Mag. impéra, e por quem ſeus Miniſtros, e Legisladores neſte primeiro Tribunal da Juſtiça lhe conſultaõ as leys mais juſtas, e as reſoluçoens mais convenientes, para que a palavra dos Prégadores ſe ouça com reſpeito catholico, e ſe profira com liberdade Evangelica. Eſte he o meu parecer. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Oriental 4 de Março de 1730. *Joſeph da Cunha Brochado.*

Cen-

Censura do Excellentissimo Senhor D. Francisco de Portugal, segundo Marquez de Valença, oitavo Conde do Vimioso, &c.

LI, Excellentissimos Senhores, a Oraçaõ Funebre, que recitou nas Exequias do P. Antonio Vieira o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Soúsa, Clerigo Regular, naõ para examinar, mas para aprender, naõ para que Vossas Excellencias se governassem pelo meu arbitrio, mas para eu satisfazer ao preceito que me impuzeraõ, naõ para que o meu parecer recommendasse obra taõ excellente, mas para que a excellencia desta obra me acreditasse na posteridade, vendo ella que eu lhe fiz naõ a censura, mas a approvaçaõ; naõ para inculcar o meu entendimento, mas para exercitar a minha memoria, repetindo fielmente o que ouvi, quando se fez este Elogio, a que eu assisti, e em que fuy testemunha, se naõ parte pelo meu pouco talento dos grandes applausos, e acclamaçoens da nossa Corte, a qual estava dividida em facçoens judiciosas, se este Sermaõ excedia, ou igualava o que se prégou nas Exequias da Senhora D. Maria de Ataide, mas sempre concorde em que já tinha o Grande Vieira substituto na sua eloquencia. Se isto se discorria entaõ com as lagrimas dos olhos á vista do seu Tumulo, quando os affectos por incapazes de consolaçaõ, e conforto, naõ só estavaõ incredulos da semelhança, mas desesperados da imitaçaõ, que se dirá hoje com tantos annos em meyo, para que as paixoens estejaõ taõ desfeitas como o cadaver, e taõ frias como as cinzas

deste

deſte Orador Evangelico? Que ſe dirá hoje, quando eſtá taõ viva, ou taõ immortal a memoria do nome do Author nas varias, e doutas compoſiçoens, com que tem illuſtrado a huns pela doutrina, e cegado a outros pela inveja, para que naõ perturbe alguma preoccupaçaõ dos diſcurſos a liberdade do juizo? Com o que entaõ fizeraõ os melhores, quanto mais laſtimados engenhos daquelle tempo, ſe confórma o meu neſta occaſiaõ, perſuadido a que tudo o que digo nelle he mais com ingenuidade, que com reſpeito á gloria da Patria, e da Academia Real, e que ſó he liſonja ás virtudes do Author o que paſſo em ſilencio do ſeu merecimento, naõ fingindo em mim a intima amiſade que lhe profeſſo, o que fingio em Plinio a diſcreta a dulaçaõ para com Trajano, iſto he, o temor de elle me naõ julgar moderado, ſenaõ exceſſivo nos ſeus louvores. Lisboa Occidental 10 de Janeiro de 1730

Marquez de Valença.

Poſi-

Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor.
2. Timoth. 1. 11.

EMmudeceo finalmente aquella eloquentissima voz, que sempre será facunda occupaçaõ dos brados da fama. Aquella voz Evangelica, que foy a jactancia deste Reino, e a inveja da Cabeça do mundo. Aquella voz taõ grande, que naõ cabendo nas vastas Provincias de Europa, se dilatou pelas immensas regioens da America, da qual foraõ reverentes ecces os applausos de Africa, e Asia. Emmudeceo em fim aquella voz divinamente poderosa, que em toda a parte aonde se ouvio, trouxe em seu seguimento os Povos, arrebatou os Principes, suspendeo os Monarcas, assombrou a todos. Mas que inutilmente pretendi eu ou esconder, ou differir com estes artificiosos rodeyos a funesta noticia, que já magôa os vossos animos, pois das minhas mesmas palavras tendes entendido todos, que he morto o famoso, o grande, o admiravel P. Antonio Vieira! que he morto aquelle esclarecido Varaõ, em quem o Reino de Portugal deu hum incomparavel Prégador, em quem a Illustrissima Religiaõ da Companhia de Jesus produzio hum insigne Apostolo, em quem a Gentilidade do Maranhaõ teve hum incançavel Missionario: glorioso titulos com que merece, que ás suas veneraveis memorias se consa-

grem hoje todas eſtas funeraes magnificencias. Eſclarecida, e piedoſa acçaõ de hum Excellentiſſimo Heroe, em cujo peito o zelo da Patria, e o amor das virtudes tem ateado taõ grande incendio, que das ſuas illuſtres chãmas ſe accenderaõ eſſas luzes, e dos ſeus generoſos fumos ſe eſcureceraõ eſſes marmores. Grande aſſumpto! Empenho formidavel! naõ ſó para mim, mas para os meſmos Principes da Eloquencia, e perdoem-me as veneradas cinzas, que eſconde eſſe Mauſoleo, ſe he culpa o entender, que para prégar do P. Antonio Vieira, elle meſmo naõ baſtava. Bem quizera eu poder livrarme deſte arduo empenho, mas que haõ de fazer contra as poderoſas violencias de hum preceito as juſtas deſconfianças do conhecimento proprio? Que arbitrio hey de ſeguir, aonde o ſilencio, e o diſcurſo eſtaõ igualmente receoſos? Em fim ſirva a reputaçaõ arraſtada de fazer mayor o triunfo da obediencia, e diga-ſe embora, que naufragou o entendimento em hum mar de erros, mas naõ ſe poſſa dizer, que a vontade deixou de obſervar o elevado norte daquelle preceito; que achada a arte de fazer bizarros os deſacertos, fica deſculpada qualquer temeridade. Quanto mais, que póde ſer acçaõ temeraria, a que he regulada pelas virtudes da obediencia, e da juſtiça. E eſta Oraçaõ Funebre tambem he acto de juſtiça, naõ ſó de obediencia; que o fazer Panegyricos aos Varoens illuſtres, principalmente na Oratoria, naõ ſó he obſequio, mas tambem divida, ſegundo a Theologia de S. Gregorio Nazianzeno em hum caſo bem ſemelhante ao noſſo, iſto he, nas Exequias de S. Baſilio Magno: (a) *Debetur quippe ut ſiquid aliud, cùm cætera egregiis,*

(a) Gregor. Nazian. *Orat. in fun. Baſilii.*

giis, tum in dicendo copiosis oratio. Reparay naquelle *debetur*, que indica obrigaçaõ de justiça; e assim o faltar a esta Oraçaõ Funebre seria injustiça, naõ só desobediencia: *debetur oratio.*

A razaõ porque he acto de justiça este funeral Panegyrico, he porque se faz acrédor delle o mesmo objecto, que o difficulta, que he aquelle Varaõ esclarecido, que á imitaçaõ de S. Paulo foy hum Prégador taõ eloquente, hum Apostolo taõ insigne, hum Missionario taõ incançavel, que podendo dizer com elle mesmo nas palavras, que tomey por thema: *Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor*, taõ semelhante se lhe mostrou em tudo, que se a Fé mo naõ impedira, havia de dizer, que a alma de S. Paulo se transmigrara para este primeiro homem do nosso seculo: e por ventura o persuadiria com razoens mais apparentes, que as de quem erradamente entendeo, que a alma do primeiro homem se transmigrara para S. Paulo: (2) e he taõ grande a semelhança, que entre ambos observo, que passando além das rayas da vida, ainda se deixou ver na morte; porque se na morte de S. Paulo, como escreve o Cardeal Baronio, (3) manaraõ tres fontes perennes, na morte, que agora sentimos, brotaraõ outras tres fontes, que tambem haõ de ser perennes; mas com esta differença, que se as tres fontes, que nasceraõ na morte de S. Paulo, saõ de agua, as tres fontes, que arrebentaraõ na morte deste insigne Varaõ, saõ fontes de lagrimas, que assim chama o grande Cardeal Bellarmino aos motivos

(2) Vide Alapide *in* 1. *Timoth.* 1. 13. *de hoc errore loquentem.* (3) Baronius *ad annum Christi* 69. *n.* 5.

do ſentimento: (4) *Nunc de materiâ, ex qua naſcuntur, ſive de fontibus, unde profluunt lachrymæ.* Viraõſe neſta morte tres fontes de lagrimas, porque nellas ſe acharaõ tres motivos de ſentimento: a primeira fonte de taõ bem merecidas lagrimas, ou o primeiro motivo do ſentimento, he o eterno ſilencio do Prégador mais facundo; a ſegunda he o perpetuo ſepulcro do Apoſtolo mais exemplar; a terceira he a irremediavel auſencia do Miſſionario mais fervoroſo. A primeira fonte inunda a Monarquia, a ſegunda a Religiaõ, a terceira a Gentilidade. Todas eſtas fontes de lagrimas ſe achaõ no noſſo thema, porque ſe nelle vê a Monarquia o exemplar dos Prégadores: *Poſitus ſum ego Prædicator*, a Religiaõ o retrato dos Apoſtolos, *& Apoſtolus*, a Gentilidade dos Miſſionarios, *& Magiſter Gentium*: tambem alli achaõ a Monarquia, a Religiaõ, e a Gentilidade, o ſilencio deſſe Prégador, o ſepulcro deſſe Apoſtolo, a auſencia deſſe Miſſionario, que tudo inſinuaõ aquellas palavras: *Ob quam cauſam etiam hæc patior*; mas tambem alli deſcobrimos nós, que deſtas tres fontes de lagrimas ſe fórma para o chorado Heroe hum mar de glorias, hum Oceano de luzes: *Sed non confundor*; *ſed magis glorior*, commenta Nicolao de Lyra, (5) que naõ ſó na morte de S. Paulo ſe obſervaraõ luzes. Comecemos a ver o juſtificado deſtas lagrimas, e o bem merecido deſtas luzes.

PRI-

(4) Bellarmin. *de Gemitu Columbæ. 2. cap. 1.* (5) Lyra *hic.*

PRIMEIRA PARTE.

Positus sum ego Prædicator.

OH com quanta razaõ chora a noſſa Monarquia o eterno ſilencio do Prégador mais eloquente! Pois que aquellas meſmas efficazes razoens, com que elle, quando eſtava vivo, perſuadia a tantos, e taõ varios affectos, todas depois delle morto, ſe uniraõ a perſuadir hum unico affecto, que he a dor de ter perdido naõ ſó a elle, ſenaõ tambem as eſperanças de ver outro ſemelhante; porque o Mundo he taõ eſteril de Oradores inſignes, que nenhuma terra ſe póde nunca jactar de ter produzido dous. (6) O grande Orador de Grecia foy Demoſthenes; eſte morreo ha mais de dous mil annos, e em todos elles naõ vio Grecia outro Demoſthenes. O grande Orador de Roma foy Cicero; ha mais de mil e ſetecentos annos que morreo, e em todos elles naõ vio Roma outro Cicero. O mayor Orador de Heſpanha, antes o mayor do mundo, foy o P. Antonio Vieira, eſte vemos agora ſepultado; e quando ha de ver outro o mundo? Mas naõ pareça a alguem, que eu comparo a Cicero, ou Demoſthenes o noſſo grande Orador, pois iſſo naõ ſeria louvallo, ſeria offendello, porque elle naõ ſe póde comparar com ninguem, ſenaõ ou comſigo, ou com S. Paulo, com quem diz: *Poſitus ſum ego Prædicator.* E com muita razaõ, porque foy eſte grande Prégador ſemelhante a S. Paulo, naõ ſó no modo com que exercitou o miniſterio, como

(6) *Vide* Salianum *ad annum mundi* 5732. *n.* 15. *& ad annum* 4011. *n.* 54.

mo todos ſabem ; ſenaõ tambem no modo em que foy inſtituido , e no que foy celebrado. Naõ ſó foy ſemelhante no em que como Prégador fez: *Prædicator*, ſenaõ tambem na circunſtancia com que foy feito Prégador : *Poſitus ſum ego.* Foy eſte grande Padre feito Prégador por hum modo taõ ſingular , como pouco ſabido ; ſendo moço, tinha deſejos de ſe empregar fructuoſamente no miniſterio do pulpito , mas ſentia para elle huma difficuldade taõ grande , como ſe tivera no entendimento huma nuvem ; (ſaõ palavras ſuas) fez Oraçaõ á Virgem Senhora Noſſa , e de repente ſentio , com circunſtancias bem notaveis, huma luz extraordinaria , pela qual alcançou huma admiravel comprehenſaõ de tudo o que lia , e teve dalli por diante huma tenaciſſima , e eſtupenda memoria. E bem ſe vio , que era Prégador feito pela Virgem Sacratiſſima no primeiro Sermaõ , que prégou em publico , naõ ſendo ainda Sacerdote , o qual he em louvor da auguſtiſſima Rainha dos Anjos , e o quarto decimo entre os do Roſario , taõ diſcreto , e douto , que naõ ſe grangea menor applauſo , que os que prégou quando tinha muitos annos daquelle exercicio. Mas aſſim devia ſucceder a hum Prégador , que começava a ſer o retrato de S. Paulo. Confiramos eſte retrato com o ſeu original , e conheceremos a ſemelhança.

Havendo S. Paulo de ſer inſtituido Prégador dos Povos , e dos Reys : (7) *Ut portet nomen meum coram gentibus , & regibus* , diz o texto , que tinha tal nevoa nos olhos , que tendo-os abertos , naõ via : (8) *Apertiſque oculis , nihil videbat.* Vede a proporçaõ entre eſta nevoa , e aquella nuvem. Diz , que ſe poz em

(7) *Act. 9. 25.* (8) *Ibid. verſ. 8*

em Oraçaõ: (9) *Ecce enim orat*; e que á Oraçaõ ſe ſeguio o verſe livre daquella nuvem, que lhe impedia a viſta: (10) *Viſum recepit.* Aqui temos ſemelhança entre Oraçaõ, e Oraçaõ, luz, e luz. A eſta luz ſe ſeguiraõ os primeiros Sermoens de S. Paulo: (11) *Continuò in Synagogis prædicabat*; aos primeiros Sermoens o aſſombro de todos: (12) *Stupebant autem omnes qui audiebant.* Vede, que correſpondencia ha entre os primeiros Sermoens de S. Paulo, e o primeiro do noſſo Prégador; e como eſte primeiro Sermaõ, á imitaçaõ daquelles Sermoens tambem primeiros, foy cauſa do paſmo univerſal: *Stupebant autem omnes qui audiebant.* E he de notar, que tambem S. Paulo ainda naõ era Sacerdote, quando prégou aquelles primeiros Sermoens, que colheraõ as primicias do aſſombro, aſſim como o noſſo Prégador naõ tinha ainda o Sacerdocio, quando prégou aquelle primeiro, e aſſombroſo Sermaõ. Até nos themas dos primeiros Sermoens foraõ eſtes dous Prégadores muito parecidos. O thema de S. Paulo refere S. Lucas: *Prædicabat Jeſum, quoniam hic eſt filius Dei.* O thema do primeiro Sermaõ do noſſo Prégador eſcreve S. Mattheus: (13) *Maria de qua natus eſt Jeſus.* Com que ambos eſtes grandes Prégadores trataraõ nos ſeus primeiros Sermoens da filiaçaõ de Chriſto. S. Paulo da filiaçaõ eterna, o noſſo Prégador da temporal; mas aſſim hum, como o outro, ambos principiaraõ o exercicio da prégaçaõ por Panegyricos de Maria Santiſſima, porque naõ ſeria grande a gloria da Virgem Mãy, ſe ſeu Filho naõ foſſe Filho de Deos, ou o Filho de Deos naõ foſſe Filho da Senhora; e aſ-

(9) *Ibid. verſ.* 11. (10) *Ibid. verſ.* 18. (11) *Ibid. verſ.* 20. (12) *Ibid. verſ.* 21. (13) *Matth.* 1. 16.

e aſſim ambos louvaraõ á Sacratiſſima Mãy. S. Paulo louvou-a, porque diſſe, que Jeſus, conhecido por Filho de Maria, era Filho de Deos: *Prædicabat Jeſum, quoniam hic eſt filius Dei*; e louvou-a o noſſo Prégador, dizendo, que aquelle meſmo Senhor, que era adorado por Filho de Deos, era Filho de Maria: *Maria de qua natus eſt Jeſus.* Só houve entre hum, e outro Prégador eſta differença, que S. Paulo fallou primeiro em Jeſus: *Prædicabat Jeſum*, e o noſſo Prégador fallou primeiro em Maria; mas ambos tiveraõ razaõ, e naõ diverſa, ſe naõ a meſma, porque S. Paulo fallou primeiro em Jeſus; porque teve a luz por ter fallado ao Senhor: *Domine, quid me vis facere?* O noſſo Prégador fallou primeiro em Maria, porque teve a luz por ter fallado na Oraçaõ á Senhora; e por eſta perfeita imitaçaõ de S. Paulo póde dizer com elle: *Poſitus ſum ego Prædicator*; e foy já na primeira idade objecto das admiraçoens de todos: *Stupebant autem omnes.*

No progreſſo dos annos creſceraõ tanto eſtas admiraçoens em todos, aſſim no vulgo, como nos ſabios, que huns, e outros o admiraraõ como a hum S. Paulo no pulpito. Quanta eſtimaçaõ logrou entre os Povos, naõ he neceſſario que o diga eu, perguntay-o aos ſagrados marmores dos mayores Templos, que ainda eſtaõ reſtituindo em repetidos eccos as clamoroſas vozes dos ſeus applauſos. Nunca prégou em Baſilica taõ grande, e eſpaçoſa, que o ſeu numeroſiſſimo auditorio a naõ accuſaſſe de eſtreita. Era fermoſo eſpectaculo qualquer Templo, em que prégava eſte grande Orador; ainda naõ era manhã, e já nelle naõ havia lugar, por mais que os multiplicaſſe a cuidadoſa ancia de o ouvir; nem havia poſto

taõ

taõ deſaccommodado, ou perigoſo, que ſe naõ temeſſe menos, que o ficar excluſo, querendo os homens exporſe mais depreſſa ao riſco de perder a propria vida, que huma palavra ſua. Todas ſe ouviaõ com hum reverente, e profundo ſilencio, ſalvo quando ſe interrompiaõ as vozes do Prégador com as das acclamaçoens, que de dentro, e de fóra da Igreja o celebravaõ como repetidas em dous córos. Louvavaõ as admiraçoens dos de dentro o que ouviaõ, e as impaciencias dos que por ficar fóra naõ ouviaõ, tambem louvavaõ. O meſmo que nas Igrejas, ſuccedia pelas ruas, e pelas praças: todas à viſta do concurſo, que ſeguia ao noſſo Orador, ſe reconheciaõ eſtreitas. Quantas vezes faltava terra para os paſſos, e ſe via, que a ſua meſma multidaõ levava aos homens pelos ares, a donde hiaõ a encontrarſe com as ſuas meſmas vozes, que lá junto com as da fama andavaõ celebrando aquella paſmoſa Eloquencia; ou para melhor dizer, os meſmos corpos, aos quaes a multidaõ naõ deixava tocar a terra, ſe transformavaõ em vozes, que ſubiaõ a elevar ao Ceo eſte novo Paulo, dandolhe a mayor prova da eſtimaçaõ dos Póvos, que he o numeroſo do ſequito.

Quer o Chroniſta ſagrado explicar o alto conceito, que o Povo de Antiochia da Piſidia fazia dos Sermoens de S. Paulo, e diz, que quaſi toda a Cidade ſe abalou para ouvillo: (14) *Pene univerſa Civitas convenit audire verbum Dei*: *Commota eſt*, diz a verſaõ Syriaca; como ſe naõ tivera o Eſpirito Santo outro mais efficaz teſtemunho para provar a eſtimaçaõ, que de S. Paulo fazia aquelle Povo. Logo ſe o abalarſe Antiochia para ouvillo, he argumento

Y de

(14) *Act.* 13.44 *Verſio Syriaca apud* Novarin. *hic.*

do muito, que aquelle Povo eſtimava a S. Paulo; grande prova temos do muito, que eſtimavaõ ao noſſo Prégador os Povos, porque para o ouvir, ſe abalavaõ as Cidades: *Univerſa Civitas commota eſt.* E ainda que S. Paulo leva ao noſſo Orador aquella ſoberana ventagem, que os Catholicos ſomos obrigados a confeſſar, com tudo obſervo notaveis differenças no ſequito de hum, e outro Prégador; donde chego a perſuadirme, que aſſim como Chriſto quiz, que os ſeus Diſcipulos fizeſſem mayores milagres que elle: (15) *Opera, quæ ego facio, & ipſe faciet, & maiora horum faciet*; aſſim S. Paulo, (16) grande imitador de Chriſto, quiz, que eſte ſeu grande diſcipulo tiveſſe ſequito, que em algumas circunſtancias pareceſſe aventajado ao ſeu, porque para ouvir a S. Paulo, abalouſe Antiochia; para ouvir ao noſſo Prégador, abalouſe Roma, e Lisboa, deixadas outras Cidades de menos nome. Para ouvir a S. Paulo, abalouſe aquella Cidade huma ſó vez; para ouvir ao noſſo Prégador, abalaraõſe as Cidades naõ ſó huma vez, mas todas as que elle prégou nellas, que foraõ ſem numero. Parecerá, que poſſo eu accreſcentar, que os que concorriaõ a ouvir S. Paulo, naõ ſó hiaõ chamados pelo eloquente das ſuas palavras, mas tambem pelo milagroſo das ſuas obras; e que o ſequito do noſſo Prégador, ſendo mais numeroſo, ſó hia attrahido pela Eloquencia, e naõ pelos milagres; mas naõ poſſo fazer eſta differença; porque em cada Sermaõ deſte grande Orador reconheço hum milagres, e aſſim podia elle dizer melhor que Eliu, aquelle eloquentiſſimo amigo do Santo Job, que

(15) Joann. 14. 12. (16) *Imitatores mei eſtote ſicut & ego Chriſti* 1. *Cor.* 11. 1.

que era milagrosa a sua eloquencia: (17) *Miraculum meum non te terreat, & eloquentia mea non sit tibi gravis.* Com o que, se Antiochia se abalava apoz os milagres, e eloquencia de S. Paulo, tambem Roma, e Lisboa se abalaraõ innumeraveis vezes, para ouvir os milagres da Eloquencia deste maravilhoso Prégador, o qual fez, que parecesse profecia o discreto pensamento de hum Poeta, que o louvou na sua primeira infancia, (que taõ antigo he o ser elle materia dos elogios) vendo, que o bautizavaõ em dia da Trasladaçaõ de Santo Antonio, e na mesma pia, em que o Santo foy bautizado, e que lhe púnhaõ o seu glorioso nome, pronosticou ao recem nascido infante, que havia de ser hum Prègador muito parecido a Santo Antonio, e verificouse o vaticinio, quando as Cidades, e os Povos se abalavaõ para ouvir ao nosso Prégador, assim como antigamente o faziaõ para ouvir Santo Antonio, para que assim como se disse de Santo Antonio (18) se podesse dizer deste eloquentissimo Prégador:

Hic ille qui facundia
Cives & urbes commovet.

Nem podia deixar de ter auditorios semelhantes aos de S. Antonio hum Prégador, que foy taõ devoto deste Santo, como testemunhaõ mais especialmente os nove Sermoens com que o celebra nos seus livros; hum Prégador, que poz tanto estudo em imitallo, quanto mostra, entre outros, aquelle famoso Sermaõ prègado no Maranhaõ aos peixes, (19) quando alli lhe succedeo com os homens o mesmo, que a Santo Antonio em Arimino. Conferi agora o que a

(17) Job. 33.7. (18) *Ex officio Ulyssip. Ecclesiæ in festo S. Antonii in Hymno ad Laudes.* (19) P. Antonio Vieira *tom. 2 serm. 11.*

Eſcritura diz de S. Paulo, e o que ſe verificou do noſſo Orador; conferi aquelle *Civitas commota eſt*, com eſte *Cives, & urbes commovet*. E ſe abalarſe huma vez Antiochia para ouvir a S. Paulo, foy argumento do muito que o eſtimava aquelle povo; Lisboa, e Roma, tantas vezes abaladas, moſtraõ, que veneraõ no noſſo Orador ſegundo S. Paulo: *Poſitus ſum ego Prædicator.*

Ao ſequito dos Póvos ſuccedaõ os encomios dos erudítos, dos quaes huns chamaraõ a eſte inſigne Padre, (20) o Principe da Eloquencia ſagrada, outros o Sol dos Prégadores (21) outros o Oraculo do pulpito, (22) e finalmente hum Illuſtriſſimo, e doutiſſimo Prélado dizia ao noſſo intento eſtas palavras: (23) *Prégar como prégaõ os outros Prègadores non requirit totum hominem; porém prégar como prega o P. Antonio Vieira, requirit triplicatum hominem*: outras vezes dizia: *o P. Antonio Vieira he o primeiro Prégador*; e nomeando o ſegundo (que tambem era da Companhia de Jeſus, e tambem tinha o nome de Antonio) accreſcentava: *Mas entre o ſegundo, e o primeiro vay a diſtancia de toda a eſfera*; e deſtas duas premiſſas tirava como concluſaõ: *Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira*; tanta era a eſtimaçaõ, que fazia deſte grande Orador.

Porém vejo, que me oppoem algum eſcrupuloſo douto: e que proporçaõ tem com S. Paulo o P. Antonio Vieira; ſe S. Paulo foy taõ grande Orador,

(20) O P. Manoel de Souſa *da Congregaçaõ do Oratorio na Approvaçaõ da 5. part.* (21) *O Illuſtriſſimo Senhor* D. Fr. Franciſco de Lima *Biſpo de Parnambuco na Approvaçaõ da 7.* (22) O P. Fr. Joaõ da Madre de Deos, *depois Arcebiſpo da Bahia na Approvaçaõ da 1. part.* (23) *Eſte Prelado foy o Illuſtriſſimo Senhor* D. Luiz de Souſa *Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas.*

dor, que houve occaſiaõ, em que o quizeraõ adorar por Deos da Eloquencia, offerecendolhe victimas, e coroas? Reſpondo, que niſſo meſmo eſtá a ſemelhança, e que eſſa, que parece improporçaõ, he a proporçaõ mayor, porque aquelle ſeculo naõ diſſe mais da eloquencia de S. Paulo, do que da do P. Antonio Vieira diſſeraõ os noſſos tempos. Mas vamos ao caſo do argumento. Quizeraõ (como eſcreve S. Lucas) os moradores da Cidade de Liſtra em Licaonia moſtrar a grande veneraçaõ, em que tinhaõ a eloquencia de S. Paulo, e diſſeraõ, que elle naõ era homem, ſenaõ mais que homem: que era huma Divindade com ſemelhanças de humano: *Dii ſimiles facti hominibus deſcenderunt ad nos*; (24) e naõ ſó que era huma Divindade, ſenaõ que era o Deos da Eloquencia: (25) *Vocabant Barnabam Jovem, Paulum verò Mercurium, quoniam ipſe erat Dux Verbi.* E naõ foy eſta imaginaçaõ ſó dos Póvos, o meſmo entenderaõ os ſabios. Bem ſe vio no Sacerdote, que logo veyo com coroas, e ſacrificios: (26) *Sacerdos quoque Jovis, qui erat ante Civitatem, tauros, & coronas ante januas afferens cum populis volebat ſacrificare.* Já eſtais vendo, que quaſi o meſmo que a S. Paulo em Aſia, ſuccedeo ao noſſo Orador em Europa, e America; e creyo eu, que ſeria mayor a ſemelhança nos ſucceſſos, ſe entre huns, e outros ouvintes ſe naõ achaſſe tanta differença; que o naõ ſer eſte grande homem adorado por Deos da Eloquencia, deveſe a ter elle prégado entre gente, ou taõ cega, que naõ conhecia, que havia Deos, ou taõ illuſtrada, que reconhecia, que naõ havia, nem podia haver mais que hum ſó Deos. Vamos confe-

(24) *Act.* 14. 10. (25) *Ibidem* 11. (26) *Ibidem* 12.

conferindo os elogios de hum, e outro Orador. A S. Paulo chamaraõ Principe da Eloquencia: *Ipse erat Dux Verbi*; ao P. Antonio Vieira acclamaraõ Principe da Eloquencia, e Rey de todos os Prégadores. A S Paulo deraõ o nome de Mercurio, debaixo de cujo nome os Antigos veneravaõ o Sol: (27) *Paulum verò Mercurium*: ao noſſo Orador deraõ o nome de Sol, porque lhe chamaraõ Sol racional, Sol dos Prégadores. (28) A S. Paulo tiveraõ por Mercurio, o qual teve em Achaya Oraculo, (29) e o noſſo Orador he dos doutos venerado por Oraculo do pulpito. A S. Paulo julgaraõ Mercurio (30), a quem os Antigos pintaraõ com tres cabeças; e dos Sermoens do noſſo Orador ſe diſſe, que ſó os faria quem tiveſſe no entendimento triplicadas forças: *Requirit triplicatum hominem.* De S. Paulo creraõ ſer Mercurio, que por ter, ou ſegundo a ſuperſtiçaõ gentilica, ou ſegundo a imaginaçaõ Aſtronomica, (31) o ſeu lugar no Ceo, fica taõ Superior aos homens quanto vay do Ceo á terra; e no P. Antonio Vieira reconheceoſe tanta ventagem, ainda aos mayores homens, que ſe diſſe haver entre elle, e elles tanta diſtancia, como toda a vaſtidaõ da eſféra. A' viſta de tantas proporçoens entre S. Paulo, e o noſſo inſigne Prégador, já naõ parecerá grande hyperbole aquelle dito: *Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira.*

Nem faltaraõ a eſte noſſo Prégador aquellas coroas, e aquellas victimas, que o Sacerdote de Liſtra

(27) *Vide* Macrobium *lib.* 1. *Saturnalium cap.* 19. (28) O P. Manoel de Souſa *loco citato.* (29) *Vide* Pauſaniam *in Achaicis. Del Rio in Adagialibus ſacris part.* 2. §. 245. *pag.* 275. (30) Chirartarius *de Imaginibus Deorum titulo de Mercurio.* (31) Aldus Manutius *in Adagiis col.* 1374. *mihi tit. Triceps Mercurius.*

tra quiz ſacrificar a S. Paulo: *Tauros, & coronas ante januas afferens, cum populis volebat ſacrificare*; porque as coroas lhe deraõ os que o acclamaraõ Rey de todos os Prégadores, e Salamaõ da prédica. (32) Em Roma mereceo elle bem o titulo de Salamaõ, ainda quando lograva as ſemelhanças de David, deſpedindo as famoſas cinco pedras (33) contra a grande Cabeça do mayor Gigante; porque naquella Corte, qual novo Salamaõ, foy venerado objecto das admiraçoens daquella ſapientiſſima Rainha, que com grandes ventagens á de Sabbá, deixou o ſeu Reino, e veyo a buſcar em melhor Jeruſalem o exercicio da verdadeira Religiaõ; já ſabem, que fallo da grande Chriſtina Alexandra, Rainha de Suecia, a qual com as aſſiſtencias continuas, que fazia aos Sermoens do noſſo Orador, lhe vinha a dizer o meſmo, que a Rainha de Sabbà a Salamaõ: (34) *Verus eſt ſermo, quem audivi in terra mea ſuper ſermonibus tuis.* E porque o P. Antonio Vieira conſeguio eſpecialmente em Roma ter a coroa entre todos os Oradores; por iſſo (ſegundo parece) quiz Deos, que eſpiraſſe no meſmo dia, no qual trezentos e vinte e tres annos antes morrera o Orador mais famoſo daquelle ſeculo, (35) (que em algumas circunſtancias foy ao noſſo Orador muito parecido) e que mereceo ſer em Roma coroado dentro dos triunfaes muros do Capitolio.

Naõ ſó teve o noſſo Orador as coroas; tambem teve os ſacrificios; porque eſtes lhe offerecem todos os

(32) O P. Domingos Leitaõ *Prepoſito de S. Roque na Approvaçaõ do 7. tom. do P. Vieira.* (33) *Allude ás Cinco pedras de David, que o P. Vieira prégou em Roma em preſença da Rainha de Suecia.* (34) *III. Regum* 10. 16. (35) Franc. Petrarca *morreo em* 18. *de.... de* 1374.

os que conſagraõ as linguas aos ſeus louvores, que ſe para o fabuloſo Mercurio foraõ ſacrificio as linguas, (36) até para o verdadeiro Deos (quanto mais para o noſſo Orador) ſaõ os louvores victimas, como enſina a divina Eſcritura: (37) *Immola Deo ſacrificium laudis*. E ſe os de Liſtra quizeraõ ſacrificar a S. Paulo os touros: *Tauros, & coronas ante januas afferens, cum populis volebat ſacrificare*; ao P. Antonio Vieira conſagraõ todos em victimas as acclamaçoens, que he o que lá diſſe Ozeas: (38) *Reddemus vitulos labiorum noſtrorum*. Comparay agora aquellas duas palavras: *Tauros, & coronas* do ſacrificio decretado a S. Paulo, e eſtas: (39) *Reddemus vitulos labiorum noſtrorum* do ſacrificio offerecido ao P. Antonio Vieira; e porque eſte ſacrificio de louvores ha de ſer perenne, por iſſo ſe declara por hum verbo de futuro *reddemus*, que por ſignificar todos os tempos, (como obſervaõ os Expoſitores) exprime perpetuidades.

Mas ſe o P. Antonio Vieira ainda que puro homem, foy hum Prégador taõ divino, que do modo que a Fé, e a Religiaõ o permittem, em quanto vivo mereceo perennes ſacrificios de louvor, agora que já he morto, nos executa por perennes ſacrificios de lagrimas. Se aquelles ſacrificios lhe offereceraõ ſempre aſſim o vulgo, como os eruditos, tanto commumente os povos, quanto ſingularmente os ſabios; o ſacrificio das lagrimas deve-lho conſagrar todo o Reino, porque já he morto aquelle Prégador, cujos Sermoens foraõ milagres, aquelle Prégador, que

(36) Gyraldus *Hiſt. Deor. Syntagm.* 17. (37) *Pſalm.* 49 14. (38) Oſee. 14 3. (39) *Vide* del Rio *in Adagiis parte* 1. *Adagio* 27. & Lippomanum *in Catena in Exodum cap.* 3.

que só bastava para fazer solemnissimas as festas sagradas, que era o credito das Quinas Portuguezas, aquelle Prégador, que á imitaçaõ dos Profetas antigos (que eraõ os Prégadores dos primeiros seculos) (40) nos ajudava a estimar as felicidades presentes, que nos animava a esperar as futuras, que nos consolava nas nossas perdas, que nos fazia conhecidos, e estimados das Naçoens estranhas; já agora, por falta de digno Orador, podiaõ cessar as solemnidades sacrosantas, pois já naõ veremos nellas aquelles milagres da Eloquencia: já se podiaõ esconder de lastimadas as nossas Quinas, porque lhe falta aquelle Profeta Evangelico, que prégando nas occasioens de mayor angustia, nos consolava nas nossas desgraças, nos annunciaya as nossas fortunas: aquelle Heroe esclarecido, que tanto fez conhecer a gloria Portugueza entre todas as Naçoens do Mundo. (41) Se eu me naõ engano, já todas estas circunstancias do nosso sentimento se achaõ bem dibuxadas no Psalmo setenta e tres. (42)

Quiescere faciamus omnes dies festos Dei á terra, signa nostra non vidimus, jam non est Propheta, & nos non cognoscet amplius. Texto maravilhoso para o nosso caso, porque aqui vemos suspensas as festividades sagradas: *Quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra*; aqui achamos, que já desappareceraõ aquelles milagres da Oratoria: *Signa nostra non vidimus*; aqui observamos retiradas em

(40) *Vide* Alvares *in Isaiam cap.* 1. *vers.* 10 *& cap.* 5. *vers.* 1. (41) *Consta dos seus Sermoens, dos quaes huns saõ Panegyricos, outros Gratulatorios, outros Apologeticos, outros Politicos, outros Bellicos, outros Nauticos, outros Funeraes, outros totalmente Ascetticos, como elle prometeo no Prologo do* 1. *tomo.* (42) *Psal.* 73. *vers.* 8. *&* 9.

final de ſentimento as bandeiras das noſſas Armas: *Signa noſtra non vidimus: inſignia noſtra vexilla quondam nobis uſitata*, commenta Genebrardo; (43) e para que entendeſſemos por eſtas bandeiras as que glorioſamente tremolavaõ com as divinas Chagas, com as Reaes Quinas, explica Hugo Cardeal: (44) *Signa noſtra non videmus, ſtigmata Domini Jeſu.* Tambem alli temos o grande motivo de todo eſte ſentimento; porque diz o Texto, que já naõ vive o Prégador, que como todos ſabem, iſſo quer tambem dizer a palavra Profeta: (45) *Jam non eſt Propheta*, e conclue as laſtimoſas conſequencias deſta irreparavel perda, dizendo, que com aquelle Prégador ſe ſepultou a gloria, que tinhamos de ſer por ſua cauſa conhecidos no Univerſo: *Et nos non cognoſcet amplius; ad eam infelicitatem redacti ſumus, ut nemo amplius nos ſit agniturus*, interpreta Genebrardo.* Vedes quam proprio he eſte Texto para explicar a perda de Portugal, cujas Armas ſaõ as cinco Quinas: *Signa noſtra non videmus, ſtigmata Domini Jeſu* no eterno ſilencio deſte ſeu grande Oraculo? Pois ainda encerra mais alma eſte Texto.

Eſcreve Galatino, (46) que o Profeta, cuja falta neſte lugar ſe chora, era hum Varaõ, cuja figura oppunha ao candido dos cabellos o negro dos veſtidos: *Senex unus, nigris amictus*; hum Varaõ, que prediſſe, que a ſua morte havia ſer dentro de hum anno: *In anno iſto ego morior*; hum Varaõ, que fez hum

(43) Genebrard. *hic.* (44) Hugo *Cardinalis hic.* (45) *Vide* Pinedam *in Job in Præfatione cap. 9. n. 3.* Alapide *in Exodum cap. 7. verſ. 1.* & Lorinum *in Act. Apoſt. l. 1. cap. 15. verſ. 32.* *Genebrard. *Ibid.* (46) Galatin. *de Arcanis Catholica veritatis lib. 4. cap. 8. ubi ſcribit hunc Prophetam fuiſſe Simeonem Juſtum.*

hum Panegyrico no naſcimento de hum Principe, cuja morte tambem logo chorou, e dirigio as lagrimas á Rainha mãy daquelle Pincipe, a qual tinha o auguſto nome de Maria, à qual tambem annunciou as felicidades, que ſe haviaõ ſeguir áquella morte, originadas de multiplicados naſcimentos. (47) *Dixit ad Mariam matrem ejus: Ecce poſitus eſt hic in ruinam, & reſurrectionem multorum.* Eu naõ ſey, que ſe poſſa pintar com mais vivas cores o noſſo Orador defunto, que as com que o vemos neſte ſingular Profeta retratado; porque alli vemos a ancianidade dos ſeus annos: *Senes unus*; alli a cor do Religioſo clerical habito: *Nigris amictus*; e ſe aquelle Profeta prediſſe, que a ſua morte havia de ſer dentro de hum anno: *In anno iſto ego morior*, o meſmo ſuccedeo ao noſſo inſigne Orador, que como predizendo a ſua viſinha morte, affirmava, que o ſeu duodecimo Tomo, que já tinha acabado, havia de ſahir poſthumo, e lhe chamava o ſeu Benjamim, inſinuando com iſto, que naõ havia ſobreviver áquelle parto do entendimento, aſſim como Rachel morreo no parto de ſeu filho Benjamim. (48) Alli finalmente achamos toda a materia da palavra de Deos deſempenhada, e da palavra do Prégador empenhada, e defendida, (49) iſto he, o Panegyrico no naſcimento do Principe, que Deos quiz para ſi, as felicidades, que ſe ſeguiraõ á ſua morte em multiplicados naſcimentos, como outras tantas reſurreiçoens ſeguidas á ſua morte, e tudo eſpecialmente dirigido á ſaudoſa mãy a auguſtiſſima Maria a Rainha noſſa

(47) Lucæ 2.34. (48) *Geneſ.* 35.18. (49) *Vejaſe o* P. Antonio Vieira *na Palavra do Prégador empenhada, e defendida* §.5 *pag.* 178. & *pag.* 180.

Senhora: *Dixit ad Mariam matrem ejus: positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum.* Vede, que bem representa aquelle Profeta o Orador, a que choraõ defunto as Reaes Quinas do noſſo Reino: *Signa noſtra non videmus, jàm non eſt Propheta.* E já que as lagrimas do Reino na falta deſte Prégador: *Poſitus ſum ego Prædicator*, por ſerem perennes, nunca ſe haõ de acabar, interrompaõſe agora pelas lagrimas da Religiaõ, que começa a chorar a morte do ſeu Apoſtolo: *Et Apoſtolus.*

SEGUNDA PARTE.

Et Apoſtolus.

GRande gloria alcançou o P. Antonio Vieira em ſe avantajar a todos os Prégadores do mundo; porém mayor triunfo conſeguio em exceder a todos os Apoſtolos do noſſo ſeculo; porque ſer ſummo entre os profeſſores da Eloquencia, póde ſer beneficio da fortuna; mas ſer ſummo entre os profeſſos da Companhia, he raro privilegio da graça. Todos ſabem o que quer dizer, ſer o mayor dos Prégadores; mas naõ ſey ſe ponderaõ todos, que prerogativa he ſer o mayor entre os Apoſtolos; o ſer mayor entre os filhos da Illuſtriſſima, e Santiſſima Religiaõ da Companhia de Jeſus, a quem o noſſo Reino, ſem ſe deixar vencer da ſua modeſta repugnancia, venenera com o glorioſo, e merecido nome de Apoſtolos. (50) Podera dizer eu, que o ſer mayor entre os Reli-

(50) *Vide* Orlandinum *in Hiſtoria Societatis Jeſu tom.1.lib.3.n.40. & Suares tom.4.de Religione Tract.10.lib.1.cap.1.*

Religioſiſſimos filhos da Companhia, he ſer mayor entre as luzes do ſeculo, entre as Eſtrellas da eternidade, entre os Soes do mundo, entre as columnas da Igreja; entre os Anjos da paz, entre os Serafins abrazados, (61) que todos eſtes, e outros muitos famoſos titulos lhes daõ graves Authores; porém accommodandome eu mais com o que pede a ſua modeſtia, que com o que dicta o ſeu entendimento, e a minha veneraçaõ, naõ paſſo a dizer, que o ſer o mayor entre os Religioſos da Companhia, he ſer mayor entre os Lyrios da Igreja; porque eſtes Religioſiſſimos Padres ſaõ aquelles exemplares Lyrios, cuja imitaçaõ perſuade o Eſpirito Santo a toda a flor da Santidade: (52) *Florete flores quaſi lilium, & date odorem.* Eſtes Religioſiſſimos Padres ſaõ aquelles venturoſos Lyrios, em cuja companhia tem Jeſus as ſuas delicias, como diſſe a Eſpoſa: (53) *Paſcitur inter lilia: conſortio paſcitur liliorum*, explica S. Bernardo. (54) Eſtes Religioſiſſimos Padres ſaõ aquelles admiraveis Lyrios, que com univerſal aſſombro do mundo, tendo naſcido ha cento e cincoenta e ſete annos, ainda hoje florecem naquella aſpereza, e mortificaçaõ primitiva, ſymbolizada no amargo da mirrha primeira, como delles parece que profetizou Salamaõ: *Lilia diſtilantia myrrham primam.* Reparem naquellas palavras *myrrham primam*, que declaraõ bem, que na exemplar mortificaçaõ deſtes penitentiſſimos Padres naõ ſe acha o debilitado de antiga, mas aſſombraõ os fervores de primeira: *Mirrham*

(51) *Hos titulos invenies apud* Chryſtophorum Gomes *in Elogiis Societatis Jeſus. Conſule illius indicem verbo Jeſuita.* (52) *Eccli.* 39 19. (53) *Cantic.* 6.2. (54) D. Bernard. *Serm. de Nativitate B. Mariæ prope finem.*

rham primam, porque naõ a enfraqueceo o progreſſo dos annos, antes a fez mais robuſta a continuaçaõ do exercicio. E que eſte lugar dos Cantares (55) ſe entenda dos Apoſtolos, eſcreveo Guilhelmo Neobrigenſe; (56) porque eſtes ſaõ aquelles Lyrios da Igreja, em que ſe acha o aureo da devoçaõ, o candido da pureza, e o fragrante da boa fama. Entre eſtes Apoſtolicos Lyrios foy o P. Antonio Vieira Apoſtolo ſingular pela excellencia das virtudes, *& Apoſtolus. Apoſtolus virtuoſus*, explica Hugo Cardeal; (57) e aſſim devia ſer quem, por ſer Religioſo da Companhia, era o retrato de S. Paulo, de cujas acçoens ſe tirou o ſummario do Inſtituto da Companhia, como obſervou o P. Cornelio Alapide. (58) De S. Paulo, ao qual o Papa Adriano I. chamou Lyrio do mundo: *Paulus namque mundi lilium.*

De S. Paulo celebraõ muito os Interpretes o fugir de noite para os Apoſtolos, ou para os Diſcipulos de Jeſus; porém naõ he menos para louvar o P. Antonio Vieira em fugir tambem de noite para os Apoſtolos, para os Diſcipulos de Jeſus, iſto he, para o Noviciado da Companhia de Jeſus. E com eſta differença, que S. Paulo, quando ſe foy para os Apoſtolos, fugio de ſeus inimigos; e o P. Antonio Vieira, quando ſe foy para os Apoſtolos, fugio de ſeu meſmo pay. S. Paulo fugio de quem lhe queria tirar a vida

(55) *Cant* 5.13. *Viri Apoſtolicæ gratiæ, intus fulgent, foris nitent, & redolent. Intus ubi ſolus Deus videt, fulgent auro ſanctæ devotionis: foris nitent candore bonæ actionis, & dum cautè ſe abſtinent ab omni ſpecie mali, ſuavem olentiam bonæ opinionis latius diſpergunt* (56) Guilhelmus *Neobrigenſis apud Del Rio in Cantica cap.* 5. *verſ.* 13. §. 3. (57) Hugo *Card hic. Vide* P. Ribadaneira *de Inſtituto Societatis cap.* 3. *pag.* 32. Suarez *de Religione tom.* 4. *tract.* 10. *lib.* 1. *cap.* 9. *per totum.* (58) Alapide *in* 2. *Cor.* 6. 9. Adrian. I. *tom.* 3. *Conciliorum part.* 1. *ſec.* 2.

a vida. (59) *Ut eum interficerent*; o P. Antonio Vieira fugio de quem lhe tinha dado a vida. Oh quanto pudera dizer deſte admiravel fervor! Oh quanto pudera ponderar o fugir elle valeroſamente do mundo para a Religiaõ, ajudado pelo efficaz patrocinio da Virgem Santiſſima (a quem chamava ſua Mãy) no meſmo dia, em que Santo Agoſtinho, pelas fervoroſas oraçoens de ſua Santa Mãy, fugio das trevas do Paganiſmo para ſer a mayor luz da Igreja! Grande, e memoravel dia o de cinco de Mayo, que deu á Igreja hum Santo Agoſtinho, e que deu á Companhia hum P. Antonio Vieira! Mas naõ permitte o dilatarme neſtas myſterioſas circunſtancias da ſua entrada na Companhia o muito, que tenho que obſervar nas virtudes, com que dentro della floreceo eſte Lyrio Apoſtolico.

A principal virtude, em que foy admiravel eſte grande Apoſtolo depois de eſtar na Companhia, foy a eſtimaçaõ, que fez della, e o deſprezo de tudo o que de ſeus braços o podia arrancar. Amou o noſſo Heroe tanto a Companhia de Jeſus, como S. Paulo a graça do meſmo Jeſus, que conſiderava como companhia: *Neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos ſeparare á charitate Dei, quæ eſt in Chriſto Jeſu.* Dizia S. Paulo, (60) que nem a eminencia, nem o abatimento o poderiaõ apartar do amor de Jeſus. O noſſo inſigne Apoſtolo affirmava, que nem o abatimento, nem as honras o poderiaõ nunca tirar da Companhia de Jeſu. Para provar, que o abatimento naõ teria eſte poder *neque profundum*, proteſtava, que ſe foſſe taõ deſgraçado, que a Companhia o deſpediſſe, elle ſe naõ havia tirar

(59) *Act. cap. 9. v. 23.* (60) *Rom. 8. 39.*

rar das ſuas portas, e que proſtrado diante dellas; havia acabar a vida: *Neque profundum, neque creatura alia poterit nos ſeparare.* Mas porque eſte ſempre venerado Apoſtolo naõ teve occaſiaõ em que o podeſſe tentar o abatimento, vejamos o como reſiſtio ás fortiſſimas tentaçoens, com que o combateraõ ás honras: vejamos o quanto deſprezou por amor da Companhia. O Senhor Rey D. Joaõ o IV. de glorioſiſſima memoria o quiz fazer Conſelheiro de Eſtado, e elle recuſou a mercê, como menos compativel com o eſtado da Companhia. Offereceolhe grandes dignidades, e reſpondeo, como quem era mayor que todas ellas, que eſtimava mais que todas as Mitras do mundo o Barrete da Companhia, e que naõ o havia largar, nem que Sua Mageſtade lhe déſſe por elle a ſua Coroa. Oh reſoluçaõ heroica, mayor que toda a ponderaçaõ humana! Em Roma mereceo a graça da ſapientiſſima, e Sereniſſima Rainha de Suecia, a qual o quiz encaminhar á Purpura Vaticana, e a eſte fim o mandou repetidas vezes chamar, ainda depois de eſtar neſte Reino; ſempre reſiſtio a conſtancia do grande Apoſtolo, e temendo, que os rogos, com que o Reverendiſſimo P. Geral Joaõ Paulo Oliva o perſuadia a voltar a Roma, paſſaſſem a preceitos, que o conſtrangeſſem a ir, uſou da licença que tinha, para ſe recolher á ſua Provincia do Braſil, fazendo mayor jornada para fugir á Purpura, do que nenhum ambicioſo faria para alcançalla, por moſtrar que a eminencia o naõ havia apartar da Companhia de Jeſus: *Neque altitudo poterit nos ſeparare à charitate Dei, quæ eſt in Chriſto Jeſu.* Taõ heroico deſprezo das honras do mundo, que chegue a recuſar lugares no Conſelho de Eſtado, dignidades grandes, e

a meſma

meſma Purpura, ſó ſe acha em hum homem, que tem hum grande eſpirito, em hum homem, que tem muito de Deos, em hum homem, que tem as virtudes de muitos, e com eminencia: que ſó quem tem a das virtudes, póde deſprezar a da Purpura: *Spiritus Dei amplior erat in illo*, diz a Eſcritura (61) fallando do Profeta Daniel, a quem o doutiſſimo P. Cornelio Alapide (62) chamou eſpelho de Religioſos: *Daniel repræſentat Religioſos*; que tinha hum grande eſpirito de Deos, e as virtudes de muitos com eminencia, como explica o Heitor dos Interpretes: (63) *In Danielé multorum . . . virtutes eminebant.* E em que ſe conheceo eſſe grande eſpirito de Daniel, eſſa eminencia de virtude? O Texto ſagrado o diz: (64) em deſprezar o lugar de Conſelheiro de Eſtado, as dignidades ſupremas, e ainda a meſma Purpura, para a qual o conduziaõ as diligencias de huma Rainha ſabia, e a liberalidade de hum Rey generoſo; porque offerecendoſe-lhe o lugar de Conſelheiro de Eſtado, que iſſo querem dizer, como ſabem os Eſcriturarios, e ainda os Politicos, aquellas palavras: *Tertius in Regno meo Princeps eris*; as dignidades ſignificadas naquelle collar: (65) *Torquem auream circa collum tuum habebis*; e aquella taõ eſtimada Purpura: *Purpura veſtieris*, procurada pelas efficazes diligencias de huma Rainha, de quem dizem os Interpretes que era ſummamente ſabia: (66) *Quæ ſapientiſſima fuit fœmina*; reſpondeo generoſamente ao ſeu Rey, que naõ queria lugar no Con-

Aa ſelho

(61) Daniel 6. 3. (62) Alapide *in* Daniel. *Prologomen. n.* 17. (63) Hector Pinto *hic.* (64) Daniel 5. 16. *Vide* Pererium *hic*, & Briſſonium *lib.* 1 *de Regno Perſarum pag.* 115. *mihi* (65) Daniel *ibidem.* (66) *Vide* Briſſonium *ubi ſupra pag.* 97. Alapide *in* Dan. *cap.* 5. *n.* 10.

felho de Eſtado, que naõ queria dignidades, que naõ queria Purpura: (67) *Ad quæ reſpondens Daniel, ait coram Rege: munera tua tibi ſint, & dona domus tuæ alteri da*; moſtrando neſtas palavras huma conſtancia verdadeiramente Apoſtolica, como diz ſobre eſte lugar Theodoreto: (68) *Apoſtolica re vera Prophetarum vox eſt.* Logo ſe o noſſo inſigne Apoſtolo recuſou, como Daniel, o lugar do Conſelho de Eſtado, as mayores dignidades, e a meſma Purpura: *Munera tua tibi ſint, & dona domus tuæ alteri da*, diga-ſe delle como de Daniel, que teve hum mayor, e mais ſingular eſpirito: *Spiritus Dei amplior erat in illo*: ſe fugio á eminencia da Purpura Romana, procurada pela ſapientiſſima Rainha de Suecia: *Quæ ſapientiſſima fuit fœmina*: diga-ſe, que lograva a eminencia das virtudes: *Multorum virtutes eminebant*: que tinha como o Profeta Daniel huma virtude Apoſtolica: *Apoſtolica re vera Prophetarum vox eſt*; huma conſtancia como a de S. Paulo: *Neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos ſeparare à charitate Dei, quæ eſt in Chriſto Jeſum*: Moſtrando-ſe no amor da Companhia hum verdadeiro Apoſtolo: *& Apoſtolus.*

Porem ſe o deſprezar a eminencia da Purpura he indicio de poſſuir a eminencia das virtudes, como ſe diz de Daniel; quaes foraõ as eminentes virtudes, que adornaraõ a venturoſa alma deſte Religioſo deſprezador da Purpura? Foraõ as meſmas, que ſe admiraraõ em Daniel. Em Daniel celebra Theodoreto (69) a pobreza de eſpirito, propria dos Apoſtolos em recuſar as mercês Reaes. Porém o noſſo Apoſtolo naõ ſó

(67) Dan. *ibidem verſ.* 17. (68) Theodoretus *hic.* (69) Theodoretus *ubi ſupra*

só quiz ser pobre de espirito, e no affecto, senaõ tambem na experiencia, e no effeito. O seu vestido sempre foy o mais vil, e o mais pobre; o adorno do seu cubiculo era muito parecido ao da sua pessoa; naõ havia nelle em que pôr os olhos, mais que huns poucos livros, hum Crucifixo de Missionario, e huma caveira, que tambem para elle eraõ livros, nos quaes fazia o seu mayor estudo da arte de bem morrer, na qual tanto se exercitou, que muitos annos antes da ultima fatal jornada, se dispoz para ella, commungando por Viatico todos os dias. Mas seguindo nestas quotidianas disposiçoens para a morte o celebre *quotidie morior* de S. Paulo, na pobreza parece, que quiz contender com o mesmo Apostolo; porque de S. Paulo sabemos, (70) que teve mais que livros, e que dizia que se contentava com ter alimento para se sustentar, e vestido para se cobrir: (71) *Habens autem alimenta, & quibus tegamur, his contenti sumus*; porém o nosso Apostolo ainda com menos se contentava, porque naõ chegavaõ a cobrillo os seus vestidos, como quem se prezava tanto de ser filho daquella Religiaõ, que he symbolizada nos Lyrios, isto he, naquellas sublimes flores, que a pobreza tem por jeroglifico, como diz Juliano: (72) *Lilio nudiores in summa egestate viverent.*

Mais admiravel que na pobreza, foy Daniel na Oraçaõ, porque todos os dias orava de joelhos em publico, ou a donde podesse ser visto de todos, ainda com risco da propria vida: (73) *Fenestris apertis in cœnaculo suo contra Hierusalem tribus temporibus in die flectebat genua sua.* Pareceme, que estou vendo em Daniel ao nosso devotissimo Apostolo

(70) 2. Timoth. 4. 13. (71) 1. Timoth. 6. 8. (72) Julian. (73) Dan. 6. 10.

na terra, hora, e eſtaçaõ mais fria, orando no deſabrigado de huma Igreja com os joelhos poſtos ſobre os marmores, com quem hia a apoſtar conſtancias, ſem reparar que punha em perigo a ſua vida entre os externos rigores do frio, e as chammas do interior incendio: e mandandolhe a compaixaõ dos Prelados, que fizeſſe a Oraçaõ do Eſtatuto entre os abrigos do ſeu cubiculo, elle naõ menos obediente, que fervoroſo, depois de contemplar aquella hora retirado, dava mais meya hora na Igreja a eſte exercicio Angelico, depois de celebrar o Sacrificio; e diſſera eu, que elle neſtas tres meyas horas de Oraçaõ queria, emulo de Daniel, renovar aquelle fervor tres vezes excitado: *Tribus temporibus in die flectebat genua ſua*, ſe naõ ſoubera, que com huma Oraçaõ continua moſtrava á frouxidaõ do noſſo ſeculo, que naõ era impoſſivel aquelle antigo *Oramus ſemper* de S. Paulo; (74) com que já naõ he para admirar aquella ſua taõ famoſa perſeverança, com que nas ſeſtas feiras paſſava o dia inteiro proſtrado diante da Imagem de Chriſto morto, ſendo, como outro S. Paulo, (75) continuo na meditaçaõ das penas do Redemptor, com cuja memoria ſuaviſou ſempre as ſuas. Neſta eſcola aprendeo aquella invicta paciencia, com que tolerou as adverſidades da fortuna, e como em eterno agradecimento deſte beneficio diſpoz, que na Capella do Collegio de Santo Antaõ ſe fizeſſe nas ſeſtas feiras de Quareſma o Paſſo do Senhor morto, dando o que era preciſo para perpetuar a annual fabrica daquelle pio, e horroroſo Theatro, no qual o ſilencio do Verbo Divino era a mais elo-

(74) 2. Theſſalon. *cap.* 1. *verſ.* 11. (75) *Configuratus morti ejus.* Philipp. 3. 10.

eloquente perſuaſaõ do ſoffrimento; e ſe Daniel ſofreo conſtante as offenſas, que lhe fizeraõ, por trazer no penſamento repreſentada a futura morte de Chriſto: (76) *Occiditur Chriſtus*; tambem a Paixaõ de Chriſto meditada fez ao noſſo Heroe hum exemplar da paciencia, com a qual ſe moſtrou entre os eſpinhos dos trabalhos fragrante Lyrio: (77) *Sicut lilium inter ſpinas*, e valeroſo Apoſtolo: *& Apoſtolus.*

De todas eſtas eminentes virtudes foy indicio o deſprezo da Purpura, tanto como em Daniel, no noſſo Apoſtolo; mas naõ foraõ ſó eſtas as ſuas virtudes, porque teve tantas, que he impoſſivel o repetillas; e he força, que ſejaõ as mais as diſſimuladas.

De Judas Machabeo, (78) hum dos Heroes, que deraõ mayor occupaçaõ á trombeta da fama, e o mais obſervante Religioſo do ſeu tempo, como ſabem os verſados na Hiſtoria Eccleſiaſtica, diz o Eſpirito Santo, que ſe naõ eſcreveraõ todas as ſuas virtudes, por ſerem exceſſivas em numero (79) *Verba bellorum Judæ, & virtutum quas fecit, & magnitudinis ejus non ſunt deſcripta; multa enim erant valdè*; por eſta meſma razaõ naõ poſſo eu repetir todas as virtudes deſte Religioſo Heroe, venerado emprego das vozes da fama, porque ſaõ exceſſivamente numeroſas: *Multa enim erant valdè.* Mas as innumeraveis virtudes deſte grande Apoſtolo: *Apoſtolus virtuoſus*, que naõ cabem nas expreſſoens da minha lingua, ficaraõ bem declaradas pelas lagrimas de ſeus ſaudoſos Irmãos. Por eſtas repetidas lagrimas ſe

(76) Dan. 9. 26. (77) *Cant.* 2. 2. (78) *Judam fuiſſe Religioſum docet* Serarius *in Machab. Harmonia, & cap.* 14. *l.* 2. *&* Salianus *ad ann. mundi* 3893. *n.* 34. (79) 1. Machab. 9. 22.

ſe haõ de contar aquellas virtudes, porque eſtas lagrimas naõ ſó ſaõ claro teſtemunho da ſaudade, mas tambem fluido Panegyrico do merecimento.

Morto Judas Machabeo, diz a Eſcritura, que ſeus irmãos o ſepultaraõ entre os ſeus Padres: (80) *Jonathas, & Simon tulerunt Judam fratrem ſuum, & ſepelierunt eum in ſepulchro Patrum ſuorum*; que fizeraõ grandiſſimo pranto: *Et fleverunt eum omnis populus Iſrael planctu magno*; que continuaraõ as lagrimas por muitos dias: *Et lugebant dies multos*; e que admirados perguntavaõ, como era poſſivel que acabaſſe aquelle Varaõ immortal, que procurava a ſalvaçaõ dos Póvos: *Et dixerunt quomodo cecidit potens, qui ſalvum faciebat populum?* Pois porque ha de ſer grande o pranto: *Planctu magno*; e porque haõ de ſer muitas as lagrimas: *Lugebant dies multos?* Porque as proezas do Heroe, que choravaõ, eraõ grandes, *magnitudinis ejus*, e as virtudes eraõ muitas, *multa enim erant valde*; que grandes proezas ſó as explicaõ grandes prantos, que muitas virtudes ſó as celebraõ muitas lagrimas. O meſmo que ſe vio na morte do Religioſo Machabeo, ſe acha no do noſſo grande Apoſtolo. Sepultaõ no os irmãos: *Tulerunt fratrem ſuum*; choraõ com grande pranto as ſuas grandes proezas: *Magnitudinis ejus planctu magno*, e choraõ com muitas lagrimas as ſuas muitas virtudes: *Multa enim erant valdè, lugebant dies multos.* Chorão dous irmãos, Jonathas, e Simaõ, iſto he, duas Provincias, a do Braſil, e a de Portugal, porque os irmãos de Judas Machabeo ſaõ ſymbolo de Provincias Religioſas: naõ he a acommodaçaõ minha; os curioſos a podem ver no Padre Fullonio da Companhia de

(80) 1. Machab. 9. 19.

de Jesus, grande expositor dos livros dos Machabeos. (81) Porém eu quizera accrescentar, que naõ só eraõ symbolo de Provincias Religiosas, senaõ ainda de Provincias da Companhia, porque aquelles irmãos eraõ da Religiaõ dos Assideos, á qual o eruditissimo P. Serario (82) dá o nome de Companhia: *Societate verò inter se sancta & religiosa devinctos*; e este mesmo nome lhe tinha já dado Josefo, fallando dos que naquella Religiaõ se aceitavaõ, e dos que della se despediaõ; porque dos que para augmento da Religiaõ se aceitavaõ, diz: *Homines in societatem recepere*; e dos que para sua conservaçaõ se despediaõ, diz: *Societate deturbavere.* (83) Nem a esta Companhia faltou o nome de Jesu, porque os Assideos, como querem graves AA. (84) foraõ os mesmos que os Essenos, os quaes depois se chamaraõ Jesseos, tomando o nome de Jesu, como ensinaõ os Padres Ribadaneira, e Soares. E para que a semelhança entre huma, e outra Companhia naõ pareça que he só no nome, daquelles antigos Religiosos escreve Josefo, (85) que tinhaõ dous annos de Noviciado: *Duobus annis mores ejus ... probantur*, e que todos se dividiaõ em quatro classes: *Discernebantur autem inter se ..... in ordines quatuor.* (86) Para que vejamos, que bem representavaõ aquelles Religiosos aos da Companhia, que tem dous annos de Noviciado, como todos sabem; e saõ divididos em quatro classes, como dispoz o grande Patriarca

(81) *Vide* Fullonium *in lib. 1. Machab. cap. 2. vers. 5. §. In eundem modum.* (82) Serarius *in Machab.* (83) *Vide* Ribadaneiram *de Instituto Societatis.* (84) Josephus *apud Caramuelem in Theologia Regulari n. 162. Vide* Caram. *ibidem n. 161. & n 285.* & Ribadaneiram *de Instituto Societatis cap. 1.* & Suares *tom. 4. de Religione tract. 10. lib. 1. cap. 1. n. 5.* (85) Josephus *lib. 2. de Bello Judaico cap. 7.* (86) Ribadaneira *ubi supra cap. 8.*

triarca Santo Ignacio nas ſuas Conſtituiçoens: (87) *Perſonarum autem, quæ admittuntur in hanc Societatem generaliter ſumptam, quatuor ſunt claſſes.* E naõ ſó repreſentavaõ aquelles irmãos de Judas Machabeo Provincias Religioſas, como enſina o P. Fullonio, nem ſó Provincias de Religioſos da Companhia de Jeſus, como parece que tenho moſtrado; mas eſpecialmente a Provincia do Braſil, e a de Portugal, (88) porque em Jonathas, que ſignifica dom do Eſpirito Santo: *Jonathas donum columbæ*, reconheço a fervoroſa Provincia do Braſil, a quem o Eſpirito Santo parece que deu o dom das linguas de fogo para illuſtraçaõ do Gentiliſmo. Em Simaõ venero a Provincia de Portugal, (89) tomando o nome do ſeu grande Fundador o Veneravel P.M. Simaõ, hum dos nove Companheiros de Santo Ignacio, e eſpecialmente eſta Caſa Profeſſa de S. Roque, a qual com o quarto voto de obediencia ao Summo Pontifice, merece o nome de Simaõ, que ſe interpreta obediente: (90) *Simon ideſt obediens.* Primeiro ſe nomea Jonathas, e depois Simaõ: *Jonathas, & Simon tulerunt Judam*, (91) porque a Provincia do Braſil, figurada em Jonathas, chorou primeiro, e a Provincia de Portugal, ſymbolizada em Simaõ, chorou depois; e no ſeu meſmo nome tem a razaõ de ſer a ſegunda em chorar; e he porque naõ vio, mas ſó ouvio a cauſa da ſua triſteza, que Simaõ tambem ſignifica *audiens triſtitiam.* Mas ſe naõ foy a primeira em chorar, foy a unica em erigir hum literario pompoſo Mauſoleo, aſſim

(87) *Conſtitut. Societ. Jeſu part.* 1. *cap.* 1. §. 7. (88) *Vejaſe o* P. Antonio Vieira *na 6. part. n.* 450. *e ſeguintes* (89) *Vejaſe o* P. Balthaſar Telles *na Chron. da Companhia part.* 1. *liv.* 1. *cap.* 16. (90) *Interpr. Nomin. Hebraic. &c.* (91) *Rabanus apud.* Fullonium *ubi ſupra* §. *Rabano.*

assim como Simaõ foy o que edificou o famoso magnifico sepulchro: *Hoc est sepulchrum, quod fecit:* (92) ambas estas Provincias celebraõ as grandes proezas do nosso Apostolo com grande pranto: *Magnitudinis ejus, planctu magno*; ambas eternizaõ as suas muitas virtudes com muitas lagrimas: *Multa enim erant valdè, & lugebant dies multos*; e ambas dizem como assombradas: *Quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat populum?* He possivel, que acabou hum Varaõ Apostolico, *& Apostolus*, e que tanto trabalhou pela salvaçaõ do mundo? Como se pretendessem augmentar a fonte de suas lagrimas, unindo-as com as do Gentilismo, a quem chega mais de perto este ultimo motivo do sentimento, e que por elle ha muito que nos está pedindo, que o deixemos chorar a ausencia do seu Missionario: *Et Magister Gentium.*

TERCEIRA PARTE.

Et Magister Gentium.

CHora finalmente a Gentilidade a perpetua ausencia do seu veneravel Mestre; daquelle grande homem, que depois de ter assombrado, e convencido em Europa os Hereges de Hollanda, França, e Inglaterra com a agudeza de quem estudou as Filosofias sem Mestre, qual outro Santo Agostinho, (93) de quem antes de ter vinte annos, interpretou o mais difficil das Escrituras, qual nenhum outro,

(92) 1. *Machab.* 13. 30. (93) *Vide* D. Augustin. *lib.* 4. *Confession. cap.* 16.

ſe foy occupar nas linguas barbaras da America, para inſtruir os Indios do Maranhaõ. (94) Eſte foy aquelle grande theatro do ſeu zelo, a donde em beneficio das almas gaſtou nove annos, andando mais de quatorze mil leguas, embarcando-ſe vinte duas vezes, padecendo horriveis tempeſtades, e naufragios, como elle meſmo ponderou, (95) bem ſemelhantes aos de S. Paulo. Viſitou onze vezes as quatorze Reſidencias, que em eſpaço de ſeiſcentas leguas tem no Maranhaõ a Companhia. Alli levantou muitas Igrejas, adornou muitos Altares, converteo muitas almas, dandolhe os nupciaes aneis de eſpoſas de Chriſto, á imitaçaõ de S. Paulo, a quem S. Joaõ Chryſoſtomo (96) chamou ſagrado Paraninfo: *Credentium pronubus*; e procurando tambem ſegurarlhes a liberdade na terra, para lhes facilitar a do Ceo, com que deixou a berta, e franca á Companhia a porta para introduzir aquella Gentilidade na Igreja: e naõ ſó empregou nas Miſſoens do Maranhaõ o ineſtimavel preço do ſeu trabalho, ſenaõ tambem o do ſeu ocio, applicando para a deſpeza dellas quanto lucrava na impreſſaõ das ſuas obras. Agora ſe entenderá cabalmente a razaõ porque ſaõ quatorze os livros dos ſeus Sermoens. Cuidava eu, que elle naõ pretendera com eſte numero mais que igualar o das quatorze Epiſtolas de S. Paulo; mas agora julgo, que quiz fazer quatorze livros, para ſoccorrer as quatorze Reſidencias daquella Miſſaõ. Agora entendo, porque razaõ foy taõ anticipado amigo de Seneca, que ſendo

(94) O P. Antonio Vieira *compoz hum Catheciſmo em ſeis linguas na America.* (95) O P. Antonio Vieira *tom.4. Serm.8.n.268.* (96) Chryſoſt. *apud. Novarinum noſtrum in Adagiis SS. PP. tom.1.n.5.*

do de dezoito annos, lhe commentou as ſuas Tragedias. (97) Cuidava eu, que elle naõ aſpirava na eleiçaõ daquella obra mais que a ſatisfazer á erudita ſympathia com hum amigo de S. Paulo; mas agora ſou de parecer, que fez tanto caſo daquellas Tragedias, porque nellas deſcobria hum famoſo vaticinio do novo mundo, a cuja converſaõ o conduziaõ os ſeus repetidos votos. Agora entendo a razaõ; porque explicou mais a Joſué, e aos Cantares, que outro livro da Eſcritura, e he porque nos Cantares ſe acha o deſpoſorio das almas com Chriſto, e em Joſué ſe contaõ os effeitos da liberdade do Povo tirado do cativeiro, que he o que elle fez no Maranhaõ, deſpoſar com Chriſto as almas, e livrar do cativeiro os corpos. Agora finalmente entendo, porque razaõ ſe occupou todo em forjar aquella famoſa Chave dos Profetas, á qual, quando morreo, eſtava dando a ultima lima; e he porque ſabia, que eſtava decretado, que abriſſe huma grande porta a Miſſoens da Companhia de Jeſus aquelle Prégador de doutrina verdadeira, aquelle Heroe de virtude ſolida, que tiveſſe na ſua maõ a Chave dos Profetas.

Ecce dedi coram te oſtium apertum, quod nemo poteſt claudere. Diz o Apocalypſe,* que ao Anjo de Filadelphia ſe abrio huma porta, taõ franca, que ninguem a poderá fechar. O P. Ribera, que, como

eſcreve

(97) *De amicitia inter D. Paulum, & Senecam, vide* Xiſtum Senenſem *lib. 2. Bibliothecæ Sanctæ, verb. Paulus... Venient annis = Sæcula ſeris; quibus Oceanus = Vincula rerum laxet, & ingens = Pateat tellus, Typhyſque novos = Detegat orbes, nec ſit terris = Ultima Thule.* Senec. *in Medea, Actu 2. in fine.* Martinus Antonius Delrio *è Societate Jeſu in novo Commentario ad hunc Senecæ locum* (verſ. 378.) *ait: Docent id America, Japonia, & reliquæ Inſulæ, in quas arma victricia noſtri homines fidei lucem intulerunt.* * *Apoc. 3. 8.*

eſcreve o P. Antonio Vieira, (98) he o mayor Eſcriturario da Companhia de Jeſus, entende por eſta porta a da Igreja aberta aos Miſſionarios para introduzirem nella os Gentios; (99) *Aperui oſtium illius coram te, ut te homines per prædicationem vocante, multi ingrediantur in Eccleſiam*; e que ſe diz eſtar taõ franqueada, porque nem o demonio, nem os ſeus miniſtros a poderáõ fechar: *Nec valeant diabolus, aut miniſtri ejus ingreſſum impedire.* Aſſim ſuccede hoje no Maranhaõ; eſtá por força das Proviſoens Reaes taõ patente a porta da Igreja, para os Miſſionarios com a prégaçaõ introduzirem nella os Gentios, que já o demonio por meyo de ſeus miniſtros a naõ poderá fechar. E a quem ſe abrio eſſa porta? *Coram te*, ao Anjo de Filadelphia, ou a huma Religiaõ, figurada neſſe Anjo, como quer o Abbade Joaquim: (100) *Oſtium apertum coram Angelo Philadelphiæ, hoc eſt, illi Ordini, qui ſignificatur per ipſum, & ita manifeſtè apertum, quod nemo poſſit claudere.* Que a Religiaõ figurada neſte Anjo, e vaticinada pelo Abbade Joaquim, ſeja a Illuſtriſſima Religiaõ da Companhia de Jeſus, inſinûa o meſmo Abbade, dizendo: (101) *Ipſum Ordinem, quem deſignat Jeſus*, e o perſuade a opiniaõ muy bem fundada, e commua entre os modernos. Com o que já ſabemos neſte lugar, qual he a porta, que he a da Igreja Catholica; já ſabemos a quem ſe abrio, que ſaõ os Miſſionarios; já ſabemos quem ſaõ eſtes Miſſionarios,

(98) O P. Antonio Vieira *na Palavra do Prégador* §. 2. *pag.* 154. (99) Ribera *hic.* (100) Joachimus Abbas *in Apocalipſ. part.* 1. *cap.* 3. *ad text.* 11. *fol.* 87. *col.* 2. *milii.* (101) Joachimus *ubi ſupra text.* 9. *fol.* 85. *col.* 3. *Vide* Chryſtophorum Gomes *in Elogiis Societatis part.* 1. *Claſſe* 7. *n* 1. *latiſſimè.* Benzonium *lib.* 1. *de Jubilæo. Imaginem Primi Seculi, lib.* 1. *cap.* 2. §. *Sed non contentus, & alios.*

narios, que saõ os Religiosissimos Padres da Companhia, que tudo isto nos dizem os Interpretes. Mas quem abrio essa porta? Que a abrio principalmente Deos, he certo, e isso dizem todos os Expositores, e o sabemos nós, sem elles o dizerem; mas quem foy o instrumento de se ella abrir, isso naõ dizem os Interpretes, nem o podiaõ dizer, se naõ fossem Profetas. Consultemos hum Interprete Profeta, que só elle nos ha de soltar a duvida. Perguntemos a S. Joaõ, que sendo Evangelista, foy tambem Profeta, quem he o que diz estas palavras: (102) *Ecce dedi coram te ostium apertum*? Eu vos abri a porta das Missoens responde o Profeta consultado: *Hæc dicit Sanctus & verus, qui habet clavem David: clavem omnium Prophetarum*, explica Ruperto. (103) Quem disse estas palavras, quem abrio esta porta aos Missionarios, he hum homem pelas virtudes santo, pela doutrina verdadeiro, hum homem, que tem a chave dos Profetas: *Clavem omnium Prophetarum.* Pois se quem havia franquear as Missoens aos Anjos da Companhia de Jesus, havia ser hum homem de virtude muy solida, de doutrina muito verdadeira: *Sanctus, & verus*; hum homem, que tivesse a chave dos Profetas: *Clavem omnium Prophetarum*, com muita razaõ trabalhou o nosso grande Missionario naõ só a enriquecer a sua alma com virtudes em quanto Religioso: *Sanctus*, em illustrar as de todos com verdades em quanto Prégador: *Verus*; mas tambem em formar na officina do engenho aquella insigne Chave dos Profetas, para poder deixar patente aquella porta: *Dedi coram te ostium apertum*, para até nisto ser imitador de S. Paulo, que foy aquelle insigne Missio-

(102) *Apoc.* 3.7. (103) Rupertus *lib.* 2. *in Apocal.*

Miſſionario, por quem Deos abrio as portas da Fé, e da Igreja aos Gentios : (104) *Retulerunt quanta feciſſet Deus cum illis, & quia aperuiſſet Gentibus oſtium fidei.*

Temos viſto a quem ſe abrio a porta das Miſſoens do Maranhaõ, e quem foy o que a abrio, porque tudo nos declarou o Apocalipſe : ſó nos falta o ponderar o modo com que aquella porta ſe fez patente : mas iſſo nos dirá o livro dos Cantares, que como obſervaõ os Interpretes da Eſcritura, (105) tem com o Apocalipſe huma muy notavel correſpondencia ; porque ſe aquella porta ſe abrio com muitos trabalhos do noſſo grande Miſſionario, e de ſeus veneraveis Companheiros, com grandes deſpezas, que por ſuas mãos ſe fizeraõ, com grandes diligencias, com que ſe procurou a liberdade dos Indios, com grande fervor, com que ſe lhes adminiſtraraõ os Sacramentos, pelos quaes Chriſto celebra com as almas os eſpirituaes deſpoſorios, tudo achamos naquelle livro.

Diz a Eſpoſa nos Cantares, ſegundo a verſaõ dos Setenta, que vio as mãos de Salamaõ cheyas de converſoens de Gentios: (106) *Manus ejus tornatæ aureæ impletæ Tharſis. Propter Gentium ..... convertendarum plenitudinem.* (107) Aqui temos ao noſſo Salamaõ Portuguez cheyo daquelles deſpojos da Gentilidade, que para o Ceo adquirio no Maranhaõ, de quem parece que falla eſte texto, porque *Tharſis* quer dizer mar de Indios, como ſabem os Eſcriturarios.

(104) *Act.* 14. 26. (105) *Vide* Serloghum *in Cantica tom.* 1. *Antelo-quio* 9. *lect.* 4. *n.* 41. & Alcaçar *in Apocalipſ. Notatione* 18. *procœmiali n.* 3. (106) *Cant* 5. 14. *Junta LXX.* (107) Philo Carpathius *hic.*

turarios. (108) Porém porque razaõ diz a Eſpoſa, antes de fallar naquellas multiplicadas converſoens, que os Interpretes dos penſamentos de Salamaõ eraõ huns lyrios, que eſtavaõ entre abundancias de mirrha: *Labia ejus lilia deſtilantia mirrham*? Para moſtrar que os ſeus Prégadores, que iſſo ſignificaõ no ſentido myſtico aquellas palavras: *Labia ejus*, (110) os quaes pela profiſſaõ da Companhia de Jeſus ſe fizeraõ Lyrios, o acompanhavaõ entre a amarga mirrha dos trabalhos, padecidos na converſaõ dos Gentios. Diz que as ſuas mãos eraõ de ouro: *Manus ejus tornatæ aureæ*, para inſinuar o muito ouro, que diſpendeo na converſaõ dos Indios, aſſim do que antigamente procurou com a ſua induſtria, como do que depois tirou do copioſo fruto das ſuas impreſſoens, das quaes cada folha era hum ramo de ouro, (111) que franqueava aos Indios do Maranhaõ a feliz entrada dos Campos Elyſios do Ceo. Diz, ſegundo a paraphraſi do noſſo P. Ghiſlerio, (112) famoſo Interprete dos Cantares, que levava as mãos cheyas de aneis de ouro: *Manus ejus tornatæ circundatæ annulis aureis*, para moſtrar que levava áquellas almas os deſpoſorios do Ceo, e a liberdade da terra, que huma, e outra ſignificaçaõ tem os aneis de ouro, como enſina Santo Iſidoro. (113) Venturoſos trabalhos! Bem empregados diſpendios, os que abriraõ as portas á converſaõ de hum novo mundo: *Manus*

(108) *Vide* Bonfrerium *in Onomaſtico urbium, & locorum Sacræ Scripturæ verſ. Tharſis, &* DelRio *in hunc locum Canticorum* §. 1. (109) *Cant. 5. 13.* (110) *Labia deſignare Prædicatores docent communiter Patres apud* Ghiſlerium *noſtrum in Cant cap. 4. verſ. 3. in Append. expoſitionum.* (111) *Vide* Lacerda *in Virgilii lib. 6.* (112) Ghiſlerius *hic expoſitione 1.* (113) *Vide* S. Iſidorum *lib. 2. de Divinis Officiis cap. 15. & lib. 19. Etymolog. cap. 32.*

nus ejus impletæ Tharſis. Tharſis enim converſio; á eſpiritual Conquiſta dos Indios, que podia dar ao noſſo Heroe o epitheto de Indico, ſe do nome, que os Setenta daõ á gente conquiſtada *Tharſis*, naõ quizermos formar para eſte grande Conquiſtador o titulo de Tharſenſe, que naõ eſtaria mal a quem foy no Maranhaõ hum S. Paulo, como lhe chamaõ as memorias daquelle tempo! Hum S. Paulo, que teve o nome de Tharſenſe: (114) *Nomine Tharſenſem.*

Naõ ſó moſtra eſte texto o Gentiliſmo convertido pelo abrazado zelo do noſſo grande Miſſionario, ſenaõ que tambem o manifeſta ſaudoſo pela ſua perpetua auſencia, pela ſua ſempre chorada morte; porque ſe pela palavra *Tharſis* entendemos com Philo Carpacio os Gentios convertidos, *Tharſis* tambem ſignifica o mar, como já notámos, e a donde os Setenta dizem *Impletæ Tharſis*, lê a Vulgata *Plenæ hyacinthis*, (115) que aquelles Infieis convertidos, que aquelles Gentios illuſtrados ſaõ huns prodigioſos Jacinthos. E os Jacinthos, ou ſejaõ pedras, como quer o commum dos Interpretes, ou ſejaõ flores, como entende o Veneravel Beda, (116) ſempre ſaõ para o noſſo caſo myſterioſos; porque a pedra Jacintho, como eſcrevem os naturaes, quando as nuvens lhe tiraõ a viſta do Ceo, encheſe toda de manifeſtos ſinaes de triſteza: (117) *Quaſi mœrore oppreſſus quodammodo extinguitur*: e a flor Jacintho, como ſabem os Mythologicos, he celebre pelas ſaudoſas expreſſoens do ſentimento. Aquelles meſmos, que ſe moſtraraõ

(114) *Act.* 9. 11. (115) *Vulgata editio Cant.* 5. 14. (116) Beda *apud Ghislerium huc.* (117) Cæſius *de Mineralibus lib.* 4. *part.* 2. *cap.* 5. *ſect.* 12. *n.* 6. (118) *Vide* Plinium *Hiſtor. Natur. lib.* 21. *cap.* 11. & Ovidium *lib.* 10. *Metamor. Fab.* 5. & *illius interpretes ibid.*

traraõ homens na converſaõ, ſe moſtraraõ mar nas lagrimas; Jacinthos deſmayados no ſentimento, e Jacinthos ſaudoſos nos ſuſpiros: e com muita razaõ, porque já ſe lhe auſentou eternamente aquelle grande Miſſionario, que os livrava de cativeiro, que lhes dava o alivio, e que lhes convertia as almas. Pareceme que ouço lamentar o Gentiliſmo do Maranhaõ neſta auſencia por boca do Profeta Jeremias.

Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, (119) diz aquella Gentilidade ſaudoſa, que eſtá chorando copioſas lagrimas, e que todo aquelle ſentimento he pela perpetua auſencia de quem lhe procurava o deſcanço, e a liberdade: *Quia longe factus eſt à me conſolator. Qui convertat animam meam in requiem, & libertatem*, commenta Ruperto; (120) e pela morte de quem tratava da converſaõ de ſuas almas: *Convertens animam meam*, e diz o Paraphraſte Chaldeo, (121) que aquellas naõ eraõ quaeſquer lagrimas, mas huma fonte de lagrimas: *Oculi mei lachrymas effundunt inſtar fontis aquarum*: para que eſta terceira fonte ſe uniſſe ás das lagrimas da Monarquia, e da Religiaõ, e arrebentando todas tres na morte deſte Prégador Divino, deſte Apoſtolo ſoberano, deſte Miſſionario Angelico, imitaſſem as tres fontes, que brotaraõ na morte de S. Paulo, a quem neſtas tres prerogativas imitou tanto, que igualmente diz com elle: *Poſitus ſum ego Prædicator, & Apoſtolus, & Magiſter Gentium*, declarando com eſtas palavras naõ ſó os tres motivos do noſſo ſentimento, ou as tres fontes das noſſas lagrimas; mas tambem as tres cauſas da ſua morte, e do

(119) *Threnor.* 1. 16. (120) Rupert. *cap.* 28. *in Threnos.* (121) Paraphras Chald. *apud Alapide hic.*

ſeu triunfo, como exprimem as ultimas clauſulas do noſſo thema.

QUARTA PARTE.

Ob quam cauſam etiam hæc patior, ſed non confundor.

DEclaraõ eſtas palavras as tres cauſas da morte, e dos triunfos do P. Antonio Vieira; porque elle naõ morreo preciſamente, porque era homem, mas porque era hum Prégador taõ divino, hum Apoſtolo taõ elevado, hum Miſſionario taõ Angelico, que poderia o mundo enganarſe com elle, e entender que era mais que homem: por iſſo a Divina Providencia diſpoz que morreſſe como homem, mas a Juſtiça Divina para o remunerar ainda neſte mundo, ordenou, que na morte tiveſſe honras de Principe, que eſtas coſtumaõ ſer as conſequencias daquellas premiſſas. Deſempenhe-nos o Profeta Rey: (122)*Ego dixi Dii eſtis*, eu vos chamey Divinos: *Et filii excelſi omnes*, eu vos reconheci por filhos ſoberanos; e ſegundo o Chaldeo: (123) *Velut Angeli vos eſtis reputati*; vós tendes a preeminencia de Anjos; mas por iſſo meſmo vós haveis de morrer como homens: *Vos autem ſicut homines moriemini*. Aqui temos as cauſas porque morreo eſte inſigne Varaõ. Porque na Oratoria pareceo o Deos da Eloquencia, na Religiaõ de Jeſus foy ſoberano imitador do Filho de Deos, e nas Miſſoens moſtrou hum fervor, e hum eſpirito Angelico. Continùa a Profeta: porém ainda que

(122) *Pſalm.* 81. 6. (123) *Paraphraſis Chaldaica apud* Lorinum *hic*.

que acabeis como homens, havieis de ser na vossa morte celebrados, como se fosseis Principes: *Sicut unus de Principibus cadetis.* Assim succedeo ao grande assumpto do nosso sentimento, por ser grande Prégador, grande Apostolo, grande Missionario, morreo como homem para o nosso desengano: *Ob quam causam etiam hæc patior.* Mas essas mesmas tres excellencias lhe grangearaõ na morte glorias de Principe: *Sed non confundor, sed magis glorior.*

Ha muitos seculos, que a morte naõ conseguio mayor triunfo; mas poucas vezes teria ella victoria em que lograsse menor despojo. Foy grande neste caso o triunfo da morte, porque foy mais que grande o Heroe vencido; mas foy pequeno o despojo, porque o menos he o que esconde o Sepulchro, e o mais he o que se eximio da jurisdicçaõ do esquecimento. Naõ fez preza a morte senaõ naquella voz, que já cançada mais com o pezo das glorias, que com o pezado dos annos, desfaleceo nos ultimos suspiros; e naquellas poucas cinzas, cuja chamma subio deste mundo, para triunfar no Capitolio das esféras em 18 de Julho deste anno de 1697.

Foy por muitas circunstancias notavel o dia da morte do P. Antonio Vieira, o dia 18 de Julho. Notavel, naõ só por ser hum dos em que a antiga Roma celebrava a Mercurio como a Deos da Eloquencia, (124) mas por ser o dia, em que trezentos e vinte tres annos antes morreo fóra da sua Patria o grande Oradór Francisco Petrarca, (125) o mayor homem do seu seculo, e por isso mais semelhante ao grande Vieira, do que pelas suas muitas peregrinaçoens,

(124) Rosinus *Antiquitatum Rom. lib. 4. cap. 11.* (125) Squarzaficus *in vita Petrarchæ.*

mais que pela eſtimaçaõ, que deveo aos Principes, aos Reys, e aos Summos Pontifices, mais que por ter retirado os hombros á Purpura Cardinalicia, e mais que por muitas outras circunſtancias, das quaes naõ ſaõ as menores o terſe dito delle ainda ſendo vivo, o meſmo que todos ſempre veneraraõ no P. Antonio Vieira; porque de Petrarca diſſe Bocacio, (126) que tinha hum engenho celeſte, huma memoria perenne, e huma eloquencia admiravel: *Homo quippe eſt cœleſti ingenio præditus, & perenni memoria, ac facundia admirabili.* E que nos ſeus eſcritos ſe lia tudo quanto na Filoſofia moral ha de ſanto, e de perſpicaz com tanta mageſtade de palavras, que nada ſe podia dizer para a inſtrucçaõ dos mortaes com mais copia, nem com mais ornato; nada que foſſe mais grave, nada que foſſe mais ſanto: (127) *In quibus* (falla das obras moraes daquelle grande Eſcritor) *quidquid in moralis Philoſophiæ ſinu poteſt ſanctitatis, aut perſpicacitatis aſſumi, tanta verborum maieſtate percipitur, ut nihil plenius, nihil ornatius, nihil maturius, nihil denique ſanctius ad inſtructionem mortalium dici queat.*

Notavel dia para morrer fóra da ſua Patria o noſſo grande Apoſtolo, piiſſimo venerador do Sepulchro de Chriſto, o de 18 de Julho, em que 597 annos antes morrera tambem fóra da ſua Patria o grande Gofredo, (128) hum dos nove Heroes mais famoſos, e o que libertou o Sepulchro de Chriſto!

Notavel dia para morrer o noſſo grande Miſſionario, que franqueou a tantas almas as portas da Jeruſa-

(126) Boccatius *in procœnio libri 1. Genealogiæ Deorum Gentilium.* (127) *Idem ibidem lib. 14 cap. 10. & 19.* (128) Wilhelmus Tyrius *lib. 9. Belli Sacri cap. 23.*

ruſalem Militante, e que conduzio tantos Soldados de Chriſto debaixo do Eſtendarte da Cruz para a Jeruſalem Triunfante, guiando-os com as palavras, e com os exemplos a ſerem violentos conquiſtadores do Reino dos Ceos! Notavel, digo, aquelle dia 18 de Julho, em que foy buſcar a melhor Coroa o primeiro Rey de Jeruſalem, que fez patentes as ſuas portas ao exercito dos ſeus valeroſos conquiſtadores, alliſtados debaixo da bandeira da Cruz!

Naõ foy menos notavel para a morte do grande P. Antonio Vieira o mez de Julho, no qual vinte e hum annos antes deixara a vida mortal o ſeu grande imitador, e bemfeitor o Summo Pontifice Clemente Decimo, que com a ſua morte levou da terra ao Ceo as ſeis Eſtrellas do ſeu eſcudo, taõ juſtamente celebradas pelo P. Antonio Vieira (129) com o glorioſo titulo de Clementiſſimas!

Eſtas ſeis Eſtrellas do Papa Clemente Decimo, morto no mez de Julho, me fazem lembrar de huma Eſtrella, que ſe vio ſobre o Collegio da Bahia em ſeis noites, tres antes, e tres depois de morrer nelle eſte Heroe, a qual tambem me eſtá inſinuando, que a ſua morte foy como de Principe: *Sicut unus de Principibus cadetis.*

Entenderaõ os antigos Filoſofos, referidos pelo B. Alberto Magno, (130) que as mortes dos Principes eraõ precedidas, ou ſeguidas pelos Cometas, ou novos Aſtros, e aſſim o tem obſervado muitas vezes a diligencia dos Hiſtoriadores. Baſtem dous exemplos da Hiſtoria Romana, em que achamos a morte de hum Principe, que foy o Emperador Octaviano

(129) P. Vieira *part. 2. Serm. 5. n. 161.* (130) B. Albertus Magnus *tom. 2. lib. 1. Meteor. cap. 11.*

viano Auguſto precedida de huma nova Eſtrella; e a morte de outro Principe, que foy Julio Ceſar, ſeguida por outra Eſtrella nova. E obſervo, que ambos eſtes Principes foraõ celebrados pela ſua eloquencia; porque de Auguſto ſe diſſe: (131) *Eloquentiam, ſtudiaque liberalia ab ætate primâ, & cupidè, & laborioſiſſimè exercuit.* E de Julio Ceſar ſe eſcreve, que contendendo com Cicero na eloquencia, ficou a victoria indeciſa: (132) *Cæſarem enim forenſi eloquentia valuiſſe uſque eo ſcimus, ut ambiguam facere palmam potuerit Ciceroni.*

E ſe á morte de hum Principe eloquente, como Auguſto, precedeo huma nova Eſtrella, ſe á morte de outro Principe eloquente, como Julio Ceſar, ſe ſeguio outra Eſtrella tambem nova, tambem á morte do eloquentiſſimo P. Antonio Vieira neſta circunſtancia foy morte como de Principe: *Sicut unus de Principibus cadetis.*

Foy o noſſo Heroe na vida eloquentiſſimo Principe dos Prégadores, obſervantiſſimo Principe dos Religioſos, fervoroſiſſimo Principe dos Miſſionarios, e por eſta cauſa, ainda que padeceo a morte como homem, naõ ſe confundio a immortal memoria das ſuas glorioſiſſimas acçoens com as caducas memorias do vulgo dos mortaes: *Ob quam cauſam etiam hæc patior, ſed non confundor.* Mas accreſcentouſe-lhe na morte a gloria, e immortalizouſe-lhe a fama: *Sed magis glorior*: e morreo como hum daquelles Principes, para cujas Exequias accendeo o Ceo novas luzes: *Sicut unus de Principibus cadetis.*

Parece

(131) Dion. Caſſius *Hiſtor. 2. Rom. lib. 56.* Lubieniecius *in Hiſtor. Cometar. de Cometa 54.* (132) Suetonius *de Julio Cæſare cap. 88. Idem de Oct. cap. 84.* Schildius *in Suetonii Julium Ceſarem cap. 55. ex Lipſio.*

Parece que assim o quiz testemunhar com linguas de rayos aquelle luzido Meteóro, aquella brilhante Estrella, que appareceo seis noites sobre o Collegio da Bahia na occasiaõ da sua morte, tres noites antes, e tres depois della. Tres noites antes, para annunciar a morte deste Principe dos Prégadores, dos Religiosos, e dos Missionarios; e tres noites depois, para nos significar a fama, e gloria posthuma, que alcançou por aquelles tres titulos. Nem o Ceo podia pôr final mais claro da morte, e da gloriosa fama de hum Prégador, de hum Apostolo, e de hum Missionario, que huma nova Estrella; porque as Estrellas saõ symbolo dos Prégadores, como enfina S. Gregorio Magno; (133) saõ jeroglifico dos Apostolos, filhos da Companhia, como lhe chamaõ diversos Authores, e saõ imagem dos Missionarios do Maranhaõ, como doutamente prova o grande Mestre, (134) que agora choramos. Poz o Ceo aquella nova, e grandissima Estrella, para significar a morte de hum imitador de S. Paulo, (135) a quem Anastasio Sinaita (136) chamou Estrella maxima: *Paulus, qui cum supra omnes esset prima & maxima Stella*: e sobre cujo corpo defunto se vio no Ceo hum esplendor immenso. E se Africa vio huma Estrella sobre o cadaver do grande Antonio, razaõ era, que America admirasse huma nova Estrella sobre o corpo de outro Antonio, que tambem mereceo o titulo de Magno; e quando Deos toma por sua conta

(133) S. Greg. *Moral. lib. 29. cap. 20. vide* Chrystophorum Gomes *in Elogiis Societatis in indice verb. Jesuita Stella.* (134) O P. Antonio Vieira *tom. 4. Serm. da Epifania.* (135) Gavantus *in vita D. Pauli in fine.* (136) Anastasius Sinaita *lib. 4. Anagogic. contempl. in Hexameron.* Petrus de Natalibus *lib. 5. cap. 110.*

ta honrar eſte Heroe com novas luzes, já naõ he neceſſario reparar, em que elle ſe foy para o Ceo em 18 de Julho, dia, em que ſegundo Ptolomeu, (137 começa a apparecer nelle a mayor Eſtrella do firmamento.

Mas quando nem o dia, nem os ſinaes do Ceo moſtraſſem, que eſta morte tivera circunſtancias, que a igualavaõ á dos Principes: *Sicut unus de Principibus cadetis*, baſtavaõ para provallo eſtas funeraes pompas, com as quaes hum Heroe, que tem no Eſcudo das ſuas Armas as Quinas de Portugal, (138) os Lyrios, e o anel, toma por ſua conta o eternizar as lagrimas do noſſo Reino, cujo brazaõ ſaõ as Quinas, na morte deſte Principe dos Prégadores; as lagrimas dos Religioſiſſimos Padres da Companhia, cujo ſymbolo ſaõ os Lyrios na morte deſte grande Apoſtolo: as lagrimas dos Gentios do Maranhaõ na morte deſte fervoroſiſſimo Miſſionario, que lhes procurou a liberdade, ſignificada no anel, ſatisfazendo com eſta ſingular demonſtraçaõ de magnifico, e piedoſo ás altas obrigaçoens com que naſceo; porque como ſabe a erudiçaõ mais vulgar, o fazer Exequias ao Fenix, he obrigaçaõ natural de outro Fenix, e he diſpoſiçaõ da eterna Providencia, que aquelles, em quem o entendimento ſe anticipou aos annos, (139) ſe avantagem a todos em ſentir a morte dos Varões inſignes: que para dar a outros eternidades da fama lhes

(137) Ptolomæus *de ſignificationibus in errantium ſtellarum apud* Petavium *in Uranologio pag. 98.* (138) *As Armas dos Menezes ſaõ hum Eſcudo eſquartelado, que tem no 1. e 3. quarto as Quinas de Portugal, e no 2. e 4. cinco Flores de Liz, e no centro hum Anel.* (139) *O Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes naſceo em 29. de Janeiro de 1673. e no de 1684. já fazia bons Verſos com admiraçaõ de todos os que o vimos.*

lhes permittio o Ceo, que furtaſſem os annos á puericia. Erigio Adaõ hum magnifico ſepulcro a Abel, (140) aquelle grande Prégador, que ainda conſerva a eloquencia no tumulo: *Defunctus adhuc loquitur*; mas conſta, que naõ teve Adaõ annos de menino. Fez Joſeph Exequias a Jacob, (141) que ſegundo Laureto, (142) foy figura de hum Religioſo, de hum Apoſtolo; mas lemos no Eccleſiaſtico, (143) que nos annos de Joſeph até os Abris foraõ Agoſtos: *Joſeph, qui natus eſt homo.* De Jeremias (144) diz o Oraculo divino, que era Varaõ conſumado a pezar dos poucos annos: *Noli dicere: puer ſum*; mas por iſſo ſabemos, que celebrou com funebre conſonancia a morte de Joſias, aquelle famoſo expugnador das gentilicas ceremonias: (145) *Univerſus Juda, & Hieruſalem luxerunt eum*; *Hieremias maxime. Ideſt, elegos monodias nænias, epicedia compoſuit de morte Joſiæ.* De Joſias, aquelle Heroe, que mereceo ſer chorado com todas as fontes das lagrimas: (146) *Dignus plane ..... qui omnibus lachrymarum fontibus deplangeretur.*

E porque em ſer imitador de S. Paulo, a quem S. Joaõ Chryſoſtomo (147) chamou Abel, Joſeph, e Joſias, teve o grande P. Antonio Vieira como Prégador a Eloquencia de Abel, como Religioſo, as virtudes de Jacob, como Miſſionario, o zelo de Joſias; por iſſo diſpoz o Ceo, que hum Heroe celebre pela anticipada luz das ſciencias, com que deſmentio

(140) Salianus *ad annum mundi* 1;0.*n.*;1. (141 *Hebr.*11.4. *Geneſis* 50.10. (142) Lauretus *in Silva Allegoriarum v. Jacob.* (143) *Eccleſ.* 49.17. (144) *Jerem.*1.7. (145) 2.*Paralipom.*;5.24 & 25. Maluenda *hic.* (146) *Idem ibidem.* (147) S. Joannes Chryſoſtom. *Homil.*8. *de laudibus S. Pauli.*

os primeiros creſpuſculos da puericia, dedicaſſe ás ſuas veneraveis memorias, em competencia de Adaõ, eſſe Mauſoléo, com emulaçoens de Joſeph eſtas Exequias, e á imitaçaõ de Jeremias as harmonicas, e diſcretas lagrimas, para que já ſe eſtaõ prevenindo ambicioſos os gemidos do prélo, impacientes os ſuſpiros do mundo; e eu ſacrificando á ſua elegancia o meu ſilencio, acabo com fixar naquelle tumulo o meu thema por Epitafio:

POSITUS SUM EGO PRÆDICATOR,
ET APOSTOLUS,
ET MAGISTER GENTIUM,
OB QUAM CAUSAM ETIAM HÆC PATIOR,
SED NON CONFUNDOR.

Ao Sermaõ do Mandato, que o P. Antonio Vieira prégou na Capella Real no anno de 1640, *e he o XI. na ſetima Parte dos ſeus Sermoens, fez a Madre Soror Joanna Inez da Cruz, profeſſa no Moſteiro de S. Jeronymo da Cidade de Mexico, a ſeguinte Criſi: ainda que parece mais veroſimel, que eſta Criſi naõ ſeja fruto das applicaçoens deſta religioſa penna; antes ſim do P. M. Guerra, que por alguma implicancia, que teve com o noſſo Vieira quiz cobrir com capa alheya, o que ſe naõ atrevera a fazer com a propria, talvez receando que em pouco tempo viſſe malogrado o ſeu trabalho em deſabono da ſua opiniaõ. A eſta Criſi ſe deu repoſta em Portugal em nome de outra Religioſa, que por correr já impreſſa em volume ſeparado, ſe naõ repete neſta Collecçaõ.*

CRI-

CRISIS

SOBRE UN SERMON DE UN ORADOR

Grande entre los mayores,

QUE LA MADRE

SOROR JUANA

INES DE LA CRUZ

LLAMO'

RESPUESTA

Por las gallardas ſoluciones con que reſponde à la facundia de ſus diſcurſos.

MUy Señor mio. De las bachillerias de una converſacion, que en la merced, que me haze, paſſaron plaza de vivezas, naciò en v.m. el deſeo de ver por eſcrito algunos diſcurſos, que alli hize de repente, ſiendo algunos de ellos, y aun los mas, ſobre los Sermones de un excelente Orador, alabando algunas vezes ſus fundamentos, otras diſſintiendo, y ſiempre admirandome de ſu ſin igual ingenio, que aun ſobreſale mas en lo ſegundo, que en lo primero; porque ſobre ſolidas vaſas, no es tanto de admirar la hermoſura de una fabrica, como la de la que ſobre flacos fundamentos ſe oſtenta lucida; quales ſon algunas de las propoſiciones de eſte ſutiliſſimo talento, que es tal ſu ſuavidad, ſu viveza, ſu energia, que al miſmo, que

dissiente, enamora con la belleza de la Oracion, suspende con la dulçura, hechiza con la gracia, y eleva, admira, y encanta con el todo. De esto hablamos, y v. m. gustò (como ya dixe) ver esto escrito. Y porque conozca, que le obedezco en lo mas dificil, no solo de parte del entendimiento, en Assumpto tan arduo, como notar proposiciones de tan gran talento; sino de parte de mi genio repugnante, à todo lo que parece impugnar à nadie, lo hago, aunque modificado este inconveniente, en que assi de lo uno, como de lo otro, serà v. m. solo el testigo, en quien la propria autoridad de su precepto, dexará honestados los errores de mi obediencia, que à otros ojos pareciera desproporcionada sobervia, y mas cayendo en sexo tan desacreditado en materia de letras con la comun accepcion de todo el mundo. Y para que v.m. vea quan purificado và de toda passion mi sentir, es lo primero, que propongo, tres razones, que en este insigne Varon concurren de especial amor, y reverencia mia.

La primera es el cordialissimo, y filial cariño à su sagrada Religion, de quien en el affecto no soy menos hija, que lo fue dicho Sujeto. La segunda, la grande aficion, que este admirable pasmo de los ingenios me ha siempre debido, en tanto grado, que suelo dezir (y lo siento assi) que si Dios me diera à escoger talentos, no eligiera otro, que el suyo. La tercera, el que à su generosa Nacion tengo oculta sympathia; que juntas à la general, de no tener espiritu contradictorio, sobraba para callar, como lo hiziera, à no tener contrario precepto. Pero no bastaràn à que el entendimiento humano, potencia libre, y que assiente, ò dissiente necessario, à lo que juzga

juzga ser, ò no verdad, se rinda por lisonjear el comedimiento de la voluntad. En cuya suposicion digo, que esto no es replicar, sino referir simplemente mi sentir; y este tan ageno de creer de sí, lo que de el suyo pensò dicho Orador, diziendo: *Que nadie le adelantaria* (proposicion, en que hablò mas su nacion, que su profession, ni su entendimiento) que desde luego llevo pensado, y creìdo, que qualquiera adelantarà mis discursos con infinitos grados. Y no puedo dexar de dezir, que à este, que parece atrevimiento, abriò èl mismo el camino, y hollò èl primero las intactas sendas, dexando, no solo exemplificadas, pero faciles, las menores osadias, à vista de su mayor arrojo: Pues si sintiò vigor en su pluma, para adelantar en uno de sus Sermones (que serà solo el assumpto de este papel) tres plumas sobre doctas, canonizadas; què mucho, que aya quien intente adelantar la suya, no canonizada, aunque docta? Si ay un Tulio moderno, que se atreva à adelantar à un Augustino, à un Thomàs, y à un Chrisostomo; què mucho que aya quien osse responder à este Tulio? Si ay quien no tema combatir en el ingenio con tres, mas que hombres; què mucho es, que aya quien haga cara à uno, aunque tan grande hombre? Y mas si se acompaña, y ampara de aquellos tres Gigantes? Pues mi assumpto es, defender las razones de los tres Santos Padres. Mal dixe. Mi assumpto es, defenderme con las razones de los tres Santos Padres. Aora creo, que acertè; y entrando en èl, digo, que seguirè en la respuesta el metodo mismo, que siguiò el Orador en el Sermon citado, que es del Mandato, y es en esta forma.

Habla de las finezas de Christo en el fin de su vida:

vida: *In finem dilexit eos.* Joann. 13. cap. Y propone el sentir de tres Santos Padres, que son Augustino, Thomàs, y Chrisostomo, con tan generosa ossadia, que dize: *El estilo, que he de guardar en este Discurso, serà este. Referirè primero las opiniones de los Santos, y despues dirè tambien la mia; mas con esta diferencia, que ninguna fineza de Amor de Christo diràn los Santos, à que yo no dè otra mayor, que ella. Y à la fineza del Amor de Christo, que yo dixere, ninguno me ha de dar otra, que le iguale.* Estas son sus formales palabras, esta su proposicion, y esta la que motiva la Respuesta.

La Opinion primera es de Augustino, que siente, que la mayor fineza de Christo fue morir, probado con el texto: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* Joann. 15. cap.

Dize este Orador, que *mayor fineza fue en Christo ausentarse, que morir.* Pruebalo por discurso; porque Christo amaba mas à los hombres, que à su vida, pues dà la vida por ellos: Luego mas fineza es ausentarse, que morir. Pruebalo con el texto de la Magdalena, que llora en el Sepulchro, y no al pie de la Cruz; porque aqui vè à Christo muerto, y alli ausente, y es mayor dolor la ausencia, que la muerte.

Pruebalo mas, con que Christo no haze demonstraciones de sentimiento en la Cruz, quando muere: *Inclinato capite emisit spiritum*, y las haze en el Huerto; porque *se aparta*: *Factus in agonia*; (Luc. 22. cap.) porque le es mas sensible la ausencia, que la muerte.

Pruebalo, con que pudiendo Christo resuscitar

tar al ſegundo inſtante, que muriò, y ſacramentarſe deſpues de la Reſurrecion, que lo primero era remedio de la muerte, y lo ſegundo de la auſencia, dilata el remedio de la muerte haſta el tercero dia, y el de la auſencia, no ſolo no lo dilata, pero le anticipa, ſacramentandoſe el dia antes de morir: Luego ſiente mas Chriſto la auſencia, que la muerte.

Prueba mas. Dize, que Chriſto muriò una vez, y ſe auſentò una vez; pero que à la muerte no le diò mas que un remedio, reſucitando una vez; mas que à la auſencia le buſcò infinitos, ſacramentandoſe. Y aſſi à la muerte diò una Reſurreccion por remedio; pero por una auſencia multiplica infinitas preſencias: Luego ſiente mas la auſencia, que la muerte.

Dize mas, que ſiente Chriſto tanto mas la auſencia, que la muerte; que ſiendo aſſi, que el Sacramento de la Euchariſtia, en quanto Sacramento, es preſencia, y en quanto Sacrificio es muerte en que muere Chriſto tantas vezes, quantas ſe haze preſente; no repara en que cada preſencia le cueſta una muerte: De manera, que ſiente tanto mas Chriſto el auſentarſe, que el morir, que ſe ſujetò à una perpetuidad de muerte, por no ſufrir un inſtante de auſencia: Luego fue mayor fineza auſentarſe, que morir.

Eſtas ſon en ſubſtancia ſus razones, y pruebas, aunque por no dilatarme las eſtrecho à la toſquedad de mi eſtilo, en que no poco pierden de ſu energia, y viveza. Y ſerà preciſo hazerlo aſſi en todos los diſcurſos; pues v. m. los podrà leer de eſpacio en el miſmo Autor, à que me refiero; pues eſto no es mas, que unos apuntes, ò reclamos, para dar claridad à la Reſpueſta, que es eſta.

Siento con S. Auguſtin, que la mayor fineza de Chriſto

Christo fue morir. Pruebase por discurso; porque lo mas apreciable en el hombre es la vida, y la honra, y ambas cosas dà Christo en su afrentosa muerte. En quanto Dios ya avia hecho con el hombre finezas dignas de su Omnipotencia, como fue el criarle, conservarle, &c. Pero en quanto hombre, no tiene mas, que poder dar, que la vida. Pruebase, no solo con el texto: *Maiorem hac dilectionem &c.* (Joan. 15. cap.) el qual se puede entender de otros amores; sino con otros infinitos. Sea uno el en que Christo dize, que es buen Pastor: *Ego sum Pastor bonus*; *bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis.* (Joan. 10. cap.) Donde Christo habla de si mismo, y califica su fineza con su muerte. Y siendo Christo quien solo sabe qual es la mayor de sus finezas, claro es, que quando se pone à executoriarlas èl mismo, à aver otra mayor, la dixera. Y no ostenta para prueba de su amor, mas que la promptitud à la muerte: Luego es la mayor de las finezas de Christo.

Mas: Dos terminos tiene una fineza, que la pueden constituir en el ser de grande. El termino *à quo* de quien la executa, y el termino *ad quem* de quien la logra. El primero haze grande una fineza por el mucho costo, que tiene al amante. (Genes. 29. cap.) El segundo por la mucha utilidad, que trae al amado. Ay muchas finezas, que tienen el un termino pero carecen del otro. Sea exemplo delas primeras Jacob sirviendo catorze años. O què trabajos! O què yelos! O què Soles! Gran fineza de parte de Jacob; pero veamos què utilidad trae esto à Rachel, que es el otro termino? Ninguna; pues el tener esposo, sin essas diligencias lo lograria su belleza. Esta fineza tiene solo el termino *á quo*. Sea exemplo de las segundas

gundas Esther (Esth. 2. cap.) elevada al trono Real en lugar de la Reyna Vasti. Gran dicha! Por cierto gran ventura! Grande utilidad para Esther! Pero veamos el otro termino. Què costo le tiene á Asuero essa fineza? Ninguno, solo querer. Esta fineza tiene solo el termino *ad quem*: Luego para ser del todo grande una fineza, ha de tener costos al amante, y utilidades al amado. Pues pregunto, qual fineza para Christo mas costosa, que morir? Qual mas util para el hombre, que la Redempcion, que resultò de su muerte? Luego es por ambos terminos la mayor fineza morir.

Encarna el Verbo, y mide por nuestro amor la immensa distancia de Dios à hombre: muere, y mide la limitada, que ay de hombre à muerte; y siendo assi, que aquella es mayor distancia, quando nos representa sus finezas, y nos recomienda su memoria, no nos acuerda, que encarnò, y nos representa, que muriò: *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis tradetur, hoc facite in meam commemorationem.* (1. ad Corinth. 11. 24.) Pues no nos podia dezir Christo: *Este es mi Cuerpo, que por vuestro amor le tomè, y me hize hombre*? No, que la Encarnacion no le fue penosa, ni obrò luego nuestra Redempcion, y quiere Christo acordarnos su costo, y nuestra utilidad, que son los dos terminos, que hazen perfecta una fineza, y que solo los comprehende su muerte, que es la mayor de sus finezas; porque la Encarnacion fuè mayor maravilla; pero no fue tan grande fineza; pues en quanto à maravilla, mayor maravilla fue hazèrse Dios hombre, que morir siendo hombre; pero en quanto à fineza, mayor costo le tuvo morir, que encarnar; porque en encarnar no perdiò cosa alguna

del ser de Dios, quando se hizo Christo; y en morir dexò de ser Christo desuniendose el Cuerpo del Alma, de que se hazia Christo: Luego fue mayor fineza el morir. Y parece, que el mismo Señor lo regulò assi. Pruebase por discurso. Todos aquellos, que se eligen por medios para algun fin, se tienen por de menor aprecio, que el fin à que se dirigen; la Encarnacion fue medio para la muerte; pues Christo se hizo hombre, para morir por el hombre: Con que fue mayor fineza morir, que encarnar; aunque sea mayor maravilla encarnar, que morir: Luego morir fue la mayor fineza en la graduacion del mismo Christo, que es quien unicamente sabe graduar sus finezas. Y aun por esso dize al espirar: *Consummatus est*; porque el espirar fue la consumacion de sus finezas.

Compra Christo (dize el Autor) *cada presencia en el Sacramento con una muerte.* Yo entiendo, que compra la muerte con la presencia; pues tiene la presencia para acordarnos la muerte: *Quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* Aquella fineza, que el amante desea, que se imprima en la memoria del amado, es la que tiene por mayor; Christo dize: Acordaos de que mori. Y no dize: Acorda-os de que os criè, de que encarnè, de que me sacramentè, &c. Luego la mayor es morir.

Confirmase esta verdad: Aquella fineza, que el amante ostenta, y reitera mas, tiene por la mayor; Christo reitera su muerte, y no otra: Luego esta fue la mayor. Y teniendo infinitos beneficios, que podernos acordar, solo nos acuerda, que muriò: Luego esta es la mayor.

Mas: Las demàs finezas de Christo se refieren; pero

pero no se representan; la muerte se refiere, se recomienda, y se representa: Luego no solo es la mayor fineza; pero es un compendio de todas las finezas. Pruebolo: Christo en su muerte nos repite el beneficio de la Creacion; pues nos restituye en ella al primitivo ser de la gracia: Christo con su muerte reitera el de la conservacion; pues no solo nos conserva vida temporal muriendo porque vivamos, sino que nos dà su carne, y sangre por sustento: Christo en su muerte nos reitera el beneficio de la Encarnacion; pues uniendose en la Encarnacion à la carne purissima de su Madre, en la muerte se une à todos, derramando en todos su sangre. Solo el Sacramento parece, que no se representa en la muerte; y es, porque el Sacramento es la representacion de su muerte, y esto mismo prueba ser la mayor fineza la muerte; pues siendo tan grande fineza el Sacramento, es solo representacion de la muerte.

Pues en verdad, que hasta aora no hemos respondido al Autor, sino solo defendido el sentir de Augustino, de que la mayor fineza de Christo fue morir. Vamos à las razones del Autor, pues ya dexamos dichos sus fundamentos, a que desde luego le concedemos, que *Christo amò mas à los hombres, que à su vida*; *pues la diò por ellos*; però le negamos el supuesto de que Christo *se ausentò*. Y dado que se ausentasse, negamos tambien el que la ausencia sea mayor dolor, que la muerte. Vamos à lo primero, que es probar, que Christo no se ausentò.

Sirva de prueba al mio su proprio argumento. Si dize, que *Christo siente tanto el ausentarse, y tan poco el morir, que dilata el remedio de la muerte, en la Resurrecion, hasta el tercero dia, y an-*

ticipa el de la ausencia en el Sacramento, Porquè suda en el Huerto? *Factus est sudor eius.* Porquè agoniza de congoxa? *Factus in agonia.* Porque se ausenta, si queda ya presente sacramentado en el Cenaculo? Y si remedia la ausencia antes que llegue, qual ausencia es la que siente, ya remediada? Luego la agonia no es de que se aparta, quien dexa ya asseguradó el que se queda. Luego de todo esto se infiere, que el ausentarse, no solo no se debe contar por la mayor fineza de Christo, pero ni por fineza; pues nunca llegò el caso de executarla.

Dize el Autor, que *Christo se và*; *porque nos importa*: *Expedit vobis*, *ut ego vadam.* Es verdad, que se và; però es falso, que se ausenta. No gastemos tiempo. Ya sabemos la infinidad de sus presencias.

Probado el que Christo no se ausentò, no sirve la prueba de la Magdalena para esta conclusion; pues solo sirviera, suponiendo el Autor la ausencia, que yo niego. Y mi argumento es, que la muerte de Christo fue la mayor fineza de las finezas, que obrò; no de la supuesta de la ausencia, que en essa niego todo el supuesto, y no ay relativo de comparacion entre lo que tiene ser, y lo que no le tiene. Pero porque propuse probar, que no es la ausencia mayor dolor, que la muerte, y por consiguiente, ni mayor fineza, sino al contrario; será preciso responder à la prueba de la Magdalena; y assi digo: Que de llorar la Magdalena en el Sepulcro, y no llorar al pie de la Cruz, no se infiere, sea mayor dolor el de la ausencia, que el de la muerte; antes lo contrario. Pruebolo.

Quando se recibe algun grande pesar, acuden todos los espiritus vitales à soccorrer la agonia del cora-

corazon, que desfallece. Y esta retraccion de espiritus ocasiona general embargo, y suspension de todas las acciones, y movimientos, hasta que moderandose el dolor, cobra el corazon alientos para su desahogo, y exhala por el llanto aquellos mismos espiritus, que le bruman por confortale, en señal de que ya no necessita de tanto fomento como al principio. De donde se prueba por razon natural: Que es menor el dolor quando dà lugar al llanto, que quando no permite, que se exhalen los espiritus; porque los necessita para su aliento, y confortacion. Pruebase, con que este mismo effecto suele occasionar un gozo: Luego no son indicio de muy grave dolor las lagrimas; pues es un signo tan comun, que indiferentemente sirven al pesar, y al gusto.

A dos hombres gradua Christo con el dulce titulo de Amigos. El uno es Lazaro: *Lazarus amicus noster dormit.* (Joan. 11.cap.) El otro es Judas: *Amice ad quid venisti?* (Matth.26.cap.) Suceden à los dos, dos infortunios. Muere Lazaro muerte temporal; muere Judas muerte temporal, y eterna. Bien claro se vè, que esta seria mas sensible para Christo; y vemos, que llora por Lazaro: *Lachrymatus est Jesus.* (Joan. ubi suprà.) Y no llora por Judas; porque aqui el mayor dolor embargò al llanto, y alli el menor le permite.

La Reyna de los dolores, para serlo tambien de los meritos, se halla al doloroso espectaculo de la muerte de su Unigenito, y quando lloran con tan distante conocimiento las Hijas de Sion, no llora la traspassada Madre: *Stantem lego; flentem non lego*; porque el inferior dolor llora, el supremo suspende, y no dexa llorar.

Dentro

Dentro del caso mismo de la Magdalena hallaremos otra prueba. No ay duda, que la Magdalena amò mucho à Christo. El mismo Señor lo testifica: *Remittuntur ei peccata multa, quia dilexit multum.* Pues siendo este amor tan meritorio, claro està, que seria perfecto; y el perfecto, claro està, que es Amar à Dios sobre todas las cosas: Luego amaba la Magdalena mas à Christo, que a Lazaro su hermano. Pues como llora en la muerte de su hermano: *Et vidit eam Jesus flentem, &c.* (Joan. ubi suprà.) y no llora en la muerte de Christo? Es, porque tuvo menor dolor en la muerte de Lazaro, que en la muerte de su Maestro: Luego se prueba ser mayor dolor el que no dexa llorar, que el que llorar dexa.

Pruebolo mas. Què dolor ay en la ausencia, sino una carencia de la vista de lo que se ama? Pues este, claro està, que le tiene la muerte mas circunstancionado; porque la ausencia trae una carencia limitada, y la muerte una carencia perpetua: Luego es mayor dolor el de la muerte, que el de la ausencia; pues es una mayor ausencia.

Aprieto mas. El ausente siente solo no ver lo que ama; pero no tiene otro daño en si, ni en lo que ama. El que muere, ò vè morir, siente la carencia de su amado, y la muerte propria, ò siente la carencia, y siente la muerte de su amado: Luego es mayor dolor la muerte, que la ausencia; porque la ausencia es solo ausencia; y la muerte es muerte, y es ausencia: Luego si la comprehende con aditamento, mayor dolor serà.

Vamos al segundo sentir, que es de S. Thomàs. Dize este Angelico Doctor, que *la mayor fineza de Christo fue el quedarse con nosotros sacramentado, quando*

quando se partia à su Padre glorioso. Ajustadme esto con con aquella tan ponderada ausencia del Discurso passado. Vamos al caso.

Dize este sutilissimo ingenio, * que *no fue la mayor fineza de Christo sacramentarse, sino quedar en el Sacramento sin uso de sentidos.* Pruebalo con el lugar de Absalon, quando buelto de Gessur à la Corte, y no enteramente reducido à la gracia de David, queria mas la muerte, que tan penosa ausencia. Allà verá v.m. en el Sermon lo elegante desta prueba, que à mi me importa primero averiguar la forma de este Sylogismo, y ver como arguye el Santo, y como replica el Autor.

El Santo dize: *Sacramentarse fue la mayor fineza de Christo.* Replica el Autor: *No fue, sino quedar sin uso de sentidos en esse Sacramento.* Què forma de arguir es esta? El S. propone en genero, el Autor responde en especie? Luego no està en forma el Sylogismo, ni vale el argumento. Si el Santo hablara de una de las especies infinitas de finezas, que se encierran en aquel Erario riquissimo del divino amor debaxo de los accidentes de pan, fuera buena la oposicion; pero si las comprehende todas en la palabra: *Sacramentarse*, como le responde oponiendole una de las mismas finezas, que el Santo comprehende? Si uno dixesse, que *la mas noble cathegoria era la de substancia*, y otro le replicasse, que *no, sino el hombre*, aunque para esto traxesse muy elegantes pruebas, quales son las que trae el Autor, no diriamos, que no servian; porque era sofistico el argumento, y pecaba en la forma; pues el hombre es especie del genero de substancia, y està comprehendido debaxo de ella?

* *El Autor contra Santo Thomàs.*

ella? Claro està. Pues assi juzgo yo este, sino es, que me engaño, que bien podrà ser; pero lo que asseguro es, que no serà por passion. Velo v. m. que yo me sujeto en esto (como en todo) à su correccion. Pareceme, que quitadas las primeras vasas, sobre que estribava la proposicion, cae en tierra el edificio de las pruebas, que quanto eran mas fuertes, tanto son mas promptas al precipicio, saliendo flaco el fundamento.

Ya pienso, que he satisfecho en lo que toca à la defensa de Santo Thomàs, cuya proposicion abraça, y comprehende todas las finezas sacramentales. Pero si yo huviera de arguir de especie à especie con el Autor, dixera, que de las especies de fineza, que Christo obrò en el Sacramento, no es la mayor el estar sin uso de sentidos, sino estàr presente al desayre de las ofensas: Porque privarse del uso de los sentidos, es solo abstenerse de las delicias del amor, que es tormento negativo; però ponerse presente à las ofensas, es, no solo buscar el positivo de los zelos, sino tambien (lo que mas es) suffrir ultrages en el respeto. Y es esta tanto mayor fineza, que aquella, quanto và de un amor agraviado, à un amor reprimido. Y lo que dista el dolor de un deleite, que no se goza, à una ofensa, que se tolera, dista el de privarse de los sentidos, à el de hazer cara à los agravios. No ver lo que dà gusto, es dolor; pero mayor dolor es, ver lo que dà disgusto.

Venden à Joseph sus hermanos en Egypto, y privan à Jacob del deleite de su vista. Atrevese Ruben à violar el lecho de su padre. Grandes delitos ambos! Pero veamos los castigos, que Jacob les previene. A Ruben priva de la primogenitura, expressando

ſando por cauſal el agravio, maldicele, y quiere, que no crezca: *Effuſſus es ſicut aqua, non creſcas; quia aſcendiſti cubile Patris tui, & maculaſti ſtratum eius.* Bien merecida pena à ſu culpa. Pero veamos, que caſtigo aſigna à los demàs por aver vendido à Joſeph? Ninguno, ni buelve à hazer mencion de tal coſa. Pues como? Un delito tan enorme ſe queda aſſi? Vender à ſu Hermano? Y à un Hermano tal como Joſeph, delicias, y conſuelo de Jacob, y deſpues amparo de todos? Y eſto ſe olvida, y à Ruben caſtigan? Si, que en la venta de Joſeph privaron à Jacob ſolo del deleite de ſu amor; pero Ruben ofendiò ſu amor, y ſu reſpeto: Y es menor dolor privarſe del logro del amor, que ſufrir agravios del amor, y del reſpeto: Luego es en Chriſto mayor fineza eſta, que aquella. Eſto he dicho de paſſo, que es argumento de eſpecie à eſpecie, que puede hazerſe al Autor, no al Santo. Vamos à la tercera, que es de San Juan Chriſoſtomo.

Dize el Santo, que *la mayor fineza de Chriſto fue lavar los pies à los Diſcipulos.* Dize el Autor, * que *no fue la mayor fineza lavar los pies; ſino la cauſa, que le moviò à lavarlos.*

Otra tenemos no muy diferente de la paſſada. Aquella de eſpecie á genero; eſta de efecto à cauſa. Valgame Dios! Pudo paſſarle por el penſamiento al Divino Chriſoſtomo, que Chriſto obrò tal coſa ſin cauſa, y muy grande? Claro eſtá, que no pudo penſar tal coſa. Antes no ſolo una cauſa, ſino muchas cauſas manifieſta en tan portentoſo effecto; como humillarſe aquella immenſa Mageſtad à los pies de los hombres. Eſte es el efecto; y con ſu energia el Chri-

* *El Autor contra Chriſoſtomo.*

soſtomo quiere, que infiramos de èl, lo grande de las cauſas, ſin expreſſarlas; porque no pudo hallar mas viva expreſſion, que referir tan humilde miniſterio en tanta ſoberania, como diziendo: Mirad como nos amò Chriſto; pues ſe humillò à lavarnos los pies. Mirad lo que deſeò enſeñarnos con ſu exemplo; pues ſe abatiò haſta lavarnos los pies. Mirad quanto ſolicitò la converſion de Judas; pues llegò à lavarle los pies. Y otras muchas mas cauſas, que el Evangelio expreſſa, y muchas mas, que calla, y que el Chriſoſtomo incluye en aquel: Lavò los pies à ſus Diſcipulos. Pues ſi el motivo de lavar los pies, y la execucion de lavarlos, ſe han como cauſa, y efecto; y la cauſa, y effecto ſon relativos, que aqui no pueden ſepararſe; donde eſtà eſta mayoria, que el Autor halla entre lavar, y la cauſa de lavar, ſi ſolo ſu differencia es, ſer generante la cauſa, y el efecto engendrado? Ni qual es la mayor fineza, que dà à lo que el Santo dize? Pues al fin ſe refunde, en que *Chriſto ſe abatiò à los pies de Judas, cuyo corazon era trono de Satanàs.* Y eſte es el efecto, que el Santo pondera, y expreſſa, y que *la cauſa fue por reducirle.* Y eſta es la cauſa, ò una de las cauſas, que el Santo incluyò, refiriendo el efecto con mas miſterioſa ponderacion, que ſi las expreſſara.

Quiere el Evangeliſta S. Juan dar pruebas del amor del Eterno Padre, y lo prueba con el efecto: *Sic Deus dilexit mundum, ut filium ſuum unigenitum daret.* Amò Dios de manera al mundo, que le diò à ſu Hijo: Luego el efecto es el que prueba la cauſa. Para encender nueſtros deſeos en los bienes eternos ſe nos dize, que ni ojos vieron, ni oidos oyeron, ni coraçon humano puede comprehender, como

mo es aquella felicidad eterna. Pues no fuera mejor para ſuſcitarnos el deſeo pintarnos la gloria? No; que lo que no cabe en las vozes, queda mas decente en el ſilencio: Y expreſſa, y da à entender mas un *No ſe puede explicar como es la gloria*, que un *Aſſi es la gloria.* Aſſi el Chriſoſtomo, la obra, que es exterior expreſſa, la cauſa ſupone, y como inexplicable la dexa de dezir.

Para dar mayor claridad à lo dicho, y apoyar mas la propriedad, con que hablò el Santo, apuremos, que coſa es fineza. Es fineza acaſo tener amor? No por cierto; ſino las demonſtraciones de amor, eſſas ſe llaman finezas. Aquellos ſignos exteriores demonſtrativos, y acciones, que exercita el amante, ſiendo ſu cauſa motiva el amor, eſſo ſe llama fineza: Luego ſi el Santo eſtà hablando de finezas, y actos externos; con grandiſſima propriedad trae el Lavatorio, y no la cauſa; pues la cauſa es el amor, y el Santo no eſtà hablando del amor, ſino de la fineza, que es el ſigno exterior: Luego no ay para què, ni porquè arguirle; pues lleva el Santo ſupueſto, lo que deſpues le ſacan como nuevo.

Ya hemos reſpondido por los tres Santos. Aora vamos à lo mas arduo, que es la opinion, que ultimamente forma el Autor al Achiles de ſu Sermon, a la que en ſu ſentir tiene por la mayor fineza de Chriſto, y à la que dize, * que *ninguno le darà otra, que le iguale*, que es dezir, que *Chriſto no quiſo la correſpondencia de ſu amor para ſi, ſino para los hombres. Y que eſta fue la mayor fineza: Amar ſin correſpondencia.* Pruebalo con aquellas palabras: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.* (Joan. 13. cap.)

(* *Sentir de el Autor.*

De donde infiere, que Christo no quiere, que le correspondamos, ni que le amemos; sino que nos amemos unos à otros, y dize, que es la mayor fineza de Christo esta; porque es fineza sin interès de correspondencia. Para esto no trae pruebas de Sagrada Escritura; porque dize, que *la mayor prueba de esta fineza es el carecer de pruebas, porque es fineza sin exemplar.* Con que bien mirada la proposicion tiene dos miembros à que responder. El uno es, que *Christo no quiso nuestra correspondencia.* El otro, que *no tiene prueba esta fineza de Christo.* Con que serán dos las respuestas. Una probar, que no solo no fue fineza la que el Autor dize; pero que fue fineza lo contrario, que es, que *Christo quiere nuestra correspondencia, y que esta es la fineza.* La otra probar, que *quando supieramos, que era fineza, la que dize el Autor, no le faltaran pruebas en la Sagrada Escritura, ni exemplares donde nada falta.*

Vamos à lo primero, que es probar, que no fue fineza la que dize el Autor, ni Christo la hizo. El probar, que Christo quiso nuestra correspondencia, y no la renunciò, sino que la solicitò, es tan facil, que no se halla otra cosa en todas las Sagradas Letras, que instancias, y preceptos, que nos mandan amar à Dios. Ya se vè, que el primer precepto es: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & ex tota anima tua, & ex tota mente tua.* (Deuter.6.& Marc.12.) Pues como se puede entender, que Christo no quiere nuestra correspondencia, quando con tanto aprieto la encarga, y manda? Claro està, que el Autor sabrà esto mejor que yo, sino que quiso hazer ostentacion de su ingenio con la extravagancia, no porque sintiesse, que lo podia probar;

probar; pues aunque en la clausula: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*, no se expressa el amor, que nos pide Christo para si, y se expressa el que nos manda tener al proximo; se incluye, y embuelve en ella misma el amor de Dios, aunque no se expressa con mayor eficacia, que el del proximo, que se manda.

Pruebolo por razon. Manda Dios amar al proximo, y quiere, que lo hagamos, porque èl lo manda: Luego dexa supuesto, que debemos amar à Dios; pues por su obediencia hemos de amar al proximo. Quando se haze, por respeto de alguno, alguna accion a favor de otro, mas se aprecia aquel, por cuya atencion se haze, que al con quien se haze.

Quiere Dios destruir al Pueblo, por el pecado de la idolatria. Interponese Moyses, diziendo: *Señor, ò perdonales, ò borrame del Libro de la Vida.* Perdona Dios aquel Pueblo ingrato por esta interposicion. Quien queda aqui, pergunto, mas obligado à Dios, Moyses ò el Pueblo? Claro està, que Moyses; pues aunque el beneficio resultò en bien del Pueblo, y quedò muy obligado à Dios, mas lo quedò Moyses; pues lo hizo Dios por su respeto. Quiere Christo, que nos amemos; pero que nos amemos en el, y por èl: Luego su amor es primero. Y sino veamos como lleva, el que nos amemos sin su respeto. Veamoslo. Manda Christo amar à los padres: *Honora patrem tuum.* Manda amar al proximo: *Diliges proximum tuum, sicut te ipsum.* Bien. Pero como ha de ser este amor? Anteponiendo siempre el suyo, no solo à los amores pecaminosos, no solo à los viciosos, sino à los licitos, à los obligatorios, à los que èl mismo nos manda tener. Como entre el padre, y el hijo entre

entre la muger, y el marido, y todos los de màs, que Su Mageſtad quiere, no los quiere en no ſiendo por ſu reſpeto, antes los aborrece, y los ſepara. Y ſino veaſe el admirable orden, con que en el Evangelio nos và enſeñando el modo de cumplir, y praticar aquel primer precepto: *Diliges Dominum Deum tuum, &c.* (Exod.20.cap.) Ha mandado Su Mageſtad amar à los padres: *Honora patrem tuum, &c.* Y para que no penſemos, que los podemos amar mas que à Dios, dize: *Qui amat patrem, aut matrem pluſquam me, non eſt me dignus.* (Math.10 cap.) Y aqui parece, que ſe contenta Dios ſolo con que no amemos mas à los padres, que à Su Mageſtad. Pues no, mas adelante paſſa la obligacion; pues haſta aora ſolo manda no amarlos mas; pero deſpues manda aborrecerlos, ſi ſon eſtorvo de ſu ſervicio: *Siquis vènit ad me, & non odit patrem ſuum, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & ſorores, &c.* Veſe aqui, que ya nos manda aborrecer à todos los propinquos. Pues todavia falta, que aun quedamos enteros, y ni aun à nueſtros miembros hemos de perdonar, ſi importa á ſu ſervicio: *Si autem manus tua, vel pes tuum ſcandalizat te, abſcinde eum, & projice abs te.* En verdad, que ya, ni la mano, ni el ojo eſtàn eſſemptos. Pero aun ay vida, pues no, ni eſſa tampoco: *Qui non odit patrem ſuum, & matrem ſuam, & uxorem, & filios, & fratres, & ſorores, adhuc autem, & animam ſuam, non poteſt meus eſſe Diſcipulus.* (Luc.15.cap.) Valgame Dios, què apretado precepto, que no reſerva ni aun la vida! Pero aun nos queda el ſer. Como? Ni el ſer ſe reſerva. Oygamos: *Si quis vult poſt me venire, abneget ſemetipſum.* (Matth.16.cap.) Si alguno quiere ſeguirme niegueſe

à ſi

à ſi miſmo. Veìs aì, como nada ay reſervado en importando à ſu ſervicio; pues como hemos de penſar, que no quiere nueſtro amor para ſi, ſi vemos, que los mas licitos amores nos prohibe, quando ſe oponen al ſuyo? Y no como quiera, ſino que les haze guerra à ſangre, y fuego: *Ego veni ignem mittere in terram.* Y en otra parte: *Non veni mittere pacem in terram, ſed gladium; veni enim ſeparare hominem adverſus patrem ſuum, & filiam adverſus matrem ſuam, & nurum adverſus ſocrum ſuam, & inimici hominis domeſtici eius.* (Matth. 10.cap.) En que es para mi muy notable la circunſtancia de dezir Chriſto, que viene a apartar la nuera de la ſuegra, y a hazer a los criados enemigos de ſu dueño. Pues Señor, que neceſſidad ay, de que vos los aparteis, y enemiſteis? Ellos no ſe eſtan ſeparados, y enemiſtados? Apartar al padre del hijo, y a la hija de la madre, al marido de la muger, al hermano del hermano, bien eſtá; porque todos eſtos ſe aman: Pero a la nuera de la ſuegra? A los criados del amo? No lo entiendo; porque què nuera no aborrece a ſu ſuegra? Què criado no es neceſſario enemigo de ſu dueño? Pues què neceſſidad ay de ſepararlos, ſi ellos lo eſtan? Eſſe es el mayor aprieto del precepto, que aviendo tan pocas excepciones de buenos criados, y nueras amantes de ſuegras, no obſtante los comprehende; porque los pocos, que ſuele aver de eſta linea, no ſe tengan por exemptos del precepto: Que ya vimos un Eliazer fiel criado de Abrahan, y una Rut amante de ſu ſuegra Noemi; porque es Dios muy zeloſo de lo que toca a eſte punto de la primacia de ſu amor, y aſſi apenas ſe halla plana ſagrada en que no lo repita: *Ego ſum Dominus Deus tuus fortis zelotes.*

(Exod.

(Exod.cap.20.) Yo soy tu Señor, y Dios, fuerte, y zeloso. Y haze de manera ostentacion de su amor en sus zelos, que despues de aver hecho varias amenazas a la Synagoga por sus maldades, la ultima, y mas terrible es: *Auferam à te zelum meum.* Como si le dixera: Pues con tantos beneficios no te quieres reducir, ni con tantos castigos te quieres enmendar, yo executarè en ti el mayor de todos Y qual es, Señor? Qual? *Auferam à te zelum meum.* Quitarè de ti mi zelo, que es señal de que quito de ti mi amor.

Quiere Dios examinar la fè del Patriarca Abrahan, y mandale sacrificar a Isaac su hijo. Aora reparo yo: Porquè es Isaac el señalado? No era hijo tambien Ismael? Y si el sacrificio avia de ser de un hijo, no bastaba, que fuesse Ismael, ò a lomenos, que Dios le dixera: Sacrificame uno de tus hijos, sin señalar qual, y dexar libre le eleccion a su Padre? Pues porque nombra a Isaac? Porque? Atiendase a las palabras: *Tolle filium tuum, quem diligis Isaac, &c.* (Genes.22.cap.) Assi, que el querido es Isaac? Pues sea Isaac el sacrificado; que parece, que està Dios zeloso, de que sea Isaac tan amado de su Padre, y quiere probar qual amor puede mas con Abrahan, si el suyo, ò el del hijo.

Mas. Bien sabemos, que Dios sabia lo que Abrahan avia de hazer, y que le amaba mas a el, que Isaac; pues para que es este examen? Ya se vè, que es para nosotros; porque es Dios tan zeloso, que no solo quiere ser amado, y preferido a todas las cosas; pero quiere, que esto conste, lo sepa todo el Mundo, y para esto examina a Abrahan.

De todo esto juzgo, que se puede conocer el grande

grande aprieto, con que Chriſto pide nueſtro amor, y que quando manda, que nos amemos, es ſiendo Su Mageſtad el medio deſte amor. De manera, que para amarnos uno, a otros ha de ſer Su Mageſtad el medio, y la unión; y nadie ignora, que el medio, que une dos terminos, ſe une èl mas eſtrecha, y immediatamente con ellos, que los une entre ſi à ellos: Chriſto ſe pone por medio, y union: Luego quiere, que lè amemos quando manda, que amemos al proximo.

Dize mas Chriſto, que ſu precepto es, que amemos al proximo, como Su Mageſtad nos amò: *Hoc eſt præceptum meum, ut diligatis invicem, ſicut dilexi vos.* (Joan. 15.cap.) Aqui ſolo manda, que nos amemos unos à otros. Però para poder cumplir noſotros eſte precepto, què diſpoſicion hemos meneſter? El miſmo Chriſto la enſeña: *Qui diligit me, mandatum meum ſervabit*, y el Evangeliſta S. Juan en la Epiſt. 1. cap. 5. *Hæc eſt, enim, charitas Dei, ut mandata ejus cuſtodiamus.* Luego para cumplir el precepto de amar al proximo, hemos de amar primero à Dios. Si Chriſto (como dize en otro Sermon el miſmo Autor) ſe llama Vid, y à noſotros ſarmientos: *Ego ſum vitis, nos palmites*, (Joan. 15.cap.) y los ſarmientos primero ſe unem à la vid, que ellos entre ſi: Luego quiere Chriſto, luego manda Chriſto, luego ſolicita Chriſto, que le amemos.

Creo, que me he alargado ſuperfluamente en lo que por ſi es tan claro; pero eſſo miſmo cauſa el que occurra tanto, que dezir en la materia, que ſe trabaja mas en dexarlo, que en ponerlo. De lo dicho juzgo, que ſale por legitima conſequencia, que Chriſto no hizo por noſotros la fineza, que el Autor ſupone, de no querer correſpondencia.

Podranme replicar, que si ay fineza, que sea digna de tal nombre, que Christo dexasse de hazer por nosotros con su immenso amor? Y dirè yo, que si ay; porque ay finezas, que les ocasiona à serlo nuestra limitada naturaleza, y essas no hizo Christo; porque no eran conformes à su perfeccion infinita, ni decentes à su immensa Magestad, ni à la dignidad, y soberania suya. Verbi gratia. Los justos hazen por Christo algunas finezas, que Christo no hizo por ellos, como es, resistir tentaciones, luchando con nuestra naturaleza, que coinquinada con el pecado esta propensa al mal, y à mas de esto, el temor, y peligro de ser de ellas vencido, y pelear con incertidumbre de la victoria, ò la perdida. Ninguna de estas dos especies de finezas pudo hazer Christo; pues ni pudo ser tentado, ni menos tener peligros de pecar: Pues aunque Su Magestad fue llevado al Desierto: *Ut tentaretur à diabolo.* (Matth. 4. cap.) bien saben los doctos, como se entiende este lugar, y lo explica el glorioso Doctor S. Gregorio sobre el mismo lugar, diziendo, que la tentacion es en tres maneras. Por sugestion, delectacion, ò consentimiento. Del primer modo (dize) solamente pudò Christo ser tentado del demonio: Porque nosotros quando somos tentados, las mas vezes caemos, ò en el consentimiento, ò en la delectacion, ò podemos al menos caer en una de las dos cosas, ò en ambas; porque como hijos de pecado, y concebidos en èl, tenemos en nosotros mismos la semilla de la culpa, que es el *fomes peccati*, que nos inclina à pecar: Pero Christo nacido de Madre Virgen, y por Concepcion milagrosa, era impecable, por lo qual no pudo sentir en si alguna repugnancia, ò contradicion al obrar bien; y assi solo pudo

ser

ſer tentado por ſugeſtion, que es una tentacion extrinſeca, y que eſtava muy lexos de ſu mente, y no le podia inclinar, ni hazer guerra alguna; y no teniendo ni la lucha, ni el rieſgo, no pudo hazer la fineza de reſiſtir, ni temer el rieſgo de pecar. Por lo qual dize el Apoſtol: *Adimpleo ea, quæ deſunt Paſſioni Chriſti, in carne mea, pro corpore eius, quod eſt Eccleſia.* (Paul. Epiſt. 1. ad Coloſ.) Pues como ſi fue copioſa la Redempcion: *Copioſa apud eum Redemptio*, què añade, ò què llena la Paſſion de Chriſto? A la Paſſion pudo faltarle algo? Què hizo S. Pablo, que no hizo? El miſmo Apoſtol lo dize: *Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ Angelus Satanæ, qui me colaphizet.* (Epiſt. 2. ad Cor. cap. 12.) Eſto es lo que faltò à la Paſſion de Chriſto, luchar con tentaciones, y temer peligros de pecar, y eſto es lo con que dize S. Pablo, que llena la Paſſion de Chriſto, y eſtas ſon las finezas, que no pudo hazer Chriſto, y podemos hazer noſotros.

Pues aſſi, el no querer correſpondencia, fue fineza en un amor humano; porque fuera deſinteres: Pero en el de Chriſto no lo fuera; porque no tiene interes alguno en nueſtra correſpondencia. Pruebolo: El amor humano halla en ſer correſpondido algo, que le faltara, ſino lo fuera, como el deleite, la utilidad, el applauſo, &c. Pero à el de Chriſto nada le falta, aunque no le correſpondamos. En ſi, y conſigo ſe tiene todos ſus deleites, todas ſus riquezas, y todos ſus bienes: Luego nada renunciara, ſi renunciára nueſtra correſpondencia; pues nada le añade, y el renunciar lo que era nada, no era fineza alguna, y como no era fineza en Chriſto, por eſſo no la haze Chriſto por noſotros. En el libro de Job al cap. 35. ſe lee, hablando de la ſoberania con que Dios no nos

ha menester; *Porrò si justè egeris, quid donabis ei, quid de manu tua accipiet? Homini, qui similis tui est, nocebit impietas tua, & filium hominis adjuvabit justitia tua.* De donde sale claro, que nosotros necessitamos de correspondencias; porque nos traen utilidades, y por tanto fuera fineza, y muy grande, el renunciarlas: Pero en Christo, que no le resultan algunos commodos de nuestra correspondencia, no fuera fineza el no quererla. Y por esso, como ya dixe, no lo haze Christo por nosotros; antes haze lo contrario, que es solicitar nuestra correspondencia sin averla menester, y essa es la fineza de Christo.

Es el amor de Christo muy al reves de el de los hombres. Los hombres quieren la correspondencia; porque es bien proprio suyo: Christo quiere essa misma correspondencia para bien ageno, que es el de los proprios hombres. Ami me parece, que el Autor anduvo muy cerca deste punto: pero equivocòlo, y dixo lo contrario: Porque viendo à Christo desinteressado, se persuadiò à que *no queria ser correspondido.* Y es, que no diò el Autor distincion entre correspondencia, y utilidad de la correspondencia: Y esto ultimo es lo que Christo renunciò, no la correspondencia. Y assi la proposicion de el Autor es, que *Christo no quiso la correspondencia para si, sino para los hombres.* La mia es, que *Christo quiso la correspondencia para si; pero la utilidad, que resulta de la correspondencia, la quiso para los hombres.*

Acà el Amante haze la correspondencia medio para su bien: Christo haze la correspondencia medio para el bien de los hombres. De manera, que divide la correspondencia, y el fin de la correspondencia. La correspondencia reserva para si: El fin de ella, que es

la

la utilidad, que de ella resulta, se lo dexa à los hombres. Acà los amantes reciprocos quieren el bien de su amor para su amado; pero el bien del amor del amado para si: Christo el bien del amor, que tiene al hombre, y el bien del amor, que el hombre le tiene, todo quiere, que sea para el hombre.

Examina Christo à Pedro de su amor, y dizele: *Petre amas me?* (Joan. 21. cap.) Responde Pedro con aquellas ardientes ponderaciones, que brotaba su encendido corazon, que si, y que pondrà su vida por su amor. Veamos para què es este examen tan apretado de Christo. Sin duda, que quiere, que Pedro le haga algun gran servicio. Si quiere. Y qual es? *Pasce oves meas.* Esto es lo que quiere Christo, que el amor de Pedro sea suyo; pero que la utilidad resulte en sus ovejas. Bien pudiera Christo dezirle à Pedro (y parece, que era mas congruente:) Pedro, amas á las ovejas? Pues apacientalas. Y no dize sino: *Pedro me amas à mi? Pues guarda mis ovejas.* Lugo quiere el amor para si, y la utilidad para los hombres.

Pudieramos aora replicar, diziendo: Si Christo no ha menester el amor del hombre para bien suyo, sino para el bien del mismo hombre, y para este bien basta el amor de Christo, que es quien nos ha de hazer el bien; para què solicita el amor del hombre, pues sin que el hombre le ame, puede Christo hazerle bien?

Para responder à esta replica, es menester acordarnos, que Dios diò al hombre libre alvedrio, con que pueda padecer violencia; porque es omenage, que Dios le hizo, y carta de libertad autentica, que le otorgò. Pues aora: De la raiz de esta libertad nace, que no basta, que Dios quiera ser del hombre, si el hombre no quiere, que Dios sea suyo. Y como

mo el ser Dios de el hombre, es el summo bien del hombre, y esto no puede ser, sin que el hombre quiera: por esso quiere Dios, solicita, y manda al hombre, que le ame; porque el amar à Dios es el bien del hombre. Dize el Real Profeta David, que Dios es Dios, y Señor; porque no necessita de nuestros bienes: *Dixi Domino: Deus meus es tu; quoniam bonorum meorum non eges.* (Pf.15.verf.1.) Aqui se conoce claro, que Dios no necessita de nuestros bienes. Despues hablando en persona del mismo Señor dize, haziendo ostentacion de su poder: *Yo no he menester vuestros sacrificios, ni vuestros holocaustos. Yo no recibo vuestros bezerros, ni vuestros hircos. Mias son todas las aves, que buelan, y las fieras, que pascen. Mia toda la abundancia, que produce en sus frutos la tierra. Mia en fin toda la maquina del Orbe. Por ventura pensais, que me sustentan las carnes de los toros, ò que bebo la sangre vertida de los cabritos?* (Pf.49. verf. 7.) Pues Señor Altissimo (le pudieramos responder) si de nada necessitais, porque todo es vuestro; si desdeñais todas las victimas, y no aceptais los sacrificios; si sois todo poderoso, è infinitamente rico, que podrèmos hazer en vuestro servicio vuestras pobres creaturas? Ved, que es desconsuelo nuestro el no poderos ofrecer algo, porque lo teneis todo, quãdo nos teneis tan obligados con vuestros beneficios. Si podeis (parece, que nos responde al verf. 14. del mismo Psalm.) *Immola Deos sacrificium laudis, & redde Altissimo vota tua, & invoca me in die tribulationis, & eruam te; honorificabis me.* Como se dixera: *Hombre, quieres cerresponder à lo mucho, que te he dado? Pues pideme mas, y esso recibo yo por paga. Llamame en tus trabajos, para que te libre*

de

de ellos; *que essa confiança tuya tengo yo por honra mia.* O' primor del divino amor, dezir, que es honor suyo, lo que es provecho nuestro! O' Sabiduria de Dios! O' liberalidad de Dios! Y ò finezas solo de Dios! Y solo dignas de Dios! Para esso quiere Dios nuestro amor, para nuestro bien, no para el suyo. Y este fue el primor de su fineza; el no querer nuestra correspondencia, como quiere el Autor; sino el quererla para bien nuestro.

Ya queda probado, que Christo quiso nuestra correspondencia, y que su fineza mayor fue el quererla. Falta aora el probar lo que prometi, que es, que *quando supongamos, que fuera fineza el no quererla, no le faltaran* (como quiere el Autor) *pruebas, ni exemplares, à esta fineza en la Sagrada Escritura*; aunque el Autor la haze tan grande, y tan sin exemplar, que dize, que *no ha avido quien del Amor, que tiene, quiera para otro la correspondencia.* Veamos si yo hallo alguno, que lo aya hecho.

Mata Absalon à su hermano Amon por el stupro de Thamar. (2.Reg.cap.13.) Y què haze su padre el Rey David? Se indigna tanto, que obliga à Absalon à salir huyendo de la muerte á Gessur, y permanece tan airado el Rey, que aun Joab su primer Ministro no se atreve à hablar en su perdon, sino es por medio de la Tecuìtes, y aun despues de todo no quiere David, que Absalon le vea la cara. Grande enojo! Grande ira! Buelve en fin Absalon à la gracia de su padre, y apenas se vè en ella, quando traidor, y rebelde à su amor, y su Corona se haze aclamar Rey en Ebron, procura no solo quitar à su padre el Reyno, pero la vida, y la honra, profanando publicamente sus lechos. O' que offensas! O' que ingratitudes! O'

què

què ultrages! Y ò què tal, podemos esperar, que este David de indignado, de ofendido, de airado contra tan mal hijo, contra tan traydor vassallo! Poco falta, para que lo veamos, que ya la fortuna de las armas està en favor de David, y se podrà vengar à su satisfacion. Oygamos el orden, que para esto dá al General Joab: *Servate mihi puerum Absalon.* (Cap. 18.) Jesus! Què orden es esta, tan al revès de lo que se esperaba? Pues no para ahi. Quebranta Joab inobediente el orden, mata à Absalon. Y que haze David? Què? Llora, y se buelve toda la victoria en llanto, y no como quiera, sino que desea ser el muerto, porque sea Absalon el vivo: *Fili mi Absalon, quis mihi det, ut ego moriar pro te?* (Cap. 18.) Què es esto, David, assi lloras por un hijo tan enemigo? Por un vassallo tan traydor? Por quien os queria quitar la vida, queriais vos dar la vuestra? Y ya que es tan grande vuestro amor, que le querais perdonar tan execrables maldadades contra vos; como quando matò à su hermano Amon, no mostrasteis esta ternura, sino que le queriais matar à èl? Este es el mismo Absalon: Pues como alli estais airado por la menor ofensa, que fue matar à su hermano, y aqui por la mayor, que es quereros matar à vos, no solo no èstais enojado, mas estais tierno? Mas sentimiento hizisteis, de que Absalon fuesse cruel con Amon, que no de que lo fuesse con vos? Mas sentis, que faltasse Absalon al amor de Amon, que al vuestro? Si. Assi passò. Pues aora: Para quien pedia David la correspondencia de su amor? Bien claro se vè, que para Amon, y no para si: Luego ay prueba, y exemplares, de quien busca para otro la correspondencia, que le debe: Luego quando fuera fineza en Christo no buscar correspondencia,

no

no careceria de prueba, como dixo el Autor, que es la segunda parte, à que prometi reſponder.

Con lo qual me parece, que aunque con mi rudeza, cortedad, y poco eſtudio, he obedecido à v.m. en lo que me mandò. La demaſiada prieſſa con que lo he eſcrito, no ha dado lugar à pulir algo mas el diſcurſo; porque *feſtinans canis cæcos parit catulos.* Y aſſi le remito en embrion, como ſuele la Oſſa parir ſus informes cachorrillos, y aſſi lleva eſte defecto mas, entre los muchos, que v.m. le reconocerà: Pero como todos vàn à ſus manos, unos corregirà con diſcrecion, y otros ſuplirà con amiſtad. El aſſumpto tambien con ſu dificultad dexò honeſtado el no conſeguirſe; pues en blanco inacceſſible no queda tan deſairado el error del tiro, como en los comunes; y baſta para bizarria en los Pigmeos atreverſe à Hercules. A viſta del elevado ingenio del Autor, aun los muy Gigantes parecen Enanos: Pues què harà una pobre muger? Aunque ya ſe viò, que una quitò la Clava de las manos à Alcides, ſiendo uno de los tres impoſſibles, que venerò la Antiguedad. Y hablando mas à lo Chriſtiano: *Quæ ſtulta ſunt mundi, elegit Deus, ut confundat ſapientes, & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia, & ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus, & ea, quæ non ſunt, ut ea quæ ſunt deſtrueret; ut non glorietur omnis caro in conſpectu ejus.** Creo cierto, que ſi algo llevare de acierto eſte papel, no es obra de mi entendimiento, ſino ſolo que Dios quiere caſtigar con tan flaco inſtrumento la ſobervia de aquellas propoſiciones primeras de dezir, que *no avria quien le dieſſe otra fineza igual.* Con què cree, que puede aventajar

* *Paul. Epiſt. 1 ad Cor. cap.*

tajar su ingenio à los de los tres Santos Padres, y no cree, que puede aver quien le iguale. Y pensando, que no se estrechò la mano de Dios à Augustino, Chrisostomo, y Thomàs, juzga, que se abreviò à el, para no poder criar quien le responda: Que quando yo no aya conseguido mas, que el atreverme à hazerlo, fuera bastante mortificacion para un Varon tan de todas maneras insigne, que creyò, que no avria hombre, que se atreviesse à responderle, ver que se atreva una muger ignorante, en quien es tan ageno este genero de estudio, y tan distante de su sexo: pero tambien lo era de Judith el manejo de las armas, y de Debora la Judicatura. Y si con todo pareciere no licita extravagancia esta en mi, con romper v. m. este papel quedarà subsanado el error de averle escrito. Finalmente, aunque este papel sea tan privado, que solo lo escrivo porque v.m. lo manda, y para que le vea, lo sujeto en todo à la correccion de nuestra Santa Madre Iglesia Catholica, y detesto, y doy por nulo, y por no dicho todo aquello, que se apartare del comun sentir suyo, y de los Santos Padres. *Vale.*

Bien avrà v.m. creìdo, viendome clausular este discurso, que me he olvidado de essotro punto, que me mandò escrivir, que es, *qual es, en mi sentir, la mayor fineza del Amor Divino.* Lo qual me oyò v. m. discurrir en la misma conversacion citada. Pues no ha sido olvido, sino advertencia; porque alli, como era una conversacion succesliva, fueron llamando unos discursos à otros, aunque no fuessen muy del caso, y aqui es necessario hazer separacion de los que no lo son, para no confundir uno con otro. Explicome. Como hablamos de finezas, dixe yo, que *la mayor fineza de Dios*, en mi sentir, *era los beneficios negativos*;

gativos; esto es, *los beneficios, que nos dexa de hazer, porque sabe lo mal, que los hemos de corresponder.* Aora, este modo de opinar es muy disparato del de el Autor; porque èl habla de finezas de Christo, y hechas en el fin de su vida; y esta fineza, que yo digo, es fineza, que haze Dios continuada siempre; y assi no fuera razon oponer esta à las que el Autor dize, antes si fuera una muy viciosa argumentacion, y muy censurable; por lo qual me pareciò separarla, y como discurso suelto, e independente de lo demas, ponerlo aqui para que v.m. logre del todo el deseo, pues el mio es solo obedecerle.

La mayor fineza del Divino amor, en mi sentir, *son los beneficios, que nos dexa de hazer por nuestra ingratitud.* Pruebolo. Dios es infinita bondad, y bien summo, y como tal es de su propria naturaleza comunicable, y desseoso de hazer bien à sus creaturas. Mas: Dios tiene infinito amor à los hombres: Luego siempre està prompto à hazerles infinitos bienes. Mas: Dios es todo poderoso, y puede hazerles à los hombres todos los bienes, que quisiere, sin costarle trabajo, y su deseo es hazerlos: Luego Dios, quando les haze bien à los hombres, và con el corriente natural de su propria bondad, de su proprio amor, y de su proprio poder, sin costarle nada. Claro està: Luego quando Dios no le haze beneficios al hombre, porque los ha de convertir el hombre en su daño, reprime Dios los raudales de su immensa liberalidad, detiene el mar de su infinito amor, y estanca el curso de su absoluto poder: Luego, segun nuestro modo de concebir, mas le cuesta à Dios el no hazernos beneficios, que no el hazernoslos, y por consiguiente, mayor fineza es èl suspenderlos, que

el executarlos; pues dexa Dios de ser liberal, que es propria condicion suya, porque nosotros no seamos ingratos, que es proprio retorno nuestro, y quiere mas parecer escaso, porque los hombres no sean peores, que ostentar su largueza con daño de los mismos beneficiados. Y siendo assi, que esta es una como nota en la opinion de liberal, antepone el aprovechamiento de los hombres a su propria opinion, y à su proprio natural.

Predica el Redemptor su milagrosa Doctrina, y aviendo hecho, en tantos lugares, tantos milagros, y maravillas, llegò a su Patria, que parece, que debia ser preferida en el cariño, y apenas llega, quando en vez de aplaudirle sus vezinos, e compatriotas, empieçan à censurarle, y à sacarle las que à su parecer de ellos eran faltas, diziendo: *Nonnè hic est fabri filius? Nonnè mater ejus dicitur Maria, & fratres Jacobus, & Joseph, & Judas, & sorores ejus? Nonnè omnes apud nos sunt? Unde, ergo, huic omnia ista?* (Matth. cap. 13.) Y prosigue el Evangelista: *Non fecit ibi virtutes multas propter incrudelitatem illorum.* De manera, que Christo bien queria hazer milagros en su Patria, bien queria hazerles beneficios; pero mostraron ellos luego su dañado animo en la murmuracion, y el modo con que recibieron los favores de Christo, y assi les adelanto èl mismo, lo que ellos avian de dezir, y les dixo: *Utique dicetis mihi hanc similitudinem: Medice, cura te ipsum, quanta audivimus facta in Capharnaum, fac & hic in patria tua.* Y para satisfacer à la calumnia anteviста les dize: Que en tiempo de Elias avia muchas viudas, y solo una fue remediada, y que muchos leprosos avia en tiempo de Eliseo, y solo curò à Naaman Syro, y que ningun Profeta es acepto en su Patria. Ellos, no entendiendo

do la ſatisfacion, y profiguiendo en la calumnia, le quiſieron precipitar, confirmando con eſta maldad el motivo, porque Chriſto no les hazia beneficios poſitivos, ſino el negativo, de no darles ocaſion de cometer mayor pecado. Y eſte fue el mayor beneficio, que pudo Chriſto hazer por entonces à ſu ingrata Patria, en que la prefiriò à aquellas dos Ciudades, que el miſmo Señor amenaza, por aver ſido ingratas à las maravillas, que en ellas obrò, diziendo: *Væ tibi Corozain! Væ tibi Beth-ſaida! quia ſi in Tyro, & Sydone factæ eſſent virtutes, quæ factæ ſunt in vobis, olim in cilicio, & cinere, pœnitentiam egiſſent. Verùmtamen dico vobis, Tyro & Sydoni remiſſius erit in die Judicii, quam vobis.* (Matth. 11. cap.) Ay de voſotras, que ſi en Tyro, y Sydon ſe huvieran hecho las maravillas, que ſe han hecho en voſotras, ſe huvieran ya convertido! Pero yo os aſſeguro, que en el Juyzio tremendo ſeràn ellos menos caſtigados, que voſotras.

Luego deſte mayor cargo eſcuſa el Señor á Nazareth con no hazerle beneficios, y entonces es el mayor beneficio el no hazerſelos, porque eſcuſa el mayor cargo, que dèl reſultàra. *Gravius* (dize el glorioſo S. Gregorio) *inde judicemur, cum enim augentur dona rationes etiam creſcunt donorum*: * Mientras mas es lo recibido, mas grave es el cargo de la cuenta: Luego es beneficio el no hazernos beneficios, quando hemos de uſar mal dellos.

Hizo Dios à Judas fuera de los beneficios generales, muchos particulares, y llegando el caſo de ſu ſacrilega traicion, lamentando Chriſto, no ſu Muerte, ſino el daño del ingrato Diſcipulo, dize: *Væ homini illi, per quem tradar ego, bonum erat ei, ſi natus non*

* *Greg. in Homil. 9. Matth. 25. in cap.*

non fuisset! Con que parece, que se arrepiente de averle hecho el beneficio de la creacion; porque le estuviera mejor el no aver nacido, que nacer para ser tan malo. Mas claro se dà a entender esto, quando ofendido Dios de las maldades de los hombres determinò acabar el mundo por agoa; pues usando de las humanas locuciones, dize el texto, que dixo: *Delebo, inquit, hominem, quem creavi, à facie terræ ab homine, usque ad animantia, à reptili, usque ad volucres Cœli; pœnitet enim me fecisse eos.* (Genes. 1.cap.6.) De manera, que se arrepiente Dios de hazer beneficios al hombre, que han de ser daño del hombre: Luego es mayor beneficio el no hazerle beneficios. Ah Señor, y Dios mio, què torpes, y ciegos andamos, quando no os reconocemos esta especie de beneficio negativo, que nos hazeis! Tiene el otro cierta fortuna, y quando mucho dize, que *es castigo de Dios.* Quando sea castigo, el castigo tambien es beneficio; pues mira à nuestra enmienda, y Dios castiga à quien ama: Pero no es solo el beneficio de castigarnos, el que nos haze, sino el beneficio de exornarnos de mayor cuenta. Tiene el otro poca salud, y le parece, que està Dios sordo; porque no oye sus lamentos: No està tal, sino haziendoos el beneficio de no daros salud: porque la aveis de emplear mal. Embidia es en nuestros proximos los bienes de fortuna, los dotes naturales. O' que errado và el objecto de la embidia! pues solo debia serlo del gran cargo, que tiene, de que ha de dar cuenta estrecha. Y ya que queramos embidiar, no embidiemos las mercedes, que Dios le hizo, sino lo bien, que corresponde à ellas, que esto es lo que se debe embidiar, que es lo que le dà el merito; no el averlas recibido, que esso

esso es cargo. Estimemos el beneficio, que Dios nos haze de no hazernos todos los beneficios, que queremos, y los que tambien Su Magestad quiere hazernos, y suspende, por no darnos mayor cargo. Agradezcamos, y ponderèmos este primor del divino Amor, en quien el premiar es beneficio, el castigar es beneficio, y el suspender los beneficios es el mayor beneficio, y el no hazer finezas, la mayor fineza. Y sino diganme, Dios que diò al mundo su Unigenito, que encarnò, y muriò por el hombre, què podrà negar al hombre? Nada. El mismo lo dize: *Quis est ex vobis homo, quem si petierit filius suus panem, numquid lapidem porriget ei? Aut si piscem petierit, numquid serpentem porriget ei? Si ergo vos, cùm sitis mali, nostis bona data dare filiis vestris, quanto magis Pater vester, qui in Cœlis est, dabit bona petentibus se?* (Math.c.7.) Pues, Señor, como la Madre de los hijos del Zebedeo os pide dos sillas, y no se las dais? Por que no saben lo que se piden, y en Dios mayor beneficio es no dar, siendo su condicion natural, porque no nos conviene; que dar, siendo tan liberal, y poderoso.

Y assi juzgo ser esta la mayor fineza, que Dios haze por los hombres. Su Magestad nos dè gracia para conocerlas, correspondiendolas, es que el mejor conocimiento, y que el ponderar sus beneficios no se quede en discursos especulativos; sino que passe à servicios practicos, para que sus beneficios negativos se passen à positivos, hallando en nosotros digna disposicion, que rompa la presa à los estancados raudales de la liberalidad divina, que detiene, y represa nuestra ingratitud. Y à v.m. me guarde muchos años. Buelvo à poner todo lo dicho debaxo de la censura de nuestra S. Madre Iglesia Catholica, como su mas obediente hija. *Iterum vale.*

F I M.

69-105
P. E. Rosenthal
9-13-68

CA 744
V 58r